

MARCELO FERNANDO DE LIMA

OS DEZ MAIS: AVALIAÇÃO DA LITERATURA
BRASILEIRA NO SUPLEMENTO *MAIS!* DA *FOLHA*
DE S. PAULO (1992-2004)

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração de Estudos Literários, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Maria Przybycien

CURITIBA
2010

À Lili, amormeuzinho.

AGRADECIMENTOS

Um amigo me disse que escrever uma tese é fazer uma longa viagem intelectual. Ele tinha razão. Produzir um trabalho de doutorado exige persistência e parceiros de viagem dispostos a nos acompanhar nos caminhos mais difíceis. Gostaria de agradecer aqueles que, sempre de maneira generosa, me ajudaram a encontrar as trilhas mais certas. A começar por minha orientadora, professora Regina Przybycien, que me acompanhou nos dois anos e meio finais da tese. Sempre atenta à clareza e ao “mot juste”, ela me fez entender que uma tese se constrói com mãos de artista. Regina me ajudou a encontrar os melhores caminhos, livrando-me de algumas veredas que, num primeiro momento, pareciam sedutoras, mas pouco proveitosas para a pesquisa. Agradeço também ao professor Édison José da Costa, amigo de sempre, que me orientou no mestrado e na primeira fase do doutorado. Aos talentosos professores que participaram da qualificação deste trabalho, Paulo Venturelli e Marta Moraes da Costa, que me alertaram para algumas falhas na pesquisa. Agradeço também aos professores e professoras que fizeram parte da banca examinadora: Isabel Travancas, Rosa Dalla Costa, Marta e Marcelo Franz. Aos amigos da pós-graduação em Estudos Literários: Ana Paula Mello Peixoto, Otto Leopoldo Winck, Joana Pupo e José Carlos Fernandes, pelo estímulo e a companhia inteligente. À minha companheira Eliane Basilio de Oliveira, Lili, pela delicadeza com que lê e fala dos meus textos, por ter compartilhado minhas dúvidas, por ter tido paciência de conviver com jornais amarelados, por ter sugerido tantas leituras. Aos amigos que me ajudaram a completar a coleção do *Mais!*: os leitores apaixonados Pedro Elói Rech, Cleide Pareja e Francisco Carlos. Ao Luis Fernando Paraná da Cunha, que organizou parte dos jornais. Ao Wiltom Fontes Ramos, pela ajuda com os gráficos. Aos meus alunos e alunas. A todos os amigos e amigas que nada têm a ver com este trabalho, mas que, por seu carinho, generosidade, estão em cada página escrita: Atlântico, Antonio Liccardo, Aninha, Sônia, Antenor Júnior, Renatinha, Celso Klammer, Elza, Emerson, Zaclis, Ana Mira, Gelson, Oscar Bettio, Maddalena, Miguel Mingorance, Christian Schwartz.

RESUMO

O objetivo desta tese é mostrar como o suplemento *Mais!* da *Folha de S. Paulo* lê o cânone literário brasileiro a partir de critérios que privilegiam determinadas correntes da historiografia e da crítica cultural do país. Ligado ao universo da cidade de São Paulo, fortemente influenciado pela produção intelectual de suas universidades, o *Mais!* elege autores do cânone nacional tendo como base valores de uma tendência da crítica que começou a se formar com o Modernismo e que se consolidou na universidade e na imprensa paulistana. Parte-se da hipótese de que, embora a recente produção crítica seja influenciada por discursos que privilegiam os elementos sociais e políticos da produção artística — com as abordagens dos estudos culturais, do feminismo, do pós-colonialismo e do pós-estruturalismo — a produção veiculada no *Mais!* manteve-se fiel a uma tradição crítica formada em São Paulo. Assim, o suplemento lê a literatura brasileira com base em valores defendidos por esse tipo de crítica, o que resulta numa visão que reafirma valores do cânone nacional. O trabalho está organizado em quatro capítulos: 1) “Jornal, leitura e modernização”, sobre a relação entre a formação dos jornais e dos leitores; 2) “O *Mais!* e a tradição dos suplementos literários”, com um panorama dos suplementos e publicações voltadas à crítica literária no país; 3) “Visão geral do *Mais!*”, em que se apontam as principais tendências do suplemento; 4) “O *Mais!* e os grandes mestres”, em que é analisado como autores consagrados pela crítica literária brasileira são abordados no suplemento. Para a realização desta tese, foi estudado o período de 16 de fevereiro de 1992 a 14 de novembro de 2004.

Palavras-chave: Crítica literária, jornalismo cultural, estudos culturais, recepção, cânone.

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to show how the supplement *Mais!*, published by *Folha de S. Paulo*, evaluates the Brazilian literary canon from criteria that emphasize certain tendencies of literary historiography and cultural criticism. Linked to the culture of the city of São Paulo and influenced by the intellectual production of its universities, *Mais!* chooses mainly authors from the national canon and aesthetic values which were developed in Brazilian Modernism and in the newspapers of the city of São Paulo. Our main hypothesis is that, despite the influence of social and political elements upon recent critical discourse — with its focus on cultural studies, feminism, post-colonialism and post-structuralism — the critical articles published in *Mais!* have remained loyal to a critical tradition formed in São Paulo. Thus, the publication evaluates Brazilian literature taking into account values espoused by such criticism, which results in a vision that reaffirms the values of the national canon. The thesis has been organized into four chapters: 1) “Newspaper, reading and modernization”, which discuss the link between the history of the newspapers and their readership; 2) “*Mais!* and the tradition of the literary supplements”, with an overview of supplements and publications devoted to literary criticism in our country; 3) “Overview of *Mais!*”, which presents its main tendencies; 4) “*Mais!* and the great masters”, which analyses how writers consecrated by the Brazilian literary criticism are discussed in the supplement. For the purpose of this thesis, we focused our study on the supplements from February 16, 1992 to November 14, 2004.

Keywords: Literary criticism, cultural journalism, cultural studies, reader-response criticism, canon.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
1 JORNAL, LEITURA E MODERNIZAÇÃO.....	6
1.1 O leitor no jornalismo.....	6
1.2 O jornal e o leitor no Brasil.....	17
1.2.1 Uma formação precária.....	17
1.2.2 O leitor na indústria cultural.....	24
1.3 <i>Folha</i> : o jornal das <i>Diretas</i>	34
CAPÍTULO II	
2 O <i>MAIS!</i> E A TRADIÇÃO DOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS	
2.1 A época de ouro.....	45
2.1.1 Anos 1950: pensando o nacional.....	47
2.1.2 De <i>Clima</i> ao <i>Suplemento Literário</i>	49
2.2 Nanicos e alternativos.....	52
2.3 A universidade contra-ataca: <i>Argumento</i>	53
2.4 <i>Almanaque</i> : as culturas da mídia e as tendências da crítica.....	56
2.5 Os cadernos culturais da <i>Folha</i>	58
2.5.1 As variedades da <i>Ilustrada</i>	58
2.5.2 O caderno da Abertura: <i>Folhetim</i>	63
2.5.3 O triunfo do mercado: <i>Letras</i>	68
2.6 Suplementos até o <i>Mais!</i>	70
CAPÍTULO III	
3 VISÃO GERAL DO <i>MAIS!</i>	72
3.1 Da indústria cultural à alta cultura.....	73
3.2 Em busca do jornalismo cultural (1992-1999).....	79
3.3 Em busca da alta cultura (1999-2004).....	89
3.4 O suplemento e os novos leitores.....	96

3.5 Em defesa da literatura e das humanidades.....	103
3.6 Duas vezes culturalismo.....	106
3.7 A moderna tradição.....	111
3.8 O elogio aos grandes mestres.....	119
3.9 Museu de tudo e depois.....	129
3.10 A tradição crítica contra-ataca.....	132

CAPÍTULO IV

4 O <i>MAIS!</i> E OS GRANDES AUTORES.....	134
4.1 O suplemento como leitor da tradição.....	135
4.2 Em busca do cânone modernista.....	144
4.3 Valores modernistas.....	149
4.4 Valor e avaliação no <i>Mais!</i>	157
4.5 Os eleitos.....	159
4.5.1 Machado de Assis: o mistério por trás da linguagem.....	173
4.5.1.1 Machado no <i>Mais!</i>	177
4.5.2 Entre a forma e o conteúdo: Euclides da Cunha.....	183
4.5.2.1 Euclides no <i>Mais!</i>	186
4.5.3 Carlos Drummond de Andrade: o “superpoeta”.....	194
4.5.3.1 Drummond no <i>Mais!</i>	198
4.6. A permanência dos valores modernos.....	204
CONCLUSÃO.....	207
REFERÊNCIAS.....	210
ANEXOS.....	220

INTRODUÇÃO

“Está morto: podemos elogiá-lo à vontade.”

(Machado de Assis)

No dia 16 de maio de 2010, os leitores da *Folha de S. Paulo* foram surpreendidos com um texto que anunciava a última edição do suplemento *Mais!*, o prestigiado caderno de fim de semana do jornal. O título da matéria, escrita pelo ex-editor da publicação Alcino Leite Neto, fazia uma referência direta ao necrológico, tipo de notícia que se escreve sobre pessoas célebres mortas na véspera¹. Naquele dia, a “celebridade” que havia deixado o mundo cultural brasileiro era um suplemento. No domingo seguinte, o leitor da *Folha* deparou-se com o caderno *Ilustríssima*, que nasceu em meio a uma série de mudanças na estrutura do jornal e “enterrou” de vez o *Mais!*.

Como todo necrológico, o texto de Alcino Leite Neto foi elogioso. Afirmava que o suplemento havia sido criado para ocupar espaço ímpar no jornalismo cultural brasileiro. Concebido como a soma de várias editorias e cadernos da *Folha*, o *Mais!* tinha por fito cobrir a vida cultural brasileira com inteligência e pautar-se pela atualidade. “A preocupação com trazer temas atuais à pauta [...] foi um modo de evitar a tendência ao passadismo e à museificação, que continuam sendo verdadeiras pragas do jornalismo cultural”², asseverava o jornalista.

Apesar de o *Mais!* ter percorrido uma trajetória longa para os padrões brasileiros, com quase mil edições em 18 anos, seu fim evidenciou mudanças no jornalismo cultural brasileiro que já vinham se desenhando havia algum tempo. Na verdade, já no início da década de 1990, período em que o suplemento foi lançado, o avanço da cultura do entretenimento, a supremacia das mídias eletrônicas no Brasil e, no final do decênio, a consolidação das novas mídias, sinalizavam para o enfraquecimento do veículo impresso como

¹ LEITE NETO, Alcino. + *Mais!* (1992-2010). **Folha de S. Paulo**, 16 mai. 2010. *Mais!*, p. 8.

² Idem. Sem grifos no original.

instrumento capaz de dar conta dos grandes temas da produção cultural contemporânea, não se mostrando infenso à museificação temida por qualquer jornalismo.

De fato, como o próprio Alcino Leite Neto escreveu em outro lugar³, livre dos elogios de um necrológio, muito antes da morte do suplemento da *Folha*, o jornalismo cultural que se fez na grande imprensa dos anos 1990 em diante não foi capaz de cobrir o que realmente se produziu de novo na época. Essa cobertura, feita às margens da “caixa de ressonância” que é a grande imprensa, ocorreu em pequenas doses, de maneira descentralizada, em publicações alternativas, muitas vezes bancadas pelos próprios artistas. Conforme o ex-editor escreveu, poucos veículos correram o risco de apostar nos novos escritores, preterindo-os em favor de nomes já firmados no horizonte das letras no país e fora dele. Daí também a presença assaz marcante da tradução nas páginas de nosso jornalismo cultural.

A leitura das edições do suplemento do mais importante jornal brasileiro suscita o seguinte questionamento: que cobertura encontramos em suas páginas, que prometeram revelar o novo? Ao passarmos os olhos sobre as edições que foram se amontoando nas caixas de papelão dos leitores mais atentos, podemos dizer que a maior preocupação do suplemento foi preservar os autores já consagrados, as “grandes famílias espirituais”, num movimento que mais lembra o de passadismo do que de uma autêntica “renovação do jornalismo cultural brasileiro”. O que nos faz desconfiar do necrológio.

Nascida de uma experiência de leitura que se foi construindo aos poucos, à medida que o suplemento chegava às bancas — e depois, em meio às pilhas de jornais que se somaram ao arquivo e eram revolidas a cada releitura —, esta tese investiga um paradoxo: como o jornalismo cultural, “caixa de ressonância” da sociedade, foi se tornando refratário aos novos autores e à crítica cultural surgida nos anos 1990, em nome da preservação de um conjunto mais estável de autores e de ideias críticas na área da literatura? Procuramos entender o que foi o projeto de um dos últimos grandes suplementos do jornalismo impresso brasileiro e, em meio a essa discussão, mostrar o lugar que a crítica e a literatura brasileira ocuparam em suas páginas

³ LEITE NETO, Alcino. Literatura: apresentação. In: NESTROVSKI, Arthur. **Em branco e preto**: artes brasileiras na Folha (1990-2003). São Paulo: Publifolha, 2004.

nos seus primeiros 12 anos de existência — considerados aqui como o melhor período da publicação.

Para responder a esse questionamento, dividimos a tese em duas partes. Na primeira, a que corresponde os capítulos 1 e 2, reconstituímos a função do jornalismo cultural e a relação simbiótica que mantém com a crítica na sua formação. Rebento do mundo moderno, a crítica é a expressão de valores éticos e estéticos lançados ao público. É um discurso que se constrói nas páginas dos jornais e nos debates. Daí sua ligação com o jornalismo cultural e a necessidade de estabelecermos nexos entre a sua formação e os processos históricos pelos quais passou.

Essa trajetória se constrói na história, com a instrumentalização da sociologia, já que o jornalismo e a crítica são produtos das lutas sociais que se dão no nível simbólico. Por se tratar de um processo dialético, procuramos entender o desenvolvimento da mídia impressa como instrumento da esfera pública e, por esta causa, resultado do embate entre seus produtores e leitores. No primeiro capítulo, fizemos uma discussão sobre o significado do jornalismo impresso para a formação da esfera pública e, em especial, dos leitores e de uma concepção de sociedade em que a literatura tem certa importância.

Esse capítulo, que envolve a retomada de conceitos que mostram as ameaças à imprensa na sociedade pós-moderna, prepara o terreno para a discussão feita no capítulo 2, em que estudamos as raízes dos suplementos literários no Brasil e procuramos um nexo de continuidade entre esses veículos e o *Mais!*. Em que pese o enfraquecimento de componentes fundamentais da atividade jornalística, verificamos que certas tendências desses veículos permanecem no suplemento da *Folha de S. Paulo*. Como foi possível verificar, a história dos principais suplementos culturais brasileiros reflete a consolidação da tradição crítica de São Paulo, entendida aqui como a confluência de ideias de grupos de intelectuais que se formaram na cidade.

O capítulo 3 procura indicar e discutir quais tendências da crítica são contempladas no *Mais!* e por que elas são usadas pelo jornal. Nesse caso, discutimos a permeabilidade do suplemento a algumas tendências e seu fechamento a outras. É nesse capítulo que começamos a desenvolver argumentos que comprovam os pressupostos da tese — de que, numa época marcada pelas mudanças no mundo do jornalismo impresso e do discurso da

crítica, o suplemento assumiu uma posição conservadora diante da literatura brasileira. Uma das hipóteses sustentadas é de que esta foi uma das principais estratégias editoriais da publicação para manter e ampliar o número de leitores. Em meio à ascensão dos estudos culturais e de uma série de transformações da crítica, o suplemento assumiu a posição de defesa da tradição crítica.

O argumento é desenvolvido no capítulo 4, em que analisamos a formação de um quadro de autores e de teorias tidas como referenciais pelo jornal. Permeia esse estudo o argumento da Estética da Recepção segundo a qual a história literária se constrói com a presentificação da tradição através da leitura. Para Jauss⁴, a história literária se forma com as diferentes recepções a que os textos são submetidos ao longo de sua história, por seus vários públicos. Para ser verdadeira, ela deve levar em conta a interseção da leitura feita ao longo da história do texto, diacrônica, e a leitura do agora, sincrônica. E, sob a inspiração dessa teoria, entendemos o suplemento como uma espécie de leitor coletivo, com seu lugar marcado no momento histórico, capaz de produzir leituras parciais da literatura brasileira, evidenciando os valores estéticos que lhes norteiam o projeto editorial e evidenciando o modo de ler transmitido ao leitor.

Nesse caso, observamos as diferentes formas de construir instâncias de consagração dos escritores brasileiros e estrangeiros. A mais importante delas talvez tenha sido a publicação de listas daqueles que o suplemento considerou os autores mais importantes da prosa e da poesia mundial e brasileira. Aproveitando o fechamento do século e do milênio, as listas da *Folha* compuseram um quadro do que foi tido como modelar. Nas últimas duas décadas do século XX, tornou-se moda a divulgação de listas com as mais variadas ideias e produtos culturais. Elas indicam a busca de permanência de ideias e coisas numa época que se revelou fluida no mundo da crítica cultural e do jornalismo.

Cabe destacar ainda que a argumentação da tese foi construída a partir da leitura de textos considerados, na nossa opinião, os mais representativos para se entender o suplemento e suas principais tendências. Ao mergulharmos na leitura de 664 edições — cobrindo o período de 16 de

⁴ JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

fevereiro de 1992 a 14 de novembro de 2004 —, elegemos aqueles textos que ajudaram a desenhar com clareza o discurso predominante no *Mais!*. Para que o trabalho se tornasse nítido, valemo-nos também de uma base quantitativa, com o estudo das capas do período que é interesse desta tese. O resultado foi usado ao longo do texto da tese à medida que encontramos necessidade de reforçar uma interpretação ou outra. Os gráficos que resultaram das observações quantitativas foram incluídos nos anexos deste trabalho.

Depois de percorrido o percurso, podemos dizer que o suplemento que mereceu um enterro elogioso pelos seus criadores é fundamental para se entender a difícil relação entre a grande imprensa e a crítica num período de mudanças, como foram os anos 1990. Houve, nessa época, a consolidação de novas teorias culturais na universidade e a criação de canais de debate sobre a cultura. Ao mesmo tempo, assistimos, com grande preocupação, ao abandono dos jornais quanto às discussões da alta cultura. Nascido com a ilustre proposta de renovar o jornalismo cultural que se ressentia da cobertura passadista, o suplemento, no entanto, teve morte premeditada, mostrando que a tarefa era muito mais difícil do que se imaginava. A seguir, a nossa versão da vida de um ilustríssimo defunto.

CAPÍTULO I

1 JORNAL, LEITURA E MODERNIZAÇÃO

1.1 O leitor no jornalismo

Quando se pensa na formação de leitores, a imagem mais forte que vem à cabeça é a de uma pessoa percorrendo as estantes de uma biblioteca ou com um livro debaixo do braço. O papel do jornal na formação do leitor na modernidade nunca foi suficientemente reconhecido. Apesar disso, é inegável que ele foi fundamental, tanto em lugares onde a imprensa se desenvolveu mais cedo — como na Inglaterra e na França, nações impulsionadas pelas revoluções dos séculos XVII e XVIII —, quanto em países onde a palavra impressa se fixou mais tarde, sob diversas formas de censura, como no Brasil.

O período em que os jornais se consolidaram como instrumentos da esfera pública, no século XVIII, marcou a transformação da palavra impressa em mercadoria e em instrumento que ajudou a promover mudanças sociais. A criação da esfera pública, onde são debatidos temas de interesse comum a uma sociedade, coincide com a popularização do jornalismo e da literatura — que, depois da queda do Absolutismo e da ascensão do liberalismo, tornam-se mais acessíveis.

De produção restrita, voltada a um número limitado de leitores, a literatura passou a *produto* de acesso mais amplo, criando-se novos gêneros que refletem as revoluções da modernidade, como o romance, integrado aos hábitos burgueses ainda no século XVIII na Inglaterra⁵, que absorveu com maior rapidez as mudanças que originaram o liberalismo econômico, o capitalismo moderno e o individualismo.

Motivadas pelas mesmas mudanças sociais e econômicas, as leituras literária e jornalística têm formas e propósitos diversos. A literária, símbolo da vida privada, deu espaço à “reflexão solitária que de outro modo teria sido mais difícil fora dos espaços piedosos, dos conventos ou das

⁵ WATT, Ian. **Ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ermidas, equipados para a solidão.”⁶ Na Idade Média, a leitura era encarada sob o prisma religioso e da preservação da memória; na modernidade, ganhou *status* de trabalho intelectual. Complementar a esse tipo de leitura, a do jornal é coletiva e social, por excelência. Nos primórdios da Europa moderna, antes da universalização da alfabetização, a leitura em voz alta de veículos impressos era uma forma solidária e política de leitura; o ato de leitura dava espaços a comentários e discussões.

Nas rodas de leitura, nos clubes, nas casas burguesas, o jornal deu o tom da crítica à autoridade, à discordância de visão de mundo e à ampliação do pensamento político. A imprensa produziu uma explosão do conhecimento, ampliou os sentidos. Também inaugurou uma nova fase de grandes lucros para a burguesia. Do século XIX em diante, sob uma indústria cultural embrionária, as categorias de leitores foram sendo ampliadas — com a inserção de mulheres, crianças e diversas categorias de trabalhadores: novos públicos de um setor que aprimorava e segmentava os seus produtos, cuja venda era assegurada pelo tempo livre conquistado pelo cotidiano burguês.

No século XVIII, quando os textos religiosos já haviam dado lugar a outras formas de escritos, nasceu um híbrido entre a literatura e a produção noticiosa: o jornalismo cultural. Os primeiros veículos foram os ingleses *Tatler* (1709) e *Spectator* (1711), que reuniam em sua fórmula a divulgação de temas literários, comumente consumidos pela aristocracia, e uma linguagem simplificada, em busca do leitor burguês que vislumbrava um lugar entre as pessoas com alguma cultura livresca na sociedade.

Formava-se o mercado de escritores — tanto os de literatura, quanto os de jornal. Com a queda do Absolutismo, os poetas e romancistas deixavam de produzir exclusivamente para o mecenas e para a corte; os artistas voltavam-se ao burguês. Em Londres teria existido uma rua só de escritores, a Grub Street, símbolo do próspero mercado livreiro. A profissionalização chegou a influenciar a forma como os textos eram produzidos: como o principal objetivo do escritor não era mais satisfazer o gosto do mecenas, tinha que se adequar às leis do mercado capitalista, incentivando a prolixidade dos autores, que

⁶ ARIÈS, Phillipe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges. **História da vida privada - vol 3**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 10.

eram pagos conforme o número de páginas escritas. Na França, a autonomia do escritor só apareceu sob influência das ideias e práticas revolucionárias.

A publicação de livros, panfletos, jornais e canções durante os últimos anos do *Ancien Régime* não foi apenas uma maneira que os revolucionários utilizaram para derrubar o governo; a própria forma de comunicação, que reafirmava o papel político dos cidadãos, era fruto da nova mentalidade. O domínio dos recursos da mídia forjou uma ação política que até então era impossível. A França abrigava um próspero mercado editorial: além de um comércio oficial de livros bem organizado, contava com vendas clandestinas de obras proibidas. Eram textos que discordavam das ideias da realeza e da igreja – interditados por censores e pela polícia do livro. Como tinham muita procura, podendo custar pelo menos duas vezes o valor de um volume comum, eram produzidos e comercializados às escondidas, não raro para além das fronteiras da França. Dentre esses livros, os que faziam maior sucesso eram os “filosóficos”, textos com ideias politicamente subversivas que satirizavam as personagens da corte. O papel insistente da sátira e do boato gerado pela rede de comunicação que se formou em torno da corte fez com que o poder da realeza fosse minado.

A circulação dos livros era assegurada por um sistema de trocas das sociedades tipográficas, o que garantia a obtenção de obras publicadas por outros editores. Para não deixar tão evidente o conteúdo dos livros, eram designados por títulos convencionais, “filosóficos”, quando na verdade tinham um forte conteúdo satírico ou panfletário. É nesse momento que o escritor e o jornalista se encontram numa espécie de cruzada pelo esclarecimento — destacando-se o papel educativo. Os pensadores libertários do Iluminismo manejavam várias formas de discurso para promover a transformação: por meio da literatura, dos panfletos, das folhas, das aparições públicas, das cartas. Eles tinham um amplo domínio dos meios de comunicação de sua época, num misto de escritor e jornalista⁷. Na verdade, esse pensamento traduzia um empenho intelectual com objetivo político. O pensador iluminista pretendia pôr suas ideias em prática, por meio da persuasão, numa atitude de engajamento.

⁷ DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

Contribuiu para que essa frente de pensamento formasse um sistema que envolvia não apenas os meios impressos — controlados pela censura oficial — mas uma rede que levava e trazia informações sobre a vida privada da corte francesa. Além da literatura e do jornalismo, ruas, mercados, praças, salões, círculos privados, tipografias, livrarias, residências, bibliotecas, grupos de leitura e cafés eram locais de troca de informações, formando a esfera pública.

O uso da imprensa como instrumento político e de transformação social, no entanto, foi se consolidando aos poucos. Embora a prensa de Gutenberg tenha sido criada em meados do século XV, o jornalismo surgiu quase 200 anos depois na Europa. A formação do jornalismo ocorreu à medida que a leitura se tornou parte do cotidiano burguês.

Entre o surgimento e o incremento dos jornais e, mais tarde, a conquista da liberdade de imprensa, a atividade teve uma existência desigual. Em seus primórdios, o jornalismo foi um fenômeno europeu. A atividade, até os movimentos de independência, ainda não havia se desenvolvido nas Américas. Mesmo na Europa foi irregular. Na França, sua formação foi mais atrasada em relação à Inglaterra, onde o jornal surgira como um empreendimento lucrativo.

Na Inglaterra, a evolução da imprensa foi favorecida pelas transformações políticas do século XVII. A Revolução Gloriosa (1685-89), que limitou os poderes da monarquia e concedeu liberdade de imprensa 100 anos antes da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão na França, institucionalizou em tese a busca pela imprensa livre⁸, o que se refletiu no aumento dos títulos de periódicos.

Em 1641 surgiu em Londres um semanário que tratava das discussões ocorridas no parlamento. A cidade, por volta de 1750, contava com cinco grandes jornais diários e vários com outra periodicidade. Thompson calcula que a tiragem de todos os jornais publicados em Londres nessa época

⁸ Durante seu exílio na Inglaterra, imposto por desavenças com a aristocracia da França, Voltaire conheceu o sistema político e a produção artística naquele país, o que resultou em diversas comparações entre aquela nação e sua terra natal. Quanto às artes, afirmava que havia maior proteção oficial na França. Luís XIV protegia os artistas, provia-lhes de dinheiro e de bens; por outro lado, Voltaire detectava maior liberdade e independência dos literatos e jornalistas na Inglaterra, que, embora nada recebessem da realeza ou do parlamento, tinham rendimentos garantidos pelo público leitor. “Na verdade, na Inglaterra o mérito encontra outras recompensas mais honrosas para a nação. O respeito que seu povo tem pelo trabalho faz com que um homem de mérito sempre alcance fortuna”. VOLTAIRE. Cartas inglesas. In: **Os Pensadores – Voltaire**. Trad. Marilena Chaui. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 42.

chegasse a cerca de 100 mil exemplares por semana. Devido ao preço dos periódicos, cada publicação era lida em média por dez pessoas⁹.

Já na França, antes da Revolução, a imprensa era controlada pela monarquia. O primeiro jornal a se estabelecer foi a *Gazette* (1631), de informações gerais sobre a corte. Mais tarde, também controlados pela realeza, surgiram *Le journal des savants* (1665), com informações sobre o mundo literário e sobre livros, e *Mercure Galant* (1672). Juntaram-se a essas publicações outras que satisfaziam a um conjunto de leitores mais diversificados, como mulheres, comerciantes, cientistas.

O modelo de publicações editadas em território francês, graças à influência política e cultural da França na Europa, foi copiado por outros países. Apesar de ter uma imprensa diversificada, a França estava atrás da Inglaterra tanto no número de exemplares vendidos, quanto na quantidade de publicações e na dimensão empresarial que assumiu entre empreendedores ingleses.

Em 1789, o número de publicações diárias de Paris era inferior ao de Londres. As dificuldades de realização do primeiro diário francês, o *Journal de Paris* (1777), deveram-se ao domínio da *Gazette* sobre as informações políticas e militares. O jornal diário já era uma realidade em cidades como Amsterdã (1618), Leipzig (1650), Londres (1702), Madrid (1758) e Barcelona (1761)¹⁰. Até a Revolução Francesa, o jornalismo fixou suas primeiras formas e modelos sob a estreita vigilância do poder. Os conceitos de interesse e de serviço públicos estavam presos à reserva do estado quanto à difusão de notícias, da autorização dos periódicos e da censura.

Ainda que diferente em alguns países, o desenvolvimento da imprensa era visível nas principais nações da Europa que se modernizaram. Assim, a ascensão do jornalismo contribuiu para a consolidação da esfera pública burguesa, ou seja, um espaço em que os cidadãos pudessem discutir e mudar o destino que lhes impunham os governantes. A esfera pública, ágora dos tempos modernos, pode ser entendida como metáfora: a diversidade de opiniões que se formava nos cafés, nas ruas e nas praças era incorporada nas

⁹ THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹⁰ Ibidem, p. 61.

páginas dos jornais, então com uma função mais clara, ou seja, levar informação, entretenimento e tornar os debates políticos ao alcance do cidadão comum. É claro que essa esfera pública que se expandia das mesas do café para as páginas de jornal ainda era limitada: o leitor de jornal era, enfim, o homem burguês. Estavam distantes desses territórios os trabalhadores e as mulheres.

No “código genético” da imprensa moderna estão inscritos os genes da experiência revolucionária inglesa e da francesa. Da primeira vem o relacionamento com o capitalismo. O jornalismo é um produto que funciona na lógica do mercado e ajuda a impulsioná-lo, à medida que fornece informações de maneira pragmática; o jornal deve prestar um serviço para o leitor, que espera satisfazer seus desejos. Sob a influência da Revolução Francesa vem o papel combativo, político e educativo da imprensa. Quando os burgueses da França puseram fim ao *Ancien Régime*, a imprensa foi um instrumento adequado para ridicularizar e denunciar o sistema de governo.

Embora esta diferenciação esteja na origem da imprensa moderna, os interesses ideológicos e comerciais se mesclam ao longo de sua história. No caso da França, já no século XIX, o jornalismo é atingido por objetivos mercantis. O país se tornou um grande mercado consumidor de produtos culturais. A liberdade de imprensa fez multiplicar as publicações. E isso afetou também o trabalho dos escritores, que viam no jornalismo uma alternativa para alcançar notoriedade e dinheiro mais facilmente do que com a literatura. O jornalismo tornou-se o primeiro estágio de boa parte dos aspirantes a escritor¹¹.

Na sociedade de massa criada no século XIX na Europa, havia um distanciamento entre o leitor de jornal e o de literatura, que se tornou mais agudo no final do século. O jornalismo, cada vez mais comprometido com o mercado e com a satisfação imediata do público burguês, buscou na massa o seu leitor. Algumas formas de literatura procuram um tipo de leitor mais exigente e capaz de compreender as lacunas e as imprecisões do texto

¹¹ O tema é tratado em *Ilusões Perdidas*, onde Balzac retrata a história de Lucien de Rubempré, jovem do interior da França que sonha ser famoso como poeta em Paris, mas acaba se tornando um jornalista corrupto. Na trajetória do jovem escritor, Balzac vê o jornalismo como uma forma de submissão ao mercado. Ao mesmo tempo, a imprensa passou a estar acima do poder, já que, valendo-se da boa fé conferida ao discurso pelo público, os jornalistas já eram capazes de manipular os fatos, consagrando ou derrubando governos e artistas. BALZAC, Honoré de. **Illusions perdues**. Paris: Pocket, 1999.

literário. Era “preciso evitar que um sentido único”¹² se impusesse sobre o leitor.

Pierre Bourdieu identifica na segunda metade do século XIX um período de transição nos processos de produção e recepção da arte e da comunicação de massa¹³. Para ele, foi nesse momento que o desenvolvimento do mercado de bens culturais se especializou a ponto de promover a diferenciação de dois espaços de produção: a esfera de “bens restritos” e a esfera de “bens ampliados”.

A primeira está relacionada à produção erudita, que conta com suas próprias regras de recepção. Para fruir o objeto artístico, é imprescindível a preparação do público, que é feita pela escola ou pelo meio social, reforçando o *habitus* de classe. A produção artística erudita é voltada para um público especializado. Em muito dos casos, aos próprios pares artistas. Já a esfera dos “bens ampliados”, que corresponde à indústria cultural, para cuja leitura o público prescinde de preparação, obedece apenas às leis do mercado. E é ela que ganha grande impulso em meados do século XIX na Europa.

Estéticas como o Simbolismo e as vanguardas reagiram à massificação da produção artística. O poeta simbolista voltava as costas ao público burguês, libertando-se da relação direta com o leitor médio que se formava com a esfera dos “bens ampliados”. Assim, utilizava um sistema simbólico cifrado, dominado por um número restrito de leitores, geralmente os próprios poetas. Paul Valéry, ao definir o Simbolismo, afirmou que o principal ponto em comum entre todos os escritores filiados a essa estética era a oposição à cultura de massa. “Por mais que se diferenciasssem [...], [os simbolistas] concordavam em uma resolução comum de renúncia ao sufrágio do número: *desdenhavam a conquista do grande público*.”¹⁴

A negação ao público burguês por parte de grupos de intelectuais teve, no final do século XIX, consequências que foram além dos movimentos estéticos; ela envolveu também algumas formas de comportamento, como o surgimento da figura do dândi. O romance *Às avessas*, de Joris-Karl

¹² ECO, Umberto. **Obra aberta**. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1968, p. 46.

¹³ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2003.

¹⁴ VALÉRY, Paul. **Variedades**. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 66.

Huysmans, é um manifesto contra a banalização da arte que resultou da formação da sociedade de massa. Ele criou uma figura caricata, o dândi Floressas Des Esseintes, que se refugia numa mansão nas cercanias de Paris para não se misturar aos burgueses e não consumir o produto vulgar da cultura massificada. Des Esseintes busca, em seu isolamento, os prazeres mais esdrúxulos e raros, cuja fruição depende de uma iniciação ou *habitus* aristocrático¹⁵.

Na segunda metade do século XIX, momento em que ocorre a separação das esferas de produção cultural, abriu-se o caminho para as experimentações e para a diferenciação mais clara entre o jornalismo e a literatura — principalmente na Europa e nos Estados Unidos. O jornalista, apesar de estar envolvido com o mundo literário, não era necessariamente escritor e produtor de literatura. Mesmo que o fosse, sua literatura privilegiava um tipo de texto que geralmente atendia às necessidades de um público leitor de jornal, enquanto que o poeta e o romancista não estavam ligados necessariamente ao mundo do jornal.

Na classificação que faz da história do jornalismo europeu, Ciro Marcondes Filho define cinco grandes períodos, cujas especificidades são importantes para a separação da linguagem jornalística da literária. O primeiro deles, de 1631 a 1789, corresponde à pré-história do jornalismo, pois ainda não havia, ao longo desse intervalo, uma linguagem e um formato bem definidos para o jornal. Ainda que tenha sido utilizado como instrumento de mobilização na Revolução Francesa, o potencial dos periódicos só foi se formar mais tarde.

O primeiro jornalismo se manifestou entre 1789 e 1830, quando as publicações periódicas foram usadas com objetivos políticos rigorosos. Nascia a profissão de jornalista e sua diferenciação do trabalho do literato. Durante esse período, o jornal é tido como um instrumento capaz de promover o acesso ao conhecimento e à razão, sob inspiração das ideias iluministas, ou seja, pretendia-se entender os indivíduos a partir de uma visão de autonomia, de liberdade política e de transparência. Vem desse período a identificação do jornalista com o intelectual mediador dos processos sociais, capaz de interferir

¹⁵ HUYSMANS, J.-K. *Às avessas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

na administração do Estado, com seus textos, em nome da razão, da liberdade e dos direitos humanos.

De 1830 a 1900, o jornalismo foi marcado pela mercantilização. O sensacionalismo passou a ser um atrativo para os leitores. Com a modernização tecnológica e a ampliação do público, o jornal tornou-se um negócio lucrativo. A popularização da imprensa de 1830 em diante, com o aumento do número das assinaturas, impôs novo ritmo de produção tanto aos jornalistas quanto aos escritores. Dessa forma, jornalismo e literatura passam a ser produzidos em ritmo industrial, embora já existisse claramente a distinção entre essas duas esferas.

Para Ciro Marcondes, a inserção da imprensa no ambiente de negócio a partir de 1830, que ocorreu primeiramente na Inglaterra e nos Estados Unidos e depois na França, promoveu uma inversão de valores em relação ao primeiro jornalismo: “Seu *valor de troca* — a venda de espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica — passa a ser prioritário em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente *redacional-noticiosa* dos jornais.”¹⁶ A nova tendência era misturar cada vez mais as notícias aos anúncios publicitários; o jornal se tornava um produto mais especializado sob o ponto de vista da linguagem, diferenciando-se da literatura como forma discursiva.

Nascia o texto jornalístico com elementos estilísticos próprios — cuja forma evoluiria ao que se conhece hoje. Ele surgiu de uma confluência de causas, entre elas o desenvolvimento comercial do jornalismo e as mudanças de base tecnológica. Mesmo assim, foi a partir de um tipo específico de literatura que o jornalismo construiu sua linguagem. O discurso jornalístico herdou da arte literária burguesa realista a necessidade de representar a realidade do ponto de vista da multiplicidade — como se a pluralidade das linguagens garantisse “uma verdade que nunca fosse parcial”¹⁷. Num mundo cujo imaginário era regido pela transformação social, as páginas dos jornais davam a impressão do múltiplo e do variado.

¹⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hackers, 2002, p. 14.

¹⁷ CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 121.

De 1900 a 1970 é o período, de acordo com Marcondes, em que o jornal se transforma em grande corporação. O dono do jornal não é mais o político ou intelectual interessado em transformar a sociedade, mas em acumular capital. “A notícia, como mercadoria, vai recebendo cada vez mais investimento para melhorar sua aparência e sua vendabilidade: criam-se as manchetes, os destaques, as reportagens, trabalha-se e investe-se muito mais na capa, no logotipo, nas chamadas de primeira página.”¹⁸

A última fase, de 1970 até a atualidade, corresponde ao período de assimilação da tecnologia de ponta. O jornalismo absorve de forma tão intensa as novas tecnologias que seu uso acaba por comprometer o exercício da profissão e a ética. O jornalismo que surge da década de 1970 em diante, com alguma exceção, é regido pelas leis do mercado, descaracterizando-se como instrumento do ideal iluminista de educação e emancipação social. Outra questão apontada pelos teóricos é a do empobrecimento da esfera pública, que passa a ter menor espaço na imprensa.¹⁹

Seguindo tendência que surgiu na segunda metade do século XX, o que tem caracterizado esse início de milênio no setor da comunicação são as grandes fusões entre grupos internacionais de mídia. Em 2004, “apenas seis corporações detinham quase 40% das receitas globais do setor, e a metade delas era liderada por grupos familiares.”²⁰ Elas estão concentradas principalmente em países ricos. A tendência é de haver concentração cada vez maior no mercado. Os veículos tradicionais, além de serem afetados pela concentração do capital das empresas, foram prejudicados pelo incremento das novas tecnologias de comunicação.

Como negócio, os jornais usam da reengenharia para se mostrar, de novo, rentáveis. No Brasil alguns conseguiram reaver a lucratividade com cortes de despesas, gasto menor com corte no consumo de papel-jornal, porque caiu a circulação, e racionalidade administrativa na base do *downsizing*, que significa demitir altos e médios salários, contratar baixos salários e dar-lhes mais trabalho e responsabilidade²¹.

¹⁸ MARCONDES FILHO, op. cit., p. 24.

¹⁹ COSTA, Caio Tulio. Modernidade líquida, comunicação concentrada. **Revista USP**, São Paulo, n. 66, p. 178-197, jun./ago. 2005.

²⁰ Ibidem, p. 180.

²¹ Ibidem, p. 184.

Esse problema afeta a noção de esfera pública e política, já que questões como soberania e autonomia deixam de ser conceitos importantes²². Uma das maneiras de se explicar esse momento de crise é por meio da definição criada por Bauman, para quem o projeto de modernidade perdeu força quando surgiu um outro período, o da modernidade líquida²³. Ela difere da modernidade sólida porque, sob essa nova força, delineada no final dos anos 1980, todas as instituições — inclusive a imprensa —, a ideia de estado-nação, a cultura, a identidade, o trabalho, as empresas, os relacionamentos pessoais, tornaram-se muito mais fluidos, instáveis. Numa imagem utilizada por Bauman, é como se fossem voláteis.

Dentro da *modernidade líquida*, em que tudo é relativo e as instituições perdem importância, aumenta o papel da mídia e das grandes corporações, em detrimento do estado-nação e das grandes forças da modernidade: a política, o espaço público, a democracia, a razão, a liberdade. Vive-se sob a onipresença do mercado e da mídia, que passam a ter uma importância nunca antes imaginada. Isso gerou o que Octavio Ianni denominou “príncipe eletrônico”, uma nova forma de poder que conseguiu ascendência sobre as outras e que deriva de definições clássicas da política, como as de Machiavel e de Gramsci.

O príncipe eletrônico manifesta-se de forma “nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial²⁴”. Ele expressa “principalmente a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder dominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados”²⁵. Para Ianni, a “indústria das manipulações das consciências” é invenção dos últimos cem anos e constitui-se em “indústria-chave do século XX²⁶.” Ele afirma que a televisão tem maior influência do que os outros veículos, porque “registra, interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza

²² IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 143.

²³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

²⁴ IANNI, op. cit., p. 146.

²⁵ Ibidem, p. 149.

²⁶ Idem.

o que poderia ser a realidade e o imaginário.”²⁷ Ela passa a ser parte da própria realidade que noticia.

Há, portanto, uma contradição nos processos de comunicação, que envolvem uma relação dialética entre a liberdade e a técnica. Nesse contexto, o suplemento *Mais!* representa um objeto cultural que busca um ideal de jornalismo aparentemente moderno, mas no contexto da *modernidade líquida*, em que as instituições, inclusive o jornalismo e a literatura, passam por um processo de transformação. Ao mesmo tempo em que procura estabelecer um diálogo com as instituições “clássicas”, como a universidade e a crítica, o suplemento é limitado pelas regras de edição do jornal e pelos imperativos do mercado. É neste contexto que é produzida a crítica no *Mais!*.

1.2 O jornal e o leitor no Brasil

1.2.1 Uma formação precária

A história da imprensa brasileira reflete a precariedade da existência das letras no país. Ainda que os primeiros jornais tivessem surgido na Europa no início do século XVII, o veículo que inaugurou o jornalismo brasileiro só apareceu em junho de 1808, sob a autoridade da Realeza Portuguesa, que respirava os ares do Absolutismo e da Inquisição. Foi com o *Correio Braziliense*, jornal editado em Londres por Hipólito José da Costa, que nasceu a imprensa brasileira. Divulgador de ideias liberais, o jornal, que chegava clandestinamente em terras brasileiras, teve como opositor a *Gazeta do Rio de Janeiro*, veículo oficial da Coroa, cujo lançamento ocorreu em setembro daquele mesmo ano.

O ingresso tardio do Brasil na era da imprensa chamou a atenção de diversos historiadores, que acentuaram a diferença entre o florescimento das letras na América Portuguesa e nos territórios que compunham a América Espanhola, em visível vantagem desta quanto à publicação de livros, de jornais e à criação de escolas. A liberalidade da América Portuguesa no que se referia à entrada de estrangeiros no território desde a chegada da Coroa

²⁷ Idem.

contrastava com o controle da palavra impressa. Os “entraves que ao desenvolvimento da cultura intelectual no Brasil opunha a administração lusitana faziam parte do firme propósito de impedir a circulação de ideias novas que pudessem pôr em risco a estabilidade de seu domínio.”²⁸

Até a Independência do Brasil, Portugal reprimiu a publicação de impressos no território brasileiro. A atividade de impressão no país ocorreu, inauguralmente, de forma clandestina, entre 1703 e 1706, no Recife, onde se instalara o primeiro prelo no país, e em 1747, no Rio de Janeiro, ano em que o tipógrafo português recém-chegado ao Brasil Isidoro da Fonseca imprimiu três obras do dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu, morto pela Inquisição. Historiadores atribuem o fechamento da oficina de Isidoro ao fato de ter publicado as obras do Judeu e à suspeita de que o próprio tipógrafo teria ligação com o judaísmo²⁹. Outras tentativas de se implantar a imprensa no Brasil do século XVIII foram frustradas pelas restrições impostas pelo governo português, além da falta de infraestrutura. Não existiam trabalhadores qualificados, o custo de equipamentos era alto, havia escassez de papel e os analfabetos eram maioria.

A consequência mais importante desses fatos foi a dificuldade de se desenvolver um sistema de produção intelectual no país. Além de tardio, o ingresso das letras no Brasil não encontrou apoio oficial. Sua formação ocorreu de maneira precária, atrasada em relação à Europa, aos Estados Unidos e à América Espanhola. E o seu nascimento está atrelado às necessidades políticas: o aparecimento da literatura brasileira, entendida como um sistema de produção e recepção, é simultâneo aos ideais iluministas da Inconfidência Mineira e os anseios por independência; o jornalismo, oriundo dos ideais liberais de Hipólito José da Costa, via a chegada de D. João VI como uma oportunidade de desenvolvimento e o caminho para o movimento da independência. A atividade literária em muitos casos confundia-se com a jornalística. Ela tinha, ao mesmo tempo, objetivos estéticos e políticos³⁰.

²⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 129.

²⁹ HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. Trad. Maria da Penha Villalobos et al. São Paulo: Edusp, 2005, p. 88-9.

³⁰ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

Enquanto em países como a Inglaterra e a França o fim do *Ancien Régime* abriu espaço para a especialização do escritor e para a formação do jornalismo de maneira autônoma, no Brasil as limitações materiais e a falta de instituições contribuíram para o atraso desta separação. Assim, jornalismo e literatura foram, até a década de 1950, duas áreas interdependentes: para sobreviver, os escritores trabalhavam nos jornais; os jornalistas escreviam nos periódicos com os olhos numa “gramática” literária e não jornalística; os leitores tinham acesso ao texto literário nos jornais, já que a escassez das publicações de livros, além do alto preço, impedia sua popularização.

Do final do século XIX até o decênio de 1950, cada veículo de destaque contava com o seu crítico literário. No país, a imprensa literária é sucedânea da primeira fase do jornalismo. De 1808 até a década de 1840, imperou no Brasil um tipo de imprensa voltada para questões políticas. O auge desse processo foi deflagrado com a Independência, em 1822, período depois do qual houve fortalecimento do papel da imprensa como instrumento de transformação social — sob influência do pensamento iluminista. Isso ocorreu porque o intelectual político era, então, muito mais valorizado do que o artista. Agindo como um ideólogo das transformações sociais, ele havia encontrado espaço no jornal, que no país ainda era uma novidade³¹.

Foi [...] com a vinda de D. João VI que o Brasil conheceu realmente, embora em escala modesta, a sua Época das Luzes, como entrosamento da iniciativa governamental, do pragmatismo intelectual, da literatura aplicada, que finalmente convergiam na promoção e consolidação da Independência. Se a poesia desse momento é de qualidade inferior, são excelentes o ensaio e o jornalismo, que, levando à consequência lógica tendências didáticas da Ilustração, tomam o seu lugar no espírito das melhores e contribuem para criar a atmosfera de cujo adensamento saíam as iniciativas de independência literária³².

Durante o período da Regência, ocorreu uma proliferação de jornais satíricos, que teve seu auge em 1830³³. Os autores desses jornais, sem a rígida censura do período joanino, conseguiram criar uma esfera pública e

³¹ LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³² CANDIDO, **Formação**, op. cit., p. 64.

³³ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

estratégias de participação democrática. Desse momento, deve-se destacar o papel de intelectuais que buscavam as transformações sociais. Sem recursos e, em muitos casos, feitos por poucas pessoas, os jornais centravam-se em metas políticas.

As mudanças ocorrem a partir de 1840, com o Segundo Reinado. Com a incorporação do folhetim às páginas dos jornais, a imprensa tornou-se um espaço predominantemente literário, o que aumentou ainda mais na *Belle Époque*, quando o Rio de Janeiro já reunia grande quantidade de intelectuais que se dedicavam à vida literária. Em enquete com escritores-jornalistas realizada no início do século XX, João do Rio mostrava que a aproximação dessas duas esferas se devia à falta de um mercado capaz de garantir sustento e autonomia ao escritor, o que ainda hoje não foi alcançado num nível satisfatório³⁴.

No Brasil do início do século XX, ainda que se apresentassem ideais de modernização — mais frequentes na década de 1920 sob as propostas modernistas —, o imaginário moderno encontrava oposição na herança agrária patriarcal. Na área cultural, essa limitação era mais visível. A rigor, é difícil falar em mercado editorial, ainda que já houvesse público para gêneros como o romance e o folhetim. A cidade do Rio de Janeiro, com cerca de 800 mil habitantes no início do século XX, contava potencialmente com 400 mil leitores, o que foi suficiente para formar um nicho de mercado voltado para o entretenimento³⁵.

Ainda que se considere o mercado livreiro carioca do início do século XX como um bom começo, quando comparado aos níveis de produção e de venda de livros na Europa, a desvantagem é evidente. No Brasil, no início do século XX produziam-se tantos livros quanto na França do período da Revolução. Situação semelhante ocorria na imprensa: a tiragem de um jornal

³⁴ COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil (1904-2004). São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 26.

³⁵ FAR, Alessandra El. **Páginas de sedução**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 13.

diário da capital federal correspondia a no máximo 3 mil exemplares — igual ao que ocorria na França pouco mais de 100 anos antes³⁶.

Em virtude da falta de público, o mercado de bens culturais brasileiros não conseguiu se segmentar no início do século XX, como ocorreu na Europa e nos EUA. Além da falta de desenvolvimento tecnológico, “o processo de autonomização das esferas culturais nunca se concretizou plenamente. Entre nós, o escritor não podia viver da literatura, daí a necessidade de ele exercer outras profissões, no magistério ou em cargos públicos”³⁷.

No precário mercado de bens culturais da *Belle Époque* brasileira, as publicações impressas davam salário e visibilidade aos escritores. Funcionavam, assim como os cafés, as confeitarias e as livrarias, como espaço de sociabilidade para os grupos de intelectuais; eram uma esfera pública que unia as discussões políticas e os interesses literários. Os periódicos do início do século XX, beneficiados pelas inovações técnicas, contribuíram para a profissionalização não apenas dos jornalistas, mas de escritores e intelectuais³⁸.

A imprensa tornou possível a migração de intelectuais da província para a capital federal.³⁹ Formava-se uma série de espaços de sociabilidade dos escritores cariocas, que participavam de salões literários, davam conferências, frequentavam cafés e agremiações literárias, como a recém-criada Academia Brasileira de Letras. Até o início do século XX, o Rio de Janeiro fora o centro da produção literária e jornalística do país. Ainda que se formassem grupos de escritores e intelectuais em cidades como o Recife e São Paulo, graças às suas tradicionais escolas de Direito, era para o Rio de Janeiro que rumavam depois de obter o diploma — se almejassem carreira literária. A Proclamação da República, que transformou as províncias em estados e lhes deu autonomia, mudou esta situação. Já nos primeiros anos do século XX, o Rio de Janeiro perdia aos poucos a hegemonia de centro da

³⁶ ORTIZ, Renato. Sociedade e cultura. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge (orgs.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 187.

³⁷ *Ibidem*, p. 188.

³⁸ MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁹ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

produção nacional; movimentos literários pipocaram de Norte a Sul, principalmente depois da década de 1920, com a Semana de Arte Moderna acontecendo fora da Capital Federal.

Nas décadas seguintes, o jornalismo e o mercado de literatura experimentaram um desenvolvimento gradual, ainda que afetado pelo clima político instável, em meio à supressão da liberdade de expressão sob o Estado Novo (1937-45) e à oposição entre os grupos de esquerda e direita. A chegada dos trabalhadores europeus politizados fora mal vista pela elite, que criou formas de combatê-los, com a apreensão de seus jornais por órgãos de repressão; na literatura, o estado criou estratégias de controle sobre escritores de esquerda, que mantinham, além do trabalho de produção literária, intensa atividade política.

No campo do jornalismo, enquanto os veículos da grande imprensa eram controlados pela máquina do Estado Novo, criavam-se publicações de oposição dirigidas por operários e imigrantes. Embalados pelo clima de mudança social e pelas lutas por melhores condições de trabalho, publicavam suas ideias socialistas e anarquistas em veículos que circulavam entre os operários, principalmente em São Paulo. “O perfil político destes ‘homens da imprensa revolucionária’ devia-se, em parte, a sua origem estrangeira que, além de abrir-lhes espaço junto às principais comunidades de imigrantes radicadas em São Paulo, os mantinha em sintonia com os movimentos políticos internacionais”⁴⁰.

Muitos jornais eram editados em línguas como italiano, espanhol e alemão — alguns deles, devido à falta de recursos de seus editores, eram manuscritos e circulavam em diversas cópias entre os leitores⁴¹. Parte desse material foi confiscada no primeiro governo de Getúlio Vargas. Os leitores eram os operários estrangeiros e brasileiros; os autores dessas publicações “instigavam o trabalhador brasileiro e o imigrante a repensar a realidade nacional”⁴².

⁴⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, KOSSOY, Boris. **A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)**. São Paulo: Ateliê Editorial/ Imprensa Oficial/ Arquivo do Estado, 2003, p. 28.

⁴¹ Ibidem, p. 48.

⁴² Ibidem, p. 37.

Na grande imprensa, a ampliação dos leitores, a urbanização do país, o crescimento econômico e a introdução de novas técnicas de impressão favoreceram a segmentação. As publicações diferenciavam-se entre jornais diários, revistas mensais e semanais, religiosas ou femininas, e os veículos de entretenimento. O idealismo político, na grande imprensa, dava lugar às apostas seguras no mercado. Foi nesse clima que nasceu a revista *O Cruzeiro*, em 1928, carro-chefe dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e que chegou à década de 1950 com uma tiragem semanal de 700 mil exemplares.

Iniciativas de maior ou menor duração, melhor ou pior padrão gráfico, variavam na forma ou no conteúdo, mas tinham em comum a composição de um universo em que o mundo da mercadoria impunha-se com toda sua força, modificando valores, introduzindo padrões e conformando o imaginário social. Assim, a imprensa periódica destacou-se com campo privilegiado na lógica da configuração da sociedade capitalista, ao oferecer um produto atrativo que veiculava ao mercado leitor as infinitas possibilidades de consumo no mundo moderno⁴³.

A redução do espaço para a literatura nos jornais, ocupado pelas reportagens e pelo noticiário, foi compensada pela ampliação das publicações exclusivamente literárias. Esse tipo de imprensa foi, da década de 1920 em diante, muito importante para a formação de movimentos literários, promoção de livros e popularização da literatura, dentre elas *Klaxon*, *Estética*, *Revista de Antropofagia*, *Verde*, *Festa*, *Boletim de Ariel*, *Lanterna Verde*, *Revista Acadêmica*, *Clima* e muitas outras. Em meio a uma atmosfera de redefinição da identidade nacional, as revistas tinham a missão de repensar o Brasil.

Ao escrever para *Joaquim*, revista de literatura e arte fundada em Curitiba por Dalton Trevisan em 1945, Antonio Candido dava um longa-vida às “revistas de moços” que proliferavam por todo o país⁴⁴. Nelas, confluíam as discussões literárias e políticas, num tempo em que a literatura era vista como forma de ação sobre a esfera pública. Da década de 1930 em diante, no auge da reflexão sobre a formação cultural do Brasil, as revistas tiveram grande importância nas discussões sobre política e arte.

⁴³ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiz et al. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 107.

⁴⁴ CANDIDO, Antonio. Joaquim: a irreverente e a heroica. **Joaquim**, Curitiba, n. 4, p. 11, jul. 1946.

Jornalismo e literatura andavam juntos. No entanto, já nessa época as chamadas revistas de variedade, em que o interesse comercial era maior, conseguiram grande projeção. Coloridas, muito ilustradas, traduziam para o leitor a modernização do país. As revistas literárias, muito mais modestas quanto ao projeto gráfico, apesar de sua importância para a formação do leitor, não conseguiam se manter por muito tempo, graças à inexperiência e ao amadorismo de seus editores quanto à esfera comercial.

1.2.2 O leitor na indústria cultural

A ligação visceral entre literatura e jornalismo no Brasil se atenuou na década de 1950, quando a indústria cultural se tornou mais incisiva, embora tardia em relação à Europa e aos Estados Unidos. Os jornais se modernizaram, pressionados, primeiramente, pelas demandas dos consumidores, e depois pelo desenvolvimento de outras mídias. O rádio — com uma grande audiência — e a televisão impuseram uma nova lógica de produção da informação. Muitos jornais conseguiram se adaptar; outros fecharam suas portas⁴⁵.

A lógica empresarial improvisada, comandada pelos “barões da imprensa”⁴⁶ passava por um processo de organização racional e planejamento obrigatório, em virtude do aumento de custos oriundos da incorporação de novas tecnologias e do crescimento da concorrência com o surgimento de outros meios. Como resultado, os jornais começavam a tratar de forma diferenciada seus profissionais.

Até esse período, o trabalho de jornalista era muitas vezes visto como atividade amadora; para se manter, o profissional da imprensa

⁴⁵ GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo: Summus, 1987, p. 27.

⁴⁶ A expressão é análoga a “barões da indústria”, termo utilizado por Fernando Henrique Cardoso para comparar o empreendedor capitalista improvisado do início do século XX ao empresariado mais profissional dos anos 1950 em diante, em **Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo: Difel, 1972. Entre os “barões da imprensa”, poderíamos identificar Assis Chateaubriand; entre os empresários mais modernos, Roberto Marinho. A classificação, baseada nos diversos tipos de liderança formulados por Weber, leva em conta apenas a forma como esses líderes organizavam suas empresas, deixando de lado as consequências éticas de seu trabalho jornalístico.

invariavelmente tinha que ter um emprego público, atuar em outra área profissional — como a do direito ou do magistério — ou mesmo garantir-se financeiramente na troca de favores com as fontes de informação.

Resultado dessa profissionalização foi o aparecimento de publicações com maior qualidade gráfica e de texto, buscando um leitor mais sofisticado. Sob o espírito de liberdade e acompanhando as modernizações do país, surgiu a revista *Senhor*, destinada ao público leitor universitário ou intelectualizado. Reunindo colaboradores como Paulo Francis, Otto Maria Carpeaux, Ivan Lessa e Jaguar, *Senhor*, inspirada na norte-americana *New Yorker*, reunia reportagens de qualidade e textos literários inéditos. A revista publicava ensaios e tinha programação visual moderna. Autores como Jorge Amado, Guimarães Rosa e Clarice Lispector publicaram com exclusividade seus textos nas páginas da revista, cuja experiência foi interrompida pelo golpe de 1964.

Outra mudança importante foi a consolidação da cidade de São Paulo como alternativa à produção de mídia do Rio, graças à industrialização. São Paulo ganhava o mercado de jornais e revistas do país, enquanto o Rio se firmava como sede da indústria televisiva. No decênio de 1950, além de jornais tradicionais como *O Estado de S. Paulo* e a *Folha da Manhã*, a editora Abril começou suas atividades e, em dez anos, deu início à transformação do mercado de revistas.

Quanto à produção do jornal, a rápida profissionalização trouxe consequências na forma de produção e na linguagem, até porque foi na década de 1950 que a imprensa brasileira inspirou-se no jornalismo norte-americano para se modernizar. Um dos importantes agentes divulgadores das ideias norte-americanas foram as escolas de jornalismo, que surgiram no final da década de 1940.

A autonomia do setor jornalístico ganharia mais relevo, no entanto, apenas a partir de 1969, quando ocorreu a regulamentação da profissão e a exigência do diploma para o desempenho de determinadas funções nas redações. Havia várias mudanças no jornalismo brasileiro sob a influência da imprensa norte-americana:

Antes o jornalismo era personalista, polêmico, violento, missionário. Consistia basicamente numa prédica: a pregação das verdades, das opiniões, das crenças, das simpatias dos que o faziam, dos donos dos jornais e dos grandes jornalistas. Hoje [década de 1980], ao contrário, o jornalismo quer ser um espelho – e isto é importante guardar. Seu programa, sua pretensão é espelhar tão verazmente quanto possível a atividade dos homens, a realidade social à sua volta. E é através dessa imagem da sociedade, tal como ela é refletida pelo seu ângulo próprio de visão, que o jornal moderno age e influi sobre o seu meio ambiente. Essa pretensão à objetividade certamente não exclui a função crítica e analítica da imprensa.⁴⁷

A visão do jornalismo como “espelho” da sociedade favoreceu o surgimento, a partir da década de 1950, de uma indústria da mídia voltada para a informação — com a incorporação do mito da imparcialidade e da objetividade em relação aos fatos. Dessa forma, ao jornalista coube informar o leitor sobre os acontecimentos, e não necessariamente se posicionar em relação a eles. Essa atitude acentuou a tendência de enfraquecimento da esfera pública, já que o jornalismo deixou de ser o espaço, por excelência, de exposição das opiniões sobre os temas mais polêmicos, para se transformar em instrumento que prioriza a difusão de informações.

A opinião e a crítica tiveram espaço em seções especializadas nas páginas dos jornais, separadas do noticiário, como se fossem produtos à parte, independente da equipe de jornalistas que fazem o jornal. Não é coincidência o fato de os suplementos literários terem se fortalecido na década de 1950; isso reforçou a tendência de o jornalismo se voltar para a informação. Tudo o que fosse opinião teria que ser editado à parte, num espaço suplementar, para não “contaminar” a produção noticiosa.

Outro ponto importante é que à medida que o trabalho intelectual se especializava e se tornava mais racionalizado — quando se formava uma cadeia produtiva semelhante a uma fábrica capitalista — a atividade intelectual era desmistificada⁴⁸. Perdia-se a aura da produção em pequena escala, quase artesanal. O intelectual-artista dava lugar ao intelectual-operário. O jornalista boêmio, cuja criatividade compensava a indisciplina, era substituído pelo trabalho do profissional que produziria várias matérias ao dia, cumprindo a

⁴⁷ PEDREIRA, Fernando, apud SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1990, p. 86.

⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 151-3.

dura rotina de trabalho. O jornalismo autoral só teve lugar na imprensa alternativa — que ganhou força nas décadas de 1960 e 1970 sob a Ditadura Militar — ou no estreito espaço da crônica ou do artigo. Se até a década de 1950 a crítica era um produto fácil de encontrar nas páginas do jornal, daí em diante ela foi parar nos cadernos culturais e nos suplementos. A cisão entre opinião e informação marcou o que Silviano Santiago chamou de “desliteraturalização” do jornal⁴⁹.

Nos anos 1950, uma polêmica mantida entre Álvaro Lins e Afrânio Coutinho evidenciava a crise da crítica literária de jornal. Autor do rodapé literário mais lido no país entre os anos 1940 e 1960, Lins fora acusado por Coutinho de tratar a literatura de maneira superficial e inadequada. Na opinião do professor, divulgador no Brasil das ideias do *New Criticism*, a literatura deveria ser tratada com rigor científico, pois a crítica tinha por fim a “disciplina do espírito literário”⁵⁰. Coutinho atribuía à crítica um papel autônomo, localizado entre a filosofia e a ciência. No que considera a fase madura da crítica, não caberia mais um tipo de texto ao qual chamou “impressionista”, “opiniário”, sem método, feita nos rodapés dos jornais⁵¹.

A polêmica mostrava um sinal de mudança importante na história do jornalismo e da crítica literária. Mais preocupados com a veiculação de notícias e de informações, os jornais davam menor espaço ao rodapé, aos poucos tornado menos importante. Ao mesmo tempo, com a incorporação de tendências da crítica internacional pelas faculdades de Letras no Rio de Janeiro e São Paulo, questionava-se a posição do crítico de rodapé, geralmente sem método rigoroso de análise de textos.

Na visão dos defensores da crítica universitária, não havia mais lugar na imprensa para o crítico generalista, mais preocupado com o estilo e a legibilidade de seu texto. A crítica deveria ser uma seara do profissional especializado, formado sob os preceitos científicos da universidade. Um dos resultados disso foi a criação de publicações especializadas na grande imprensa para abrigar a crítica, como o *Suplemento Literário d'O Estado de S.*

⁴⁹ SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 159.

⁵⁰ COUTINHO, Afrânio. **Crítica e poética**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 83.

⁵¹ Ibidem, p. 84.

Paulo e o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, ambos de 1956. Coordenado por Decio de Almeida Prado, o primeiro foi produzido de maneira independente quanto à redação d'O *Estado*. O segundo, que contava entre seus colaboradores os poetas Mário Faustino, Haroldo de Campos e Ferreira Gullar, teve destaque na divulgação de autores estrangeiros pouco conhecidos no Brasil na época.

Os dois suplementos confirmam a tendência da separação gradual entre jornalismo e literatura. Já no final da década de 1960, sob as imposições da ditadura e com a oposição dos proprietários de jornal — que não queriam a continuidade desses cadernos por causa do custo elevado e por reunirem intelectuais contrários ao governo autoritário —, publicações mantidas por jornais como *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo* e *Diários Associados* perderam sua força. No final da década de 1970 e durante os anos 1980, o *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, e o *Suplemento Literário* de Minas Gerais, mantido pelo governo do Estado, foram exceções⁵². Os intelectuais ligados à universidade encontraram, nas décadas de 1970 e 1980, sob as restrições do regime militar, pouco espaço na grande imprensa; eles publicavam seus ensaios em revistas especializadas ou jornais alternativos, uma imprensa ligada, muitas vezes, às editoras de esquerda ou a grupo de intelectuais.

O espaço que deveria ser ocupado, na grande imprensa, pelos intelectuais e as discussões políticas, que comporiam a esfera pública num momento de grande efervescência da vida brasileira, fora preenchido pela divulgação de produtos da indústria cultural e por um tipo de jornalismo que privilegiou a informação rápida e o consumo. Não por acaso, a *Ilustrada*, caderno de variedades criado pela *Folha de S. Paulo* em 1958, foi responsável, da década de 1970 em diante, pela divulgação da cultura pop, criou tendências e modismos.

Desde meados da década de 1960, com a formação de um modelo autoritário de comunicação, a indústria cultural vem tomando o lugar de veículos que promoviam a discussão política e integravam a esfera pública. Durante as duas décadas de vigência do regime militar, a televisão se consolidou como o principal instrumento para a criação de um imaginário

⁵² SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 28.

moderno para o país, de uma maneira ambivalente. O governo, consciente do poder da comunicação de massa e da possibilidade de apoio da classe média, fez uma aposta deliberada nesse setor, facilitando o desenvolvimento das telecomunicações e intervindo no funcionamento da mídia — por meio do controle do mercado publicitário e das concessões públicas de emissoras de rádio e canais de televisão.

Uma resposta para a demanda de comunicação desse período foi a nacionalização da programação, que nos primórdios da história da televisão era, em sua maioria, composta por “enlatados” norte-americanos. Outro aspecto foi a criação de agências para o controle da produção cultural, como a Embrafilme, em 1969, e a Funarte, em 1975. Além de censurar a produção artística, a Ditadura Militar promovia os produtos culturais que considerava convenientes, favorecendo os grupos jornalísticos que a apoiavam. Ao transformar suas empresas em grandes anunciantes, o governo teve poder sobre os veículos de comunicação, cujo custo de produção, devido à incorporação de modernas tecnologias para satisfazer as novas demandas do consumidor, havia aumentado substancialmente desde a década de 1950.

Com essa estratégia, vários jornais ligados a grupos políticos de oposição foram fechados ou sofreram restrições do governo, como os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, os jornais da rede *Última Hora*, de Samuel Wainer, enquanto a televisão foi encarregada de cristalizar uma modernidade virtual, capaz de promover a síntese da noção de brasilidade e, ao mesmo tempo, apaziguar as diferenças sociais e econômicas, garantindo a aceitação pacífica das políticas do governo⁵³.

Aos poucos, a televisão ganhava importância em relação aos jornais e revistas, que perdiam seu poder de influência — destoando da década de 1950, momento em que os diários foram decisivos em campanhas cívicas ou no aprofundamento de crises, como a que culminou no suicídio de Getúlio Vargas, em 1954. “Os jornais diários não aumentaram significativamente a tiragem [...], não conseguiram atingir um equilíbrio financeiro capaz de

⁵³ HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

propiciar a independência editorial”⁵⁴. Estabelecia-se com o Estado uma relação de troca de favores que duraria até meados de 1975, quando começou a haver por parte de alguns veículos a proposição de abertura democrática, com a publicação de reportagens investigativas em *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal da Tarde*, e a identificação da *Folha de S. Paulo* com a oposição ao regime militar. Grande parte da imprensa havia apoiado o golpe até o final da década de 1960. Em meados do decênio de 1970, com a pressão da censura, aos poucos os grandes jornais passaram a questionar o regime.

Na indústria cultural brasileira formada em meio ao regime autoritário houve, para que essa nova visão se consolidasse, uma redefinição do que fosse cultura popular. A definição das décadas de 1950 e 1960, quando a noção de popular estava geralmente ligada a movimentos como os Centros Populares de Cultura, a poesia e o teatro engajados, a pedagogia do oprimido, com vistas à autonomia — seria substituída por um novo enfoque, a partir dos anos 1970, que relacionava o popular com o mercado. O clima de controle sobre a mídia e o incentivo para a produção de programas televisivos voltados para a massa tornaram o leitor esquivo aos produtos culturais mais sofisticados.

Popular denota agora o que é mais consumido. Pode-se, inclusive, estabelecer uma hierarquia de “popularidade” entre os diversos produtos ofertados no mercado. Um disco, uma telenovela, uma peça de teatro são considerados “mais” ou “menos” populares à medida que atingem um público consumidor mais ou menos extenso⁵⁵.

Do final da década de 1960 até o início dos anos 1980, o antídoto contra o cerceamento da grande imprensa e as limitações impostas pelo mercado da indústria cultural foi a criação de publicações com circulação e produção alternativa. Com o controle dos jornais impressos, alguns jornalistas, com poucos canais de expressão disponíveis, optaram pelos veículos alternativos, como *O Pasquim* e *Movimento*.

Também cerceados pelo governo militar, alguns grupos de intelectuais tiveram que criar seus próprios veículos, como o grupo da revista

⁵⁴ MELO, José Marques de, apud KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003, p. 39.

⁵⁵ ORTIZ, Renato. Sociedade e cultura. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge (orgs.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 203.

Argumento, que teve a participação, dentre outros, de Antonio Candido, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. A situação só mudou em meados dos anos 1970, quando a grande imprensa não só retomou temas e linguagens desenvolvidas nos “nanicos”, como passou a recrutar suas melhores cabeças. “Opor-se ao governo deixou de ser monopólio da imprensa alternativa. Além disso, a retomada da atividade política clássica, no âmbito dos partidos e de seus jornais, que após a decretação da anistia saíram da clandestinidade, esvaziou a imprensa alternativa de sua função de espaço de realização sociopolítica.”⁵⁶

As redações dos grandes jornais acolheram os jornalistas das folhas alternativas, entre eles Paulo Francis e Tarso de Castro, que tiveram importante passagem por *O Pasquim*, e Ricardo Kotscho, repórter ligado a movimentos de esquerda que escreveu, no *Estadão* e na *Folha*, reportagens de grande repercussão sobre os superfuncionários do governo autoritário. De 1976 em diante, a imprensa iniciava uma série de matérias sobre a política autoritária do regime militar e pedia mudanças. O auge desse período foi a campanha das *Diretas*, apoiada pela *Folha de S. Paulo*, em 1984. A ampla cobertura ao evento deu à *Folha* não só maior tiragem, garantindo vantagem sobre *O Estado de S. Paulo*, mas a identificação do jornal com intelectuais de esquerda e o público jovem.

A abertura deu espaço para a retomada da busca pela defesa da cidadania, depois do longo período sob a ditadura. Um dos índices dessa época foi a criação, em 1976, da coluna “Tendências/ Debates”, por Cláudio Abramo. O espaço, publicado até hoje à página 3, destinava-se à participação de diversas vozes da sociedade — desde o líder sindical, até o arcebispo de São Paulo. A coluna originou o suplemento cultural *Folhetim* (1977-1989), que se transformou num espaço de debates de grandes temas de interesse da sociedade brasileira que passava pela abertura política.

Sob o regime democrático, os grandes jornais impressos tiveram um papel importante na fiscalização dos governos Sarney e Collor. Nos anos 1990, com a maior parte dos jornais sendo informatizada, a lógica empresarial tornou-se mais intensa. Apostando na ampliação do público com os resultados

⁵⁶ KUCINSKI, *Jornalistas*, op., cit., p. 25.

positivos quanto à divisão de renda do início do Plano Real, entre 1994 e 1997, várias empresas de comunicação mudaram o formato de seus produtos, adotando padrões mais populares.

O início do Plano Real promoveu aumento no consumo de produtos culturais. Com os salários menos corroídos pela inflação, as classes C e D passaram a consumir esses produtos e serviços. Nos primeiros anos do plano, grupos empresariais da área da comunicação apostaram na ampliação da classe média, o que viabilizaria a expansão do sistema de TV a cabo no país e diversificaria a oferta de veículos impressos, na expectativa do crescimento da demanda. Com o aumento do dólar e a recessão do segundo governo FHC, os níveis de consumo de produtos culturais voltaram a cair.

De fato, os primeiros anos do Plano Real garantiram o aumento do consumo de bens culturais entre as classes C e D. Apostando na ascensão desse público, a mídia brasileira usou como estratégia a definição de conteúdo mais simplificado. O veículo mais atingido por essa tendência foi a televisão, mas a simplificação da linguagem também chegou aos jornais impressos. Acreditando na ampliação dos leitores, os grandes jornais do país fizeram reformas editoriais, em que privilegiaram textos curtos, uso mais intenso de informação visual, além de estratégias de marketing, como a venda dos jornais associada à distribuição de brindes. Assim, com o repertório mais estreito, a mídia brasileira, supostamente, passaria a contemplar os novos consumidores que surgiram com o Plano Real.

Outra característica do período foi o aumento da oferta de ensino superior privado. Durante o período FHC, principalmente depois da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o setor privado passou por ampliação, que, contraditoriamente, não proporcionou aumento do número de leitores de jornal e de livros. Reflexo dessa realidade é que, a partir da década de 1990, os jornais passaram a dar mais espaços para uma indústria que ganhava força no Brasil, a de *best-sellers* e os livros de autoajuda, designados nas publicações com o eufemismo de não-ficção. Foi temporária a ideia de que o Plano Real traria melhores condições de consumo para a população pobre brasileira. Como diz um repórter sobre o que a *Folha de S. Paulo* chamou de os “tempos tucanos”:

[Mesmo com a diminuição da inflação e dos índices de pobreza, o] topo da pirâmide social permanece no topo. E a ala dos remediados segue remediada. A novidade no Brasil de FHC é justamente aquilo que diminui a distância entre os dois mundos. O verniz que torna o Alê tão parecido com a Fê [o repórter refere-se aos personagens de sua matéria: Alê, vendedor de uma loja de roupas no Shopping Iguatemi, em São Paulo, com salário mensal de R\$ 1,5 mil, e Fê, proprietária de uma loja no mesmo local, com rendimentos que passavam de R\$ 20 mil]. [...]

Confundir é o verbo que, para o rapaz suburbano e a moça “high society”, melhor define o período FHC. O presidente agora reeleito [em 1998] se esforçou para consolidar no país uma espécie de democracia do consumo. Alardeou que, sob sua gestão, os muito pobres comeram mais frango (e, assim, se confundiram com os menos pobres).

A classe média teve maior acesso a marcas e produtos que abasteceram lares do Primeiro Mundo (globalizou-se e, assim, se confundiu com os ricos, desde sempre globalizados). A democracia do consumo produziu, então, o comunismo de aparências⁵⁷.

Embalados pela tentativa de consolidar a “democracia do consumo” do governo FHC, em que a fronteira entre as classes sociais pelo menos em tese diminuía, muitos veículos de comunicação pensaram em ampliar o seu número de leitores, oferecendo um produto que, por muito tempo, era consumido apenas pelas classes mais ricas. Uma das soluções foi, portanto, simplificar a forma dos produtos, mantendo sua aura de alta cultura, mas oferecendo um conjunto mais restrito de informações. Isso ocorreu, por exemplo, na primeira fase do *Mais!*. As reformas gráficas tornaram os textos jornalísticos cada vez menores, buscando o leitor médio, mesmo no jornalismo cultural.

Nos anos 2000, com a internet cada vez mais presente no dia a dia da classe média, os jornais perderam leitores para os sites de informação. Entre as consequências, houve fusões de empresas, redução do número de trabalhadores, diminuição da importância dos veículos impressos no debate social. É nesse contexto que se insere a produção da *Folha de S. Paulo* e do *Mais!*. Para tentar salvar os jornais da bancarrota, uma série de medidas está em curso no mundo todo, dentre elas o barateamento da produção. No entanto, essa medida está sendo prejudicial, já que acaba gerando um tipo de jornalismo cada vez mais superficial. É nessa lógica que se desenvolve a

⁵⁷ ANTENORE, Armando. Cenas de um shopping de luxo. **Folha de S. Paulo**, 9 out. 1998. Tempos Tucanos, p. 4.

Folha de S. Paulo e o *Mais!*. Antes de analisarmos o veículo, faremos uma exposição sobre a formação da *Folha* e sua lógica de funcionamento.

1.3 *Folha*: o jornal das *Diretas*

Embora tenha ampliado significativamente seu público leitor apenas na década de 1980, firmando-se como o maior jornal do país, a *Folha* é um dos mais tradicionais veículos impressos brasileiros. Ao longo de suas nove décadas de história, passou de um jornal de pouca importância no início de suas atividades, a um dos veículos mais expressivos da década de 1980 em diante. Identificado nesse período como um periódico inovador e ligado a um público mais intelectualizado e com opiniões políticas à esquerda, conseguiu ganhar mais leitores no final da década de 1970, com o início da redemocratização.

A primeira edição do jornal foi publicada em 19 de fevereiro de 1921, com o nome *Folha da Noite*. Em sua primeira fase, voltava-se para um público que passava a ter maior expressão no Brasil: o leitor vindo das camadas médias e populares. A publicação era resultado de um processo que começou a ocorrer no início do século XX, quando houve o fortalecimento da classe média urbana, impulsionada pelo desenvolvimento industrial e pelo comércio de São Paulo. Em julho de 1925, a empresa criava a *Folha da Manhã*; em 1949, a *Folha da Tarde*.

Fundado por um grupo de ex-colaboradores de *O Estado de S. Paulo* liderado pelos jornalistas Pedro Cunha e Olival Costa, a *Folha da Noite* tinha publicação vespertina para atingir um público diferenciado em relação ao de *O Estado*. Enquanto este se voltava para o público representado pela classe dominante, aquele buscava a classe média urbana e os operários, que voltavam do trabalho no final da tarde, quando podiam ler o jornal. A primeira edição da *Folha* contou com editorial de apresentação de Júlio de Mesquita Filho (1892-1969), de *O Estado*.

Embora tenha sido, no seu início, apartidário, o jornal apoiou a candidatura de Júlio Prestes à Presidência da República. Com a ascensão de Vargas, a empresa foi empastelada pelos que apoiavam a Revolução de 30:

“Na noite de 24 de outubro de 1930, a multidão que comemorava a deposição do presidente em São Paulo destruiu as instalações da *Folha*. As máquinas de escrever e os móveis foram jogados na rua e incendiados”⁵⁸.

O jornal ficou fora de circulação até 15 de janeiro de 1931, quando voltou a ser editado. A *Folha* foi adquirida então por Octaviano Alves de Lima, ligado à oligarquia cafeeira, que comandou a empresa até 1945. Inicialmente, mantinha relação com os grandes produtores de café de São Paulo. Ao privilegiar a cobertura de temas ligados à agricultura, abriu diversas sucursais no interior. Com isso, sua tiragem saltou de 15 mil para 80 mil exemplares diários.

Em janeiro de 1943, aos 24 anos, sob a indicação de Lourival Gomes Machado, Antonio Candido estreou uma coluna dominical de crítica literária. Naquele momento, além dele e de Lourival, que mantinha um rodapé sobre arte, participavam do jornal Mário de Andrade, que escrevia sobre música, e Guilherme de Almeida, responsável por uma crônica diária. Candido colaborou até janeiro de 1945, quando o jornal foi vendido a José Nabantino Ramos, que dividiu o comando da empresa com Alcides Ribeiro Meirelles e Clóvis Ribeiro Queiroga.

À frente dos jornais, Nabantino tentou modernizar a administração e evitar o alto grau de improvisação que ainda imperava no meio jornalístico⁵⁹. “De 1945 a 1962, Nabantino Ramos deu a linha ao jornal. Em 1949, fundou a *Folha da Tarde*. Em 1960, fundiu [a *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite*] num só [jornal], ao qual deu nome de *Folha de S. Paulo*. As preocupações com os cafeicultores foram substituídas por uma clara posição de defesa dos interesses das classes médias urbanas de São Paulo”⁶⁰. Nabantino foi um dos primeiros administradores de jornal no país a implantar um conjunto de normas para o funcionamento da redação. Tratava-se do “Programa de Ação das Folhas”, de 1948, um roteiro para o desenvolvimento do trabalho jornalístico. A medida coincide com a fase de modernização da imprensa no Brasil.

⁵⁸ PULS, Mauricio. Getulistas destroem máquinas da Folha. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a *Folha*, p. 2.

⁵⁹ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Mil dias: seis mil dias depois**. São Paulo: Publifolha, 2005, p. 71.

⁶⁰ Ibidem, p. 71-72.

A boa fase das *Folhas* se esgotou na segunda metade dos anos 1950. “A partir de 1958, Nabantino passou a enfrentar dificuldades para renovar o parque gráfico e fazer frente ao aumento do preço do papel, problemas agravados por uma greve no jornal em 1961⁶¹”, que foi o último acontecimento a contribuir para a falência da empresa. No ano seguinte, em 13 de agosto, o jornal foi adquirido pelos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, provenientes dos setores financeiro e da construção civil, respectivamente. A primeira fase do jornal sob a nova administração, de 1962 a 1967, voltou-se para a recuperação financeira e a reestruturação administrativa⁶².

Foi nessa época que Frias contratou Cláudio Abramo, que havia feito mudanças importantes no período em que passou por *O Estado de S. Paulo*. Na *Folha*, começou pela reforma editorial, contratando diversos jornalistas de prestígio no mercado paulista. “Em janeiro de 1968, a tiragem da *Folha* atingiu os 200 mil exemplares. Durante o ano, o jornal cobriu nas páginas noticiosas e elogiou nas opinativas as passeatas estudantis do Rio. Pregou eleições diretas para a Presidência como uma boa tese”⁶³. Esta situação tornou-se mais difícil de ser sustentada depois da edição do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968.

No período de 1968 a 1974, a administração da empresa preocupava-se com a modernização tecnológica. A ideia era transformar um jornal falido num veículo moderno. Na fase de 1974 até 1984, depois da recuperação financeira do jornal, começaram a ser implantadas as medidas para a melhoria da qualidade da redação. A *Folha* conseguiu capitalizar o talento de alguns jornalistas ligados à imprensa alternativa.

Até então, a “[...] *Folha* era um jornal muito lido, mas de pouco prestígio e influência restrita. Era informativo, mas faltava-lhe densidade política. Com as finanças equilibradas, Frias resolveu dedicar-se mais à Redação”⁶⁴. Nesse período, apesar da censura, o jornal conseguiu cobrir fatos

⁶¹ PULS, op. cit., p. 2.

⁶² SILVA, Mil dias, op. cit., p. 73.

⁶³ Ibidem, p. 3.

⁶⁴ Idem.

políticos internacionais, como o golpe militar do Chile, de 11 de setembro de 1973, e a Revolução dos Cravos, de 1974.

O período de mudanças da *Folha* coincide com o processo de abertura “gradual, lenta e segura” do governo Geisel. Segundo depoimento de jornalistas da *Folha*, pouco antes de Ernesto Geisel assumir a Presidência em 1974, Octavio Frias de Oliveira foi chamado para uma reunião no Rio de Janeiro com o general Golbery do Couto e Silva, responsável pela articulação política do novo governo. Recebeu a notícia de que o governo faria a abertura e era necessário em São Paulo mais um jornal de grande expressão, para ajudar o “governo a combater a linha dura, que se opunha à redemocratização, mesmo restrita”⁶⁵.

Frias reuniu-se com os jornalistas mais importantes da redação para aproveitar o momento e tornar o jornal mais opinativo e expressivo do ponto de vista político. “Com essa abertura para a oposição, o jornal se torna o espaço privilegiado de debate no país, porque traz para o debate público os setores de centro-esquerda que estavam fora dele”⁶⁶.

Com o início da abertura política, a *Folha* começava a absorver os jornalistas e intelectuais que haviam driblado as restrições de liberdade impostas aos grandes veículos com a participação em jornais de circulação menor e, em muitos casos, na clandestinidade. Nesses veículos, desenvolveu-se uma linguagem que se aproximava do *New journalism* norte-americano⁶⁷, com muita liberdade de estilo. A adoção de um “jornalismo de autor” foi proveitosa para o veículo⁶⁸.

Ainda no início dos anos 1980, esse perfil de jornalismo autoral ajudou a identificar o jornal com um público-leitor progressista. Isso é evidenciado pela percepção que o público tem do jornal. Pesquisas realizadas

⁶⁵ SINGER, André. Políticas de antecipação. In: COELHO, Marcelo (org.). **Um país aberto**: reflexões sobre a *Folha de S. Paulo* e o jornalismo contemporâneo. São Paulo: Publifolha, 2003, p. 55.

⁶⁶ Ibidem, p. 56.

⁶⁷ O *New journalism* é um estilo de produção que ganhou popularidade em Nova York, na revista *New Yorker*, a partir da década de 1960. Aproximava as técnicas narrativas literárias da linguagem jornalística. Com isso, o repórter teria maior liberdade de estilo e poderia agir como uma testemunha do fato de maneira deliberada.

⁶⁸ Jornalistas e intelectuais como Paulo Francis, Ruy Castro, Tarso de Castro, Plínio Marcos, Sergio Augusto, Gerardo Mello Mourão, Oswaldo Peralva, Flávio Rangel, Glauber Rocha e Newton Rodrigues levaram para a grande imprensa uma linguagem autoral bastante característica de veículos alternativos.

pelo *Datafolha* ao longo da década de 1980 mostram que foi aumentando, a cada ano, a impressão de que a *Folha* era um jornal de centro-esquerda. Outro dado aponta que cresceu o número de leitores com maior escolaridade e renda. Atualmente, acentuou-se ainda mais a tendência de o jornal se concentrar entre leitores mais escolarizados e com maiores salários.

Segundo pesquisa realizada em 2007, a maior parte dos leitores tinha nível superior (68%), 90% pertenciam às classes A e B e estavam na faixa dos jovens (entre 23 e 49 anos). Em relação a questões polêmicas da sociedade, os leitores eram a favor do casamento entre homossexuais, da legalização do aborto, da reforma agrária e contra a pena capital. Eram, no entanto, contra a descriminalização da maconha e a favor da diminuição da maioria penal⁶⁹.

Na pesquisa de 2007, a reação de alguns leitores atesta certas características às vezes contraditórias do jornal que se propôs pluralista e apartidário principalmente do período da Abertura em diante.

No caderno especial de 80 anos do jornal, foi realizada uma enquete com leitores famosos. A pergunta era: “O que mais gosto?” e “o que menos gosto?” na *Folha*. Augusto de Campos destacou a visão pluralista do jornal, mas se dizia insatisfeito com a superficialidade com que tratava os temas culturais. Renato Mezan destacou, além deste ponto, a postura sensacionalista do jornal:

Gosto da independência, da seriedade do jornal, e creio que a *Folha*, em geral, apoia as causas certas, ou pelo menos as que eu considero assim. Não gosto de uma certa estridência, de seus exageros, estampados em manchetes que dizem: mercado despenca, dólar explode, xuxu estoura. Há um certo tom sensacionalista que frequentemente o jornal adota para notícias que poderiam ser dadas com menos pânico. E não gosto da cobertura cultural da *Ilustrada*, que considero técnica e muito “achista”⁷⁰.

Opinião semelhante tinha Leyla Perrone-Moisés, que fez em seu depoimento uma diferenciação entre o que julga ser uma cobertura cultural superficial — no caso da *Ilustrada* — e o que chama de jornalismo mais

⁶⁹ Da Reportagem Local. Leitor da Folha está no topo da pirâmide social brasileira. **Folha de S. Paulo**, 11 nov. 2007, p. 16.

⁷⁰ MEZAN, Renato. Gosto e não gosto na Folha. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a Folha, p. 15.

aprofundado, como é o caso, na opinião dela, do *Mais!* e do *Jornal de Resenha*, produzido nos anos 1990 pela *Folha* em parceria com universidades e editoras:

O que gosto é o fato de ser um jornal com opiniões plurais e também com uma certa agilidade de informação. Mas há pouca informação internacional, e ela é centrada em fatos espetaculares. Não há informações mais detalhadas, muito menos de reflexão. Por isso gosto do *Jornal de Resenhas* e do *Mais!*. E por isso não gosto da *Ilustrada*. Parece-me muito ligeira e dá um espaço muito pequeno para livros, exposições, concertos e teatro. Ressalto que não sou contra o jornal dedicar espaço a outros assuntos, mas há uma hipertrofia dos temas rock e moda, com prejuízo de outras manifestações culturais, seja da cultura mais elevada, seja da cultura de massa⁷¹.

Leyla Perrone-Moisés enumera características negativas que, de acordo com algumas análises, estão presentes na imprensa contemporânea em geral: a) a presença de pouca informação internacional; b) abordagem superficial dos temas; c) sensacionalismo; d) hipertrofia de temas ligados à indústria cultural. A partir dos anos 1990, essas características se tornaram mais evidentes.

Durante os anos 1970, para driblar a difícil relação que o jornal estabeleceu com o regime autoritário, revezavam-se na direção de redação Cláudio Abramo e Boris Casoy. No início dos anos 1970, Abramo foi o responsável pela implantação de uma linha mais crítica ao jornal. Ligado a movimentos de esquerda, Abramo era mal-visto pelos militares. Para que o jornal pudesse circular, ele teve de ser substituído, em 1977, por Boris Casoy, que deixou a chefia de redação em 1984, quando Octavio Frias Filho ocupou o seu lugar. As mudanças realizadas por Abramo deram maior consistência política à *Folha*, que passou a capitalizar o momento de abertura.

O ano de 1984 marcou a campanha que a *Folha* encampou em favor das Diretas. O jornal dava apoio a essa grande manifestação popular. Assim, a publicação conseguiu capitalizar uma imagem progressista entre os leitores. “Entre 1978 e 1982, o jornal havia adotado uma série de posições importantes, como a defesa da anistia e da convocação de uma Assembleia Constituinte,

⁷¹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Gosto e não gosto na Folha. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a Folha, p. 15.

que iriam refletir-se depois na imagem de ser o veículo mais identificado com a volta da democracia ao país”⁷².

Nos anos 1980, a administração do jornal começava a implantar o *Projeto Folha*, que tinha por objetivo incorporar à redação e à empresa uma série de medidas para melhorar os índices de produção, modernizar a cobertura jornalística, com o objetivo de fornecer um produto mais bem acabado para o leitor. Essa filosofia incluía, entre outras medidas, o uso obrigatório pelos jornalistas do *Manual da Redação*, a informatização, os investimentos em marketing, a criação de um instituto de pesquisas de opinião, além de maior preocupação com canais de comunicação com o leitor.

Foi também a assimilação de uma lógica pautada pelo pragmatismo do mercado. Ainda que o jornal tenha melhorado em termos editoriais e gráficos, houve empobrecimento quanto aos textos. Inspirada na linguagem minimalista do *USA Today*⁷³, a *Folha* fechou-se ao texto criativo, autoral e à grande reportagem, que passaram a ter lugar de exceção no corpo do jornal. A primeira fase da implantação do projeto, que durou até o final dos anos 1980, buscou exatidão e concisão nos textos, dando maior destaque ao noticiário, e encolhendo cada vez mais as seções do jornal voltadas para a opinião, que haviam sido adotadas no período de abertura do regime militar:

O período da hipertrofia da opinião deveria ser encerrado. Em seu lugar, chegara a hora de fazer com que a *Folha* fosse respeitada e conhecida pela precisão da informação que publicasse. A Agência Folhas, que concentrava o reportariado, viria a se tornar o campo principal da batalha em torno do projeto e do manual. “Não temos alternativa exceto a intransigência técnica”, anunciava radicalmente o documento [de implantação do *Projeto Folha*]⁷⁴.

Nos anos 1990, o jornal continuou o processo de consolidação do *Projeto Folha*, com a modernização de seu parque gráfico e a melhoria da qualidade de impressão das edições. Nessa época, no entanto, o jornal

⁷² SINGER, André. Apoio a diretas amplia peso político do jornal. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a Folha, p. 5.

⁷³ Lançado nos Estados Unidos em setembro de 1982, o *USA Today* foi o primeiro jornal a adotar uma linguagem inspirada na televisão. A orientação era produzir textos curtos, com frases em ordem direta e usar o máximo possível de ilustrações que ajudassem a explicar o conteúdo das matérias, os chamados “infográficos”. Os textos não ultrapassariam 30 linhas. Quando houvesse necessidade de abordagens mais aprofundadas, elas deveriam ser feitas numa matéria complementar, que seria diagramada na mesma página.

⁷⁴ SILVA, Mil dias, op. cit., p. 109.

passou a rever alguns pressupostos do *Manual da Redação*, abrindo espaço para textos mais criativos.

As notícias não tinham necessariamente que seguir a estrutura fixa do *lide* e da pirâmide invertida; ao menos nas aberturas de cadernos informativos, havia uma matéria de cunho mais reflexivo e com textos menos áridos; cronistas da imprensa carioca foram convidados a escrever no jornal — primeiramente Otto Lara Resente e Arnaldo Jabor — depois Carlos Heitor Cony, além de Ferreira Gullar, impondo um tom mais autoral à publicação.

Ao lado de um colunista carioca, jornalistas e escritores de São Paulo passaram a assinar colunas na *Folha*, num estilo mais ensaístico, com grande liberdade no tratamento dos temas e na forma do texto, entre eles Marcelo Coelho, Fernando Bonassi e Bernardo Carvalho. Havia também a colaboração do escritor gaúcho Moacyr Scliar e do psicanalista Contardo Calligaris. Com esses textos mais analíticos, a *Folha* tornaria “literário” o texto de jornal, criando uma forma alternativa à crônica, gênero com maior tradição na imprensa carioca e que, de certa forma, representava uma fase mais artesanal da imprensa.

Esse novo estilo faria frente também ao avanço da internet. O acesso instantâneo às notícias proporcionadas pela rede mundial de computadores a partir da segunda metade dos anos 1990 fez os produtores de jornais impressos repensarem a abordagem dos textos: para evitar a repetição, o ideal seria investir em coberturas mais amplas, abordando vários aspectos de um determinado tema especial. Foi também nos anos 1990, período em que ocorreu o lançamento do *Mais!*, que o jornal supriu a necessidade de discutir temas com maior profundidade com o lançamento de suplementos e cadernos especiais em diversas áreas — de história a futebol, de automobilismo a grandes pesquisas sociais e eleições.

Nos anos 2000, sob o impacto dos negócios da internet e da crise no setor de comunicação, as tiragens dos jornais decresceram em todo o Brasil. Na primeira fase do Plano Real, de 1994 a 1998, com a paridade da moeda brasileira em relação ao dólar, diversas empresas da área da comunicação fizeram grandes empréstimos em moeda norte-americana para modernizar sua infraestrutura. A *Folha*, por exemplo, inaugurou em 2001, ano em que

completou 80 anos, um dos mais modernos parques gráficos do Brasil, resultado de investimentos que começaram na década anterior.

O início dos anos 2000 registrou quedas nos níveis de leitura de jornais não apenas no Brasil. Pesquisa realizada pela UNESCO em 2005 mostra que, num total de 40 países, ocorreu estagnação em três, crescimento em cinco e queda em 32 deles⁷⁵. A *Folha* foi uma das afetadas por este processo. Embora o jornal mantenha a posição de veículo diário de maior circulação no Brasil, com uma média de 307 mil exemplares diários — superior em 26,3% do concorrente local, *O Estado de S. Paulo*, com cerca de 243 mil —, o veículo registrava uma tiragem mediana de 530 mil em 1997, no auge do Plano Real⁷⁶.

Uma das consequências foi a “reengenharia” administrativa de algumas empresas, que tiveram que encolher seus quadros de trabalhadores para continuar competitivas. No caso dos jornais, um dos sintomas foi a redução do número de repórteres nas sucursais nos diversos estados brasileiros e a diminuição da equipe de correspondentes internacionais. Isso implicou a substituição de matérias exclusivas por textos comprados de agências de notícias internacionais.

Essas restrições do mercado afetaram diretamente os cadernos da *Folha*. Como o suplemento é um “algo mais” a ser ofertado para o leitor, acaba sendo alvo de cortes. A busca pela ampliação de público teria gerado um conteúdo mais simplificado, resultando um saldo negativo para a imprensa, que aos poucos perdia seu público “tradicional”. Ao analisar o processo de expansão do jornal, um dos idealizadores do *Projeto Folha* escreveu:

Eu temia que essa busca pelo mínimo denominador comum do gosto e interesse dos leitores pudesse alienar os mais sofisticados, sem garantir a lealdade dos menos sofisticados. Muitos amigos exigentes em termos culturais me diziam estar abandonando a *Folha* em virtude dessas mudanças. [...] tenho a impressão de que boa parte dos assinantes que deixaram o jornal durante e após a exuberância do Plano Real o fez por se sentir frustrada em relação ao que ele lhe oferecia. Atualmente, a circulação paga média da *Folha* é similar à do final da década de 1980, ainda superior à de

⁷⁵ COSTA, **Modernidade líquida**, op. cit., p.185.

⁷⁶ Da Redação. Jornal se mantém há 21 anos como o de maior circulação no Brasil. **Folha de S. Paulo**, 11 nov. 2007, p. 16.

seus principais competidores, mas muito inferior aos números sensacionais dos meados da década de 1990⁷⁷.

O suplemento *Mais!* é uma resposta às dificuldades encontradas pela *Folha* quanto ao jornalismo impresso e à produção literária dos anos 1990, quando o jornalismo já estava conformado a um novo *modus operandi* voltado para o mercado e os produtos da indústria cultural e tinha como potenciais ameaças os produtos surgidos com as novas tecnologias — a livre circulação de informações na internet. Esse contexto foi decisivo na formação do perfil editorial do veículo — preocupado com um público mais exigente e, ao mesmo tempo, visando ampliar o número de leitores da *Folha*. Antes de chegarmos a esta discussão, no capítulo 2 faremos um breve histórico dos suplementos literários e culturais brasileiros, buscando inserir o *Mais!* nessa tradição. O objetivo é mostrar que o suplemento da *Folha de S. Paulo* dialoga com procedimentos utilizados por publicações culturais de outras épocas, editadas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

⁷⁷ SILVA, **Mil dias**, op. cit., p. 31.

CAPÍTULO II

2 O *MAIS!* E A TRADIÇÃO DOS SUPLEMENTOS

Desde os anos 1950, a imprensa brasileira tem se preocupado em oferecer ao leitor cadernos sobre temas culturais. A exemplo da imprensa europeia e da norte-americana, a aposta que se faz no Brasil no jornalismo cultural reflete uma preocupação com o leitor mais exigente, não raro deixado em segundo plano nas outras seções dos jornais. Os suplementos também representavam os anseios dos grupos de intelectuais responsáveis por sua edição, que encontravam em suas páginas o espaço necessário para a divulgação de manifestos, novas ideias políticas e estéticas.

No Brasil, os suplementos que vêm sendo publicados hoje mantêm de diversas formas diálogo com publicações que foram propostas em outras épocas. Exemplo disso é o *Mais!*, tributário de publicações como o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB)* e o *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo (SLOSP)*, que tiveram um papel importante em sua época. Também incorporou soluções formais e de conteúdo adotadas por veículos alternativos das décadas de 1960 e 1970, além de manter diálogo com a universidade.

Deu continuidade a publicações culturais da *Folha de S. Paulo*: teve em comum com o caderno cultural diário *Ilustrada*, lançado em 1958 e editado até hoje, o destaque para temas como arte, literatura, música, além de produtos da indústria cultural. Diferiu, no entanto, ao apresentar a informação de maneira mais analítica e, em muitos casos, revestida pelo verniz da alta cultura. Assemelhava-se ao *Folhetim* (1977-1989) por dar destaque a ensaios e por abrir-se a colaboradores não-jornalistas. Assim como aquele suplemento, o *Mais!* teve entre seus colaboradores intelectuais de universidades brasileiras. Divulgou o mercado editorial, com a publicação de resenhas, entrevistas com escritores, editores, usando como critério de noticiabilidade os lançamentos e relançamentos de livros, como era feito no suplemento *Letras* (1989-1992), também da *Folha*.

O que há em comum entre estes e outros suplementos é que, da segunda metade do século XX em diante, com a expansão do papel da mídia na divulgação e discussão de temas culturais, eles passaram a ter um papel

decisivo na veiculação de opiniões e análises sobre esses produtos, transformando-se em instâncias de consagração da produção cultural brasileira. Os suplementos e as páginas literárias do jornal são, em muitos casos, o primeiro contato que o leitor tem com o escritor e sua obra. São publicações que ampliam e atualizam o conhecimento do público sobre literatura e reproduzem leituras já consagradas de determinados autores.

É verdade que a criação de novos espaços para a circulação de ideias sobre a literatura e as artes fora da grande imprensa — como a ampliação do sistema universitário brasileiro, os sites e revistas especializadas — reduziu a força do jornal. Seu auge foi, sem dúvida, nos anos 1950, quando os diários eram uma esfera pública por onde transitava a vida intelectual do país. Embora enfraquecidos sob diversos aspectos, os jornais ainda são importantes na divulgação da literatura. Houve, no entanto, mudança de abordagem, com maior destaque à informação do que à análise.

2.1 A época de ouro

No Brasil, a publicação de suplementos tornou-se mais comum na década de 1950, quando a imprensa nacional, em meio ao desenvolvimento econômico do país e à abertura política, passou por um grande amadurecimento. O pós-guerra abriu espaço para a liberdade de expressão, o contexto internacional favoreceu o crescimento econômico e o fortalecimento da classe média. Com isso, públicos mais amplos beneficiaram os jornais. Outro ponto importante é que o Brasil viveu um momento de ampliação de sua produção cultural — tornando-se destaque no exterior, com o sucesso da Bossa Nova, por exemplo — e com uma produção inventiva nas artes. Era lançado o movimento da Poesia Concreta; Guimarães Rosa publicava *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*; a nova capital do país começava a ser construída. Foi a época do desenvolvimentismo, que refletiu no planejamento editorial e gráfico dos jornais.

Formava-se no Brasil a indústria cultural, com a cultura do rádio, da televisão, do disco, da publicidade, do teatro e das editoras. Os jornais, que antes dependiam diretamente do governo, passam a ser custeados, pelo

menos em parte, pelo mercado publicitário, impulsionado pela chegada das agências norte-americanas para atender à demanda da indústria local. Foi a expansão econômica que incentivou o mercado de bens culturais, que mais tarde ganharia impulso com o “milagre” econômico da década de 1960.

Até então, a divulgação e a crítica da literatura eram feitas principalmente nos rodapés e nos folhetins⁷⁸, que se misturavam ao noticiário e às seções dos jornais. Com a implantação de diversos suplementos nos anos 1950, a crítica abandonou aos poucos as páginas gerais do jornal para se tornar mais especializada, para um público diferenciado do veículo. Essa mudança foi consequência da segmentação dos produtos de mídia: com a diversificação do público, os grandes jornais criaram estratégias para satisfazer leitores mais heterogêneos.

As mudanças técnicas também influenciaram a criação dos suplementos. A década de 1950 marcou a chegada ao Brasil das técnicas de redação norte-americanas que davam maior importância ao noticiário e separavam, no jornal, a informação da opinião. Como na imprensa brasileira as duas coisas até então se misturavam, a crítica e o noticiário conviviam na mesma página; depois da reforma dos jornais com base no modelo dos Estados Unidos, notícia e opinião passaram a ocupar espaços diferentes.

Desde então, a crítica que era destinada ao rodapé foi, aos poucos, sendo isolada do resto do jornal no espaço do suplemento. É claro que não se tratava apenas de uma mudança de espaço. A implantação das novas normas de redação, que disciplinaram a reportagem e adequaram o estilo dos jornalistas — de maneira que o leitor tivesse a sensação de estar lendo textos escritos por apenas uma pessoa, tamanha a uniformidade — coincidiu com a ascensão de diversas tendências teóricas da crítica. Assim, o suplemento tornou-se algo distinto do corpo da publicação: era um jornal dentro do jornal.

A publicação de suplementos literários reforça a ideia de que o jornalismo passava, nos anos 1950, por profissionalização e segmentação. A

⁷⁸ O rodapé era uma coluna publicada com periodicidade regular, localizada na parte inferior dos jornais, sob a responsabilidade de um crítico. O folhetim era a página do jornal voltada em geral para a ficção, temas da literatura ou notas informativas da área cultural, que teve seu amplo desenvolvimento no Brasil da segunda metade do século XIX até o começo do século XX. Tratava-se de um espaço que englobava diversas formas de texto sobre o mundo literário, desde notícias breves até críticas, resenhas de literatura, teatro e arte, além de criações literárias.

consolidação do suplemento deve-se a dois motivos maiores: um é a “desliteraturalização” do jornal e o outro é a consolidação de um produto específico, *suplementar*, voltado para a literatura, como resposta mercadológica do desenvolvimento da imprensa. À medida que o jornal torna-se um veículo privilegiado para a notícia, a literatura — sinônimo aqui de discurso ficcional — migra para outros veículos da indústria cultural, como o rádio e a televisão, popularizadores do gênero novela no país⁷⁹.

O suplemento substituiu o folhetim: no lugar de uma visão criativa e variada sobre a literatura, imprimiu ou a abordagem empenhada, ligada a grupos de renovação estética, ou incorporou a ideia de levar senso crítico ao leitor. Benedito Nunes identifica nesse período o auge da crítica literária, que, nas últimas duas décadas, perdeu sua força para outros produtos da indústria cultural. A razão do fortalecimento da crítica foi, na opinião de Nunes, a qualidade e quantidade da produção literária. Naquele momento, a crítica, feita por escritores, professores universitários e jornalistas, se alojava nos suplementos, espaço privilegiado de divulgação desse tipo de texto⁸⁰.

Ainda que continuasse a existir, a crítica de rodapé em jornal incorporou o estilo e a dinâmica do jornalismo moderno. Ela passaria a se manifestar de duas formas: ou como resenha, nos moldes da produção rápida e objetiva da notícia, ou como crítica nos cadernos especiais. O suplemento, primo-rico do noticiário, tornou-se espaço privilegiado para as experimentações formais.

2.1.1 Anos 1950: pensando o nacional

O Rio de Janeiro da década de 1950 foi palco de uma das primeiras experiências bem-sucedidas na publicação de suplementos. Seu principal veículo foi o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB)*, que tinha como editores Reynaldo Jardim e Ferreira Gullar, além de Amílcar de Castro. Foi um

⁷⁹ SANTIAGO, O *cosmopolitismo*, op. cit., p. 162.

⁸⁰ NUNES, Benedito. Ocaso da literatura ou falência da crítica? In: NUNES, Benedito. *A chave do poético*. Org. Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 73-81.

dos veículos que inspiraram a reforma gráfica do *Jornal do Brasil*, tida como referência na história da imprensa brasileira⁸¹.

Do ponto de vista gráfico, o *SDJB* era composto por uma diagramação limpa, com a valorização de espaços em branco e da imagem. Produzido por Amílcar de Castro, o planejamento visual dialogava com o Concretismo, que se formou em torno de artistas cariocas e paulistanos e encontrava amplo espaço de divulgação no *JB*. Do ponto de vista de conteúdo, o suplemento era bastante ousado: tinha como um de seus colaboradores mais importantes Mário Faustino, responsável pela página “Poesia-Experiência”; e publicava ensaios do então iniciante José Guilherme Merquior.

O conteúdo do *SDJB* não se limitava à publicação de resenhas e informações sobre os novos livros do mercado, mas tinha uma atitude militante, abrindo espaço para determinadas manifestações estéticas. Foi no suplemento que os poetas paulistanos Haroldo e Augusto de Campos, além de Décio Pignatari, que não encontravam espaço em jornais de São Paulo na época, lançaram as bases teóricas da Poesia Concreta. A publicação de textos do grupo deu origem a uma série de escritos de outros movimentos.

De uma forma geral, os suplementos cariocas dos anos 1950 eram importantes espaços de expressão para artistas e intelectuais. Diversos cadernos — ainda que menos inventivos do ponto de vista de conteúdo e de forma do que o *SDJB* — foram publicados na imprensa carioca. A maior parte era comandada por jornalistas escritores. Além da colaboração dos jornalistas que trabalhavam em outros setores dos veículos, reuniam textos de colaboradores especializados: professores universitários ou intelectuais ligados a diversas instituições.

Essa característica se deveu ao fato de que, desde os anos 1950, a produção de cultura no país passou a ser feita de forma mais

⁸¹ Elaborada em 1956, a reforma envolveu a adoção de novos padrões de redação e de planejamento gráfico na imprensa. Quanto às mudanças na redação, o jornal seguiu a tendência de veículos como *Última Hora* e *Diário Carioca*, publicações que adotaram o estilo de redação dos jornais norte-americanos, ou seja, deram maior destaque ao noticiário do que à opinião, impuseram um estilo mais direto, com poucos adjetivos e vocabulário simplificado, além de introduzirem o lide — parágrafo que resume a notícia — e a *pirâmide invertida* — organização da informação no texto em ordem decrescente. Quanto à diagramação, o *Jornal do Brasil* foi o primeiro diário brasileiro a ser organizado em editorias, criando cadernos e hierarquizando as matérias de acordo com sua importância na edição. Além do suplemento, o *JB* foi, ao lado da *Folha de S. Paulo*, um dos primeiros veículos no país a criar um caderno destinado à cobertura cultural, o *Caderno B*, em 1960.

institucionalizada, com o fortalecimento do ensino universitário. Também houve a criação de organizações de intelectuais, muitas delas preocupadas em pensar projetos de desenvolvimento para o Brasil, como o Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), do Rio de Janeiro, e, na época da Ditadura Militar, o Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), sediado em São Paulo. Assim, os suplementos tornaram-se espaços privilegiados para as grandes discussões culturais. Entre os principais assuntos estavam os debates sobre a construção da nacionalidade e a interpretação da cultura brasileira.

A experiência de ousadia quanto ao conteúdo e à diagramação do *SDJB* abriram espaço para a criação, em setembro de 1960, do *Caderno B* no mesmo jornal, tido como grande referência moderna do jornalismo cultural brasileiro. Diferente de seu predecessor, mas com praticamente a mesma equipe de produção, o *Caderno B* foi o primeiro caderno cultural brasileiro que pôs em prática a quebra de barreiras entre a alta cultura e a produção de massa. Daí a vocação dos veículos culturais cariocas para o tratamento mais leve das pautas.

2.1.2 De *Clima* ao *Suplemento Literário*

Quando foi criado o *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo* (1956-1974), o caderno literário paulista mais importante da época, sua proposta editorial era bastante diferente da dos jornais cariocas. Antonio Candido, um dos idealizadores, conta que o veículo não deveria ter a leveza da imprensa do Rio de Janeiro. Assim, não havia lugar para a crônica ou o artigo de leitura fácil: o objetivo era fazer uma publicação analítica, que refletisse o perfil do intelectual paulista, ligado à Universidade de São Paulo, fundada no decênio de 1930⁸². A criação do *SLOSP* é fruto da experiência da geração de Antonio Candido — integrada pelos críticos Decio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, Gilda de Mello e Souza, Ruy Coelho,

⁸² WEINHARDT, Marilene. *O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo (1956-67)*: subsídios para a história da crítica literária no Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo. Departamento de Letras, 1982. Entrevista de Antonio Candido concedida à autora.

Lourival Gomes Machado, entre outros — que criaram, na década de 1940, a revista *Clima*⁸³.

A publicação deveria se contrapor ao modelo de escrita sobre arte que até então era feito na imprensa: a crítica de rodapé. Para dirigir o *SLOSP*, Candido havia indicado Decio de Almeida Prado, responsável por aglutinar intelectuais de várias tendências e de todo o país⁸⁴. A publicação nasceu da necessidade de *O Estado de S. Paulo* produzir um veículo especial sobre cultura. Antonio Candido foi procurado pela direção do jornal para indicar autores que pudessem escrever para a edição especial do quarto centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Como Candido não havia gostado do resultado final, fizera críticas à direção do jornal. Um ano mais tarde, foi convidado a criar o projeto de um suplemento de letras e artes, para o qual propôs: o “suplemento deve evitar dois extremos: o tom excessivamente jornalístico e o tom excessivamente erudito [...], deve ficar ao meio caminho, sendo bastante flexível ao leitor médio e ao leitor de nível elevado”⁸⁵.

Desde o início do projeto, uma das características do suplemento foi a autonomia em relação à redação do *Estadão*. Todas as sugestões da redação deveriam ser encaminhadas para a direção da publicação. Da mesma forma, os articulistas teriam liberdade para publicar aquilo que considerassem conveniente, apesar de boa parte dos colaboradores ser de esquerda e a direção do *Estadão*, de direita. Outro ponto importante foi a profissionalização do *SLOSP*, que espelhava o próprio desenvolvimento de *O Estado de S. Paulo* como produto. Desde o início da década de 1950, o jornal passava por uma reforma, dando maior enfoque à qualidade final do produto.

⁸³ A revista *Clima*, editada de maio de 1941 a novembro de 1944, foi resultado da reunião de um grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que se lançou na cena intelectual por meio da crítica de literatura, de teatro, de cinema e de artes plásticas. O grupo renovou a crítica brasileira. Diferente do trabalho dos críticos que ocupavam os rodapés da época, tratando de uma grande quantidade de assuntos e áreas, suas abordagens eram especializadas, utilizando-se dos conhecimentos proporcionados pela formação universitária. A experiência de *Clima* foi decisiva para a formação do *SLOSP*, impondo ao suplemento uma visão da crítica como um campo especializado. O tratamento sério dado à crítica levou Oswald de Andrade a apelidar os integrantes do grupo de “chatoboys”.

⁸⁴ Decio ocupou a direção do suplemento de 6 de outubro de 1956 a 17 de dezembro de 1966, no número 508 da publicação.

⁸⁵ LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Do artístico ao jornalístico**: vida e morte de um suplemento. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. Entrevista concedida por Antonio Candido à autora, p. 48.

A experiência do *Suplemento* duraria até 1974, oito anos depois da saída de Decio de Almeida Prado da direção. Nos últimos anos, a publicação passou a circular em formato tabloide, e estava enfraquecida pelo processo de censura promovida pela Ditadura Militar, que afetava todos os órgãos de imprensa. No caso do *SLOSP*, vários de seus críticos foram prejudicados pela censura. Além das restrições do período da Ditadura, uma das explicações para o fim do *Suplemento* foi a falta de espaço para um projeto cultural no contexto da mídia moderna, cada vez mais voltada para a produção de informação instantânea e afetada pelas crises econômicas.

Ao longo de dez anos sob a direção de Decio de Almeida Prado, a publicação teve grande prestígio. O *SLOSP* “foi um dos eixos por onde gravitou o sistema cultural paulista até meados da década de 60”⁸⁶. O suplemento satisfazia uma demanda por pluralidade de abordagens, possibilitando o diálogo de diversas correntes teóricas, de forma independente de grupos de intelectuais ou orientação ideológica. “No caso do [*SLOSP*] não se pode nem mesmo falar em geração, tal a heterogeneidade de seus colaboradores, seja enquanto formação, ideologia, origem geográfica ou faixa etária [...]”⁸⁷

Um dos objetivos do *SLOSP* era funcionar como um veículo de atualização da cultura literária. Sua abordagem sobre as letras se voltava para a produção brasileira recente, para a formação do cânone nacional, mas também para literaturas de outros países. Havia uma grande quantidade de seções voltadas para literaturas estrangeiras. O jornal tinha rubricas para as literaturas hebraica, germânica, anglo-americana, italiana, libanesa, hispano-americana, espanhola, russa e africana.

Uma explicação para isso é que o *SLOSP* mantinha uma concepção de história literária baseada na identidade nacional. Nos anos 1950, o jornal impresso ainda não competia com a indústria cultural, o Brasil voltava-se para a literatura e outras manifestações artísticas como um instrumento de identidade nacional e transformação política. O pensamento intelectual do país incorporava a ideologia do nacional-desenvolvimentismo, tema presente em

⁸⁶ PONTES, Heloisa. **Destinos mistos**: os críticos do grupo *Clima* em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 210.

⁸⁷ WEINHARDT, op. cit., p. 15.

diversas publicações da imprensa da época⁸⁸. Intelectuais como Antonio Candido, Decio de Almeida Prado, Wilson Martins desenvolviam estudos sobre a moderna literatura brasileira, com destaque para os autores ligados ao Modernismo. Da mesma forma era concebida a literatura estrangeira — a partir do ponto de vista da construção do elemento nacional e a influência enriquecedora sobre as letras brasileiras.

O projeto de *O Estado de S. Paulo* enfraqueceu depois da saída de Decio, que coincide também com o período de maior controle da imprensa por parte do regime militar. No período da ditadura, o estado passou a tutelar a produção cultural. “O golpe militar tem um duplo sentido. Ele significa, primeiro, repressão, tortura, desmantelamento das forças de oposição. Mas os militares foram também os responsáveis pelo que diversos autores denominaram modernização autoritária”⁸⁹, ou seja, como o Brasil consolidava, no decênio de 1960, o mercado de bens culturais, o governo militar incentivou a produção e a distribuição desses bens. O estado autoritário, aliando-se a alguns grupos de comunicação, e eliminando outros, obteve apoio dos principais jornais e das emissoras de televisão para se manter no poder.

2.2 Nanicos e alternativos

Com o golpe de 1964 e a censura, a produção cultural acabou se refugiando nos meios alternativos, fora das grandes esferas de produção. Surgia uma imprensa alternativa vigorosa, compensando a falta de espaço nos grandes jornais. A crítica se misturava ao pensamento esquerdista engajado, em prol da redemocratização do país. Com a censura, a universidade e os grandes jornais deixavam de ser esferas livres de discussão política e intelectual, que passaram a ser feitas nos espaços alternativos⁹⁰.

Até o final dos anos 1970, quando se esboçava a abertura, foram editados cerca de 150 títulos de jornais, panfletos e revistas, que tinham em comum a oposição ao regime autoritário. A ampliação do número dessas

⁸⁸ MOTA, Carlos Guilherme da. *A ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 2004.

⁸⁹ ORTIZ, *Sociedade e cultura*, op. cit., p. 199-200.

⁹⁰ HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *34 poetas hoje*. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

publicações decorria da falta de espaço na grande imprensa. Os resultados foram importantes para a história recente da imprensa brasileira: surgiram veículos compostos de textos mais ousados. Destacaram-se *O Pasquim*, *Movimento* e *Opinião*.

Bernardo Kucinski identifica duas grandes linhagens da imprensa alternativa: a política, representada por órgãos vinculados aos partidos, ao movimento estudantil e a grupos de intelectuais de esquerda; e a existencialista, que absorvia as novas tendências da imprensa alternativa internacional, produzida por jornalistas, poetas e escritores⁹¹.

Da linhagem existencialista, jornais como *Pif-Paf*, o *Sol* e, principalmente, *O Pasquim*, tiveram um importante papel na renovação da linguagem da imprensa brasileira, ao trazerem uma abordagem livre de filiações políticas. A receita desses jornais era misturar a cultura literária, teatral e cinematográfica à indústria cultural e à liberdade típica dos movimentos de contracultura. Assim, um artigo de Otto Maria Carpeaux poderia estar ao lado de uma página de humor de Jaguar e Ziraldo.

A estética do jornalismo cultural alternativo chegou a influenciar, de forma diluída, a primeira fase do *Mais!*, que incorporou jornalistas como Sergio Augusto, Ruy Castro e Arnaldo Jabor, de *O Pasquim*. Sua linguagem opinativa e próxima à crônica era semelhante à utilizada no semanário carioca, embora sem a grande carga de humor comum em *O Pasquim*.

2.3 A Universidade contra-ataca: *Argumento*

No início da década de 1970, sob a fase mais difícil da ditadura, intelectuais ligados à universidade criaram veículos para discutir problemas brasileiros como o racismo, a desigualdade social, ideias políticas e estéticas — o que era praticamente impossível na grande imprensa. Os veículos mais importantes foram *Argumento* (1973-1974) e, já na fase final do regime militar,

⁹¹ De acordo com Kucinski, os jornais alternativos da linhagem política eram inspirados na valorização do *nacional* e do *popular* definidos nos anos 1950 e no marxismo dos movimentos estudantis dos anos 1960. Seu objetivo era a revolução política. Já os jornais do tipo existencialista, voltados para o questionamento do autoritarismo e dos costumes tradicionais, foram inspirados no movimento de liberação sexual e na contracultura. O que uniu esses dois tipos de jornal foi o combate à ditadura.

Almanaque (1976-1982), que, embora tivessem curta duração, obtiveram grande repercussão no meio intelectual brasileiro.

Argumento pretendia difundir uma noção de cultura de resistência e autonomia, contra as restrições de liberdade da Ditadura Militar e o avanço da indústria cultural. Seus editores almejavam a integração cultural dos diversos países da América Latina, movidos pela ideia de romper o ciclo de dependência em relação às grandes economias mundiais, principalmente a dos Estados Unidos, vistos como aliados dos militares e co-responsáveis pelo Golpe de 64.

A revista espelhava os ideais e os frutos de pesquisa da segunda e da terceira geração de professores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da USP, cujos trabalhos visavam criar uma consciência crítica e promover estudos sobre autores nacionais. Nesse momento, principalmente na área de ciências sociais, foram desenvolvidos estudos sobre as populações excluídas no Brasil, o racismo, a dependência econômica do Brasil em relação aos países industrializados — realizados por intelectuais como Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso.

No editorial do primeiro número, *Argumento* pedia a integração dos países da América Latina e conclamava os intelectuais para uma prática transformadora da sociedade. Num momento de oposição ao regime e à sua política cultural, *Argumento* assumia uma postura combativa, em que buscava as soluções para os problemas nacionais a partir da crítica social, inspirada no pensamento marxista e na Escola de Frankfurt⁹².

A revista defendia que a produção cultural massificada promove a alienação, embora prometa o esclarecimento. A indústria cultural, por meio de seus produtos destituídos de aura artística, representa o discurso dominante da sociedade, transmitido pelos meios de comunicação de massa⁹³. A crítica voltava-se à política cultural do governo militar, que deu amplo apoio à indústria cultural brasileira — sobretudo à televisão — e impôs uma série de restrições à universidade e ao desenvolvimento educacional do país.

⁹² COTA, Débora. **Contra fato há argumento**: leitura de uma revista cultural de resistência. Florianópolis: dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da UFSC, 2001.

⁹³ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Num dos textos mais importantes publicados na revista, “Literatura e subdesenvolvimento”, Antonio Candido defendia o papel de destaque da literatura — a alta cultura — na tomada de consciência do subdesenvolvimento e da necessidade da mudança social. Apesar de os intelectuais latino-americanos terem se empenhado na formação de uma consciência crítica, sobretudo no período posterior à Segunda Guerra, dificilmente suas vozes encontrariam eco na sociedade; só teriam ressonância se houvesse, assinalou Candido, uma preparação do público para a alta literatura⁹⁴.

É possível identificar a presença das ideias da Escola de Frankfurt no texto de Candido, para quem “[...] na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral”⁹⁵ e que não conseguem se transformar em leitores da alta literatura porque a educação que recebem só lhes garante acesso aos produtos da indústria cultural. São levadas ao consumo de cultura de massa sem antes terem passado pela alta cultura:

No tempo da catequese os missionários coloniais escreviam autos e poemas, em língua indígena ou em vernáculo, para tornar acessíveis ao catecúmeno os princípios da religião e da civilização metropolitana, por meio de formas literárias consagradas, equivalentes às que se destinavam ao homem culto de então. Em nosso tempo, uma catequese às avessas converte rapidamente o homem rural à sociedade urbana, por meio de recursos comunicativos que vão até a inculcação, impondo-lhe valores duvidosos e bem diferentes dos que o homem culto busca na arte e na literatura.⁹⁶

A revista considerava, então, a alta cultura como a única capaz de promover a transformação social. O papel do intelectual seria então servir como guia das massas, que não têm autonomia sobre as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação e são dominadas pelos seus conteúdos alienantes. Esse ponto de vista mais tarde foi bastante criticado. Renato Ortiz aponta o fato de que a discussão da cultura de massa, que ocorreu de forma tardia no Brasil, acabou privilegiando um viés elitista, em que

⁹⁴ CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

⁹⁵ Ibidem, p. 144.

⁹⁶ Ibidem, p. 145.

se enalteceu a alta cultura em detrimento da cultura popular. Essas análises se tornaram mais produtivas, afirma Ortiz, apenas quando as teorias de Gramsci sobre a cultura se popularizaram no Brasil, na década de 1970⁹⁷.

Na década de 1990, retomando o artigo de Candido, Silviano Santiago aponta a visão elitista do crítico literário da USP naquela época. Candido considerava os meios de comunicação de massa como entrave ao desenvolvimento cultural e, segundo a interpretação de Santiago, via como positiva a imposição dos valores “civilizados” ao índio por meio da catequese. Para Santiago, a cultura erudita não é, necessariamente, a saída para a tomada de consciência; tampouco é a cultura de massa responsável pela alienação. Para ele, a indústria cultural pode ser usada como elemento de difusão de conhecimento, desde que haja uma preparação que vá além da alfabetização fonética. Deve-se ensinar a ler não só as obras literárias, mas também os produtos da indústria cultural. Esse debate complexo foi retomado nos suplementos culturais. No *Mais!*, representou um tema importante, tendo em vista a definição de seu público. A questão será abordada no capítulo 3.

2.4 *Almanaque*: as culturas da mídia e as tendências da crítica

Outra experiência ligada a grupos da intelectualidade paulista foi *Almanaque*, revista de cultura mantida pela editora Brasiliense sob o comando de Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr. Saíram ao todo 14 edições, sem periodicidade fixa. A revista foi publicada num contexto político de abertura — em que vários setores da sociedade começavam a se organizar e a produzir novos discursos de identidade. Sob a ideia de promover a resistência cultural contra as formas de autoritarismo, movimentos sociais tiveram amplo desenvolvimento no período. A abertura resultou na criação do Partido dos Trabalhadores (PT), no início dos anos 1980, das campanhas de

⁹⁷ ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988, p 16.

redemocratização, como a das Diretas, em 1984, e ações afirmativas de minorias, como os movimentos feminista, gay, de negros e índios.⁹⁸

Na produção universitária, é possível observar uma guinada para a defesa de uma cultura popular que questionava as formas de dominação tradicional que vigoraram durante a Ditadura Militar — como a autoridade policial, a moral familiar e religiosa, o olhar masculino e burguês. Parte da crítica universitária tornou a defesa dessas novas identidades na vida brasileira do final da ditadura uma importante forma de intervenção na sociedade.

Na primeira fase, *Almanaque* ainda conservava a influência de um olhar sobre a cultura mais centrado nas questões políticas. É forte a presença de Antonio Candido — não tanto como colaborador, mas como ex-professor e orientador dos principais ensaístas e como teórico. Candido é o intelectual brasileiro mais citado em toda a publicação. Mas, se por um lado a publicação ainda preserva o discurso da importância da relação entre literatura e sociedade, por outro se abre a novas formas de produção cultural⁹⁹.

Essa maior abertura a temas considerados estranhos à cultura erudita possibilitou o debate a partir de uma visão crítica sobre a indústria cultural. Assim, atesta, ao mesmo tempo, o enfraquecimento do discurso judicativo dos intelectuais sobre a indústria cultural, e favorece uma intervenção mais interpretativa, conforme Renata Telles. A abertura para questões ligadas à indústria cultural se deveu a uma mudança de interesse de objetos de estudo na universidade¹⁰⁰.

⁹⁸ Os movimentos sociais ganharam força no Brasil no início dos anos 1980 com a abertura política. Seu propósito foi lutar pelo reconhecimento dos direitos e contra a discriminação. O resultado de suas ações foi a incorporação de uma série de direitos à Constituição de 1988, considerada a Constituição Cidadã por dar ampla proteção ao cidadão e reconhecer a dívida do Estado em relação a alguns grupos sociais. O movimento de luta pelos direitos civis ocorreu duas décadas antes nos Estados Unidos, quando diversas minorias lutaram contra a discriminação, em destaque os negros, vítimas do ódio racial no país. O ativismo político gerou uma série de medidas do estado para garantir condições de igualdade aos excluídos. Com isso, surgiram ações afirmativas, na década de 1960, com objetivo de criar estímulos especiais para promover os grupos discriminados. Depois de incorporado à comunidade negra, o conceito de ação afirmativa abrangeu outros grupos, como os imigrantes hispânicos, indígenas, asiáticos e também as mulheres. No Brasil, as ações afirmativas começaram a ser discutidas nos anos 1980 e implantadas a partir dos anos 1990.

⁹⁹ TELLES, Renata. **Glória póstuma**: Almanaque objeto de estudo. Florianópolis. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

¹⁰⁰ CANDIDO, Antonio. A sociologia no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n.1, p. 271-301, jun. 2006.

O estudo dos discursos dos veículos de comunicação era ainda tema secundário na revista. A partir do final da década de 1970, entretanto, já são sentidas as mudanças. As áreas mais tratadas na publicação continuaram sendo as tradicionais da alta cultura: filosofia, literatura, crítica, ideologia, educação. Mas assuntos relacionados às culturas da mídia tornam-se mais constantes, como indústria cultural, música popular, folhetim, tropicalismo, mercado editorial e televisão¹⁰¹. *Almanaque* também deu espaço para outras áreas que seriam abordadas de maneira abundante nas publicações culturais dos anos 1980, como a psicanálise, o feminismo, os estudos de gênero.

A maior parte dos textos de *Almanaque* é composta de ensaios voltados para a literatura, contra outros gêneros menos prestigiados — como entrevistas, resenhas e depoimentos. Em muitos casos, os ensaios eram versões simplificadas de teses desenvolvidas na universidade, com grande liberdade de redação. Para Renata Telles, o projeto da revista incorpora a abertura política do momento na forma do texto adotado. Sua ação política não é apenas voltada à oposição ao regime autoritário, mas para a abertura a outras formas de manifestações culturais e à diversidade de grupos sociais que, a partir do final da década, passaram a participar de forma mais intensa da esfera pública.

2.5 Os cadernos culturais da *Folha*

2.5.1 As variedades da *Ilustrada*

No dia 10 de dezembro de 1958, a empresa *Folha da Manhã* lançava a *Ilustrada*, caderno diário onde eram abordados os temas que não tinham espaço no primeiro caderno. O proprietário da rede de três jornais¹⁰², José Nabantino Ramos, explicou a razão de ser da publicação: “A *Folha Ilustrada* foi criada para evitar que os homens se apoderassem do jornal e as mulheres

¹⁰¹ TELLES, op. cit., p. 129.

¹⁰² A empresa *Folha da Manhã* administrava três jornais até janeiro de 1960: *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. Inicialmente, a *Ilustrada* era veiculada na *Folha da Noite* e na *Folha da Tarde*. Um ano depois, em 5 de dezembro de 1959, a *Folha da Manhã* passou a trazer o caderno. Em primeiro de janeiro de 1960, com o fim dos títulos *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, a *Ilustrada* começou a circular exclusivamente na *Folha de S. Paulo*, nome criado para substituir os outros dois veículos.

ficassem de mãos abanando, sem nada para ler [...] ¹⁰³”. A ideia refletia a segmentação e a ampliação do mercado, que pode ser associada ao surto de desenvolvimento econômico dos anos 1950. O caderno surgiu em meio ao aumento de oferta do noticiário das agências internacionais, que distribuíam material sobre as estrelas do cinema e da música. Englobava uma ampla quantidade de temas que poderiam ser classificados de “variedades”. É difícil classificar o caderno, em seus primórdios, como pertencente ao jornalismo cultural, já que era composto por uma série de textos sobre temas cujo principal critério de seleção era não caber em outro lugar a não ser em um caderno de variedades — como pequenas notícias sobre artistas, curiosidades, notas sobre concursos de *misses*, horóscopo e coluna social ¹⁰⁴.

O caderno passou a ser repensado no decênio de 1970, quando a briga pela conquista do mercado em São Paulo tornou-se mais agressiva. Em sua reformulação para enfrentar a concorrência, a *Ilustrada* reunia ingredientes importantes do jornalismo cultural, como diagramação leve, fotos grandes, títulos criativos e cobertura voltada para artes, espetáculos e literatura. Além de trazer um roteiro com as opções culturais da cidade, o caderno publicava críticas e crônicas de Flávio Rangel, Glauber Rocha, Plínio Marcos, Paulo Francis e Tarso de Castro, entre outros. Este mesmo grupo — oriundo do jornalismo alternativo de *O Pasquim* — seria responsável pelos primeiros anos do *Folhetim*. Tanto na *Ilustrada*, quanto no *Folhetim*, a abordagem política de esquerda estava presente, com a defesa de um tipo de produção cultural que representasse o nacional-popular.

Na década de 1980, outra geração assumiria a *Ilustrada*, com uma visão mais liberal do que aquela de esquerda do grupo anterior. Esse período coincide com a ampliação do mercado de bens culturais no Brasil, além de dar espaço a um conteúdo mais cosmopolita e menos voltado para uma plataforma

¹⁰³ GONÇALVES, Marcos Augusto. **Pós-tudo: 50 anos de cultura na *Ilustrada***. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 20.

¹⁰⁴ O jornal seguia a tendência de sucesso dos cadernos femininos dos anos 1950, que tratavam principalmente de temas ligados às celebridades e ao consumo. Despolitizado, sem prestígio entre os jornalistas “sérios”, esse tipo de jornalismo era feito para mulheres e, em muitos casos, por mulheres. O “jornalismo de fofoca” era objeto de preconceito nas redações, o que evidenciava a divisão de gênero no trabalho na imprensa: enquanto os homens se ocupavam do “grande” jornalismo — a editoria política, a crítica cultural —, as mulheres escreviam e liam sobre as estrelas do cinema, do rádio e as últimas novidades da moda de Paris. Ironicamente, o jornalismo hoje é altamente influenciado pela cultura das celebridades.

nacionalista, valorizando-se a autonomia da arte sobre o seu conteúdo político, além da presença mais forte do mercado. Foi um reflexo da efervescência cultural da cidade de São Paulo, que apresentava uma produção inovadora em diversas frentes, como o rock, o teatro e a música popular. Na área de publicações, havia o crescimento de editoras voltadas para o público universitário, como a Brasiliense e, na segunda metade da década, a Companhia das Letras, que marcou uma visão mais mercadológica quanto à publicação de livros no Brasil.

O mercado era uma realidade a ser incorporada. Em 1985, o projeto editorial da *Folha* já estabelecia que a *Ilustrada* deveria considerar que a “cultura [é] [...] um fato de mercado”¹⁰⁵ e que a produção cultural nacional se fundia com a internacional. Por isso, a publicação precisava levar em conta a indústria cultural. Com um olhar menos nacionalista e mais aberto aos produtos dessa indústria, uma equipe jovem impulsionaria a cobertura de artes na *Ilustrada*. Isso significava grande espaço às artes e espetáculos e à cultura pop — quadrinhos, bandas de rock, comportamento.

A *Ilustrada* criou um modelo de cobertura cultural que influenciou os cadernos dos grandes jornais da década de 1980 em diante. Esse novo formato foi objeto de crítica de autores que localizam nessa década o início da decadência do jornalismo cultural, por privilegiar a informação e não a reflexão, por ter apostado na modernização gráfica e na linguagem simplificada com o objetivo de conquistar o leitor jovem¹⁰⁶. O jornal privilegiou a informação, a fragmentação, com espaço restrito para publicação de artigos de crítica. Quando eram publicados, estes apareciam na forma de polêmica, com réplicas e tréplicas entre seus autores, numa estratégia de conquista de público.

Na complicada relação entre a crítica e o jornalismo no século XX, a década de 80 marcou o aumento da distância entre essas duas esferas, porque o jornalismo sentia as consequências das influências da dinâmica empresarial. Além disso, a crítica jornalística da década de 1980 herdara do decênio anterior a aversão às teorias divulgadas na universidade. Nos anos 1970,

¹⁰⁵ GONÇALVES, Pós-tudo, op. cit., p. 268.

¹⁰⁶ Esse tema foi discutido, entre outros autores, por GADINI, Sérgio Luiz. **Tematização, agendamento e construção da cultura no jornalismo contemporâneo**. Tese de doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2004; JANUÁRIO, Marcelo. **O olhar superficial: as transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2005.

popularizavam-se, nos cursos de Letras, as teorias estruturalistas, às quais os jornais mantiveram-se impermeáveis. Luiz Costa Lima criticou, em artigo de 1975, esse tipo de aversão. Para ele, havia dois problemas no sistema intelectual brasileiro — incluindo nele o jornalismo cultural: a resistência às ideias teóricas e a dependência da produção intelectual estrangeira. Segundo Costa Lima, os jornais davam uma importância excessiva às novidades e tinham medo de trabalhar a crítica porque precisariam se deparar com questões muito mais complexas do que apenas a divulgação de produtos culturais.¹⁰⁷

A aversão à crítica tornou-se mais visível na década de 1990, quando a indústria cultural brasileira ampliou-se ainda mais, com o início das operações no país das TVs por assinatura e, em 1996, da internet. Além da ascensão desses novos meios, os jornais foram atingidos pela crise das empresas de comunicação, que apostaram num crescimento que não chegou a ocorrer por conta de crises econômicas no país. O período mais difícil ocorreu de 1998 a 2005¹⁰⁸, quando houve cortes de salários, demissões, terceirização de profissionais e mudança de controle acionário de empresas do setor.

Em consequência do período de crise, os jornais tiveram que dar novas respostas ao leitor. O aumento da oferta de produtos de comunicação — que concorrem com o veículo impresso — passou a interferir no tempo de leitura do jornal. Conforme Marcos Augusto Gonçalves, a direção da *Folha* não optou por transformar o caderno num produto elitista; na verdade, apostou nos novos interesses do leitor, muito mais preocupado com o entretenimento e visto como consumidor em potencial para diversos tipos de produtos e serviços divulgados no jornal. Foi clara a orientação de despolitizar as abordagens em função da estratégia de mercado.

Nessa linha, a *Folha* começou o século 21 preocupando-se em absorver um pouco mais as temáticas do individualismo hedonista, do mundo do lazer e do consumo, das novidades da ciência, das

¹⁰⁷ LIMA, Luiz Costa. **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 196.

¹⁰⁸ A partir de 2006, houve uma retomada do setor. A recuperação econômica do país fez aumentar a tiragem e os investimentos nos jornais impressos. Esse aumento, no entanto, está longe da ampliação conseguida na década de 1990, conforme mostra estudo de SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal**: a *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.

promessas da medicina e da agenda do mercado cultural. [...] o universo despolitizado das variedades revigora-se na pauta da mídia atual. *A cobertura da Ilustrada torna-se mais noticiosa, utilitária e abrangente, numa época em que poucos esperariam das páginas culturais de um jornal algum poder transformador*¹⁰⁹.

Dos anos 1990 em diante, tem sido crescente a pressão sobre os veículos de cobertura cultural, porque há cada vez mais influências mercadológicas na produção jornalística. O editor Cássio Starling Carlos reforça essa ideia, ao afirmar que a pauta da *Ilustrada* dá cobertura à agenda de eventos culturais fornecida pelas assessorias de imprensa ou por agentes do marketing. Para ele, isso marca uma estratégia cada vez mais agressiva do mercado em relação aos cadernos culturais, que são considerados importantes instrumentos de divulgação e marketing para produtos como shows, livros, exposições, filmes.

O efeito para o jornalista é que foi reduzida a quase zero a ambição de cavar pautas diferenciadas, pois elas caem no colo (entrevistas e viagens), mas são previsíveis e parecem muitas vezes irrelevantes para o público [...]. Sob a lógica implacável de consumo e descarte, são poucas e rarefeitas as tentativas de oferecer ao leitor abordagens estruturais e conjunturais, esforços de fôlego para revelar movimentos mais subterrâneos [...]¹¹⁰.

Primeiro caderno cultural da *Folha*, a *Ilustrada* foi-se ramificando em publicações mais especializadas, como os suplementos de fim de semana, linhagem que tem o *Folhetim* como primogênito, o *Letras* como filho do meio e o *Mais!* como o caçula mais longevo. Em 23 de maio de 2010, surgiu o *Ilustríssima*, que entrou em circulação para substituir o *Mais!*. Embora sejam publicações diferentes, há um intercâmbio intenso de profissionais que trabalham simultaneamente no caderno diário e no semanal. O humor do mercado e as diversas tendências do jornal também deram a tônica nos dois lados. Enquanto a *Ilustrada* manteve-se como o caderno cultural do dia a dia, com a cobertura da indústria cultural, privilegiando as relações com o mercado, os novos produtos foram criados para atender ao público *cult* da *Folha*, mantendo o verniz da alta cultura, que em muitos momentos sucumbiu à força do mercado.

¹⁰⁹ GONÇALVES, **Pós-tudo**, op. cit., p. 352. Sem grifos no original.

¹¹⁰ Idem.

Entre abril de 1995 e abril de 2004, numa parceria com a USP, Unicamp e UFMG, a *Folha* veiculou o encarte mensal *Jornal de Resenhas*, que depois passou a ser editado pela editora Ateliê Editorial e vendido em banca como publicação independente. Para satisfazer a crescente segmentação do mercado, a *Folha* lançou também um ramo de suplementos semanais que privilegiaram a indústria cultural, entre eles o *Folhateen*, de 1991, e o *TV Folha*, de 1995. Este último, devido às crises econômicas, foi incorporado à edição diária da *Ilustrada*.

2.5.2 O caderno da Abertura: *Folhetim*

O *Folhetim* foi criado num momento de transição da história brasileira: do final do período mais violento da Ditadura Militar para a fase de abertura, nos anos 80. Sua implantação representou a aproximação da *Folha* com a esquerda. Numa época em que o jornal aproveitava a abertura para ganhar a simpatia do leitor jovem e intelectualizado, de esquerda, o suplemento contribuiu, em sua primeira fase (1977-1979), para a construção de uma imagem esquerdista para a *Folha*.

O principal modelo foi a imprensa alternativa, que havia vivido seu período áureo no início dos anos 70. Essa ligação moldava, também, um projeto de esquerda: o jornalista era considerado o agente que conduz o leitor ao esclarecimento e à autonomia. O *Folhetim* — nome do primeiro produto seriado da indústria cultural, criado na França na década de 1830 e formador da indústria do entretenimento — tornava-se, contrariando seu nome, a “enciclopédia nacional-popular”¹¹¹ da *Folha*, com objetivos claros de assumir uma posição oposta ao regime autoritário. Conforme pesquisa de Marco Antonio Chaga¹¹², esta visão vigorou até a segunda fase do suplemento (1979-1982), quando os temas ligados à solução dos grandes problemas brasileiros ganham espaço na pauta, acompanhando um período em que os movimentos

¹¹¹ CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. **Rapsódia de uma década perdida: o *Folhetim* da Folha de S. Paulo (1977-1989)**. Tese de doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2001.

¹¹² Idem.

sociais se fortaleceram no país. Na terceira fase (1982-1989), o suplemento deu espaço às discussões das ciências humanas feitas na universidade.

Chaga classifica a primeira fase do suplemento como aquela na qual houve preponderância dos intelectuais de esquerda e que, paradoxalmente, convivia com um tratamento acrítico da indústria cultural, cujo desenvolvimento havia sido patrocinado, em partes, pelo regime autoritário que era alvo de crítica dessa mesma esquerda. Do ponto de vista da forma, a linguagem adotada era semelhante à de *O Pasquim*. Ladeando entrevistas e reportagens sobre figuras históricas da política de esquerda, estavam crônicas engajadas e um amplo espaço destinado a cartuns e ao humor. O suplemento dava, ainda, um espaço generoso à divulgação de informações ligadas à televisão brasileira e ao cinema.

Para Chaga, a ideia de misturar, nas páginas do suplemento, produtos e ícones da alta cultura e da cultura de massa sem um posicionamento crítico pode ser entendida como estratégia para alcançar um público mais amplo na primeira fase do caderno. Na visão do pesquisador, a abordagem do *Folhetim* em relação à crítica aproximava-se do senso comum. Enquanto nas universidades brasileiras dos grandes centros a crítica era discutida e produzida sob vários referenciais teóricos — do estruturalismo à psicanálise, da semiótica à desconstrução — o *Folhetim* reabilitava a figura do crítico de rodapé, numa estratégia de aproximação ao leitor não especializado. Jorge Amado, à época o maior *best-seller* brasileiro, foi a personalidade literária mais exaltada. Em entrevista ao suplemento, cuja capa anunciava o “compadre Jorge Amado”, o prosador baiano destacava a importância de o escritor falar próximo ao leitor, entender suas demandas, deixando para segundo plano a experimentação da linguagem.

Na segunda fase (1979-1982), o suplemento abandonou a influência da imprensa alternativa e se voltou para as questões de política da época da abertura. Aparecem discussões sobre problemas sociais da cidade e do país, entre eles a falta de moradias, a explosão demográfica, a urbanização de áreas deterioradas, o racismo. Outro ponto importante desta fase foi a aproximação com o mundo acadêmico. Professores das universidades paulistas contribuíram com seu saber especializado como fontes de informação para os jornalistas do *Folhetim*. Sua participação efetiva na

redação de artigos viria apenas na terceira fase, quando diminuiu a participação dos jornalistas no caderno, que adotou um modelo mais próximo ao *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo* nos seus primeiros anos.

Ao se aproximar da universidade, o *Folhetim* redirecionou seu projeto, em face da presença dos movimentos sociais na cena pública e na universidade. Marco da abertura política, a década de 1980 era inaugurada como uma oportunidade para os problemas brasileiros serem repensados. “Para suportar a envergadura deste imenso projeto nacional, a questão da cultura associada a uma Sociedade Civil fortalecida deveria supor um programa capaz de reformular todo o quadro temático dos dilemas que impediam o ingresso do país ao paraíso do Primeiro Mundo”¹¹³. E o *Folhetim* ajudaria a pensar — ou pelo menos a discutir — esse projeto. O papel atribuído ao suplemento foi a de educador, sob influência do pensamento gramsciano, conforme identifica Chaga. A missão do jornal era preencher o vazio deixado pela política obtusa do regime militar quanto à educação. O jornalista tornava-se, então, um aliado do professor, por trazer informações que refletissem as grandes preocupações nacionais.

No período compreendido pela segunda fase, a literatura torna-se um debate secundário no suplemento. O principal motivo é que o debate sobre a sociedade civil tornou-se preponderante com o processo de democratização do país, quando novos espaços de discussão foram abertos na sociedade. Novas identidades ganham espaço, a separação entre o erudito e o popular tornou-se mais tênue, movimentos sociais conquistam maior espaço. Assim, “[...] o valor literário deixava de ser a única moeda de troca e a condição social passava a ter valor semelhante nesta outra forma de hierarquizar a produção contemporânea”¹¹⁴.

A terceira fase marcou uma guinada no projeto do *Folhetim* e, novamente, refletiu uma estratégia mercadológica da direção da *Folha*, desta vez foi a aproximação com a universidade. Na prática, a participação de intelectuais da universidade já ocorria em outros espaços do jornal, como na seção “Tendências/ Debates”. Mario Cesar Conti, que ocupou a edição do

¹¹³ Ibidem, p. 78.

¹¹⁴ Ibidem, p. 197.

Folhetim, afirma que, quando foi convidado para dirigir o caderno, sua proposta inicial era fazer uma revista cultural, que tratasse de temas variados em formato de jornalismo literário. Ao conversar com o *publisher*, no entanto, teve uma surpresa:

O seu Frias [Otavio Frias de Oliveira] me chamou. Estava com a minha proposta na mesa, com umas anotações, e me disse: 'Olha, está aqui o troço que você quer fazer no *Folhetim*, mas você não vai fazer isso. Eu quero que você faça o seguinte' — e isso é importante: "Eu quero que você tire toda a academia que escreve no *Estadão* e traga para o *Folhetim*". E me avisou que de vez em quando mandaria um artigo para eu publicar. Eu voltei e falei com o Caio [Tulio Costa]: "Ih, acho que estamos fodidos".¹¹⁵

Os primeiros convidados a escrever no *Folhetim* foram os poetas concretos. No início dos anos 1980, conforme Conti, tanto a equipe da *Ilustrada* quanto a do *Folhetim* sofreu influência das ideias do Concretismo e do Tropicalismo. O primeiro representou atualização estética e internacionalismo; o segundo, a possibilidade de diálogo entre os diversos níveis de produção cultural, da canção tradicional ao rock inglês. E isso significava, de certa forma, uma posição contrária às atitudes do grupo anterior, que havia criado a identificação do *Folhetim* com um suplemento de esquerda, mais preocupado com a luta contra o regime autoritário.

Se a figura literária central da primeira fase foi Jorge Amado, na terceira, o grupo dos poetas concretos ocupou o foco do suplemento. Isso foi comprovado por Chaga que, em sua pesquisa, verificou um aumento significativo de textos e traduções feitas por intelectuais próximos ao Concretismo. Em depoimento sobre a geração *Ilustrada* dos anos 1980, Marcos Augusto Gonçalves afirma que intelectuais como Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari representavam modernidade e internacionalismo, oferecendo uma sofisticação teórica que não poderia ser encontrada num Jorge Amado ou nos cronistas mais assíduos na primeira fase do *Folhetim*, como João Ubaldo Ribeiro ou Plínio Marcos.

Os poetas concretos, naturalmente, despertavam interesse entre muitos que não aderiram ao cânone nacionalista de esquerda e não viam na política a melhor conselheira da estética. A simpatia em relação aos concretos não dependia necessariamente de uma adesão irrestrita ao projeto da 'fase heroica', que propunha o fim do

¹¹⁵ GONÇALVES, *Pós-tudo*, op.cit., p. 238.

verso tradicional e a construção do poema segundo um sistema de significados visuais e verbais [...] ¹¹⁶

Chaga observa que o gênero textual ensaio predominou na terceira fase do *Folhetim*, à frente da entrevista e da reportagem. Na leitura de Chaga, a predominância do ensaio refletia a diversidade de ideias que circulavam durante o período. À preferência por este gênero estavam relacionadas tentativas de se apagarem fronteiras entre as disciplinas. Optava-se “[...] por tomar de empréstimo pressupostos de outras áreas do conhecimento, realinhando-as a favor da criação de um tipo de ensaio difícil de classificar, ou seja, híbrido teórico” ¹¹⁷.

Houve nessa fase declínio de textos ficcionais e de poemas e aumento de traduções e ensaios. Se na segunda fase buscava-se o culturalismo, este é silenciado na terceira, na qual as altas literaturas são observadas sob novos ângulos. Uma das formas de ampliação e atualização da cultura literária foi a veiculação de traduções, grande parte delas publicadas pelos poetas concretos ou por tradutores que tinham como projeto a “transcrição”, privilegiando as teorias defendidas no programa concretista.

Nas páginas do *Folhetim* foi travada uma das polêmicas mais importantes da década de 1980. Em 1985, Augusto de Campos publicava o poema “Pós-tudo”, que teve como resposta o artigo de Roberto Schwarz intitulado “Marco histórico”. Nele, Schwarz criticava o fato de os concretistas supostamente utilizarem a história literária de modo a desembocar sempre na Poesia Concreta. O que estava em jogo no debate eram duas noções de história literária: uma que entende a literatura como sucessão de obras e autores — associada à visão de Schwarz e à abordagem sociológica da literatura — e outra que entende a literatura como um processo sincrônico, em que a recepção e a produção ocorrem independentemente de uma perspectiva histórica linear, posição dos poetas concretos.

No *Folhetim*, os poetas concretos saíram fortalecidos da “batalha” — já que eles representam, conforme Chaga, a “série dominante” no suplemento. Além do espaço para a exposição de suas ideias sobre a teoria literária, os

¹¹⁶ Ibidem, p. 240.

¹¹⁷ CHAGA, op. cit., p. 121.

poetas concretos e seus epígonos gozaram de amplo espaço para a publicação de “transcrições” poéticas. As outras formas de se pensar a literatura, diz Chaga, perdem-se no emaranhado de textos; não se forma um conjunto coerente de textos, com uma linha que se opusesse ao concretismo. Mesmo com o desaparecimento do *Folhetim*, a colaboração dos poetas concretos foi duradoura nos veículos culturais da *Folha*, como o *Letras*, a *Ilustrada* e o *Mais!*. A extinção do *Folhetim* se deveu às dimensões assumidas pela indústria cultural ainda no final da década de 1980. Este novo espaço ganhou cobertura jornalística no *Letras*.

2.5.3 O triunfo do mercado: *Letras*

Com a extinção do *Folhetim*, foi criado o caderno *Letras* (1989-1992), que, em vez de dar grande destaque a ensaios e artigos sobre ciências humanas e literatura, fixou-se aos lançamentos do mercado editorial com enfoque jornalístico. Em levantamento feito nas edições do suplemento de 1989 e 1990, Rafael Copetti verificou a prevalência de gêneros informativos e de serviço ao leitor, em detrimento da crítica. Assim, 46% dos textos publicados naqueles anos referiam-se a resenhas; apenas 14% dos textos eram ensaios e 2%, debates entre os intelectuais.¹¹⁸

O suplemento tratou a literatura de forma genérica, numa linguagem simplificada, que seguia a linha da edição cotidiana do jornal. Assim, os ensaios, que eram abundantes na última fase do *Folhetim*, foram menos frequentes no *Letras*. Este espaço foi ocupado por grandes nomes da literatura e da crítica brasileira ou por artigos publicados em jornais e revistas internacionais, divulgados com exclusividade no Brasil pela *Folha*.

O *Letras* começou a ser publicado num momento em que o mercado editorial brasileiro deu grande salto. Por um lado, novas editoras que apostaram no mercado universitário foram criadas, por outro, formava-se no

¹¹⁸ COPETTI, Rafael Zamperetti. A polêmica literária no suplemento Letras da Folha de S. Paulo (1989-1990). *Nelic – Boletim de Pesquisa*, Florianópolis, n. 6/7, jun. 2003. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa_6_7/a_polemica_literaria_no_suplemen6_7.htm>. Acesso em 16/09/2009.

Brasil o fenômeno do *best-seller*, tanto em relação a autores estrangeiros quanto nacionais. O *Letras* surgiu na mesma época do fenômeno de vendas Paulo Coelho. O autor foi divulgado na lista dos mais vendidos da semana, seção fixa do suplemento. A publicação passou a funcionar como um agente do mercado editorial brasileiro, com uma forte tendência a “tratar a cultura como uma mercadoria”¹¹⁹.

Copetti destaca as polêmicas travadas no suplemento, que evidenciaram a indecisão quanto a que tipo de produto veicular e a que público privilegiar. Uma delas envolveu autores da literatura de massa, como Marcelo Rubens Paiva, que partiu em defesa de Paulo Coelho e atacou a crítica da *Folha*, que supostamente estaria dando liberdade para “qualquer um escrever”. A segunda polêmica ocorreu entre José Guilherme Merquior e Ricardo Musse. Essas discussões, segundo Copetti, evidenciam a tendência de o suplemento promover, ao mesmo tempo, a alta cultura e a cultura de massa.

Uma das tendências observadas na pesquisa de Copetti foi a predominância de autores estrangeiros sobre os brasileiros, justamente na seção “Primeira Leitura”, em que eram divulgados excertos de livros inéditos publicados por grandes editoras brasileiras. Esta seção e as resenhas acentuam a tendência “globalizada” e internacionalista da publicação, em que o artigo “importado” ganhou mais espaço que o produto nacional. Na verdade, refletiu uma tendência do mercado editorial do final dos anos 1980. Na década seguinte, essa tendência continuaria presente no *Mais!*, com destaque para a publicação e divulgação de novas traduções de autores consagrados. Mas, diferente do *Letras*, o *Mais!* acompanhou e divulgou lançamentos de autores nacionais.

O projeto editorial de *Letras* se esgotou rapidamente, provavelmente por um problema de formação de leitor: o suplemento distanciava-se do público que consumia a alta literatura por adotar uma linguagem demasiado comercial, tampouco conseguia aproximar-se do público do jornal por ainda manter nessa linguagem híbrida resquícios de abordagens mais analíticas e pouco atraentes. O projeto durou menos de três anos. O suplemento foi incorporado ao *Mais!*, que adotou a rubrica “Letras” nos primeiros anos de circulação. Logo depois,

¹¹⁹ COPETTI, Rafael Zamperetti. Anotações acerca da relação entre *Letras* e o mercado editorial. **Nelic – Boletim de Pesquisa**, Florianópolis, n. 5, p. 53, mar. 2001.

ela foi substituída pela rubrica “Livros”, contendo artigos e resenhas, privilegiando os lançamentos editoriais.

2.6 Suplementos até o *Mais!*

Nesta exposição, observam-se mudanças na forma como a literatura vem sendo tratada nos suplementos. Nos anos 1950, os jornais eram “caixas de ressonância” do mundo intelectual brasileiro. Os grandes veículos impressos dos maiores centros urbanos do país mantinham interlocução importante com o leitor; desempenhavam o papel pedagógico de preparar o leitor e divulgar a produção literária da época. Os jornais dirigiam-se a um público-leitor bastante seletivo, quando apenas uma pequena parcela da população tinha acesso aos bens culturais.

Entre os anos 1960 e o final dos anos 1970, a produção literária e a crítica nos jornais brasileiros perderam espaço. Um dos motivos foi o controle imposto pela Ditadura Militar. Nesse período marcado pela oposição ideológica, os intelectuais encontraram espaço quase que exclusivamente na universidade ou nos meios alternativos. Outro motivo é que, já nos anos 1960, expressava-se a separação entre os campos de ação do jornalista e do escritor. Influenciados pelo jornalismo industrial norte-americano, os veículos brasileiros reservaram espaço cada vez menor à criação literária e à crítica. A literatura passou a ser veiculada como notícia e reportagem.

Silviano Santiago chama a atenção para o fato de que, nas páginas dos jornais e nos suplementos, desenvolveu-se uma geração brilhante de críticos, proporcionando ao leitor informação e formação. Essa geração não teve sucessores, porque a lógica de funcionamento dos jornais não o permitiu. Hoje são raros os jornais que conseguem transcender o resenhismo e a produção de roteiros de fim de semana. Santiago defende que é importante incentivar a retomada do diálogo entre os intelectuais e a imprensa¹²⁰.

O jornal não é mais o porta-voz dos intelectuais. O jornalismo teria se transformado num espaço de disputa pelo público, pois “[...] aqueles que

¹²⁰ SANTIAGO, O cosmopolitismo, op. cit., p. 166.

controlam o acesso aos instrumentos de comunicação tendem a instaurar o vazio [...] mediático no coração do aparato de comunicação e a impor cada vez mais os problemas superficiais e artificiais nascidos apenas da concorrência pela mais vasta audiência [...] ¹²¹”.

O suplemento tornou-se uma espécie de guia do leitor. Guia não no sentido de formação, do letramento do leitor que vive em meio a um ambiente intelectual restrito, mas como um roteiro de compras dos produtos culturais disponíveis. Diante da consolidação do mercado, a publicação dos suplementos tem uma posição ambivalente. Por um lado, representa adesão. A pauta do suplemento é alimentada pelas assessorias de comunicação das editoras e dos projetos culturais privados — já que a presença do Estado é pequena na definição de diretrizes culturais; as editoras, cada vez mais profissionalizadas e visando setores específicos do mercado, veem os suplementos como aliados nas vendas. Por outro lado, o suplemento reflete ainda a esfera pública e os debates intelectuais da sociedade. Consta-se que os textos publicados no *Mais!* transcendem o espaço efêmero do jornal, chegando a ser reunidos em livros mais tarde, pelos seus autores. ¹²² Apesar disso, trata-se de uma esfera de debates em que prevalece o enfoque no “medalhão”, em que ganham espaço os grandes nomes da literatura brasileira e estrangeira em detrimento de autores novos. Trataremos esse tema a seguir.

¹²¹ BOURDIEU, *As regras da arte*, op. cit., p. 376.

¹²² Os exemplos são abundantes. Entre eles, podemos citar: ASCHER, Nelson. **Pomos da discórdia**: política, religião, literatura etc. São Paulo: Editora 34, 1996; PERONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; NESTROVSKI, Arthur (org). **Em branco e preto**: artes brasileiras na Folha (1990-2003). São Paulo: Publifolha, 2004; PERONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e mexe, nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; BURKE, Peter. **O historiador como colonista**. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAPÍTULO III

3 VISÃO GERAL DO *MAIS!*

No capítulo anterior, vimos que o jornalismo cultural brasileiro passou por um processo de decadência que se iniciou nos anos 1980, com a adoção de uma linguagem próxima à indústria cultural. Isso ocorreu, por um lado, devido à especialização dos saberes — com os intelectuais sendo absorvidos cada vez mais pela universidade e com espaço mais restrito nos jornais para a publicação de crítica cultural — e, por outro, à estagnação do número de leitores dos grandes jornais brasileiros.

A criação de suplementos culturais pela *Folha* do final da década de 1970 até a atualidade pode ser entendida como um movimento que oscila entre a tentativa de se estabelecer um vínculo forte com um tipo de jornalismo crítico, promovendo as grandes discussões culturais e sociais, e a adesão às demandas do mercado, em que o leitor é tratado meramente como consumidor. O suplemento *Mais!*, nos seus primeiros 12 anos de veiculação (1992-2004), oscila entre a busca de um discurso crítico, próximo da alta cultura, e a adesão aos procedimentos da indústria cultural.

O objetivo deste capítulo é discutir as principais linhas do suplemento, com a caracterização dos temas que constituíram seu discurso central — se é que é possível fixar linhas tão claras a ponto de chamá-las centrais num veículo cuja principal característica foi a fragmentação. Na verdade, o período em questão — em que por várias vezes se proclamou o fim de muitas disciplinas, na esteira da tese do fim da história — foi mais de desagregação do que de centralização.

O percurso envolveu observações feitas a partir da leitura de 664¹²³ edições, publicadas no período de 16 de fevereiro de 1992 a 14 de novembro de 2004, cobrindo a maior parte da década de 1990 e o início dos anos 2000. Desse período, localizamos as principais fases do suplemento, mostrando o que mudou e o que permaneceu, além de expor as estratégias editoriais da publicação. Para fazer a caracterização geral do suplemento, que cobre um

¹²³ Apesar de o jornal registrar 665 números no período estudado, o *Mais!* não circulou em 28/12/2003. Dessa forma, o número 619, embora registrado, não existe.

vasto período e conta com muitos fragmentos, optamos por discutir algumas abordagens que pareceram mais significativas, entre elas a descrição do objeto de pesquisa; a identificação de suas principais fases; a configuração do leitor no *Mais!*; a defesa do literário como antídoto contra o avanço dos estudos culturais; o elogio dos intelectuais que formaram o pensamento moderno no país.

Outras abordagens são possíveis. No entanto, a leitura do suplemento aponta para a repetição de uma estratégia editorial que valoriza os grandes nomes da literatura brasileira, em detrimento da produção literária da década de 1990, que ganha espaço secundário no veículo. Numa época em que se prega “o fim de tudo”, a estratégia editorial mais comum foi acionar os autores e intelectuais que já fazem parte de uma tradição crítica brasileira, como se a sua releitura para o público pudesse incentivar e “corrigir” a produção contemporânea, considerada de pouca importância, haja vista o espaço que lhe é destinado. É essa discussão que faremos a seguir.

3.1 Da indústria cultural à alta cultura

O suplemento *Mais!* foi lançado em 16 de fevereiro de 1992. Foi fruto da incorporação da cobertura jornalística que vinha sendo feita na *Ilustrada* de domingo, no suplemento *Letras*, abrangendo ainda editoriais de *Ciência e Mundo*, além de coluna social, horóscopo, quadrinhos e serviço de informações culturais: roteiro de cinema e programação de teatro de São Paulo, lançamento de livros, material jornalístico sobre multimídia, lista dos livros mais vendidos na semana, enquetes com intelectuais sobre os livros que estavam lendo, notas sobre lançamento de livros e revistas acadêmicas.

O nome indica a fusão dos cadernos culturais da *Folha*, conforme Isabel Travancas, para quem a designação “parece reforçar a ideia de soma de setores, ao mesmo tempo em que não situa o leitor ou apresenta o caderno, já que o título é vago e não delimita um caderno de livros, nem de

ciência ou de cultura”¹²⁴. Conforme Marcos Augusto Gonçalves, que participou da criação do *Mais!* e foi seu primeiro editor, o contexto de recessão econômica do governo Collor foi determinante para seu lançamento.

Ele surgiu quando os jornais enfrentavam escassez de papel, além de hiperinflação e desvalorização da moeda brasileira. Era necessário então o corte de seções e cadernos. Em compensação, nessa mesma época era preciso investir na segmentação dos produtos jornalísticos, com a substituição de antigos suplementos, procurando-se preservar o público fiel e conquistar novos leitores. A ideia era aproveitar o prestígio conquistado pela *Folha* no início da Nova República, em que o jornal conseguiu aumentar seu leitorado ao apoiar a campanha das Diretas no fim da Ditadura Militar e se manter crítico em relação aos governos Sarney e Collor.

O *Mais!*, na realidade, no que se referia a espaço, era “menos”. O suplemento nasceu em uma fase de economia de papel, em meio à recessão provocada pelas medidas de Collor (o caderno, na realidade, foi uma sugestão minha, inspirada no *Babelia*, suplemento cultural do diário espanhol *El País*). Ele empacotou a *Ilustrada* de domingo e uma série de produtos, como o *Letras*, o *Multimídia* (que publicava artigos da imprensa estrangeira) e o *Ciência*¹²⁵.

A visão de Gonçalves é confirmada pelo segundo editor da publicação, Alcino Leite Neto. “Quando o *Mais!* foi criado (...), uma das brincadeiras que mais ouvi, dentro e fora da Redação, indagava: ‘O caderno chama-se *Mais!* ou chama-se *Menos?*’. A reclamação, a princípio, fazia sentido”, escreve. Como Leite Neto informa, a publicação havia sido criada para reunir outros cadernos do jornal. Ele indaga: “Como fazer caber em suas 18 páginas parte do conteúdo de todos aqueles cadernos, mas sobretudo realizar uma ‘renovação do jornalismo cultural brasileiro’, como o *Mais!* fora anunciado nas páginas do jornal?”¹²⁶.

Os depoimentos de Gonçalves e Leite Neto destacam o contexto desfavorável do lançamento da publicação, que deveria “empacotar” outros

¹²⁴ TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 37.

¹²⁵ GONÇALVES, **Pós-tudo**, op. cit., p. 282.

¹²⁶ LEITE NETO, + **Mais! (1992-2010)**, op. cit., p. 8.

produtos jornalísticos da *Folha*, que, devido à recessão, ficaram desabrigados. A difícil equação de concentrar o conteúdo dos outros cadernos em 18 páginas realmente pareceu uma tarefa difícil. E o objetivo mais ambicioso, de “renovar o jornalismo cultural brasileiro”, revelou-se estratégia de mercado. Os primeiros anos do *Mais!* traduziram-se então na mistura de materiais de várias editorias, sem o amálgama necessário a um suplemento cultural.

O “casamento” entre a coluna social de Joyce Pascowitch, o roteiro de programação de cinema e teatro, num espaço de quatro páginas, os quadrinhos de Glauco Vilas-Boas — com as “Entrevistas Históricas”, as resenhas e os ensaios de críticos como Augusto de Campos e Roberto Schwarz parecia pouco promissor. Essa mistura aparentemente impossível prevaleceu na primeira fase do suplemento. A *Folha* optou por aproveitar a publicação de um novo caderno para “empacotar” outros produtos do jornal, como a *Ilustrada*, que deixou de circular aos domingos de fevereiro de 1992 a janeiro de 2000.

Ao longo da história do *Mais!*, especialistas de diversas áreas das ciências humanas ocuparam suas páginas, que contaram também com a participação de jornalistas, ensaístas, escritores e de cientistas ligados às áreas de exatas e biológicas. Nesse sentido, o nome *Mais!* sinaliza para uma abordagem multidisciplinar de determinados temas — não apenas do ponto de vista literário. O suplemento evidencia o fortalecimento de áreas das ciências, que, reflexo da produção universitária mais recente e das discussões em torno das preocupações ambientais, ganharam destaque nos veículos de comunicação.

Diferente de publicações de grande projeção no universo cultural paulista — como o *Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo*, centralizado na área de literatura — o *Mais!* voltou-se para um universo cultural mais amplo, em se tratando tanto de instrumentos de análise, quanto da variedade de produtos analisados. Mesmo assim, a literatura foi o tema de maior destaque da publicação. Na primeira fase, 25,8% das capas tinha como área a literatura; na segunda fase correspondeu a 21,8% do total.¹²⁷

¹²⁷ Ver tabelas com os percentuais nos anexos.

Isabel Travancas mostra que nos suplementos franceses o nome “livro” está contido no título das principais publicações dos anos 1990 — entre as quais *Le Monde des livres*, suplemento do *Le Monde*; e *Les Livres*, do *Libération* —, evidenciado o foco na produção literária e no mercado editorial. Os veículos brasileiros analisados em sua pesquisa, por sua vez, tinham nomes mais amplos: *Mais!* e *Idéias* — este último suplemento do *Jornal do Brasil* —, que parecem “fugir” da limitação imposta pela palavra “livro”¹²⁸. Isso mostra que, na França, o mercado editorial e a cultura do livro são suficientemente fortes a ponto de justificarem uma imprensa especializada em seus temas mais caros. Numa época marcada pelo aumento de produtos da indústria cultural, publicações brasileiras com designações que indicavam apenas o universo literário foram substituídas por outras com nomes mais abrangentes. Assim, ocuparam o espaço da revista *Leia*, dos anos 1980, *Cult* e *Bravo*, nos anos 1990, publicações com abordagens menos restritas ao literário. Os suplementos *Folhetim* e *Letras*, cujos nomes evocam o universo literário, deram lugar ao abrangente *Mais!*.

O suplemento da *Folha* caracteriza-se ainda como um produto diferenciado do jornalismo diário. É algo que vem “de presente” para o leitor, representando um “plus” na sua leitura do produto jornalístico. Evidência dessa estratégia foi apontada por Valdir Prigol, quanto à utilização da exclamação no título. Como lembra o pesquisador, o jornalismo moderno aboliu o uso, no noticiário comum, desse tipo de pontuação¹²⁹. Ela representa um jornalismo à moda antiga, com maior influência do discurso literário. Assim, seu uso é, no jornalismo moderno, sinal de licença poética e, de certa forma, um corpo estranho na gramática da imprensa: mostra que o que no território do jornalismo diário não tem valor passa a ter importância no suplemento.

De fato, em todas as fases do suplemento procurou-se dar, aos textos jornalísticos, maior liberdade de estilo do que na edição do dia a dia da *Folha*. Isso representou a possibilidade de se fazer o que não havia espaço de se realizar nas edições normais do jornal, marcadas pelas limitações impostas pelo manual de estilo da empresa. Assim, os textos publicados no *Mais!*

¹²⁸ TRAVANCAS, op. cit., p. 37.

¹²⁹ PRIGOL, Valdir. **Memórias do presente**. Tese de doutorado em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

ampliaram as abordagens, a partir de textos que dialogam com as convenções formais da literatura, em destaque as reportagens em que seus autores fizeram questão de evidenciar uma voz narrativa, tomando partido dos temas discutidos.

Silviano Santiago vê na linguagem mais “literária” do suplemento um espaço especial de atuação mais criativa tanto do jornalista quanto do escritor. Espaço que, pela sua característica suplementar, pode ser subtraído a qualquer momento, sem perda para o jornal. O suplemento seria então “algo que se acrescenta a um todo”, que é a edição cotidiana, e não alguma coisa que expressa uma falta. Há uma separação entre o público do jornal e o do suplemento. Da mesma forma como existem os jornalistas que escrevem para a edição do dia a dia e aqueles que produzem para o suplemento. Santiago explica:

A literatura (conto, poemas, ensaios, resenhas etc.) passou a ser este algo mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, reflexivas, opinativas e críticas, que tentam motivar o leitor apressado dos dias de semana a preencher de maneira inteligente o lazer do weekend. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês: a notícia que transmite a ação ocupa o burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer.¹³⁰

Outro gênero jornalístico que merece destaque em todas as fases do suplemento é a entrevista. Embora Alcino Leite Neto tenha escrito no texto que anunciou o fim do *Mais!* que o suplemento teve a preocupação de evitar o “passadismo” e a “museificação”, considerados por ele “as verdadeiras pragas do jornalismo cultural”¹³¹, foi uma constante no jornal as chamadas “Entrevistas Históricas”, em que eram ouvidas personalidades do mundo das artes e das ciências, para falar de sua formação: a infância, os momentos decisivos na vida, seus principais trabalhos e uma análise do contexto atual, em que se adota o tom da consagração e não o da polêmica¹³².

Para esta tese, classificamos três fases do suplemento. A primeira envolve o início do projeto, de 16 de fevereiro de 1992 até 5 de dezembro de

¹³⁰ SANTIAGO, O *cosmopolitismo*, op. cit., p. 164.

¹³¹ LEITE NETO, + *Mais!* (1992-2010), op. cit., p. 8.

¹³² As principais entrevistas publicadas no *Mais!* de 1992 a 2002 estão disponíveis em dois volumes na obra SCHWARTZ, Adriano (org.). *Memórias do presente*: 100 entrevistas do *Mais!*. São Paulo: Publifolha, 2003.

1999, na edição de número 408. A segunda fase, de 12 de dezembro de 1999 (edição número 409) a 7 de novembro de 2004 (edição 665). E a terceira fase, de 14 de novembro de 2004 (edição 666) a 16 de maio de 2010, quando o suplemento foi extinto, na edição número 945. Nessa data a *Folha* foi publicada com mudanças em seu projeto editorial, com a substituição de vários suplementos e a criação de novos. Este trabalho estuda apenas as duas fases iniciais. Na primeira, o suplemento foi comandado por Marcos Augusto Gonçalves (até 1994) e Alcino Leite Neto (de 1994 até 1999); na segunda fase, por Adriano Schwartz (1999 a 2004); na terceira, por Marcos Flamínio Peres (2004 a 2010).¹³³

Vários indicativos marcam a separação das fases, além da troca dos editores. O fator mais evidente são as reformas gráficas. As três fases coincidem com a mudança de formato do jornal. Na primeira, o suplemento é editado em formato *standard*, a exemplo do caderno *Letras*; na segunda, passa para o tabloide, semelhante ao *Folhetim* e à imprensa alternativa dos anos 70, e finalmente volta ao formato *standard* na terceira fase.¹³⁴

Outro indicativo é a equipe que produz o suplemento. Na primeira fase, o *Mais!* é uma extensão da redação, recebendo colaborações dos jornalistas da *Ilustrada* e dos principais repórteres e articulistas da *Folha*. Os editores aparecem com frequência assinando artigos e reportagens. Já na segunda, a colaboração dos jornalistas se restringe aos articulistas. O trabalho dos editores se resume a organizar a edição, definindo os temas dos dossiês e os autores que seriam convidados a escrever. De maneira geral, esses autores são ligados a universidades ou são intelectuais de renome. Nessa fase, o *Mais!* contou com diversos colunistas fixos — brasileiros e estrangeiros.

¹³³ Os primeiros dois editores são jornalistas que passaram por várias editorias da *Folha* e trabalham na empresa há cerca de 20 anos. Embora tenham exercido o jornalismo cultural, cobriram também outras áreas e não atuam no campo acadêmico. Alcino Leite Neto foi repórter, correspondente na França, editor de Moda e, atualmente, é editor da Publifolha; Marcos Augusto Gonçalves, que também foi repórter, já ocupou as editorias do caderno *Ilustrada*, Opinião e Internacional. Os editores da segunda fase trabalharam exclusivamente com jornalismo cultural. Adriano Schwarz é formado em jornalismo e doutor em literatura pela USP, onde é professor desde 2004; Marcos Flamínio Peres é formado em Letras e doutor em Literatura pela USP. O perfil dos editores é um fator importante para o entendimento das fases do suplemento.

¹³⁴ No Brasil, os jornais diários adotam com maior frequência o formato *standard* (58 cm x 35 cm) do que o tabloide (30 cm x 26 cm). O uso deste último geralmente está associado à imprensa semanal ou a encartes especiais. Uma das vantagens do tabloide é seu fácil manuseio e arquivamento.

Na terceira fase, o jornal concentrou-se em textos jornalísticos, muitos deles sem qualquer relação com a área cultural. Houve também a publicação de textos elaborados para jornais e revistas estrangeiros, entre eles *The New York Times Book Review*, *El País*, *Le Monde*, entre outros. O número das páginas e os colaboradores fixos foram reduzidos pela metade. É sensível a queda de qualidade. Como identificamos uma descaracterização do suplemento, o período não é estudado nesta tese. Passemos à análise das duas primeiras fases.

3.2 Em busca do jornalismo cultural (1992-1999)

Na primeira fase, o suplemento foi uma junção de cadernos e editorias da *Folha*. O *Mais!* abrigou em suas páginas produtos tradicionalmente ligados ao entretenimento, como coluna social, quadrinhos e horóscopo, notícias sobre o mundo dos espetáculos — numa noção de organização editorial que reunia alta cultura e indústria cultural, apresentadas ao leitor como produtos a serem consumidos. No espírito do caderno diário *Ilustrada*, o *Mais!* tornou-se um roteiro cultural que também contava com espaço para matérias e textos mais longos. Apesar disso, refletia a necessidade de produzir matérias que fornecessem serviço para o leitor, com dicas de consumo, roteiros, relação dos livros mais vendidos.

Cada edição dessa fase era articulada em torno de um tema central, objeto de um dossiê. Uma reportagem elaborada por um jornalista da redação da *Folha* introduzia o tema ao leitor, procurando entrevistar intelectuais e fontes sobre o assunto. Além da reportagem, intelectuais foram acionados para escrever artigos, dar entrevistas e elaborar ensaios sobre o tema em discussão, sempre em função da reportagem que introduzia o assunto. O dossiê podia ainda ser ancorado numa longa entrevista, em que era mostrada a trajetória do intelectual ou artista ouvido. Compondo o dossiê, havia textos complementares elaborados por outros intelectuais, que geralmente louvavam a obra do entrevistado. Os dossiês eram anunciados em destaque na capa do suplemento.

Ao tratar de temas ligados às artes, as reportagens tendiam ao biografismo. Reabilitando uma tendência da crítica impressionista do século XIX, misturada à curiosidade pelo outro insuflada nas narrativas jornalísticas dos anos 1990, os jornalistas procuram pontuar escolhas estéticas, filiações a correntes artísticas e fatos da vida do artista retratado. Salvo quando a abordagem era feita exclusivamente pelo crítico especializado, destacavam-se elementos biográficos e a geografia pessoal do perfilado. Os exemplos são abundantes: desde a visita aos vilarejos da infância de Graciliano Ramos, que faz o leitor mergulhar no universo material que “inspirou” o autor de *Vidas Secas* e *Infância*, ou a visita aos lugares de Praga que são sutilmente evocados em narrativas de Kafka.¹³⁵

Além desse material que é apresentado como o principal tema da semana, outros textos jornalísticos funcionam de maneira independente, entre eles resenhas de livros — que acompanhavam os lançamentos editoriais —, a publicação de colunistas que escreviam na edição cotidiana da *Ilustrada*, roteiros de espetáculos, horóscopo, quadrinhos e a coluna social de Joyce Pascowitch. Havia também a publicação de colunistas da área de Ciência, que em nenhuma das fases se integrou verdadeiramente ao suplemento. Na verdade, mostrou a falta de espaço para discutir os temas de ciência no próprio jornal. Eles aparecem como área principal em 8,5 das capas na primeira fase, e com 7% na segunda. Uma solução teria sido a criação de um caderno específico para a área.

Para caracterizarmos o suplemento nesta fase, é necessário descrever o conteúdo e seu projeto editorial. Tomemos então o exemplo da edição de 5 de julho de 1992. Ela se resume à seguinte estrutura:

Capa – um tema central, escolhido a partir de um determinado critério de noticiabilidade.¹³⁶ Na maior parte dos casos, o critério refere-se à

¹³⁵ Ver os dossiês do Mais! “A letra seca de Graciliano” (**Folha de S. Paulo**, 18 out. 1992. Mais!) e “A Praga de Kafka” (**Folha de S. Paulo**, 3 de jan. 1993. Mais!).

¹³⁶ Os critérios de noticiabilidade ou valores-notícia são um conjunto de filtros pelos quais os jornalistas escolhem os fatos que vão se tornar notícias. Como se trata de um processo que envolve a cultura dos jornalistas — suas rotinas de trabalho e seu *habitus* —, são critérios flexíveis, que mudam com frequência. Numa redação, para que não haja conflitos sobre o que seja ou não notícia, a palavra final cabe ao editor. Tendo em vista a diversidade de valores-notícia descritos pelos teóricos do jornalismo, optamos por utilizar nesta tese apenas os que estão mais presentes no suplemento e que se relacionam ao jornalismo cultural, que serão citados no corpo do texto. São eles: atualidade, comemoração, polêmica, notoriedade, interesse humano, entretenimento, descobertas e valores culturais. Ver: SILVA, Gislene.

agenda cultural, como lançamento de livros, exposições culturais ou a comemorações. O valor-notícia é a atualidade. O tema do dossiê é o aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932. O título da matéria principal diz: “1932: A guerra dos paulistas faz 60 anos”. O valor-notícia é a comemoração. Abaixo, há mais três chamadas, que têm como apelo a atualidade, pois tratam de dois lançamentos de produtos culturais e de uma descoberta científica.

Página 2 – Coluna social de Joyce Pascowitch, ocupando 80% da página, com anúncio publicitário. Rodapé com “Horóscopo”, assinado por Claudia Hollander.

Página 3 – Coluna “Otto Lara Escreve”, ocupando duas colunas do lado esquerdo, com o título “Um olhar sobre os jornais de ontem”; “Ponto crítico”, destinado a textos opinativos focados na atualidade cultural; anúncio de ¼ de página. Na edição, reproduzem-se trechos de capítulo do livro *O fim da história e o último homem*, de Francis Fukuyama.

Página 4 – Reportagem que introduz o tema do dossiê, escrita por um jornalista da *Folha*. A matéria “A guerra de 32”, do repórter João Batista Natali, usando o valor-notícia da comemoração dos 60 anos no dia 9 de julho, faz uma retrospectiva do que foi a Revolução Constitucionalista.

Página 5 – Ensaio escrito por intelectual ligado à universidade sobre um dos aspectos do tema do dossiê. O título é “Revolução permanece atual”, assinado por Boris Fausto. No texto, o autor atualiza princípios defendidos durante o movimento.

Páginas 6 – Artigo de intelectual sobre aspecto ligado ao tema; reportagem do jornalista da *Folha* sobre aspectos do tema do dossiê. No primeiro caso, o texto é assinado por Nicolau Sevcenko, no segundo, artigo do repórter Ricardo Bonalume Neto.

Página 7 – Duas reportagens de jornalistas da *Folha* sobre aspectos ligados ao tema do dossiê. O primeiro, “Cartas trazem novas revelações do

exílio”, por João Batista Natali, e “Faltam clássicos sobre 32”, em que Sergio Augusto escreve sobre o legado cultural da Revolução de 1932.

Página 8 – Na editoria “Livros”, a página exhibe resenhas de lançamentos elaboradas por jornalistas e colunistas da *Folha*, “Indicações” de livros, “Mais vendidos” e notícia. A primeira resenha é assinada pelo jornalista da *Folha* Fernando Molica, “Boff prega a superação do etnocentrismo da fé”; a segunda, por Fernanda Scalzo, “Romance tenta desvendar a alma obscura da ‘Condessa Sanguinária’”; há ainda a notícia “Livraria americana faz vendas através de fax”, sem identificação de autor. Abaixo, os “Mais vendidos” mostram os 10 mais vendidos na categoria “ficção” e os 10 em “não-ficção”. O valor-notícia é a atualidade.

Página 9 – Ainda na editoria de “Livros”, a página oferece três resenhas. A maior delas, escrita pelo articulista da *Folha* Antonio Callado, “‘Gilgamesh’ confirma o dilúvio”; “Remake bizarro de ‘Tubarão’ traz à tona uma lula de 30 metros”, da jornalista da *Folha* Bia Abramo; “‘Instinto Selvagem’ em livro descamba para a pura baixaria”, do editor-adjunto de Esporte da *Folha*, Thales de Menezes.

Página 10 – Entrevista com personalidade. Em depoimento de página inteira ao jornalista Melchiades Cunha Júnior, diretor da rádio USP-FM, Chico Buarque fala do pai, Sérgio Buarque de Holanda. O valor-notícia é a notoriedade.

Página 11 – Resenha musical. Na resenha “Stravinski ouve o rouxinol”, Arthur Nestrovski escreve sobre lançamento de caixa de 22 CDs com obras do compositor russo.

Página 12 – Duas reportagens sobre ciência; “Sinopse” (resumo do que saiu nas principais publicações científicas internacionais); notas informativas; “Palavras” (frase de um cientista famoso). A primeira é assinada pelo repórter Ulisses Capazoli, “Acordar cedo é a ‘lei’ em ilha do Pará, diz médico”; a segunda, “Astronautas preparam no espaço novas armas contra o vírus HIV”, do repórter Marcelo Damato.

Página 13 – Anúncio publicitário de página inteira. O anúncio é sobre o show das duplas sertanejas Leandro e Leonardo; Chitãozinho e Xororó; Zezé Di Camargo e Luciano, no estádio do Ibirapuera.

Páginas 14 a 17 – Roteiro de consumo cultural: “Acontece”, anúncios publicitários de eventos; “Quadrinhos”, “TV”.

Página 18 – Reportagem especial sobre ciência, assinada pelo editor de “Ciência”, Marcelo Leite, com o título “Razão e sentimento”, sobre a caça às baleias.

A partir dessa estrutura, pode-se perceber que a primeira fase se caracteriza como mais jornalística. O jornal é feito por um número fixo de colaboradores, que também integram a redação da *Ilustrada*. São jornalistas de destaque em áreas como política, internacional e ciência, da *Folha*, ou são repórteres. Na edição descrita acima, apenas cinco redatores não pertencem ao *staff* da *Folha*, contra 19 do jornal. Assim, 73,3% dos nomes são de jornalistas da *Folha* contra 26,7% de colaboradores externos. Quatro dos cinco colaboradores externos são ligados à universidade; um deles é um autor de renome internacional, Francis Fukuyama.

Dentre os gêneros analisados na primeira fase, levando em conta as capas do suplemento, as reportagens prevalecem, com 51,9%. Depois vêm as entrevistas, com 16,6%, e finalmente os ensaios, com 13%. Na sequência vêm artigo (9,3%), debate (2,7%), carta (2,5%), texto sob encomenda (1,5%), enquête (1,5%) e texto literário inédito (1%). Os critérios de noticiabilidade mais comuns são os seguintes: o de atualidade, com o lançamento de livros e produtos culturais, que aparece com 39,8%, e o de notoriedade, em matérias sobre personagens célebres, com 32%. Em seguida vêm comemoração (8%), cujas abordagens geralmente são motivadas por bicentenários, centenários, quinquentenários ou decênios de fatos históricos ou de personalidades do mundo das artes e da ciência. Os outros valores-notícias identificados são os seguintes: valores culturais (7%), polêmica (6,8%), descoberta (4,4%), entretenimento (1,4%) e interesse humano (0,6%).¹³⁷

Nesta fase, também é comum a indecisão do projeto editorial do suplemento entre dar destaque à indústria cultural ou à alta cultura. A publicação da relação dos livros mais vendidos da semana é exemplo disso. Embora aborde em suas resenhas apenas de maneira secundária os *best-sellers*, o suplemento publicou, na primeira fase, tabela com os livros mais

¹³⁷ Ver gráficos nos anexos.

vendidos, com uma pequena matéria sobre as mudanças do ranking. Na segunda fase, voltada para a consolidação da alta cultura, o jornal abandonou essa estratégia. Na verdade, adotou uma espécie de “antídoto”. Passou a publicar guias de leituras de livros de várias áreas das humanidades — escolhidos por intelectuais da universidade. A opção por publicar o ranking *dos melhores* e não a lista *dos que vendem mais* foi uma evidência da mudança verificada na segunda fase do suplemento.

Ainda que o suplemento destacasse, na primeira fase, a publicação de rankings com os mais vendidos, os próprios articulistas do *Mais!* se encarregavam de fazer o contradiscurso, em defesa da alta cultura. Isso pode ser observado nas polêmicas travadas entre os jornalistas da *Folha* e escritores que possuíam grandes índices de venda, como no texto “Mulheres que leem bobagens”, de Marilene Felinto, que ataca Paulo Coelho. O artigo, publicado no espaço “Ponto crítico”, teve por objetivo comentar os resultados de pesquisa do *Datafolha* que apontou as mulheres como os maiores compradores de livros no país; mostrou também que são elas que compram os livros do topo das listas dos *best-sellers*, compostas de “romances açucarados” e livros “esotéricos”.

Felinto destaca o fato de a expansão da literatura comercial ter sido possível graças ao que chama de imaginário submisso que se construiu em relação a suas leitoras. A jornalista explica: Nesses livros, “[...] as mulheres encontram a possível cura para um mal-estar, uma insatisfação, ‘um oco, um vazio’, como me disse uma delas, uma busca desesperada”. Na visão da autora, a leitura consumida por essas mulheres, sem os desafios propostos pela alta literatura, funciona como uma válvula de escape numa sociedade que reprime as mulheres:

Hesitando entre a rudeza do discurso feminista e a hostilidade da competição no mercado profissional, ela buscava refúgio no mito da delicadeza, do amor romântico ou mesmo imaculado como o da Virgem: afinal sua relação erótica já não seria com o homem que de noite ronca a seu lado e de dia compete com ela; seria com o livro, com o personagem, com o guerreiro mágico, Deus ou Cristo, que a levasse desse mundo terreno para uma fuga paradisíaca qualquer onde ela “vencesse na vida”, como sempre vencem as heroínas de [Sidney] Sheldon¹³⁸.

¹³⁸ FELINTO, Marilene. Mulheres que leem bobagens. *Folha de S. Paulo*, 29 jan. 1995. *Mais!*, p. 3.

Uma semana depois e no mesmo espaço, Paulo Coelho defendeu a expansão da literatura comercial, que encontra no público feminino sua principal sustentação. Coelho atacou a visão da articulista, vendo na literatura de massa a oportunidade de se aumentar a quantidade e a qualidade dos leitores brasileiros, além de atacar o posicionamento do que chama de “elite” intelectual brasileira, refratária ao gosto médio. Ele escreve: “Face à realidade irrefutável, a ‘elite’ cultural, querendo continuar ‘elite’, proclama: ‘os leitores são burros’. Se o leitor brasileiro estivesse lendo Thomas Mann ou Kierkegaard, o comentário seria: ‘o leitor brasileiro só lê importados’. E daí por diante”¹³⁹.

A oposição entre esses dois mundos — o da alta literatura e da literatura comercial — esteve presente ao longo da primeira fase, em outros debates e em pautas propositalmente irônicas, como o exercício de crítica proposto ao articulista Arthur Nastrovski, que comentou em artigo no suplemento os 10 livros mais vendidos da semana anterior, conforme lista fornecida pelo *Datafolha*. Trata-se de uma tentativa de elaborar um elo entre a literatura que circula no suplemento, considerada importante, e aquela do mundo real dos leitores médios — já que boa parte desses leitores também consome a *Folha*. A tentativa é ambígua e pode ser lida como uma mofa ao mundo da literatura comercial. Assim, embora desejável como consumidor, o público do *best-seller* não é adulado pelos críticos do suplemento.

Os artigos de Nastrovski mostram a ambiguidade do *Mais!* quanto ao mercado editorial. O crítico publica uma série de análises de textos claramente comerciais, feitos para vender, que se tornaram *best-sellers* sem a preocupação com a literatura de primeira linha. De maneira irônica, em tom de farsa, Nastrovski usa a retórica e os instrumentos da crítica da alta literatura para analisar os *blockbusters* das editoras brasileiras e norte-americanas. A análise sobre Stephen King é exemplar, pois considera o autor o “melhor dos piores” do período: “Basta dizer que ninguém, hoje, escreve mal melhor do que ele”¹⁴⁰, além de elogiar o fato de ser um profissional prolífico e dedicado. O resultado é uma análise irônica, que mostra os defeitos dos principais escritores de *best-sellers*.

¹³⁹ COELHO, Paulo. Em defesa da leitora. **Folha de S. Paulo**, 5 fev. 1995. *Mais!*, p. 3.

¹⁴⁰ NESTROVSKI, Arthur. O atleta da narrativa. **Folha de S. Paulo**, 7 de jul. 1996, *Mais!*, p. 8.

As pequenas concessões ao mercado editorial, no entanto, fazem parte da lógica da cobertura jornalística, à medida que a ascensão desse setor é um fenômeno que se tornou mais forte nos anos 1990. Embora os críticos abordem de maneira irônica esse tipo de literatura — como se quisessem deixar claro para o leitor que ele estaria consumindo um produto de baixa qualidade —, o suplemento não pôde se furtar a noticiar as várias ondas que dominaram o mercado editorial e o gosto médio do leitor brasileiro. Sistemáticamente nas páginas de resenhas foram feitas pequenas reportagens comentando a lista dos mais vendidos elaborada pelo *Datafolha* a partir da consulta às grandes livrarias brasileiras e a leitores.

O mercado editorial passa a ter um peso tão grande que, na primeira fase, o valor-notícia atualidade, que corresponde a 39,8% das capas, refere-se, na maior parte das vezes, aos livros. Geralmente, o principal critério de noticiabilidade para trabalhar determinados autores é o lançamento ou o relançamento de suas obras. O suplemento usa o lançamento como valor-notícia para justificar a inclusão da resenha na pauta. Com ela, uma rediscussão sobre a obra do autor é oferecida de maneira didática para o leitor. O suplemento põe em discussão autores brasileiros e estrangeiros, que são analisados por especialistas. Na maioria das vezes, trata-se de autores consagrados pela crítica — o que refletiu o perfil do mercado editorial brasileiro da década de 1990, mais propenso a investir em autores canônicos e em traduções, tentando capitalizar mais leitores com maiores chances de sucesso de vendas.

Os exemplos são abundantes na primeira fase do suplemento. Vejamos alguns deles só na área da literatura: “A Praga de Kafka” (03/01/1993), com o relançamento, pela editora Companhia das Letras, das traduções feitas por Modesto Carone e publicadas nos anos 1980 pela Brasiliense; “Murilo Mendes” (14/03/1993), anunciando a reedição das obras poéticas do autor; “Susan Sontag” (20/06/1993), com o lançamento da tradução do romance *O amante do vulcão* no Brasil; “O poeta total” (22/05/1994), com o lançamento da obra poética completa de João Cabral de Melo Neto pela editora Nova Aguiar; “O iluminista tropical” (27/11/1994), com o lançamento de livro de Mario Vargas Llosa; “O pensador da amargura” (12/02/1995), com lançamento de livro de Emil Cioran na França; “A odisseia de Bloom”

(06/08/1995), com o lançamento de *O cânone ocidental*, de Harold Bloom, pela editora Objetiva; “Feijão Preto, amor e diamantes” (24/09/1995), com o lançamento de livro de cartas de Elizabeth Bishop; “As memórias indiscretas de Gore Vidal” (10/12/1995); “O desafio de Rushdie” (17/03/1996).

Juremir Machado da Silva aponta para uma relação estreita entre os interesses das editoras e dos suplementos, considerando que o

[...] jornalismo cultural no Brasil (e no mundo) é uma espécie de negócio entre amigos. A Companhia das Letras e a Objetiva, editoras fetiches dos intelectualoides, publicam Chico Buarque, Caetano Veloso, Zuenir Ventura, Veríssimo ou Jô Soares porque eles são célebres, e a *Folha de S. Paulo* repercute, pois trata-se de personagens célebres editados pela Companhia das Letras e pela Objetiva. Os leitores cults compram as obras, pois não podem perder livros da “Companhia” e da “Objetiva”, louvados pela “*Folha*” e assinados por “celebridades”¹⁴¹.

O autor aponta algumas relações pertinentes na lógica do mercado de produtos culturais. De fato, desde o final dos anos 1980, o mercado editorial tornou-se muito mais agressivo do ponto de vista comercial no Brasil. Até esse período, as maiores editoras do país tinham um importante papel político e cultural: seja por meio da divulgação de obras de cultura geral e literatura — este é o caso do trabalho pioneiro da José Olympio —, seja no confronto direto com a Ditadura Militar, contribuindo para a abertura política — como é o caso da Civilização Brasileira, da Brasiliense, da Paz e Terra. Elas eram personificadas nas figuras de seus editores.

Com a abertura política dos anos 1980 e o crescimento da indústria cultural, as editoras passaram por uma grande profissionalização — e a Companhia das Letras, surgida em 1986, tornou-se símbolo dessa época, pois conseguiu sucesso comercial com a produção de livros de qualidade, sobretudo em se tratando de tradução e produção gráfica, mas sem uma ligação direta com os grandes debates políticos e sociais do país. Para garantir esse sucesso, aumentou o *lobby* dos editores na pauta dos jornais, em que ocorre uma rede de sociabilidade que ajuda a determinar as escolhas dos livros que serão resenhados no jornal e de quais intelectuais comentarão estes textos. Essa rede de relações está presente, também, na escolha dos resenhistas e colaboradores:

¹⁴¹ SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 49.

Alcino Leite, enquanto editor do *Mais!*, dizia que ao receber um livro “importante” que deveria ser resenhado, automaticamente pensava em um nome do seu fichário para fazê-lo. Um fichário como o do caderno *Mais!* certamente é mais amplo que a rede de relações de seu editor e tem presença maciça de intelectuais da Universidade de São Paulo, por exemplo. Tal fato ocorre porque o caderno é de um dos maiores jornais de São Paulo e do país, e no qual grande parte da intelectualidade gostaria de escrever. O jornal também é sinônimo de prestígio e legítima um intelectual da academia para um público maior.¹⁴²

Além da publicação de resenhas, o *Mais!* contou com a participação de colunistas fixos. Trata-se de uma tentativa de reavivar a figura do crítico que utilizava linguagem não especializada para falar com seu público. Nos anos 1950, esse crítico era, de fato, um intelectual generalista. Hoje, ele está cada vez mais especializado. Mesmo assim, alguns colunistas do *Mais!* fazem as vezes do crítico não especializado, abordando temas da ciência e das artes de maneira simplificada.

Nas páginas do *Mais!*, fica evidente o embate entre o jornalista e o crítico especializado. Na primeira fase do jornal, prevaleceu o formato jornalístico da reportagem e da entrevista. Os jornalistas, por meio do discurso indireto, controlam a voz dos intelectuais; fazem o papel de intermediários entre os especialistas e os leitores. Em muitos momentos, são necessários textos complementares para ajudar a explicar as informações citadas, por exemplo, numa entrevista. Nessa fase, predomina a tentativa de fazer o jornal para o “leitor médio”, o que pode ser entendido como uma estratégia de expansão do leitorado da *Folha*.

Quanto ao conteúdo, a primeira fase conta com temas recorrentes, dentre os quais a defesa dos autores que compõem o cânone nacional. Numa abordagem jornalística, o suplemento fez um esforço para mostrar ao leitor de pouca formação literária quem foram os grandes nomes da cultura brasileira — e qual foi o legado de seu trabalho intelectual. A maior parte dos autores abordados tem ligação com os modernistas paulistas ou é relida a partir de valores do Modernismo. São personalidades da música, das artes plásticas, da filosofia e da literatura, cujas obras são relidas e atualizadas para o leitor médio, visado pela publicação.

¹⁴² TRAVANCAS, op. cit., p. 130.

Numa outra linha, são abordados os assuntos do “momento” da imprensa internacional e preferencialmente do meio acadêmico norte-americano: as relações de gênero, as novas posturas quando às políticas da sexualidade, o avanço das tecnologias. Há certa euforia — como uma projeção do universo pós-moderno da *Ilustrada* — quando estes temas são abordados. Ganha destaque nessa fase a “feminista” norte-americana Camille Paglia e o historiador Francis Fukuyama, transformado numa estrela pop do mundo acadêmico, ao retomar a tese de Hegel do fim da história. Além deles, ganham espaço Harold Bloom, Mario Vargas Llosa, Robert Darnton, entre outros.

Na área da ciência, há uma tendência de “biologizar” as discussões sobre a sexualidade e quanto à negritude e ao feminismo, seguindo a onda reacionária dos Estados Unidos do início dos anos 1990. Merecem destaque a discussão sobre a descoberta de um suposto gene gay, capaz de determinar a sexualidade do indivíduo — e a divulgação em destaque do livro *The bell curve*¹⁴³, escrito por pesquisadores norte-americanos que defendiam a suposta inferioridade intelectual dos negros devido à hipótese “científica” de que seus cérebros são menores do que o dos brancos. Nessa fase, há uma noção bastante ampla de cultura. O suplemento, transformado em guia de consumo para o leitor — mesclado a uma parte de alta cultura — cobre uma série de eventos da indústria cultural.

3.3 Em busca da alta cultura (1999-2004)

Na sua segunda fase, a noção de cultura do suplemento tornou-se mais seletiva. Em muitos momentos, fez-se a apresentação de livros, ideias e conteúdos jornalísticos por um viés mais analítico e crítico. Em 1999 o *Mais!* passou por uma mudança de conteúdo, com a supressão de seções incorporadas do caderno *Ilustrada*.

Dentre as seções suprimidas, estão os roteiros de cinema, televisão e programação de fim de semana, que ocupavam pelo menos quadro páginas, e o fim da coluna de Joyce Pascowitch no suplemento, na edição de 23 de

¹⁴³ HERRSTEIN, Richard; MURRAY, Charles. **The bell curve**: intelligence and class structure in American life. New York: Free Press, 1994.

janeiro de 2000, quando a *Ilustrada* voltou a circular aos domingos. Outra medida importante foi a criação de mais espaços voltados à opinião e a formação de um grupo de articulistas ligados a várias áreas da produção acadêmica. Na verdade, esse time começou a ser formado já em 1995, no entanto, a veiculação de várias colunas publicadas simultaneamente numa edição do jornal tornou-se mais comum da segunda fase em diante, quando houve maior valorização dos colunistas. Na fase anterior, todos eles — tanto os brasileiros quanto os estrangeiros — eram identificados como “Autores”. Na segunda fase, foi criada a designação “+autores” e “+ brasil 500 dC” — que quer dizer Brasil ano 500, 501 etc., depois de Cabral — para designar os autores brasileiros que passaram a escrever sobre temas ligados ao Brasil. A designação foi extinta na terceira fase do *Mais!*, quando a maior parte dos colunistas deixou de colaborar.

Ao longo da primeira e da segunda fase, o *Mais!* contou com colunistas como: Robert Kurz (filosofia, começou a escrever em 6 de agosto de 1995), Robert Darnton (história, 20 de agosto de 1995), Richard Rorty (filosofia, 7 de janeiro de 1996), Peter Burke (14 de janeiro de 1996), Antonio Negri (política, 28 de janeiro de 1996), Javier Marías (literatura, 21 de abril de 1996), Jacques Rancière (filosofia, 19 de maio de 1996), Alain de Botton (filosofia, 22 de junho de 1997), Pierre Lévy (cultura das mídias, 6 de julho de 1997), Hans Ulrich Gumbrecht (filosofia, 1997), Marcelo Gleiser (coluna “Micro/ Macro”, 28 de setembro de 1997), Evaldo Cabral de Mello (história, 17 de janeiro de 1999), Milton Santos (política, 24 de janeiro de 1999), Bento Prado Jr. (filosofia, 31 de janeiro de 1999), Jurandir Freire Costa (psicanálise, 7 de fevereiro de 1999), Hermano Vianna (estudos culturais, 14 de fevereiro de 1999), Manolo Florentino (história, 10 de outubro de 2004), José Arthur Giannotti (filosofia, 17 de dezembro de 2000), Jorge Coli (coluna “Ponto de Fuga”, em 8 de março de 1998), Luiz Costa Lima (crítica literária, 7 de novembro de 1999), Sergio Paulo Rouanet (filosofia, 21 de maio de 2000), Slavoj Žižek (3 de setembro de 2000), Juan José Saer (crítica literária, 8 de outubro de 2000), Kenneth Maxwell (história, 29 de junho de 2001) e Boris Fausto (25 de janeiro de 2004).

O suplemento manteve ainda ensaístas que, embora não assinassem colunas, escreveram com frequência na publicação, como Leyla Perrone-Moisés, Walnice Nogueira Galvão, Augusto de Campos, Haroldo de

Campos, Laymert Garcia dos Santos, Renato Janine Ribeiro, Gilberto Vasconcellos, Jean Marcel Franco, Regis Bonvicino, Nelson Ascher, Roberto Schwarz, Ruy Fausto, Luís Felipe de Alencastro, Cristovão Tezza, Luís Bueno, Arthur Nestrovski, Maria Sylvia de Carvalho Franco, José Luiz Fiori. Esses autores produziram, principalmente, resenhas, mas escreveram também uma série de ensaios. Muitos deles resultaram em polêmicas que foram publicadas em várias edições seguidas.

Além desses intelectuais ligados à academia, *Mais!* manteve colunistas que têm um histórico profissional na grande imprensa. O espaço que eles ocuparam, no entanto, era bastante restrito. Entre eles, estão Millôr Fernandes (sua coluna foi publicada de 23 de julho de 2000 a agosto de 2001), a poeta Ledusha Spinardi (que escreveu poemas de 15 de fevereiro de 1998 a julho de 2002), e o colunista José Simão (cujas crônicas foram publicadas de fevereiro de 2001 a julho de 2003). Todas essas colunas, devido ao teor do suplemento voltado mais para a alta cultura, ficaram deslocadas na publicação, como uma espécie de corpo estranho.

Assim, o corte do cordão umbilical que ligava o *Mais!* à *Ilustrada* foi o passo mais importante na consolidação de uma identidade para o suplemento. Aos poucos, um novo projeto editorial e gráfico foi adotado, e que se consolidou apenas no início de 2000, logo depois de o jornal ter optado pelo formato tabloide. Os jornais passaram a ser numerados, saindo a primeira edição com o número 409. A numeração facilitou a organização do suplemento numa coleção, distribuído na forma de fascículo, como se integrasse uma enciclopédia, capaz de atualizar o leitor sobre os mais diferentes temas da produção cultural.

As seções e o conteúdo passaram a se caracterizar da seguinte forma (para esta descrição, escolhemos a edição n. 516, de 30 de dezembro de 2001):

Capa – Título com chamada apenas para o dossiê da edição. Em alguns casos, há indicação de textos das seções “+ autores” ou “+ Brasil 500 dC”. O título é “Uma história do conto”, chamada para o ensaio de Guillermo Cabrera Infante. Para ilustrar a capa, uma foto de escrivania com máquina de escrever, com a legenda: “O escritório do escritor norte-americano William

Faulkner em Rowan Oak (EUA)". O valor-notícia é a atualidade do ensaio de Cabrera Infante publicado com exclusividade no Brasil pelo *Mais!*.

Página 2 – Página contendo coluna "Os dez +", além do "Roteiro da Edição". A coluna "Os dez +" é uma seleção de 10 eventos e produtos culturais indicados pelo caderno. O roteiro traz algumas chamadas e as seções do suplemento. Evidencia a característica de jornalismo de serviço ainda presente no *Mais!* nessa fase.

Página 3 – "+ notas", "+ 5 peças de teatro brasileiras", "+ personagem". O "+ notas" é um espaço de divulgação de pequenas notícias do universo cultural; o "+ 5 peças de teatro" é uma seção elaborada por um especialista de várias áreas culturais com cinco indicações. No caso da edição analisada, o tema foi teatro. O "+ personagem" é um espaço de entrevistas curtas com personalidades do mundo acadêmico e artístico. Nessa edição, foi entrevistado o historiador João Paulo Coelho de Souza Rodrigues.

Páginas 4 a 13 – Ensaio. O texto, elaborado por Guillermo Cabrera Infante, faz um histórico do gênero conto e aponta suas principais características. Ao lado do ensaio, o editor publica a seção "o que ler", com a lista dos contos citados pelo autor.

Páginas 14 e 15 – Conto inédito. Nesta página, é publicado o conto "À margem do rio", de Modesto Carone. O texto inaugurou, nessa edição, a publicação de textos literários inéditos de escritores brasileiros. O tema proposto a todos os escritores foi "Alegria".

Páginas 16 e 17 – coluna "Brasil 502 d.C.", assinada por Bento Prado Jr. Com o título "Os deuses na cozinha", o autor aborda a obra do filósofo Oswaldo Porchat.

Página 18 – "+ livros", com resenha de Gilberto Vasconcellos.

Página 19 – Coluna "Ponto de Fuga", de Jorge Coli, com o comentário sobre produtos culturais.

Páginas 20 e 21 – "+ ciência", com artigo de cientista sobre uso de fungos para destruir plantações de coca, com o título "O fungo da discórdia".

Página 22 – "+ ciência", resenha de livro assinada pelo repórter da *Folha* Salvador Nogueira sobre o livro *O Sol, o genoma e a internet*, de Freeman Dyson. Coluna de "lançamentos" de livros da área de ciências.

Página 23 – Coluna “Micro/Macro”, assinada por Marcelo Gleiser. Na edição, o título é “Adeus 2001, uma odisseia na Terra”, sobre a ficção de Arthur Clarke; e a coluna “Periscópio”, assinada por José Reis, com o título “Coisas de dinossauro”, sobre a biologia molecular dos dinossauros.

Página 24 – “+ literatura”. Nesse espaço, sob o título “Teses sobre o conto”, Ricardo Piglia escreve 11 considerações sobre o gênero.

Como é possível verificar, a participação dos jornalistas se tornou mais restrita na segunda fase. Nesse número do suplemento, são 2 jornalistas (18%) contra 9 colaboradores externos (82%), ligados ao universo acadêmico e ao artístico. O papel do editor restringiu-se a apresentar alguns temas e organizar as edições. Abria-se mais espaço para textos ensaísticos, num formato mais próximo do universo acadêmico do que do jornalístico. Na análise das capas, podemos perceber a predominância dos ensaios como os principais textos das edições (43,9%). O segundo gênero mais importante é a entrevista, com 15,4%, e o terceiro, a reportagem (11,7%). Em seguida aparecem texto sob encomenda (6,7%), enquete (4,7%), texto literário inédito (2,3%), carta (1,2%), debate (1,2%).¹⁴⁴

Intensificava-se no suplemento a participação de articulistas estrangeiros e brasileiros ligados à academia, integrando, respectivamente, as colunas “+ autores” e “+ brasil 500 d.C”. Permaneceram colunas de notas de lançamentos de livros e o espaço “dez +”, com um roteiro de dez programas ou produtos culturais de dez áreas, além de “+3”, coluna semelhante a “Tendências/ Debates” da *Folha*, em que especialistas são convidados a escrever sobre o mesmo tema, geralmente com posições opostas uns em relação aos outros.

O aspecto do suplemento passou a ser definido não pela linguagem agradável e o texto fluido das reportagens, o que caracteriza um estilo mais próximo da indústria cultural, mas por ensaios, muitos com direito a notas de pé de página, como numa publicação acadêmica.

Essa mudança caracterizou a nova concepção de público leitor do jornal. Nesse momento, a participação dos jornalistas resume-se a pequenos textos de apresentação, à produção de entrevistas e à pauta, ou seja, a

¹⁴⁴ Ver gráficos nos anexos.

escolha dos autores e dos temas a serem abordados. O especialista fala diretamente ao leitor, como colaborador ocasional ou colunista fixo. No lugar das reportagens e grandes entrevistas — agora em menor número —, colunistas se revezam em editoriais como “+autores” e “+brasil 500 dC”, em que as realidades brasileira e internacional são observadas numa perspectiva ensaística, não mais como notícia ou reportagem (news), mas como análise (view).

Do ponto de vista do conteúdo, o suplemento se volta para a consolidação da abordagem sobre os intelectuais brasileiros que integram a tradição do país, mas diferentemente do que ocorre na primeira fase. Desta vez a consagração não é feita pelos jornalistas, mas pelos intelectuais da academia. Muitos dos intelectuais e artistas desta fase — e que foram abordados na primeira fase do suplemento — são retrabalhados a partir dessa nova dimensão.

Outro ponto importante é a adesão a um olhar mais crítico quanto à globalização, ao neoliberalismo e à ação norte-americana como nação hegemônica no mundo. Analistas do suplemento, entre eles Eric Hobsbawm, Jürgen Habermas, Robert Kurz, Slavoj Žižek, Milton Santos questionam a ação reacionária dos Estados Unidos na área da política e sua ação cultural. A discussão sobre a política ganha destaque.

O que há de comum entre essas duas fases é a preservação de alguns colunistas, à maneira dos rodapés semanais mantidos nos jornais até a década de 1970. Exemplo é a coluna de Jorge Coli, que escreveu sobre arte e indústria cultural, sempre tendo como critério de noticiabilidade a atualidade ou a notoriedade — entre eles o lançamento de um livro ou de um filme, a premiação de determinado artista, o comentário sobre uma celebridade do universo artístico. No caso de Coli, o jornal age de maneira pedagógica. Além de atualizar o leitor com informações de serviços culturais, o texto, bastante didático, procura formar o leitor comum para os diversos universos artísticos. Ele circula e fortalece a esfera pública, local de manifestação da crítica social.

A abordagem sistemática das artes feitas por Jorge Coli representa a tentativa de recuperar a tradição da crítica e o seu lugar social. Papel semelhante têm as colunas de Marcelo Gleiser e José Reis, substituído, com sua morte em 2002, por Marcelo Leite. Elas buscaram introduzir os leitores no

mundo da ciência. Diferentemente da maior parte dos textos que circulam no *Mais!* da segunda fase, contavam com redação que primava pela simplicidade. Devido a esse fato, em algumas edições, pareciam não pertencer ao suplemento. As matérias dedicadas à ciência, sempre contendo artigos assinados e reportagens — grande parte delas reproduzidas de publicações especializadas estrangeiras —, eram publicadas desde o início do suplemento e nunca foram suprimidas.

O *Mais!* foi um suplemento voltado para as ciências humanas. Entretanto, não esteve livre da lógica do jornal, pois era a equipe da *Folha* que elaborava a pauta com os assuntos que seriam abordados nas edições. Aí reside uma das principais diferenças entre *Mais!* e publicações de décadas anteriores. Quando o *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo* foi lançado, o grupo que coordenava sua produção tinha independência em relação à redação do jornal. Nas palavras de um de seus diretores, os colaboradores tinham liberdade para escrever o que quisessem, com certa flexibilidade de espaço. “Não tínhamos a preocupação de hoje em dia, com a paginação praticamente precedendo os artigos”, atestou Decio de Almeida Prado¹⁴⁵.

Com as exigências do mercado da década de 1990, o *Mais!* foi lançado como um importante *produto* jornalístico. O papel de aglutinar o pensamento crítico já se acumulava nas instituições de pesquisa e ensino. Assim, a crítica manifestada no jornal responderia a uma demanda mercadológica e ao projeto jornalístico da *Folha*, que é ter o controle da produção bastante racionalizado, estabelecendo padrões de qualidade influenciados pela dinâmica empresarial.

Ainda que se voltasse a um público mais intelectualizado, o suplemento utilizou os mesmos recursos didáticos presentes na edição cotidiana da *Folha*, tais como *boxes* explicativos, gráficos, textos de apresentação, entre outros procedimentos de edição usados para tornar o texto mais fácil¹⁴⁶. Na primeira fase, o *Mais!* deu grande importância a entrevistas especiais com figuras de destaque no meio artístico, científico e político, as

¹⁴⁵ WEINHARDT, op. cit., p. 862.

¹⁴⁶ O didatismo é a “qualidade essencial do jornalismo e um dos objetivos básicos do Projeto Folha. Todo texto deve ser redigido a partir do princípio de que o leitor não está familiarizado com o assunto. Explique tudo de forma simples, concisa, exata e contextualizada.” **Manual da Redação da Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 62.

chamadas “Entrevistas Históricas”, projeto que havia se iniciado com o *Letras*, em 1989. Nas páginas onde foram publicadas, além da apresentação feita por um jornalista, havia textos explicativos que contextualizavam a vida e obra do entrevistado, traziam informações biográficas sobre os autores e livros citados etc. Esse procedimento, em muitos casos, parece redundância ao leitor especializado.

A partir de 2005, período que não é estudado nesta tese, o suplemento voltou a ser publicado em tamanho *standard*, com um projeto editorial que passou a privilegiar traduções de ensaios e reportagens publicadas em veículos estrangeiros com os quais a *Folha* mantém convênio. Nesta terceira fase, o suplemento caracterizou-se pela queda no número de colaboradores brasileiros e aumento do número de textos jornalísticos e de áreas como ciências, comportamento, além de reportagens sobre temas de destaque na *Folha* durante a semana, num formato semelhante ao da revista semanal, com enfoque em temas culturais, como uma “continuação” da edição cotidiana da *Folha*, e não propriamente como um suplemento.

3.4 O suplemento e os novos leitores

Embora visasse alguns momentos o leitor médio de jornal, o *Mais!*, mesmo na primeira fase, teve forte apelo ao leitor mais preparado. Isso demonstra que, em teoria, “[...] os suplementos seriam ainda hoje um espaço de resistência à pressão da linguagem jornalística. São eles os cadernos onde os textos podem ser mais extensos, podem ser mais complexos e a linguagem mais refinada e menos coloquial.”¹⁴⁷ A caracterização do suplemento como espaço diferente em relação ao corpo do jornal está relacionada ao seu modo de leitura.

O jornal é uma espécie de partitura para a interpretação do leitor. Este, seguindo os sinais deixados na página, faz a interpretação de acordo com o que lhe é sugerido. Assim, o leitor está implícito em suas páginas. Enquanto a versão diária do jornal sugere leitura mais rápida e objetiva, a do fim de semana pede um olhar menos pragmático. A leitura *diferente* indicada

¹⁴⁷ TRAVANCAS, op. cit., p. 55.

no suplemento é expressa de maneira *interna* e *externa*, e diz respeito tanto ao jornal como produto industrial, quanto à dinâmica da leitura num determinado grupo social.

Quanto à leitura *interna*, esta é expressa pelos elementos materiais do jornal, como o texto e a diagramação diferenciados e o dia em que é veiculado. Diferente dos cadernos noticiosos, o *Mais!* contava com uma diagramação mais livre. Em muitos casos, textos publicados no suplemento tinham formato de pôster, como já acontecia no *Letras*. Podemos citar o primeiro número do *Mais!*, de 16 de fevereiro de 1992. A capa trouxe a imagem de Nildo da Mangureira vestindo um parangolé de Hélio Oiticica, por sobre o título “Asa Delta do êxtase”. Na contracapa, a primeira página “continua” com a publicação do “Manifesto Caju”, também de Oiticica. Dessa maneira, capa e contracapa compõem uma mesma peça.

Esses elementos gráficos, aliados a textos diferenciados, indicam uma leitura aberta, diferente da que ocorre em outros dias de circulação do jornal. A leitura apressada do jornal dos dias úteis é substituída pelo olhar mais demorado do fim de semana, que mistura o lazer, o interesse intelectual e serviços ao leitor. No Brasil, tradicionalmente os suplementos literários são publicados no fim de semana. Isso ocorre desde a década de 1950.

A importância do domingo quanto ao consumo de jornal varia de país para país. No Brasil, ele é o dia em que se registram as maiores tiragens — a *Folha* publica em média 500 mil exemplares. Nos dias de semana, a média se aproxima de 300 mil exemplares¹⁴⁸. Na França, a circulação diminui no fim de semana. É por esse motivo que nesse país os suplementos culturais saem no meio da semana, na quarta ou na quinta-feira, quando os diários fazem as maiores impressões¹⁴⁹. O Brasil segue uma tradição que se aproxima dos Estados Unidos e da Inglaterra, em que a edição de domingo tem-se constituído como um produto para agradar a todo tipo de leitor.

Na abertura de *A palavra pintada*¹⁵⁰, Tom Wolfe afirma que a leitura da edição dominical do *New York Times* é um longo e preguiçoso banho

¹⁴⁸ Dados referentes a 2009, disponíveis em < <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil> >. Acesso em 2 set. 2010.

¹⁴⁹ TRAVANCAS, op. cit.

¹⁵⁰ WOLFE, Tom. *A palavra pintada*. Trad. Lia Alvergara-Wyler. Porto Alegre: L&PM, 1987.

morno. Com um jornal volumoso nas mãos, imerso na banheira, o leitor passaria seu tempo, ora lendo os textos, ora cochilando em meio a tanta informação. Na mesma edição, seria submetido a textos curtos, assuntos banais, mas também a matérias mais longas e imaginosas, com a revisão de temas da semana, tendo à disposição os cadernos especiais. Uma campanha publicitária da *Folha* de 2006 destacou essa estratégia. A peça mostrava que a *Folha*, por causa de seus cadernos semanais, é um jornal que agrada a todo tipo de leitor, desde o empresário até o estudante universitário. O jornal de domingo seria, então, o momento em que todos esses leitores poderiam se encontrar.

A leitura *externa* do jornal diz respeito à formação do público. No Brasil, a imprensa cultural, em cinco décadas, criou um público especializado. Ele se compõe ou por grupos de produção cultural, de professores e alunos dos cursos de pós-graduação em diversos cursos de ciências humanas, ou por assinantes dos jornais. Nesses anos, o grupo de leitores tem-se “habitado” a ler o jornal de uma determinada maneira.

Podemos dizer que as diversas formas de se ler um texto são ensinadas na escola ou em outras instituições, tendo em vista o diferencial de classe social ou profissão. A edição do suplemento é pensada visando um leitor que tem maior domínio da leitura, que foi “treinado” para lidar com aquele tipo de texto. Conclui-se isso tendo como base a ideia de que a leitura e a escrita, diferente de outras formas de produção simbólica, demandam longo aprendizado:

A escrita, como técnica cultural, é inteiramente dependente de formas de treinamento especializado, não apenas (como se tornou comum em outras técnicas) para produtores, mas também, e basicamente, para receptores. Em vez de ser o desenvolvimento de uma faculdade inata ou acessível de modo geral, ela é uma técnica especializada inteiramente dependente de treinamento específico.¹⁵¹

Outro ponto importante em relação ao *Mais!* é o seu tempo de leitura, sugerido pela periodicidade do veículo. Como boa parte de seus textos é composta de análises e não de notícias, tem um projeto gráfico diferenciado e periodicidade diversa quanto ao restante do jornal. O suplemento leva o leitor

¹⁵¹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 92.

a encará-lo de forma diferente do que um jornal comum. A ideia de torná-lo objeto de uma coleção esteve presente em diversos depoimentos de autores entrevistados para a edição comemorativa dos 10 anos do suplemento, de 17 de fevereiro de 2002. Nela, Silviano Santiago afirmou: “Muitos amigos e colegas meus colecionam o *Mais!* Na biblioteca, o suplemento convive com enciclopédias, dicionários e diversos livros. Isso quer dizer que o caderno não pratica um jornalismo descartável, o que por si só fala de sua qualidade”¹⁵². Ao ser publicado no formato tabloide, o *Mais!* recuperou um pouco o “espírito” do *Folhetim* e, ao mesmo tempo, identificou-se com um produto “suplementar” ao próprio jornal, fácil de integrar uma coleção pelo seu próprio formato, e não apenas um caderno de cultura de fim de semana, como o formato *standard* sugeria.

É nessa fase que se concretizou algo semelhante ao defendido pelo crítico Luiz Costa Lima em relação ao papel do jornalismo cultural. Para Costa Lima, diante de um ambiente universitário cada vez mais especializado e impermeável ao público comum, nada mais salutar que a ponte com o leitor comum feita com a participação de intelectuais acadêmicos em publicações jornalísticas.

Os exemplos mostram que o divórcio entre o intelectual, que será basicamente aproveitado pela universidade, e o jornalista não foi exclusividade nossa. Mas o prejuízo maior veio a ser nosso. Nos países de forte tradição cultural, jornais de prestígio mantêm um espaço considerável para os debates intelectuais. Nos países em que a indústria do livro tem peso, criaram-se jornais apenas dedicados à cobertura de livros [...]. Entre nós, só raros periódicos mantiveram seus suplementos literários ou só há poucos anos outros procuraram atrair produtores intelectuais, sem, obviamente, se concentrarem apenas na área literária.

[...] Em poucas palavras, a presença do intelectual brasileiro nos jornais brasileiros é fundamental para a tentativa de romper o círculo vicioso em que se encontram as nossas humanidades. Tal presença permite que se cogite na formação de um leitor que não se contente com a mediocrização que o cerca. Se isso se der, a universidade passará a contar com um dos apoios de que atualmente carece: o apoio do público [...].¹⁵³

Com essa estratégia, defende Costa Lima, os intelectuais voltariam a desempenhar um papel público de reflexão, que as especializações do jornalismo, voltado ao noticiário rápido, e da universidade, aplicada em

¹⁵² SANTIAGO, Silviano. Depoimentos. **Folha de S. Paulo**, 17 de fev. 2002. *Mais!*, p. 17.

¹⁵³ LIMA, Luiz Costa. Marginais aqui e lá. **Folha de S. Paulo**, 4 jun. 2000. *Mais!*, p. 12-13.

pesquisas de divulgação restrita, haviam diluído. A valorização de autores consagrados no cenário internacional e brasileiro no *Mais!*, na segunda fase, é uma tentativa de se fazer a ponte entre a universidade e o jornalismo.

A questão que deve ser levantada, no entanto, é que a separação das duas fases tendo como consequência direta a identificação com os dois tipos de leitores não consegue dar conta totalmente do que ocorre na realidade. Tanto na primeira fase quanto na segunda, os dois tipos de leitores estão presentes. Na verdade, essa aparente confusão evidencia a fase de produção cultural da mídia nos anos 1990, por um lado preocupada com o aumento de vendas e ampliação do público e, por outro, almejando aliar sua produção ao consumidor *cult*, que constrói sua identidade tendo em vista os produtos culturais que consome, integrando-se a uma comunidade que se reconhece nesse consumo.

Algumas edições do suplemento fornecem pistas para se entender que o leitor é também metáfora no *Mais!*. Dentre estas pistas estão publicações que envolvem reflexões sobre as mudanças culturais do comportamento dos jovens e sobre a culinária. Os jovens podem ser entendidos como receptores de produtos culturais, ou seja, eles são os leitores; a culinária, que tem se popularizado desde a década de 1990 com programas na TV e adquiriu maior prestígio nas discussões culturais, é uma metáfora da produção cultural. Vamos aos dois casos.

No suplemento *Mais!*, a cultura jovem é abordada como algo em mutação. Até a década de 1980, os jornais brasileiros mais importantes tiveram um público primordial — aquele formado pelas pessoas que haviam sido “treinadas” num ambiente em que o literário ocupava maior espaço. Dessa época em diante, a situação mudou: a consolidação dos meios de comunicação de massa e do entretenimento refletiu na transformação do perfil do leitor, influenciado não apenas pela formação humanística, mas pela indústria cultural.

A mudança dos jovens é consequência disso. Em meados da década de 1990, apareceu na língua inglesa o termo “adultescent”, traduzindo um fenômeno importante, que mostra um indivíduo formado, culturalmente, por dois universos distintos: a incerteza do adolescente e a rigidez do mundo adulto. O “adultescente” seria, então, o adulto que tem perfil comportamental

adolescente: possui poder de consumo do adulto, mas vacila diante de determinadas escolhas, tornando-se mutante como consumidor. Isso favorece o mercado, já que o perfil do consumidor é variável, baseado na incerteza e na “liberdade” de escolher. O indivíduo está predisposto a experimentar coisas novas, a se submeter a produtos culturais inovadores. Conforme Maria Rita Kehl,

O adulto que se espelha em ideais teen se sente desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de “adulto”, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar “do lado de lá”, o lado careta, do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam rock, funk e reggae com seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, frequentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições.¹⁵⁴

Esse ponto de vista, apesar de abrir possibilidade de experimentação para os veículos, também representa ameaça, à medida que não fornece uma base estável. O leitor da *Folha de S. Paulo*, formado em sua maioria por pessoas entre 25 e 49 anos, e que se encaixa no período em que a “adultescência” se manifesta, é, ao mesmo tempo, alvo de experimentação e de risco. Assim, o suplemento aposta, em alguns momentos, no leitor adulto, com uma cultura humanística vasta, e no “adultescente” indeciso, formado pela cultura pop e pela indústria cultural.

O diretor de redação da *Folha*, a partir de pesquisas de opinião elaboradas com o leitorado do jornal, afirmou que houve uma mudança importante no perfil do leitor. Para ele, entre 15% e 25% dos leitores são críticos, passaram por uma formação humanística boa e por um “treinamento” para a leitura. Ou seja, buscam no jornal temas como política, cultura e questões internacionais, além de serem leitores de outras publicações. A parte restante é o leitor “menos politizado, [que] tem menos tempo para ler o jornal, tem menos paciência, também, para ler os jornais, que, de fato, são muitas vezes muito cifrados para a maioria dos leitores. É um público que faz uma leitura, digamos, não só mais rápida, mas também mais utilitária, mais seletiva do jornal¹⁵⁵”. O jornal, explica Otavio Frias Filho, para não perder leitores, tem

¹⁵⁴ KEHL, Maria Rita. A ‘teenagização’ da cultura ocidental. *Folha de S. Paulo*, 20 set. 1998. Mais!, p. 7.

¹⁵⁵ SANT’ANNA, Lourival. **O destino do jornal**: a *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 212.

que atender aos 80% dos leitores menos críticos, formados principalmente entre jovens.

Para o diretor, considerar que esses jovens serão leitores de qualidade não é algo fantasioso:

(...) acho que não é mero *wishful thinking* alimentar expectativa de que uma parte desses jovens que hoje parece refratária à leitura dos jornais será um componente de *late comers* em um universo futuro de leitores de jornal. Agora, acho que é necessidade de realismo reconhecer que muito provavelmente isso valha para uma parte dos jovens. E provavelmente para uma parte minoritária.¹⁵⁶

A cultura jovem ganhou destaque nas edições do *Mais!*. E a abordagem relaciona-se sobretudo ao jovem como consumidor de produtos culturais. Essa questão leva a pensar também num paralelo entre a produção do suplemento e a culinária. Como já foi dito, o suplemento é um produto diferenciado no jornalismo, é um “biscoito fino” feito para um público mais seleta consumir — os 15% a 25% a que se refere o diretor da *Folha*. Pode-se dizer mais seleta porque não chega a atingir todos os leitores das edições do jornal feitas nos dias úteis. Trata-se de um público mais sofisticado, que vai consumir esse produto cultural como se estivesse diante de um prato elaborado por um chefe de cozinha.

Assim, “nada de prazeres fáceis e vulgares, nada de indústria cultural, nada de gostar do que é igual para todos. Agora todo mundo tem que ter personalidade e bom gosto — sempre definidos por seu padrão de consumo.”¹⁵⁷ E o suplemento seria um caminho para se fugir da cultura *fast-food* que assola a indústria cultural brasileira. Daí se conclui que o suplemento, antes de forjar um discurso realmente mais denso e diferente do jornal, busca atender à necessidade do leitor que, dentro de um sistema de produção massificado, busca produtos com certa originalidade. Esses consumidores “[...] não admitem mais aqueles sabores rudes que um dia encantaram a sociedade de consumo em seus tempos primitivos, pré-digitalizados e pré-globalizados.”¹⁵⁸ A utilização de um discurso pretensamente mais denso pelo suplemento cultural da *Folha* pode ser lida como uma estratégia de criar, no

¹⁵⁶ Ibidem, p. 214.

¹⁵⁷ VIANNA, Hermano. O direito de querer menos. *Folha de S. Paulo*, 21 dez. 2003. *Mais!*, p. 12.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 12.

leitor, uma identidade com um produto mais sofisticado, sem que essa sofisticação realmente exista.

3.5 Em defesa da literatura e das humanidades

Na discussão anterior, apontamos para a ideia de que o suplemento *Mais!* apostou num discurso mais denso para conquistar o leitor *cult*, promovendo com ele uma identificação. A principal estratégia da publicação, como será visto a seguir, é reler a tradição, dando amplo destaque a autores que já integram o cânone nacional, e pouco aos intelectuais e autores novos, numa política de valorizar o “medalhão”. Esse discurso foi fortalecido pela criação de instâncias de consagração promovidas no próprio suplemento, com a edição de listas dos melhores em categorias como romance, poesia e não-ficção.

Esse procedimento recorrente permite uma interpretação do suplemento. Em meio à ampliação de tendências da crítica cultural como a ocorrida nos anos 1990, o suplemento *Mais!* buscou, ao longo da década, alguns caminhos que lhe assegurassem a identificação com um número maior de leitores, reafirmando valores da cultura brasileira. Essa hipótese ganha força na própria voz de alguns dos colaboradores mais frequentes, segundo os quais existe uma crise na literatura atual e na produção teórica — dominadas pelo “vale-tudo” dos estudos culturais e pelo avanço da indústria cultural. O que fazer, então, diante de uma paisagem que se torna mais árida quanto à produção literária e crítica? A resposta fornecida pelo *Mais!* foi a reabilitação de leituras e autores consagrados da literatura brasileira e internacional, dando destaque para os valores modernos, como antídoto à fragmentação dos estudos literários da “era dos extremos” ou da “modernidade líquida”.

Uma das vozes mais contundentes que apontam para uma suposta crise da crítica e da produção foi a de Leyla Perrone-Moisés¹⁵⁹, para quem, desde a década de 1990, houve enfraquecimento da crítica literária como discurso especializado devido aos descentramentos promovidos pela pós-

¹⁵⁹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária? **Folha de S. Paulo**, 25 ago. 1996. *Mais!*, p. 12-13.

modernidade e pelas novas abordagens dos estudos culturais. Conforme a autora, outros critérios de julgamento — além dos estéticos — passaram a ser acionados para o estabelecimento e o inventário de obras literárias e culturais, características identificadas como tendência mundial.

Defensora da autonomia dos estudos literários, Perrone-Moisés critica a ascensão dessas novas formas de estudo, ao afirmar que elas favorecem o relativismo e a falta de critérios de julgamento. Para ela, o “culturalismo” que atingiu, nos anos 1990, os estudos literários e outras áreas teóricas, ocupou o lugar de disciplinas especializadas, substituídas aos poucos por abordagens mais ecléticas e pouco sistemáticas. “Quanto à literatura, se esta se dilui na ‘cultura’, passa a ser vista apenas como expressão, reflexo, sintoma, e perde sua função de crítica do real e proposta indireta (estética) de alternativas para o mesmo.”¹⁶⁰ Perrone-Moisés acredita que o momento não favorece a leitura, a produção literária e a crítica, pondo em risco sua existência como disciplina especializada.

Em outro texto, a autora chama a atenção para a mudança que vêm sofrendo as humanidades nas instituições de ensino superior. Ela lembra que as disciplinas humanísticas sempre tiveram um lugar de destaque na formação da universidade. Isso foi se perdendo, no entanto, à medida que houve avanço tecnológico e globalização, que tornou os países dependentes do mercado internacional. Desse momento em diante, que ela localiza no final do século XX, as humanidades passaram a ser vistas como algo supérfluo. O maior aporte de dinheiro passou a ser destinado à pesquisa aplicada, nas áreas das ciências exatas e biológicas. Estabeleceu-se também a formação de parcerias entre universidades e grandes empresas, comprometendo a autonomia das instituições de ensino e sua postura “desinteressada” em relação à produção intelectual.

Os tomadores de decisões — políticos, economistas, cientistas, tecnocratas — perguntam cada vez mais: para que servem as humanidades? Submetidas ao critério da uma utilidade imediata, identificada com um bem-estar do homem baseado apenas no acesso às conquistas da ciência e da tecnologia, assim como no bom funcionamento do mercado, as humanidades passaram a ser vistas como um luxo, uma perfumaria, uma inutilidade.¹⁶¹

¹⁶⁰ Ibidem, p. 13.

¹⁶¹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Para que servem as humanidades? **Folha de S. Paulo**, 30 de jun. 2002. Mais!, p. 7-8.

Para exemplificar, a autora cita a reforma educacional planejada para a França no final dos anos 1990, que visava diminuir a carga horária das disciplinas humanísticas e adequar o ensino às novas profissões e à realidade do mercado. Manifestações de estudantes e intelectuais, no entanto, fizeram o governo recuar. Ainda assim, Perrone-Moisés reconhece que há uma tendência mundial para o enfraquecimento dessas áreas nas universidades — o que reflete, logicamente, na produção intelectual e na leitura de jornais.

Outra voz que identifica o momento como sendo de crise é Walnice Nogueira Galvão. Além de enxergar a desvalorização do literário como fenômeno cultural da época, ela vê uma espécie de desmonte da cultura brasileira, promovido pelo governo desde a Ditadura Militar. Segundo ela, a maneira de tratar a produção cultural adotada pelo estado autoritário — a centralização e o incentivo à indústria cultural — foi mantida pelos governos do período democrático. Isso teria gerado uma produção cultural acanhada, pouco afeita a experimentações formais, atenta às exigências do mercado, às quais procura satisfazer.

O mesmo pode ser dito em relação à crítica, que, na opinião de Walnice, foi abalada pelas leis do mercado.¹⁶² Para a autora, a crítica da literatura em jornal se diluiu no serviço prestado pelas resenhas. O ensaio foi-se refugiar na universidade. Tanto a crítica jornalística quanto a especializada não conseguem atingir a esfera pública. Para Walnice, a primeira é “digestiva”, por sua superficialidade, e a segunda é “indigesta”, devido à excessiva especialização acadêmica.

Uma lógica perversa viria a imperar, privilegiando o investimento em novidades que, devido a sua facilidade e baixo custo, degradariam cada vez mais o gosto do cidadão.

Foi assim que os produtores agiram, enquanto se justificavam dizendo dar ao povo o que ele queria. E não o contrário: os produtores é que se empenharam numa campanha de deseducação, infantilizando o público (caso do cinema), imbecilizando-o (caso da televisão), tratando seu ouvido como penico, na célebre frase de Nana Caymmi (caso da música), analfabetizando-o (caso da literatura). A tal ponto que certos gêneros perderam a razão de ser, porque vieram a faltar artistas e cultores.

¹⁶² GALVÃO, Walnice Nogueira. Musas sob assédio. **Folha de S. Paulo**, 17 mar. 2002. **Mais!**, p. 5-11.

O que se passou com a cultura e a literatura brasileiras nas últimas décadas é parte integrante desse processo.¹⁶³

Essas duas vozes identificam determinadas características que estiveram presentes no *Mais!* e que têm relação com o contexto dos anos 1990. Foi nesse período que passaram a repercutir com maior intensidade as discussões geradas pelo que pode ser chamado aqui muito genericamente de estudos culturais, exportados para universidades e intelectuais brasileiros a partir dos Estados Unidos e da Europa. Ainda que tenha se consolidado nos anos 1990, a visada “culturalista” começou a ganhar corpo em universidades brasileiras no final dos anos 1980, impulsionada pela abertura democrática local e pela discussão em torno do papel político e cultural dos movimentos sociais.

3.6 Duas vezes culturalismo

No caso desta tese, entende-se por estudos culturais um conjunto de práticas críticas que se desenvolveu principalmente dos anos 80 em diante no Brasil, tendo como característica a abertura para o estudo de temas considerados menores e marginais pela academia, como as culturas da mídia e das minorias. Essas abordagens, no caso dos estudos que envolvem as relações de classe social, etnia e gênero, ganharam espaço devido à própria luta desses movimentos por visibilidade. Como característica dessa forma de entender a literatura, podemos dizer que o estudo de procedimentos formais internos da obra literária deixa de ser o foco principal da crítica, que se abre para os diversos elementos externos.

Trata-se de um tipo de crítica engajada, que vem sendo desenvolvida em universidades brasileiras e em publicações especializadas. Em meio a um cenário de mudanças na sociedade civil, “uma crítica forte e organizada emergiu, mantendo, de forma inédita e solidária, intensas redes de relações com a sociedade civil. No caso, não importam as origens e a condição do

¹⁶³ Ibidem, p 5.

crítico, mas a solidariedade potencial que seu discurso engendra junto aos grupos com que estabelece contato.”¹⁶⁴

Embora o termo “estudos culturais” esteja relacionado, num primeiro momento, ao grupo de Raymond Williams — que defendeu um conceito de cultura mais democrático para combater uma visão de classe do ensino e da crítica literária inglesa até a década de 1960 —, o que se põe em questão é a configuração da disciplina dos anos 1980 em diante, influenciada por vários fatores, como a abertura política na América Latina, o fortalecimento dos movimentos sociais e a presença ambivalente de políticas neoliberais. Nessa época, em virtude do enfraquecimento do Estado como elemento definidor de políticas culturais, diversos movimentos sociais passaram a ter maior visibilidade, já que ocorreu “o fortalecimento no campo das ciências sociais de uma concepção subordinada e marginal do próprio tema da cultura.”¹⁶⁵

Assim, ao mesmo tempo em que gera abertura para formas de produções culturais antes negligenciadas pela academia — como é o caso do impacto da recepção dos produtos da mídia e dos estudos de gênero —, o discurso dos estudos culturais é fragmentado e descontínuo, em muitos momentos alheio à ideia de totalidade e de uma cultura comum. Nele

[...] há uma proliferação, nem sempre produtiva, de teorias. As formas de organizar a prática crítica dos estudos culturais, as suas teorias, se transformam em “construções” tão mutáveis, múltiplas e transitórias quanto as formas da cultura pós-moderna que almejam explicar e às quais querem se opor. É como se os estudos culturais assumissem a forma da cultura que estudam, em vez de descrevê-la e criticá-la.¹⁶⁶

Nos anos 1990, o discurso dos estudos culturais ganhou força com as transformações geopolíticas internacionais, como a queda do Muro de Berlim e o fim do comunismo soviético, o recrudescimento do conflito entre o Ocidente e o Oriente Médio, a ampliação das discussões sobre os direitos das minorias, a ascensão de identidades culturais múltiplas, as ações afirmativas e,

¹⁶⁴ LUGARINHO, Mário César. Universidade GLS. **Folha de S. Paulo**, 30 mar. 2003. Mais!, p. 11.

¹⁶⁵ DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: Alvarez, Sonia E. et al (org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p. 65.

¹⁶⁶ CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 45.

no Brasil, as reflexões em torno do legado da colonização. No *Mais!*, isso se reflete de maneira diferente nas duas fases. Na primeira, reproduz-se o discurso do senso comum; na segunda, ensaia-se um debate acadêmico: há maior pluralidade de vozes; especialistas são convidados a escrever no suplemento.

Na primeira fase, o universo de discussão dos estudos culturais é objeto dos jornalistas do *staff* da *Folha*. Os temas são tratados como mera curiosidade e sem qualquer aprofundamento. São abordados, de maneira geral, com hostilidade e em tom de troça, como se fossem uma ameaça, embora pouco séria, para a cultura letrada e acadêmica. Esta abordagem pode ser vista na edição de 12 de abril de 1992, cuja capa traz o título principal “Multiculturalismo”, com o subtítulo: “O caldeirão da diversidade cultural ferve nos EUA e na Europa, mobiliza debates, gera regras ‘politicamente corretas’, provoca o modismo da world music e cria o preservacionismo étnico.”

A reportagem “Os reis do mambo tocam canções de amor”, de Matinas Suzuki Jr., trata de despolitizar os conflitos multiculturais nos Estados Unidos, ao afirmar que o sucesso dos ritmos cubanos mostra, supostamente, que os “radicais do multiculturalismo” estariam equivocados ao cobrarem políticas governamentais para os imigrantes da América Latina. Em nenhum momento fala-se num multiculturalismo à brasileira, o que revela o desejo dos jornalistas: que tal onda mantenha-se a distância do contexto nacional. No texto de apresentação do dossiê, o editor Marcos Augusto Gonçalves afirma que nos Estados Unidos

(...) a radicalização dos lobbies “minoritários” vai gerando uma espécie de neo-separatismo voluntário, a multiplicação de “cercados” culturais, a febre do preservacionismo das “raízes”. Nas universidades proliferam cursos “étnicos” e discute-se a ideia de que só um negro (ou “afroamericano”, para repetir a polidez “politicamente correta”) pode dar aula sobre cultura africana ou só uma mulher (“ser humano do sexo feminino”?) é capaz de discursar imparcialmente sobre a história da sexualidade. Cotas asseguram lugar em instituições pelo critério étnico.¹⁶⁷

Algo semelhante ocorre em relação ao movimento feminista, também na primeira fase do suplemento, quando é atacado na maior parte das

¹⁶⁷ Ibidem, p. 4.

abordagens. Uma das capas do suplemento anuncia, em tom de insulto: “O feminismo abre as pernas”, numa referência ao suposto enfraquecimento da bandeira feminista. A edição de 8 de março de 1992, Dia Internacional da Mulher, traz uma reportagem que mostra o radicalismo feminista dos anos 1970 como sendo inadequado à realidade política dos anos 1990.

A reportagem, assinada por Fernanda Scalzo, dá espaço a vozes que culpam o feminismo de uma hipotética castração das liberdades sexuais, o que teria gerado discriminação em relação aos homens e limitado a sexualidade feminina. Ainda há na reportagem a falsa ideia de atribuir ao movimento feminista uma postura anti-feminina e desleixada, como está evidente no depoimento do escritor da novela “Perigosas peruas”, da Globo, Carlos Lombardi. Diz a reportagem: “Eu aprendo muito com minha mulher”. Lombardi acredita que as mulheres agora estão buscando ‘uma redefinição da identidade feminina’. ‘Hoje em dia a mulher *pode ser bonita, inteligente e vaidosa*’¹⁶⁸.

O paradoxo é que o jornal se insurge contra o movimento feminista exatamente na época em que este ganha espaço nas universidades brasileiras, sobretudo nos cursos de ciências sociais, além de ter maior participação nos movimentos sociais e nas organizações não governamentais. O texto “Mulher barra seu próprio avanço”¹⁶⁹ mostra bem a birra do jornal quanto ao feminismo. O artigo culpa as mulheres por sua suposta incapacidade de defender um movimento coletivo e de se relacionar de maneira sincera. Diz a jornalista:

[...] as mulheres não acreditam umas nas outras, não são solidárias entre si, e muito raramente deveriam ser chamadas ‘amigas’ umas das outras. As amizades entre mulheres, via de regra, só se sustentaram na superficialidade em alguma burrice e certa falsidade crônica.

Schopenhauer já dizia, no século 19, que os homens são por natureza indiferentes uns aos outros; mas as mulheres são por natureza inimigas, porque estão todas engajadas no mesmo negócio: mostrar a si mesmas (e umas às outras, eu diria) que homem conseguiram atrair.¹⁷⁰

¹⁶⁸ SCALZO, Fernanda. Mulheres à beira de um outro feminismo. **Folha de S. Paulo**, 8 mar. 1992. Mais!, p. 4. Sem grifos no original.

¹⁶⁹ FELINTO, Marilene. Mulher barra seu próprio avanço. **Folha de S. Paulo**, 8 mar. 1992. Mais!, p. 6.

¹⁷⁰ Idem.

A voz de maior destaque no período para falar sobre o feminismo foi Camille Paglia, que ganhou espaço para criticar o movimento. Paglia, que havia lançado *Personas sexuais*¹⁷¹ no Brasil, pela Companhia das Letras, teve ampla cobertura no *Mais!*. Seus textos, originalmente na revista cultural *The New Republic*, foram traduzidos para o suplemento da *Folha*. Deu-se destaque a Paglia e às críticas ao feminismo. Em contrapartida, não foram ouvidas as feministas brasileiras nas reportagens do suplemento. O tema foi tratado pelo viés do senso comum. Além disso, toda a discussão foi pautada pela imprensa norte-americana, o que mostra uma dependência do *Mais!* em relação a publicações feitas nos Estados Unidos na mesma época, usadas de maneira acrítica e subserviente.

Na segunda fase do suplemento, em compensação, as abordagens superficiais e baseadas no senso comum a respeito de temas como o multiculturalismo e o feminismo ganham o verniz da academia. Os temas deixam de ser objeto de reportagens e enquetes de jornalistas, e passam a ser tratados em ensaios e artigos de sociólogos, historiadores, psicanalistas e filósofos. O nível das abordagens é melhor e mais plural. A escrita raivosa dá lugar a uma visão mais crítica. O jornal deixou de reproduzir o que dizia a imprensa cultural norte-americana e buscou informações e novos olhares na universidade brasileira ou em autores internacionais do meio acadêmico.

Podemos citar a edição “A nova onda do feminismo”, que trouxe um dossiê sobre o tema. O principal texto da edição é uma entrevista com a historiadora britânica Juliet Mitchell, entrevistada por Maria Lúcia Pallares-Burke. Há aqui uma mudança significativa na abordagem.¹⁷² Primeiro, saem de cena os jornalistas culturais, com pouco conhecimento sobre o feminismo, e entram os especialistas. Além da entrevista, a edição conta com um artigo de Jurandir Freire Costa, de Natalie Anger e resenhas sobre livros relacionados ao feminismo.

O mesmo ocorre com o tema. Se na primeira fase os jornalistas do *Mais!* abordam o multiculturalismo como uma ameaça à cultura ocidental, uma espécie de invasão bárbara à cultura letrada, reproduzindo o discurso

¹⁷¹ PAGLIA, Camille. **Personas sexuais**: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁷² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A luta permanente. **Folha de S. Paulo**, 15 de out. 2000. *Mais!*.

preconceituoso da década de 1990 — principalmente da mídia norte-americana conservadora —, na segunda fase há uma defesa das culturas de periferia. Essa defesa é feita por colunistas como Robert Darnton, Slavoj Žižek, Robert Kurz, além de entrevistas e artigos de Eric Hobsbawm, Edward Said, Zygmunt Bauman, Susan Sontag, Noam Chomsky. A tomada de consciência torna-se mais intensa a partir dos episódios do 11 de Setembro e da chamada “Guerra contra o Terror”, empreendida pelo governo norte-americano.

Além dessa abertura para discutir os temas relacionados ao multiculturalismo e aos estudos culturais presentes nas colunas assinadas por autores brasileiros e estrangeiros, o *Mais!* abriu espaço para esses temas em seus dossiês. Uma das formas encontradas para isso foi a publicação de edições feitas em formato de verbete, como uma nova enciclopédia de ideias contemporâneas. O suplemento lançou discussões e “pacotes” com as novas palavras da crítica postas em circulação. Em muitos momentos, especialistas das ciências humanas escreveram novos verbetes ou conferiram novos significados a velhos termos.

Ao longo das duas fases do *Mais!* — embora com mais insistência na segunda — foram publicados números especiais que discutiram e apresentavam os novos verbetes das ciências sociais, da teoria literária, da história, da moralidade. Podemos destacar os seguintes suplementos: “Ideias para o novo mundo” (28/09/1997, n. 294), “Os novos 10 mandamentos” (26/12/1999, n. 411), “Milênio para iniciantes” (31/12/2000, n. 464), “As entranhas da globalização” (27/01/2002, n. 520), “As novas doutrinas” (13/10/2002, n. 557), “Brevíssimo dicionário: esquerda e guerra” (23/02/2003, n. 575), “Notas de uma enciclopédia do futuro” (27/04/2003, n. 584) e “Novo dicionário das ideias feitas” (21/09/2003, n. 605). Cada uma dessas edições foi feita sob encomenda do editor. Aliás, esse procedimento passou a ser adotado em algumas edições do *Mais!* desde a publicação do dossiê “Short Cuts à brasileira” (10/04/1994), em que escritores brasileiros foram convidados a escrever histórias cuja forma se baseou no filme de Robert Altman a partir de contos de Raymond Carver.

3.7 A moderna tradição

Mas se houve uma abordagem que foi se fortalecendo na segunda fase quanto ao multiculturalismo e aos estudos culturais em algumas áreas das ciências humanas, na literatura isso não ocorreu. Para fazer frente à ascensão dos estudos culturais, o *Mais!* traçou uma genealogia intelectual, estabelecendo, inclusive, uma relação entre o jornal e essa tradição — como se houvesse uma ligação histórica entre o veículo e esse tipo de crítica. Na verdade, como vimos no capítulo 2, o grande fomentador da produção crítica havia sido *O Estado de S. Paulo*, principal concorrente da *Folha*.

Isso pode ser visto em títulos de capa do suplemento como “Uma geração que reinventou o Brasil”, que chama para a leitura do texto “Um seminário de Marx”, de Roberto Schwarz (08/10/1995); a reportagem “Andrade x Andrade” (Alcino Leite Neto e Marcos Augusto Gonçalves), que traça os perfis intelectuais de Mário e Oswald de Andrade, ampliando e mantendo a rixa para as décadas seguintes, com os seus herdeiros intelectuais — simbolizados na matéria pelos rivais Roberto Schwarz e Augusto de Campos. É importante notar que o texto foi publicado na primeira edição do suplemento, em 16/02/1992, que enfoca os 70 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo.

Dez anos depois, em edição comemorativa, o *Mais!* reproduziria uma entrevista exclusiva e uma carta de Antonio Candido endereçada ao então proprietário da *Folha*, o empresário Octavio Frias de Oliveira (1912-2007), na qual o cumprimentava pelos 80 anos do periódico, completados no ano anterior. No texto, Candido recuperava sua trajetória como crítico de jornal, vinculando-se, num começo de carreira, à *Folha*. Candido afirma:

Naqueles anos [início da década de 1940] a *Folha* se impôs como jornal de qualidade, não só pela orientação ágil e inteligente de [Hermínio] Sachetta [então secretário de redação do veículo], mas devido ao mérito da maioria dos colaboradores, a começar por Guilherme de Almeida e, sobretudo, Mário de Andrade, sem falar nos avulsos, como Otto Maria Carpeaux. Foi nela que se lançaram para um público maior intelectuais do porte de Lourival Gomes Machado e Florestan Fernandes.¹⁷³

A associação entre o crítico e o jornal na edição é inevitável e reveladora. Antonio Candido é presença constante nos suplementos da *Folha*.

¹⁷³ CANDIDO, Antonio. A aprendizagem do crítico. **Folha de S. Paulo**, 17 de fev. 2002. *Mais!*, p. 13.

Já no *Folhetim*, tinha lugar de destaque. A diferença é que, dos anos 1990 em diante, apareceu pouco como autor de textos; o nome de Candido era evocado ou pelos jornalistas, ou pelos colaboradores, como uma referência intelectual, reforçando a fixação do suplemento na tradição crítica paulista de que o professor da USP é figura de primeira grandeza. A maior parte de seus textos publicados no *Mais!* foi de prefácios, participações em livros e discursos inéditos. A voz de Candido é utilizada para referendar certa personalidade que foi abordada no dossiê da publicação.

O ataque ao culturalismo na crítica literária, no entanto, não é feito apenas por autores brasileiros. No início dos anos 1990, um dos articulistas do *Mais!* foi Harold Bloom, que ganhava notoriedade internacional graças à publicação de *O cânone ocidental*. Uma espécie de *popstar* do mundo das letras, assim como Camille Paglia, Bloom circulava na contramão dos estudos culturais que haviam se desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1980. Defendia que determinadas posições críticas das universidades norte-americanas, influenciadas por movimentos sociais e políticos de minorias, estariam minando os critérios estéticos de avaliação das obras artísticas. Sob essa ótica, dizia Bloom, o fato de um autor ser negro ou mulher seria suficiente para incluí-lo entre aqueles que deveriam ser estudados pela academia e indicados aos leitores.

O crítico norte-americano batizou esse procedimento de “crítica do ressentimento” porque, na opinião dele, passava a mensurar o cânone estético pela baliza da exclusão de que padeceram alguns grupos sociais. Assim, foram alvo da diatribe de Bloom as universidades que se abriram aos estudos culturais e os críticos que viam as obras a partir de perspectivas politizadas, envolvendo questões de gênero, etnia, classe social, relações de dependência entre os países. *O cânone ocidental* reuniu aqueles que o autor considerava os maiores escritores do Ocidente, numa operação de defesa da cultura ocidental letrada semelhante àquela utilizada por F.R. Leavis na primeira metade do século XX na Inglaterra. De acordo com essa visão, os objetos de cultura dignos de serem estudados seriam os grandes produtos do gênio humano. Portanto, “a cultura era posse de uma minoria, que deveria preservar os

valores humanos e difundi-los por meio da educação, como forma de minorar os males da civilização moderna.”¹⁷⁴

No final da década de 1950, na Inglaterra, Raymond Williams faria uma crítica a F. R. Leavis e I.A. Richards — que resumiam o pensamento dos intelectuais burgueses da época — para introduzir a ideia de cultura como algo comum a todas as classes e relacionada a outras esferas de produção além da artística. Assim, mereceriam a atenção dos críticos não apenas os objetos que nasceram do “gênio humano”, das grandes escolas estéticas, mas as produções de diversas esferas, entre elas a cultura popular e operária, os produtos culturais da mídia. Williams buscava uma política cultural que transcendesse as limitações impostas pelas diferenças de classe social. Ele entendia que a classe trabalhadora deveria não só ter acesso, mas também ser produtora de uma cultura comum.

Na esteira do pensamento de Williams e embalados pelas transformações políticas que ocorreram a partir do final da década de 1960, os estudos de produtos culturais tornaram-se muito mais amplos e passaram a ter como foco não só as artes tradicionais e a produção da sociedade burguesa, mas começaram a vislumbrar as diversidades culturais e as relações de poder na produção artística.

Do ponto de vista teórico, uma das manifestações desse fato foi, na Inglaterra, a criação dos chamados estudos culturais, a partir de um grupo de intelectuais articulado em torno de Williams, E.P. Thompson, Richard Hoggart e, mais tarde, Stuart Hall. Os *cultural studies* surgiram, a princípio, do movimento de renovação da teoria marxista, e abrigavam tendências diversas, como o estudo da cultura da classe operária, o pós-colonialismo, a história das mulheres e uma concepção de educação voltada para a emancipação da classe trabalhadora, inspirada no conceito de intelectual orgânico de Gramsci. A produção dos estudos culturais foi frutífera principalmente na Inglaterra, onde se tornou disciplina universitária.

Outra manifestação importante na mudança da crítica foi a produção teórica francesa da segunda metade dos anos 1960. Principalmente a partir dos escritos de Michel Foucault e Jacques Derrida, foi desenvolvido um

¹⁷⁴ CEVASCO, op. cit., p. 19.

pensamento que visava relativizar o que havia sido estabelecido pela crítica estruturalista, apontando para o descentramento e a reavaliação dos cânones artísticos. No seu auge, o estruturalismo francês produziu um tipo de teoria que privilegiava o rigor formal e buscou modelos gerais para as ciências humanas, tendo a linguística como seu principal modelo.

A teoria pós-estruturalista propunha um pensamento que contesta o racionalismo e o idealismo da teoria estruturalista, incorporando às análises os fatores sociais e entendendo a linguagem como uma arena de disputas pelo poder. Logo, cunharam-se novas palavras no vocabulário da crítica, entre elas intertextualidade, verdade, poder, outro, diferença, margem, discurso. “O que o pós-estruturalismo mantinha do estruturalismo era a atenção à linguagem, agora encarnada no discurso; a desconfiança nas ‘asserções de verdade’, a concepção da ‘significação’ como um jogo de relações e diferenças.”¹⁷⁵

Enquanto o estruturalismo mostrou-se produtivo na academia brasileira nos anos 1970, trazido pelos professores brasileiros que estudaram na França, o pensamento francês genericamente chamado de pós-estruturalista foi se alojar em universidades norte-americanas, onde se desenvolveu um tipo de estudo que passou a questionar as estruturas de poder que envolvem a criação artística e a formação dos cânones. Nesse período, os grandes divulgadores da teoria na França ministravam, de maneira assídua, cursos e conferências em universidades norte-americanas.

Nos Estados Unidos, as ideias francesas passaram a formar uma “postura filosófica, um conjunto de novas maneiras de pensar o sujeito, sua constituição e suas práticas.”¹⁷⁶ A “desconstrução” promovida pelo pensamento francês, em confluência com movimentos político-sociais — o feminismo, o pós-colonialismo, o movimento negro, o movimento gay, o neo-marxismo — ajudariam a formar, nos Estados Unidos, os estudos culturais.

Um de seus objetivos recorrentes foi questionar a formação dos cânones. Quando Harold Bloom se refere à “crítica do ressentimento”, volta-se aos teóricos e críticos influenciados pela teoria pós-estruturalista francesa em consórcio com as lutas dos movimentos de minoria nos Estados Unidos. Leyla

¹⁷⁵ PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). **Do positivismo à desconstrução: ideias francesas na América**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 218.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 219.

Perrone-Moisés aponta características do pós-estruturalismo presentes nos estudos culturais norte-americanos:

[...] atomização dos objetos e dos pontos de vista, em oposição ao projeto totalizador do estruturalismo; rejeição da razão como universal e fundacional; o descentramento do sujeito; o interesse pelas diferenças, exclusões e margens; o interesse pela história e pela cultura como *constructos* discursivos; a dissolução das fronteiras entre as disciplinas. Nos estudos literários desenvolveu-se a teoria do texto ou da escritura; discutiu-se a questão da subjetividade autoral; introduziram-se os conceitos de significância e intertextualidade.¹⁷⁷

Com a ascensão dos estudos culturais na academia nos Estados Unidos a partir dos anos 1980, houve uma divisão entre os críticos que continuavam a defender um determinado tipo de análise, baseado, sobretudo, em critérios estéticos, e aqueles que passaram a privilegiar um tipo de crítica voltada para as minorias, em que a ideologia e as estruturas de poder passaram a desempenhar um papel importante. Exemplo de assimilação da crítica francesa pelo pensamento norte-americano é a apropriação de pressupostos da obra de Michel Foucault. Seu pensamento é usado para evidenciar as estratégias de poder na criação do discurso e na cristalização de determinadas verdades.

Um dos precursores dessa crítica nos Estados Unidos foi Edward Said, que, com seu livro *Orientalismo* (1978), mostrou que todo cânone é resultado de um processo de julgamento que envolve estruturas de poder. Said apresenta a tese de que a imagem que se tem do Oriente Médio é uma criação ocidental que vem sendo construída desde o século XVIII pelo discurso imperialista europeu. A noção moderna de literatura formou-se no momento em que a cultura dos impérios europeus se tornava hegemônica.

No Brasil, a principal fonte dos estudos culturais é a influência norte-americana, embora haja na universidade brasileira uma preocupação antiga com a discussão da produção cultural dos grupos que estão à margem dos discursos hegemônicos. Ainda que não seja considerada como uma forma de estudos culturais, a produção de pesquisa na USP, sobretudo em áreas como sociologia, antropologia e teoria literária, começou a privilegiar, dos anos 1970

¹⁷⁷ Ibidem, p. 218.

em diante, estudos sobre a cultura popular. Esse ponto de vista em favor de uma síntese cultural que envolve o popular tem relação com o projeto dos estudos culturais britânicos. Ambos os projetos têm inspiração marxista. Dessa forma, pode-se pensar em estudos culturais à brasileira *avant la lettre*, como notou Renato Ortiz.

Ao participar de um congresso na Escócia no início do ano 2000, Ortiz se disse surpreso ao ser classificado como um culturalista, ao lado de estudiosos como Stuart Hall. O rótulo apontado pelo sociólogo brasileiro é comum, já que os estudos culturais estabelecem a queda das barreiras disciplinares. Ao atuar em pesquisas que envolvem a sociologia e a formação da identidade a partir da mediação dos produtos da indústria cultural no Brasil, Ortiz pôde passar, ele também, por “culturalista” no congresso, embora entenda que esse tipo de estudo caiba numa disciplina institucionalizada como a sociologia.¹⁷⁸

Ortiz explica que essa confusão se deve ao fato de haver diferenças significativas na formação das disciplinas no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Nos países ricos, a especialização levou a uma clivagem maior de temas e metodologias. Assim, tudo o que parece fora dos muros das disciplinas — e que envolve o diálogo de várias ciências — é enquadrado na vala-comum dos *cultural studies*. No Brasil, onde as ciências humanas se desenvolveram tardiamente, no século XX, a autonomia dos campos intelectuais ocorreu com mais vagar, permitindo a “porosidade” das áreas de pesquisa.

Embora houvesse inclinação do *Mais!* para a alta cultura quanto à forma do texto, na segunda fase os conteúdos tornam-se muito mais ecléticos. A visada “culturalista” do *Mais!* se manifesta de diversas formas. As mais evidentes são as seguintes: 1) a mistura do discurso da “alta cultura”, entendida como a cultura da elite, com a cultura das mídias. Se uma edição é dedicada à obra do filósofo Gérard Lebrun, por exemplo, outra trata de jogos eletrônicos ou de música pop. Há uma mistura entre a alta cultura e a cultura de massa, entendidas numa perspectiva da Escola de Frankfurt. O suplemento privilegia uma visão culturalista, misturando o discurso acadêmico, centralizado no mundo literário, com formas recentes da produção cultural, oriundas da

¹⁷⁸ ORTIZ, Renato. Estudos culturais. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 16., n. 1, jun. 2004.

mídia; 2) em diversos números, o suplemento apresentou uma noção de cultura bastante dinâmica, com a redefinição de conceitos das ciências humanas, à maneira do *Dicionário de Ideias Prontas*, de Flaubert; 3) o suplemento abre-se para uma reflexão das identidades culturais da década de 1990, funcionando como uma arena na qual vários discursos se chocam. Assim, diversas edições foram consagradas a debates sobre, por exemplo, identidades culturais; 4) o *Mais!* passa a dar grande espaço para temas globalizados, que poderiam ser encontrados igualmente em qualquer publicação dos grandes centros econômicos e culturais do Ocidente. Esses temas referem-se à política internacional, às guerras, às reflexões sobre o capitalismo e às desigualdades. Somadas, as áreas de estudos culturais e cultura das mídias aparecem com 8,7% nas capas da primeira fase e 12% na segunda fase, o que evidencia a importância crescente desse tipo de abordagem no suplemento.¹⁷⁹

É preciso destacar que o suplemento foi publicado numa época em que o literário perdeu sua hegemonia. O discurso literário, que até a primeira metade do século XX ocupava o centro da produção ideológica e da criação das identidades nacionais, tornou-se um entre tantos outros textos culturais. Com as transformações ocorridas a partir da década de 1980 — entre elas os avanços da comunicação, a transformação da mídia numa poderosa indústria a concorrer com os produtos literários — o suplemento tornou-se um espaço em que todos esses produtos poderiam ser contemplados lado a lado, exigindo abordagens cada vez mais flexíveis.

Um ponto importante do *Mais!* é o debate sobre o descentramento da noção de cultura e a abertura para discussões que passam pela esfera da política mundial, numa atitude semelhante a publicações como o francês *Le Monde Diplomatique*. Temas como a ascensão de novas identidades culturais — a cultura pop, tecnológica, ecológica, feminista, gay, oriental, árabe — passam a ladear debates sobre cânone literário e identidade nacional. Isso demonstra que há uma preocupação com os aspectos políticos dos produtos culturais em circulação na sociedade. Outro fenômeno importante é o fato de o suplemento dar importância a discussões globais, muito mais do que aos

¹⁷⁹ Ver gráficos nos anexos.

temas que expressam uma visão local ou mesmo de expressão da cultura nacional.

Há uma internacionalização das discussões, inclusive na escolha das matérias publicadas. Nos anos 1990 em diante, graças às facilidades da internet, diversos articulistas de grandes jornais estrangeiros passaram a escrever para o *Mais!* — sob encomenda, ou mesmo a partir de traduções feitas de veículos de outros países. Com uma visão privilegiando o hibridismo, o *Mais!* criou debates sobre temas como os conflitos no Oriente Médio, a política conservadora da Europa e dos Estados Unidos, a ascensão das culturas periféricas e das literaturas pós-coloniais. Todos eles são temas globalizados. A área política aparece com 6,6% nas capas da primeira fase e 11,5% na segunda.¹⁸⁰ Esse crescimento se deveu ao fato de o *Mais!*, na segunda fase, abordar de maneira mais intensa os temas da política internacional, tais como os conflitos entre o Oriente Médio e os Estados Unidos da era Bush, os atentados do 11 de Setembro e a chamada “guerra contra o terror”.

A publicação de diversos dossiês destinados a temas sociais e objeto dos estudos culturais mostra abertura de abordagem do suplemento para algumas áreas das ciências humanas. Questões como a cultura gay, o feminismo e a globalização, por exemplo, tiveram grande espaço. Apesar disso, o olhar culturalista não está presente quando o tema é literatura ou crítica literária. Além de prender-se aos “grandes mestres” da crítica, o *Mais!* divulgou visões tradicionais sobre autores consagrados da literatura brasileira — o que, de certa forma, neutralizou a visada culturalista presente em outras abordagens no suplemento.

3.8 O elogio aos grandes mestres

O *Mais!* apresentou, principalmente do final da década de 1990 em diante, textos que defendem de forma veemente a cultura literária e a alta cultura. Isso se manifestou com a publicação de listas com indicações de

¹⁸⁰ Ver gráficos nos anexos.

obras, a insistência em retomar autores da tradição brasileira — numa releitura do cânone literário —, o que evidencia uma preocupação dos editores com a literatura. Esse é o caso dos textos de Walnice Nogueira Galvão e Leyla Perrone-Moisés, já citados. Ambas apontam o enfraquecimento da cultura literária no Brasil. A primeira mostra que houve um desmonte da cultura brasileira em favor do mercado; a segunda evidencia o enfraquecimento da teoria literária como disciplina autônoma.

Silviano Santiago, em outro texto, afirma que o mercado, dos anos 1980 em diante, tem privilegiado três tipos de autores: o que escreve a grande literatura, o engajado e o campeão de vendas. Antes, todas essas facetas estariam ligadas a uma só figura. Para ele, há falta de política cultural e de movimento crítico atuante para evitar que escritores como Paulo Coelho tornem-se produtos de exportação. “Por não estar sendo questionado pelo lado de dentro e pouco pelo lado de fora, o pensamento desiludido e alvissareiro de Paulo Coelho se perpetua de maneira sobrejacente e epidérmica, apresentando-se como contínuo místico nos diversos palcos do mundo e respectivas línguas nacionais.”¹⁸¹

Reagindo a esta suposta decadência da cultura literária, o *Mais!* empreendeu a valorização de escritores e críticos que formam uma tradição cultural brasileira a partir da experiência da Universidade de São Paulo, do Modernismo paulista e da Poesia Concreta, que podemos chamar de tradição crítica paulista. Evidência disso é a recorrência de fatos e de personagens que aparecem na pauta do suplemento, sempre apresentados numa relação de interdependência, como se formassem famílias intelectuais. Entre eles, os mais frequentes são Mário de Andrade, Antonio Candido, os irmãos Campos, Roberto Schwarz, Davi Arrigucci, Sérgio Buarque de Holanda, ou autores que, de alguma forma, são bastante estudados na tradição uspiana, como Machado de Assis, Gilberto Freyre, Gregório de Matos, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos.

Bento Prado Jr., ao analisar o livro de Paulo Arantes¹⁸² sobre a crítica paulista, evoca a continuidade dessa tradição. De acordo com Prado Jr.,

¹⁸¹ SANTIAGO, Silviano. Outubro retalhado. *Folha de S. Paulo*, 16 nov. 2003. *Mais!*, p. 6.

¹⁸² ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Arantes entende todo o trabalho crítico de Candido como um esforço para compreender a complexidade e as contradições da sociedade brasileira a partir da relação forma-conteúdo na literatura, material que serviu de base para as análises de Schwarz em relação a Machado de Assis. Segundo Prado Jr., Arantes vê nesse esforço a formação de uma tradição crítica:

De seu próprio lado, na sua imanência secreta, ele abre espaço para muitas tradições. Com esse belo livro de Paulo Arantes, os escritos de Antonio Candido e de Roberto Schwarz (bem como os do próprio Paulo) articulam-se *em linha ou sucessão cumulativa, permitindo-nos descortinar o movimento da formação de uma tradição crítica no Brasil*, onde a palavra crítica reassume toda a sua riquíssima carga semântica (não só crítica literária, mas crítica da sociedade, da cultura e da Razão).¹⁸³

Embora tendo na figura de Antonio Candido o seu ponto mais importante, essa tradição vem sendo formada a partir do marco da Semana de Arte Moderna. Cabe destacar a importância que o jornal confere à visão de história literária como uma sucessão de fatos encadeados no tempo, numa relação teleológica, conforme a noção positivista que se formou no século XIX, sob influência das teorias evolucionistas da biologia. Daí a necessidade de recorrer tantas vezes aos nomes consagrados da literatura brasileira, que, conforme são apresentados ao leitor do suplemento, tentam cristalizar a ideia de que há um panorama razoavelmente estável na literatura brasileira.

Essa estabilidade, reforçada pelo modo de exposição que evidencia o acúmulo da experiência histórica, é um antídoto à “destruição do passado” a que Hobsbawm se refere ao tratar da história do século XX. Para o historiador, a “maior parte dos jovens do final do século cresceu numa espécie de presente contínuo, em que falta todo tipo de ligação orgânica entre a época em que vivem e o passado coletivo”¹⁸⁴. A construção de uma linha evolutiva que liga os modernistas à produção crítica é uma tentativa de dar coerência a esse “passado coletivo” da literatura brasileira, mesmo que as contradições sejam abrandadas.

¹⁸³ PRADO JR. Bento. A formação da tradição crítica. **Folha de S. Paulo**, 9 maio 1993. Mais!, p. 18. Sem grifos no original.

¹⁸⁴ HOBBSAWM, Eric. **The age of extremes**: a history of the world, 1914-1991. New York: Vintage Books, 1996, p. 3.

Em sua abordagem sobre a formação e permanência das ideias literárias brasileiras, o *Mais!* utiliza a noção de geração. Nas reportagens e textos publicados no suplemento, o entendimento de geração é semelhante à definição sociológica do termo. Para Karl Mannheim, uma geração não é determinada simplesmente pela faixa etária de seus integrantes, mas pelas experiências sociais e espirituais, além de seus objetivos intelectuais comuns — elementos influenciados pelo lugar de classe de seus membros. De acordo com o sociólogo, as gerações têm uma função dinâmica, pois possibilitam as transformações culturais. Para ele, o espaço entre uma geração e outra não é determinada por fatores cronológicos, mas pela velocidade das mudanças culturais.¹⁸⁵

Conforme o estudo de Mannheim, entre uma geração e outra não há, necessariamente, grandes mudanças culturais. Em muitos casos, há continuidade das ideias. As oposições tornam-se mais evidentes quando se trata de gerações intermediárias. Com esse conceito, podemos fazer uma leitura da forma como o *Mais!* compreende as gerações que formaram a tradição crítica paulista. A primeira geração seria a dos poetas modernistas — tendo como figuras centrais Mário e Oswald de Andrade. Depois deles, viria a segunda geração, formada pelo grupo da revista *Clima* — tendo como figuras de ponta Antonio Candido, Decio de Almeida Prado e Paulo Emilio Salles Gomes. A terceira geração é composta por críticos como Roberto Schwarz e Davi Arrigucci. Entre a segunda e a terceira, há uma geração intermediária, formada por Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, que representa a dissidência. Esta teria como sucessora o grupo de artistas e intelectuais ligados ao Tropicalismo.

Ao classificar as gerações, o *Mais!* chama a atenção para a ideia de mudança social e modernização que cada uma delas trouxe. Nas abordagens, está presente outra noção que poderá facilitar o entendimento das diferenças das gerações, que é a de “formação artística”. Para Raymond Williams, as “formações” intelectuais artísticas são grupos de pessoas que estabelecem determinadas regras e metodologias teóricas, ligadas a noções de classe e região. Em muitos casos, existem as formações ditas “complexas”, que,

¹⁸⁵ MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice (org.). *Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

pertencendo a uma determinada classe social, sua atividade estará sempre numa relação de tensão quanto aos valores dessa classe.¹⁸⁶

Segundo Williams, as formações tinham regras mais rígidas do período medieval até o final do século XIX. Desse período em diante, os grupos tornaram-se cada vez mais independentes. Isso ocorreu, segundo ele, porque houve especialização do mercado e maior tolerância às formas dissidentes na produção artística e intelectual. Nisso, Williams reconhece o que chamou de fração de classe, ou seja, dentro das classes sociais, há espaço para certas discordâncias quanto às relações culturais.

Essa noção esteve presente nas construções e consolidação no nível simbólico da tradição paulista em oposição a valores considerados antiquados. Os autores que têm maior evidência no *Mais!* ganham uma posição de destaque na construção do passado. Embora a história intelectual no Brasil envolva outros grupos intelectuais (a exemplo do ISEB no Rio de Janeiro), o *Mais!* destaca a tradição paulista e os autores que de alguma forma enriquecem suas discussões teóricas, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que tiveram destaque em várias edições do suplemento. Some-se a isso o movimento de reedição desses autores por editoras paulistas: a Companhia das Letras não só reeditou livros consagrados de Sérgio Buarque, como publicou dois volumes de crítica literária inédita sua, organizados por Antonio Arnoni Prado, intitulados *O espírito e a letra*.¹⁸⁷

É evidente a referência a uma genealogia crítica paulista já no primeiro número do *Mais!*, de 16 de fevereiro de 1992, data que marca os 70 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo. O Modernismo paulista tem presença forte no suplemento. Ele é uma espécie de marco-zero para a construção de uma tradição cultural que se quer preservar. Assim, a principal reportagem do suplemento reaviva dois ramos da árvore genealógica da crítica moderna em São Paulo. De um lado, os herdeiros de Mário de Andrade; de outro, os “filhos”, “netos” e “bisnetos” de Oswald. A matéria parte do fato de que os dois Andrades representaram as linhas mais importantes dos primeiros anos

¹⁸⁶ WILLIAMS, op. cit., p 57-85.

¹⁸⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária – volumes I e II. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

do Modernismo. Em 1929, no entanto, devido a motivos pessoais, políticos e preferências estéticas, os dois deixaram de se falar.

A matéria utiliza características pessoais dos dois para mostrar as duas principais vertentes da crítica literária paulista, além de destacar que as rivalidades entre elas ainda estão de pé. As duas “famílias tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes, com hábitos e humores diferentes, não poderiam deixar de estar sujeitas a atritos, ciúmes e até mesmo ódios verticais, em momentos mais acalorados.”¹⁸⁸ Assim, de um lado se criou uma linha de pesquisa da literatura de fundo sociológico, voltado para a construção do nacional e da tradição, representada pelo grupo que se articulou em torno da revista *Clima*, a partir dos anos 1940, mais próxima das ideias de Mário de Andrade; “enquanto a figura de Oswald se transforma em ponto inicial da estrada em que trafegam o ‘vanguardismo’, a ‘sensibilidade’, a ‘forma’ e a ‘invenção’”¹⁸⁹. A esse ideário está associado o grupo da Poesia Concreta, tendo como figura de ponta Haroldo de Campos. Mais tarde, teria adesão dos artistas e intelectuais ligados ao Tropicalismo, que chegaram à antropofagia oswaldiana sob a influência da Poesia Concreta.¹⁹⁰

Na mesma reportagem, uma das polêmicas mais importantes da década de 1980 no jornalismo cultural é lembrada pelos repórteres. Trata-se da briga travada em 1984 no *Folhetim* entre Augusto de Campos e Roberto Schwarz, em torno do poema “Postudo”, da autoria do primeiro. Na peleja, estiveram em jogo as duas formas de conceber poesia: de um lado a preocupação com a forma e a invenção, de outro com a relação entre a obra e o seu contexto social. Ao longo do texto, no entanto, os repórteres mostram que a relação entre os herdeiros de Mário e de Oswald não se resume a pontos de vista diferentes; num tom de conciliação, os repórteres mostram que essas duas linhas não são excludentes, apontando curiosidades biográficas que aproximam os intelectuais.

¹⁸⁸ GONÇALVES, Marcos Augusto; LEITE NETO, Alcino. Andrade x Andrade. **Folha de S. Paulo**, 16 fev. 1992. Mais!, p. 7.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 8.

¹⁹⁰ PERRONE, Charles. Poesia concreta e tropicalismo. **Revista USP**, São Paulo, n. 4, p. 55-64, dez./jan./fev. 1989/90.

A obra de Oswald, considerada secundária até meados da década de 1950, foi trazida à tona por Antonio Candido, muito mais ligado ao ideário de Mário de Andrade. Foi Candido quem dirigiu a publicação das obras completas de Oswald, pela editora Civilização Brasileira: conferiu a Haroldo de Campos a tarefa de fazer o prefácio dos livros considerados mais radicais de Oswald: *Serafim Ponte-Grande*, *Memórias Sentimentais de João Miramar* e as *Poesias Reunidas*.

Haroldo de Campos, por sua vez, teve como objeto de tese de doutorado a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, sob a orientação de Antonio Candido. Haroldo, no entanto, tornar-se-ia professor do departamento de Letras da PUC de São Paulo, não da USP, apesar do convite de Candido. Na PUC ajudou a criar uma linha de pesquisa mais preocupada com uma proposta formalista de análise. Em entrevista ao *Mais!*, Haroldo chegou a dizer que não quis fazer o concurso para a USP porque, em virtude de seu trabalho como advogado durante o dia, só tinha as noites para lecionar. Dessa forma, embora separados, em muitos momentos os legados dos Andrades se misturam, para formar uma moderna tradição da crítica paulista:

A história acabou por embaralhar os já complicados modelos representados por Mário e Oswald e *parece ser este embaralhamento mesmo o motor que faz da vida intelectual paulista dos últimos 70 anos uma das mais atribuladas e férteis do país. As disjunções e sobreposições entre as várias correntes provocam a impossibilidade de se atribuir a descendência direta de uma tendência a uma só figura*¹⁹¹.

Notem-se nessa afirmação dos jornalistas dois pontos: primeiro, o fato de considerarem a vida intelectual paulista como sendo *uma das mais férteis do país*, o que reflete a postura da *Folha de S. Paulo* quando à importância atribuída à cidade e ao Estado como sendo os *motores* do desenvolvimento brasileiro. O segundo ponto é o fato de os autores considerarem que haja uma tradição intelectual formada no ambiente intelectual de São Paulo, ainda que as diversas sobreposições de correntes tivessem provocado mistura das tendências, impossibilitando o estabelecimento das paternidades. O que querem ensinar é que, no final das

¹⁹¹ GONÇALVES e LEITE NETO, *Andrade x Andrade*, op. cit., p. 9. Sem grifos no original.

contas, não importa muito se o pai é Oswald ou de Mário, pois todos descendem do Modernismo.

A separação entre os ramos dos Andrades, no entanto, não é tão relativa para a crítica Leda Tenório da Motta. As diferenças entre as duas formas de encarar a literatura representam, na opinião dela, as linhas mais importantes da teoria literária da segunda metade do século XX no Brasil. Para a autora, o grupo *Clima*, sob o apadrinhamento de Mário de Andrade, apresentava uma abordagem mais convencional da literatura, enquanto que os artistas que se reuniram em torno da revista *Noigandres*, no início dos anos 1950, conseguiam fazer uma abordagem mais ousada.

E é assim que, indo na contramão dos fatos, pelas mãos desse outro padrinho fora-de-moda, o Grupo Noigandres, que prefere fazer pacto com a irreverência e recuperar o ímpeto demolidor da *Semana*, interrompido por uma contra-reforma que considera “neoclassicizante”, chega para desestabelecer a construção da nacionalidade, ou o projeto mesmo de Mário, contrapondo-lhe outros construtivismos.¹⁹²

A narrativa do *Mais!* sobre a moderna tradição crítica paulista encontra continuação logo depois, na edição de 5 de abril de 1992, na série “Entrevistas Históricas”. Trata-se de uma conversa entre o jornalista Alcino Leite Neto, o articulista Nelson Ascher, com Haroldo de Campos, um dos idealizadores da Poesia Concreta, considerada um desdobramento das propostas mais radicais do Modernismo, seguindo a linha oswaldiana. Embora o tom da conversa tendesse para o pessoal e biográfico, buscava sempre ligar Haroldo a uma tradição cultural paulista. Assim, movimentos como o Modernismo, a Geração de 45 e nomes como Oswald de Andrade e Antonio Candido, além de instituições como a USP e a PUC de São Paulo, são mencionados.

A abertura do texto da entrevista usa como gancho jornalístico o fato de outros países terem irmãos famosos na área da literatura, como os Grimm, na Alemanha, e os James, nos Estados Unidos. Dizem os entrevistadores: “O Brasil só tinha uma dupla de falsos irmãos, Mário e Oswald de Andrade, até que surgiram dois poetas, irmãos de verdade, ‘siamesmos’ na sua própria

¹⁹² MOTTA, Leda Tenório da. **Sobre a crítica literária brasileira no último meio século**. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 51.

expressão (...).¹⁹³ Aqui, a alusão direta aos Andrades do Modernismo, que vão ser retomados ao longo da entrevista. No início da conversa, Haroldo fala de sua formação como leitor, do seu envolvimento com o mundo da poesia e sua relação com a USP.

Ao recuperar a história de Haroldo, a entrevista não deixa de situá-lo em relação a Antonio Candido. Apesar de não dizer expressamente que as ideias de Haroldo divergem em muitos pontos das de Candido, mostra que trilharam caminhos diferentes. Em outros textos do *Mais!*, a oposição entre Haroldo e Candido estará mais evidente, como é o caso da polêmica sobre a posição do barroco na *Formação da Literatura Brasileira*, texto publicado em livro por Haroldo em 1989 e objeto de algumas críticas feitas pelo autor no *Mais!*, com o texto publicado em dossiê sobre Gregório de Matos (20/11/1996).

A narrativa da tradição paulista avança ainda mais com ensaio publicado em 8 de outubro de 1995, de Roberto Schwarz, “Um seminário de Marx”. O texto é o principal do suplemento, com a chamada de capa:

Uma geração que reinventou o Brasil

O ensaísta Roberto Schwarz analisa em texto inédito o percurso intelectual e político de um grupo de jovens professores da USP, que começou há 40 anos estudando “O Capital”, de Marx, e teve um de seus membros mais ilustres, Fernando Henrique Cardoso, eleito presidente no ano passado.¹⁹⁴

Já na chamada de capa, o *Mais!* atribui ao marxismo importância na construção da moderna crítica brasileira. O ensaio começa com a ideia de que o marxismo está em descrédito. No entanto, diz Schwarz, é praticamente impossível entender a realidade brasileira sem levá-lo em conta:

O marxismo está em baixa e passa por ser uma ladainha. Entretanto acho difícil não reconhecer que alguns dos argumentos mais inovadores e menos ideológicos do debate brasileiro dependem dele, com sua ênfase no interesse material e nas divisões da sociedade. Será mesmo o caso de esclarecer ou calar — o nexos entre lógica econômica, alienação, antagonismos de classe e desigualdades internacionais? E será certo que a vida do espírito fica mais relevante sem estas referências?¹⁹⁵

¹⁹³ ASCHER, Nelson; LEITE NETO, Alcino. A vida concreta de Haroldo de Campos. **Folha de S. Paulo**, 5 de abr. 1992. *Mais!*, p. 8.

¹⁹⁴ **Folha de S. Paulo**, 8 de out. 1995. *Mais!*.

¹⁹⁵ SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. **Folha de S. Paulo**, 8 de out. 1995. *Mais!*, p. 4.

Na década de 1950, a sociologia brasileira vinha sendo influenciada por autores norte-americanos ou por um tipo de abordagem que não trazia elementos para se intervir na realidade social. O estudo do marxismo foi, então, uma maneira de definir bases metodológicas para vários campos de pesquisa nas ciências sociais e fazer a crítica da tradição brasileira.

Os três intelectuais do grupo cujos trabalhos são citados por Schwarz são Fernando Henrique Cardoso, Fernando Novais e, embora não tenha feito parte do grupo, mas incorporado sua metodologia, Maria Sylvia de Carvalho Franco. No trabalho dos três, ficou evidente uma leitura da histórica econômica brasileira em que a modernidade, em vez de elemento disseminador da igualdade social, aparece como instrumento da manutenção de uma ordem arcaica, tendo em vista as relações de classe e a escravidão.

Esse olhar para o passado, direcionado, serviu para elaborar ações transformadoras na sociedade brasileira. “Tratava-se de entender a funcionalidade e a crise das formas ‘atrasadas’ de trabalho, das relações ‘arcaicas’ de clientelismo, das condutas ‘irracionais’ da classe dominante, bem como a inserção global e subordinada de nossa economia, tudo em nossos dias.”¹⁹⁶

Esse viés era inédito nas ciências sociais, já que nos modelos europeus não havia a preocupação de se estudarem tais contradições. “Com isso, a discussão do subdesenvolvimento adquiriu uma representatividade contemporânea inédita, que abria perspectivas ao pensamento de oposição também no mundo desenvolvido.”¹⁹⁷ Schwarz aponta os olhares da obra marxista que deixaram de ser estudados pelos participantes do seminário — e que também não estão presentes nas obras que eles publicaram como resultado do estudo da metodologia marxista: o fetichismo da mercadoria; a experiência do nazismo, conforme foi estudada pela Escola de Frankfurt, e, por último, a falta de articulação entre a ação teórica do grupo e a produção artística — o que, a seu tempo, era um dos pontos importantes do trabalho de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 6.

¹⁹⁷ Idem.

3.9 Museu de tudo e depois

A criação de um panteão de autores que são reverenciados pelo suplemento é reforçada pela insistência com que o material publicado é transformado em depoimento histórico e memória. Um dos indicativos dessa tendência já foi apontado por Valdir Prigol em seu estudo sobre o suplemento. Para ele, a comemoração é a principal estratégia editorial utilizada para a publicação de dossiês sobre determinados autores ou fatos. Datas de nascimento, morte, aniversário da publicação de obras: esses são os principais motivos que desencadeiam a publicação de certas matérias.

Por um lado, essa estratégia pode ser entendida pela própria lógica do jornalismo. A publicação de uma matéria jornalística sobre determinado autor justifica-se quando há o lançamento de um livro novo ou quando ocorre algum tipo de comemoração; por outro, observa-se que houve, no final do século XX, uma tendência à retomada de determinados valores e autores do passado — acompanhando o clima de balanço do final do século XX. Já que o “breve século XX” com suas duas guerras mundiais chegava ao fim, estava na hora de medir os fatos e ver o que sobrou de positivo dos despojos. E o que podemos fazer deles no futuro. Na análise das capas do suplemento, pudemos observar que, somados, os valores-notícia de notoriedade e comemoração aparecem como os mais expressivos. Na primeira fase, representam 40% (32% para notoriedade e 8% para comemoração) e na segunda fase 42,3% (31,8% para notoriedade e 10,5% para comemoração)¹⁹⁸.

É sobre esta hipótese que reflete, em outro contexto, Beatriz Sarlo, para quem tem havido, desde o final do século passado, uma supervalorização em termos culturais dos museus, das homenagens e das retrospectivas, buscando reconstruir o passado.

As últimas décadas deram a impressão de que o império do passado se enfraquecia diante do “instante” (os lugares-comuns sobre pós-modernidade, com suas operações de “apagamentos”, repicam o luto ou celebram a dissolução do passado); no entanto, também foram as décadas da museificação, da *heritage*, do passado-

¹⁹⁸ Ver gráficos nos anexos.

espetáculo [...] e dos *theme-parks* históricos; daquilo que Ralph Samuel chamou de “mania preservacionista”; do surpreendente renascer do romance histórico, dos best-sellers e filmes que visitam desde Troia até o século XIX, das histórias da vida privada [...], da reciclagem de estilos, tudo isso que Nietzsche chamou, irritado, de história dos antiquários. “As sociedades ocidentais estão vivendo uma era de autoarqueologização”, escreveu Charles Maier.¹⁹⁹

Sarlo faz uma diferenciação entre a história e a memória. Para ela, a história é coletiva e a memória, subjetiva. O conflito entre uma e outra é inevitável: “A memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade)”²⁰⁰. Assim, hoje, há uma grande valorização da memória até mesmo pelos veículos de comunicação de massa, já que a memória pessoal é tida, muito mais do que a história tradicional, como “reveladora” de uma determinada situação. Ligada primeiramente à Nova História, a abordagem subjetiva tem sido acionada nas últimas décadas principalmente para se refletir o período autoritário vivido pelos países da América Latina, durante as ditaduras militares.

De acordo com Beatriz Sarlo, essa “guinada subjetiva” da reconstrução do passado, a partir do relato de seus personagens, integra boa parte do que se pôs em circulação em diversos meios sobre as décadas de 1960 e 1970. Para a autora, a “primeira pessoa” é uma forma “privilegiada diante de discursos dos quais ela está ausente ou deslocada. A confiança no imediatismo da voz e do corpo favorece o testemunho.”²⁰¹ Assim, passam a ter grande importância na construção da história os sujeitos que “protagonizaram negociações, transgressões e variantes.”²⁰²

Essas novas vozes que tecem a história o fazem a partir de outras formas discursivas além das oficiais: são diários, esboços, histórias pessoais, cartas que passam a integrar os “discursos da memória”, como denomina a crítica argentina. No *Mais!*, cabe destacar como exemplo da importância da escrita subjetiva a inclusão de cartas como gênero textual nas capas como o

¹⁹⁹ SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo/ Belo Horizonte: Companhia das Letras/ Editora UFMG, 2007, p. 11.

²⁰⁰ Ibidem, p. 9.

²⁰¹ Ibidem, p. 19.

²⁰² Ibidem, p. 16.

principal de determinadas edições. Isso acontece, na primeira fase, em 2,5% das edições e, na segunda, em 1,2% das edições²⁰³.

O *Mais!* fez a reconstituição da história, mas também a da memória, ao utilizar determinadas vozes para reordenar o passado. São vários os gêneros textuais e as rubricas fixas utilizados para a produção desse tipo de relato: as “Entrevistas Históricas”; textos literários; os depoimentos; os textos em homenagem a alguns intelectuais; os textos de apoio contendo datas e acontecimentos históricos. Exemplo disso é o depoimento de Antonio Candido sobre Sérgio Buarque de Holanda, intitulado “Lembrança de Sérgio”²⁰⁴. Na mesma edição, é publicado o ensaio “A sombra viva das letras”, de Bento Prado Jr., sobre a reunião de textos de crítica literária de Sérgio Buarque feita por Antonio Arnoni Prado, *O espírito e a letra*.

Há uma diferença expressiva entre os dois textos. O de Bento Prado Jr. se fixa na análise do conteúdo da obra e no trabalho de Sérgio Buarque como crítico literário. Existe certa impessoalidade no tratamento do tema. O texto de Antonio Candido, por sua vez, mistura análise da obra com uma série de revelações suas e de Sérgio Buarque. O tom é de confissão:

Devo dizer que não sou muito sociável e sempre frequentei poucas casas. A de Sérgio e Maria Amélia foi a que mais visitei, e eles também iam à nossa com certa frequência. Posso dizer que fomos amigos chegados, por isso pude conhecê-lo de perto, ter muitas conversas e avaliar o tipo extraordinário que era: um conjunto complexo, no qual um traço de personalidade parecia negar o outro. Era, de fato, erudito da maior serenidade e, ao mesmo tempo, inclinado à molecagem.²⁰⁵

É recorrente o fato de alguns críticos — e Antonio Candido é uma das vozes mais presentes nesse tipo de texto — sejam acionados pelo suplemento para deixar suas impressões sobre o passado. Isso ajuda a dar coerência à história, dentro do discurso que se constrói no *Mais!*, e também confere grande importância àquele que lembra.

Ao tratar da importância do contador de histórias nas sociedades primitivas, Walter Benjamin afirma que a narrativa encerra um tipo determinado

²⁰³ Ver gráficos nos anexos.

²⁰⁴ CANDIDO, Antonio. Lembrança de Sérgio. **Folha e S. Paulo**, 14 de mar. 2004. *Mais!*, p. 8.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 9.

de poder sobre sua comunidade que só se encerra com a morte. O narrador é aquele que baseia a sua história na experiência, tornando-a utilitária para o ouvinte. “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.”²⁰⁶

Os depoimentos publicados pelo *Mais!* com o foco na história do Brasil ganham *status* de conselho ao leitor. É como se aquela voz que é escolhida para contar a história se encarregasse de organizar a tradição para os novos leitores, de maneira que a história não se perca.

3.10 A tradição crítica contra-ataca

O grande espaço concedido pelo *Mais!* à construção de uma narrativa que privilegia a tradição crítica paulista sinaliza para uma abordagem conservadora da produção cultural, já que abre pouco espaço para abordagens novas no ambiente da produção literária brasileira. Apesar de publicar resenhas sobre os novos autores, o *Mais!* não os coloca no centro das discussões, preferindo repassar a lição dos clássicos. As discussões culturais atuais não são colocadas numa linha de frente na grande imprensa. Cada vez mais generalista e apostando em produtos culturais com sucesso garantido, a *Folha* não reflete as novas tendências. Exemplo disso é que não há, entre os temas de destaque do *Mais!*, abordagens sistemáticas sobre os novos autores da literatura brasileira. As edições do suplemento dão preferência, como tema em destaque, a determinados autores consagrados da literatura brasileira, privilegiando as leituras estabelecidas pela moderna crítica paulista.

A tentativa de manter uma tradição a partir dos grandes nomes da literatura satisfaz a construção de um público formado pelo leitor médio, mas que pretende parecer o público da alta cultura. Assim, o jornal lança discussões relativamente saturadas na academia com um ar de ineditismo. Isso favorece a recepção e serve para plasmar algumas noções estéticas previstas no jornal. Da mesma forma, a estratégia de voltar ao passado e dar

²⁰⁶ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 200.

grande espaço para os autores já consagrados serve para, de alguma forma, evidenciar uma pretensa crise na produção contemporânea.

Mais complexa, por ainda não ter sido classificada e suficientemente estudada, a produção contemporânea é um espaço incerto, que não ganha as páginas privilegiadas da *Folha*. O suplemento *Mais!*, diferente da postura militante de publicações de décadas anteriores, não arrisca apostar em autores novos com receio de não agradar os leitores ou cometer grandes erros de avaliação. Assim, determinados valores modernos e autores são cultuados em nome da conservação de uma tradição crítica bem aceita pela intelectualidade local. E é sobre esses valores e alguns de seus autores mais abordados que versará o capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

4 O *MAIS!* E OS GRANDES AUTORES

Vimos no capítulo anterior que o *Mais!* privilegiou formas da crítica e valores literários já consagrados no meio intelectual paulista. Situado num momento fértil da produção crítica brasileira e mundial, o suplemento pôs em evidência valores que expõem aos leitores os artistas canônicos da literatura brasileira. Esses critérios estão ligados às tendências da crítica e aos grupos intelectuais que têm maior trânsito no ambiente cultural de São Paulo. O discurso privilegiado pelo suplemento acentua autores ligados ao Modernismo ou a seus desdobramentos. Eles são “atualizados” e “conservados” pelas tendências da crítica que circulam no suplemento.

Para a realização deste estudo, tomamos como base conceitos da Estética da Recepção. A partir dela, podemos entender que o suplemento pode ser visto como um importante instrumento de divulgação de leituras e da formação da história literária; os rankings elaborados nas suas páginas reforçam valores de uma tradição crítica, deixando de lado outros pontos de vista; a presença de integrantes dessas linhas da crítica nas páginas do suplemento evidencia sua importância; a retomada de certos autores ajuda a mostrar como os valores estéticos defendidos pela tradição crítica se mantêm nos autores da atualidade.

Neste capítulo, analisaremos os valores defendidos pela tradição crítica paulista e como se manifestam em alguns autores. Na primeira parte, será discutida a Estética da Recepção e a formação da crítica moderna; depois, os valores estéticos defendidos no *Mais!*; por fim será feita análise de como os valores estéticos se manifestam na avaliação de alguns dos autores considerados mais importantes na tradição brasileira — apontados nos rankings do suplemento. Serão estudados os casos de Machado de Assis, Euclides da Cunha e Carlos Drummond de Andrade. Eles são analisados nesta tese porque são considerados os mais importantes no suplemento.

4.1 O suplemento como leitor da tradição

A história literária é constantemente refeita à medida que se produzem novos discursos sobre o que foi lido. O cânone literário — o que é considerado mais importante numa literatura — é reformulado ou reafirmado, a partir de valores que transcendem a estética. Tendo como base mais do que valores intrínsecos, a crítica lê as obras a partir de uma visada política. A escolha de um determinado corpus literário evidencia não apenas as obras e os escritores ali contemplados, mas os discursos críticos que lhes conferiram importância.

Inserido na esfera pública, marcadamente política, o suplemento é um leitor privilegiado da tradição: por meio dele, reafirmam-se ideias consagradas e se iluminam detalhes até então pouco debatidos pelos autores. O suplemento é, assim, um *leitor empírico*, que contribui de maneira importante para a construção do discurso que se faz sobre o cânone literário. Apropriando a classificação de Nietzsche sobre a história²⁰⁷, diríamos que o suplemento é, ao mesmo tempo, leitor *monumental*, *antiquário* e *crítico* do cânone literário, à medida que ratifica valores da tradição, atem-se a detalhes secundários de obras e escritores e pode até promover leituras renovadoras e críticas do cânone.

Ao longo da modernidade, o jornalismo se consolidou como instrumento de divulgação e legitimação dos produtos culturais. Desde a ascensão e a popularização dos veículos impressos, do século XVIII em diante, investe-se de autoridade para mediar informações e opiniões de grupos de leitores. No século XX, os periódicos passaram a ter um poder expressivo na formação de leitores e na produção de versões sobre a história literária. Isso ocorreu porque os jornais impressos começaram a ocupar, do ponto de vista simbólico, o lugar de outros espaços da esfera pública, como a universidade, o

²⁰⁷ Nietzsche afirma que existem três maneiras de se fazer história: a história monumental, que valoriza os grandes vultos e feitos da humanidade e não considera os fatos menores; a história antiquária, marcada pela obsessão do historiador em documentar fatos e datas; e a história crítica, que visa dessacralizar o passado, buscando sempre uma nova interpretação. Ver **Segunda consideração intempestiva**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

clube, a academia; com a popularização da imprensa, os periódicos passaram a pontuar os hábitos e os gostos da vida burguesa²⁰⁸.

Graças a sua ligação com a burguesia e com a modernidade, o jornal absorveu e reproduziu a ideologia dessa classe social, porque “as hierarquias internas do sistema de imprensa eram amplamente coerentes com as hierarquias sociais mais gerais, ou não poderiam ter sido tão eficientes.”²⁰⁹ A imprensa não é um instrumento à parte do desenvolvimento social e da revolução burguesa; ela é integrante de todo esse processo. Seu papel é primordial na fixação dos valores sociais e estéticos.

Pode-se entender, dessa maneira, o jornalismo como instrumento de leitura da história literária. O suplemento é um espaço de recepção e de criação de versões sobre a literatura e acerca de ideias literárias, capaz de influenciar o olhar crítico e a produção de determinada época. Ao dar espaço, escolher enfoques e noticiar características e obras da literatura, esse tipo de publicação seleciona e recorta a história literária; evidencia seus valores estéticos e de grupos de intelectuais que o utilizam como espaço para veiculação de suas ideias.

A leitura do *Mais!* revela a importância dada aos nomes consagrados da cultura brasileira. Assim, o papel de leitor que estamos atribuindo ao jornal deve ser entendido como de “releitor” da história literária, pois ao mesmo tempo que trata de autores novos, o suplemento reescreve a história literária, ao retomar determinados escritores e privilegiar certas leituras, numa atitude parcial e seletiva, que elege formas de ler, evidenciando, muitas vezes, o papel político desses enfoques.

O jornal tem um papel importante na representação de uma comunidade imaginária. A esse fenômeno, Benedict Anderson denominou capitalismo editorial, evidenciando que, na modernidade, o jornalismo impresso foi um importante instrumento para transformar as nações em comunidades com certa coesão, utilizando-se de recortes da história para construir um passado comum. O leitor de jornal depara-se todos os dias com recortes da realidade estampados nas páginas de seu diário preferido. No mesmo momento em que está lendo o jornal no café, no metrô ou em sua casa,

²⁰⁸ WATT, op. cit., p. 39.

²⁰⁹ WILLIAMS, op. cit., p. 108-109.

milhares de pessoas fazem o mesmo. A cerimônia é repetida por “[...] pessoas cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida.”²¹⁰

A partir do contato diário com as páginas do jornal, o leitor “[...] reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginário da vida cotidiana. [Assim], [...] a ficção se infiltra contínua e silenciosa na realidade, criando aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constituiu a marca registrada das nações modernas.”²¹¹ E a formação desses leitores anônimos favorece a criação de uma comunidade que lê o jornal de maneira semelhante, conforme Stanley Fish.²¹²

A determinação dessa leitura não ocorre porque existem sentidos imanentes no texto que é lido, mas porque há estratégias de leitura comuns a um grupo de leitores. Até mesmo a definição do que é ou não é literatura é produto de valores que transitam entre leitores e produtores. A determinação do valor literário é feita pelos discursos que ocupam um espaço que detém o poder de instância de consagração do objeto artístico. A determinação, no caso do suplemento, tem forte influência de elementos sociais. Dentre eles, um dos mais importantes é o fato de o suplemento ser porta-voz de uma comunidade, ou seja, de grupos intelectuais da cidade em que é publicado.

Quando pensamos no jornal como leitor, fazemo-lo a partir da teoria de Hans Robert Jauss. Com ele, podemos dizer que o jornal, representante de um grupo social, espectador privilegiado da história, lê e reescreve a história literária. O texto literário torna-se “escrivível”, conforme a sugestão de Barthes, já que é traduzido e atualizado em novas versões por autores que põem à prova a atualidade do texto literário de que se parte.

De uma forma geral, o que a teoria de Jauss acrescenta aos estudos sobre a leitura é que, à medida que uma obra literária é submetida a leituras reais, amplia-se e transforma-se seu horizonte de expectativa. A leitura de um texto literário pressupõe outras incursões do leitor pelo mundo da literatura.

²¹⁰ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.

²¹¹ Idem.

²¹² FISH, Stanley. **Is there a text in this class?** The authority of interpretive community. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

Assim, a perspectiva de Jauss valoriza o que Italo Calvino afirma sobre a leitura dos clássicos:

Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura [...]. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).²¹³

Divulgada no final da década de 1960, a obra de Jauss mostra uma crise na história literária como disciplina. A sua famosa aula inaugural de 1967 na Universidade de Konstanz começa com um ataque à disciplina. Diz ele: “Em nossa vida intelectual contemporânea, a história da literatura, em sua forma tradicional, vive tão somente uma existência nada mais que miserável, tendo se preservado apenas na qualidade de uma exigência caduca do regulamento dos exames oficiais.”²¹⁴

Ele reconhecia que a história literária, sob influência positivista, representava apenas uma idealização da literatura num determinado percurso temporal. Assim como a história tradicional na modernidade tem propósitos de formação de identidade nacional, determinando e limitando sua centralidade²¹⁵, a história literária tornava o cânone demasiadamente submisso a critérios de nacionalidade e esquemas evolutivos.

A proposta de Jauss quanto ao estudo da literatura foi pensar uma nova forma de história literária, contemplando a história da recepção da obra, e não outros polos, como o autor e a obra. Para isso, utilizou o conceito de diacronia e sincronia do formalismo russo, ou seja, a literatura não pode ser percebida apenas do ponto de vista diacrônico, cronológico, fixado pela tradição, já que o próprio ato de leitura é uma forma de atualizar a recepção. Quando alguém lê um poeta romântico francês do século XIX, fará nesta leitura um movimento de atualização da obra — já que todo processo de leitura ocorre

²¹³ CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 11.

²¹⁴ JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994, p. 5.

²¹⁵ Eric Hobsbawm destaca o papel da história na formação dos estados modernos. “O passado (...) foi redesenhado, um pouco como *haute couture*, de modo a revestir adequadamente um determinado objetivo político, a fim de torná-lo semelhante ao que queriam que parecesse.” Ver **O novo século**. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 31.

com o contato cooperativo do leitor com o mundo do texto. Da mesma forma, a leitura tem o poder de desencadear a produção de novas obras literárias, reinventando permanentemente a história literária.

Quando em contato com a obra literária, os leitores promovem sua *reescritura*, por meio da crítica, da tradução, da poesia ou da ficção. Não se trata, aqui, do leitor comum, mas daquele que, a partir da obra lida, compõe outro texto literário ou crítico, dando sequência à tradição. Essa característica torna-se mais forte em se tratando da literatura moderna, a ponto de Roland Barthes ter feito uma distinção entre dois tipos de textos, que preveem formas diferentes de leitor: os legíveis e os escrevíveis. Os primeiros, clássicos, são aqueles que têm significado mais estável, enquanto que os escrevíveis dão grande liberdade para o leitor.²¹⁶

A teoria de Jauss, quando aplicada ao suplemento, pode explicar a importância deste na recriação da história literária. A publicação de dossiês comemorativos, a elaboração de listagens com os 10 principais escritores de determinada categoria, a formação de polêmicas, as entrevistas com os que são considerados os maiores escritores e escritoras: tudo isso contribuiu para reavaliar a história literária. Cabe perguntar em que medida as escolhas e os critérios dos críticos do jornal conservam ou se opõem aos da história literária; que linhas da crítica são privilegiadas ou deixadas de lado nos argumentos utilizados para a construção da leitura; por que determinados autores são escolhidos para compor o conjunto dos mais importantes na opinião do suplemento.

Esse movimento, aparentemente aleatório pelo fato de o suplemento ser obra coletiva, feita por jornalistas ligados à empresa e por intelectuais de diversos pontos do país, ganha coerência à medida que as escolhas e os argumentos críticos reforçam valores de grupos intelectuais ligados ao jornal e opõem-se a outros. O que o suplemento faz é uma releitura do passado literário, tendo em vista a disputa dos discursos críticos do presente.

Aberta a uma nova forma de fazer história literária, que admite novos caminhos além da abordagem linear e ligada à construção de uma identidade nacional, a oposição representada pela obra de Jauss se endereça, portanto,

²¹⁶ BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

aos historiadores tradicionais, que sustentam a sua teoria numa relação evolutiva e teleológica da história, marcada pela ideologia, e que ignora o fato de a leitura ser algo dinâmico, que depende não só do leitor, mas que é resultado de maneiras de ler socialmente determinadas.

Jauss confere à leitura uma importância decisiva no próprio processo de produção literária. Cada vez que um leitor lê determinado autor, sua leitura interfere na história literária e na formação do cânone. Ao ler um texto, o leitor faz o seu julgamento comparando a obra que acaba de ler com o conjunto de textos que já conhece. Dessa forma, a história literária é modificada pela recepção dos diversos tipos de leitores em relação às obras. Essa percepção tornou-se mais evidente com a literatura moderna. Já que o lema da produção literária modernista é “inovar” (o bordão “make it new” de Ezra Pound não está apenas relacionado aos produtores de literatura, mas às releituras da história literária), nada mais obsoleto do que um conjunto de valores intransponíveis e imutáveis.

Antes mesmo do surgimento da discussão de Jauss no campo teórico, alguns ensaístas já haviam defendido ideias semelhantes quanto à recepção, como T.S. Eliot, quem primeiro desenvolveu a ideia de que os escritores inventam seus precursores. Ao produzir sua crítica e, sobretudo, sua própria poesia, Eliot valorizou a literatura barroca e metafísica inglesa do século XVII, produção que, até o início do século XX, era quase desprezada pela crítica. Eliot é o exemplo de poeta que conseguiu dar novo sentido a elementos da tradição, ao mostrar que os escritores com frequência recorrem a ela, modificando-a quando incorporam elementos da história literária à produção contemporânea.

Borges, seguindo o exemplo de Eliot, pôs a recepção no centro de sua obra, como uma forma de questionar a história literária tradicional, entendendo que as atividades de leitor e de escritor são indissociáveis. Para ele, quando um autor tem sua obra inserida na tradição literária, interfere diretamente na tradição; ela dialoga com os textos mais antigos e impõe um olhar renovado sobre os autores do passado.²¹⁷ Em linha semelhante a de

²¹⁷ O exemplo mais importante citado por Borges é o do autor de *A Metamorfose*. No texto “Kafka e seus precursores”, o escritor argentino identifica, na história da literatura, vários exemplos de autores que teriam sido precursores de Kafka. Desde a literatura grega até o Romantismo, Borges encontra textos

Borges, Jauss afirma que só é possível fazer história literária levando em conta a recepção. Ele propõe sete teses. Na primeira, afirma: “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete.”²¹⁸

A segunda afirma que a análise estética da obra não deve se limitar ao momento histórico nem à oposição entre linguagem poética e linguagem prática da teoria formalista. Neste caso, Jauss critica o método formalista, cuja leitura imanentista deixava de lado o elemento histórico. Para a análise da obra literária, propõe a realização da leitura tendo em vista a comparação da recepção atual com as primeiras recepções, feitas no momento em que a obra é publicada.

Na terceira tese, discute e define o conceito de horizonte de expectativa. Para Jauss, o horizonte de expectativa não é fixo; a cada nova obra significativa, ele é alterado, modificando também a recepção dos outros livros da tradição literária. Ele “[...] torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público.”²¹⁹ O autor admite que uma obra pode ter seu conteúdo artístico considerado novo num período e logo depois ser assimilado. De acordo com Jauss, quando uma obra tem seu horizonte de expectativa mudado, transforma-se também o cânone, fazendo com que o público perceba algumas formas como envelhecidas, enquanto que outras são atualizadas.

Na quarta tese, Jauss apresenta uma metodologia para trabalhar com o elemento histórico. Seu objetivo é fazer uma espécie de *arqueologia do imaginário* dos leitores ao propor o mapeamento das várias recepções que uma obra já teve na história literária. A verdadeira história literária é feita da comparação do horizonte de expectativa em vários momentos da recepção. O

“kafkianos”. Em todos os escritos que seleciona, encontra características de Kafka. Elas não seriam percebidas, diz Borges, se a obra de Kafka não tivesse existido. Com a obra kafkiana, tais características ficaram mais fáceis de serem evidenciadas, e ganharam outro valor nas obras que a precedem. Assim, para Borges, “precursor” é uma palavra importantíssima na crítica. “O fato é que cada escritor *cria* seus precursores. Seu trabalho modifica nossa percepção do passado, como há de modificar o futuro. Nessa correlação não importa a identidade ou a pluralidade dos homens”, afirma ele, apoiando-se em discussão feita por T.S. Eliot no ensaio *Tradição e talento individual*. Ver BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. In: **Obras completas II**. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Globo, 1999, p. 96-98.

²¹⁸ JAUSS, op., cit., p. 25.

²¹⁹ Ibidem, p. 31.

autor conclui, na quinta tese, que a estética da recepção não permite apenas entender a obra literária a partir de uma perspectiva histórica; ela faz com que a leitura sirva de subsídio para entender a obra na sua “série literária”, em relação a obras que foram produzidas na mesma época. O cotejo da recepção feita de uma maneira sincrônica e diacrônica pode trazer uma leitura mais completa da obra, desvendando assim seu verdadeiro valor histórico.

Desse raciocínio, Jauss chega ao sexto ponto de sua teoria: “Os resultados obtidos pela linguística com a diferenciação e vinculação metodológica da análise diacrônica e da sincrônica ensejam, também no âmbito da história da literatura, a superação da contemplação diacrônica, até hoje a única habitualmente empregada.”²²⁰ Na sequência, o autor conclui: “[...] pode-se dizer que a percepção [...] da ‘coexistência do simultâneo e do não-simultâneo’ [...] torna visível a necessidade e a possibilidade de descortinar o caráter histórico da literatura por meio de cortes sincrônicos.”²²¹

Mais adiante, na sétima tese, Jauss afirma que a história literária não é apenas uma teoria abstrata, definida a partir de um cânone determinado e impessoal, mas de uma visão particular que é resultado da relação dialética da produção artística numa sociedade:

A tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a história geral. [...] A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento.²²²

As teorias de Jauss podem ser utilizadas para analisar um suplemento cultural, entendido aqui como um leitor determinado historicamente. Como foi mostrado no capítulo 2, os suplementos culturais tiveram um papel crescente na formação da leitura no Brasil — primeiro por serem veículos que chegavam a um número mais expressivo de leitores do que

²²⁰ Ibidem, p. 46.

²²¹ Ibidem, p. 47.

²²² Ibidem, p. 50.

o livro; depois por funcionaram como porta-vozes de determinados grupos de produção intelectual da sociedade.

A partir dos mais variados motivos e critérios, os suplementos são capazes de fazer suas escolhas e definir o grupo de escritores que integram determinado cânone numa época. Em muitos casos, essas escolhas privilegiam valores e obras consagrados pela história literária oficial, conforme será visto em mais detalhes neste capítulo. Geralmente, os veículos mais tradicionais têm uma abordagem ampla da literatura, com escolhas que abarcam grande quantidade de autores.

Existe também a influência local. A publicação de suplementos está relacionada à vida intelectual de determinada cidade. Assim, o suplemento dialoga com outras instâncias de consagração da produção literária, como a universidade, os grupos de escritores, a produção literária local, as editoras, entre outros. Um exemplo foi o *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*, criado para ser uma espécie de revista literária, que envolveu grande quantidade de intelectuais, provenientes de várias escolas da crítica.

Exemplo oposto é o de veículos que fazem a sua própria lista dos melhores, de acordo com critérios que defendem como bandeira. É muito comum se observarem recepções mais particulares em publicações que representam movimentos literários do que nos veículos com orientações mais amplas. Assim, numa revista como *Invenção*, porta-voz do movimento da Poesia Concreta, o recorte do cânone era específico e reduzido. Apenas um pequeno número de escritores era citado nos ensaios e nos poemas. O mesmo ocorria no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, dirigido por um grupo de poetas, nos anos 1950.

A liberdade de julgamento ocorre porque os artistas e intelectuais, a partir do século XX, tornaram-se “[...] cada vez mais propensos a liberar sua produção e seus produtos de toda e qualquer dependência social, seja das censuras morais [...], seja dos controles acadêmicos e das encomendas de um poder político propenso a tomar a arte como um instrumento de propaganda.”²²³ No século XX, aconteceu o enfraquecimento do papel dos intelectuais como legisladores e o seu fortalecimento como intérpretes da

²²³ BOURDIEU, Pierre. *A economia*, op. cit., p. 101.

cultura. O intelectual foi, desde a cultura iluminista, uma figura que detinha autoridade sobre seu público; sentia-se no direito de intervir no sistema político e cultural. Era ele quem encarnava e punha em prática a “[...] unidade da verdade, os valores morais e o juízo estético.”²²⁴

Essa autoridade sobre o julgamento crítico manteve-se, principalmente na imprensa, até meados do século XX. Aos poucos, a autoridade do intelectual foi-se modificando. Essa mudança tem ligação direta com os jornais. No século XX, a crítica foi submetida a uma diversidade de fatores instáveis, o que a enfraqueceu como discurso judicativo, mas a valorizou como instrumento de análise. Esse tipo de abertura fortaleceu o jornalismo quanto à análise dos produtos culturais. O jornal, como “caixa de ressonância” da sociedade, estabelece leituras da tradição e do cânone, interferindo na recepção das obras.

A fixação de um quadro de autores deixa de se limitar a uma visão acadêmica de literatura e, nesse movimento, torna-se necessária a releitura da tradição, como uma maneira de justificar e alimentar a produção do presente. Em meio a um movimento de balanço de fim de século, o suplemento voltou-se para o passado literário para reavaliar e reler, à sua maneira, a história literária nacional. Para entendermos melhor esta questão, é necessário discutir a noção de cânone e como ela vem se modificando.

4.2 Em busca do cânone modernista

Originalmente, a palavra *cânone* está ligada ao universo católico, embora a prática de estabelecer listas com os melhores trabalhos e autores de uma determinada literatura tenha surgido na Antiguidade Clássica. A palavra (do grego *kanón* e do latim *canon*) significa *regra*. Aos poucos, no entanto, foi se tornando um conjunto de textos exemplares, que seguem as *regras* que limitam determinado gênero. No catolicismo, fazem parte do cânone os textos que integram a Bíblia. O cânone também está relacionado ao grupo de santos oficiais, que passam por um processo de canonização no Vaticano.

²²⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997, p. 9.

Na Antiguidade Latina, os autores canônicos eram aqueles usados nas aulas de gramática. “Os filólogos alexandrinos foram os primeiros a preparar uma seleção da literatura antiga como matéria de leitura para as escolas de gramática.”²²⁵ O critério para se estabelecer o nome de um “escolhido” entre os autores canônicos era a sua correção de linguagem, tendo em vista um determinado padrão a ser buscado. Inicialmente, o cânone reflete a adequação a determinadas regras do que se entende como um bom texto. Essa relação entre o cânone e a norma prosseguiu até o século XIX, quando as academias, que prescreviam as regras dos gêneros artísticos, entraram em decadência, como reflexo das mudanças políticas e sociais.

Na história da arte, houve várias formas de se impor o cânone, que dependem muito mais de relações sociais, do que do suposto valor intrínseco da obra de arte. Durante a Idade Média, em se tratando das artes plásticas e da arquitetura, o cânone era preservado pelas corporações de ofício. A produção artística era passada de pai para filho ou controlada por meio de agremiações. A formação de um artista era feita em várias etapas. Só quando ele tinha superado os diversos estágios de sua formação poderia produzir uma obra de importância. Aqueles que estivessem fora desse sistema não podiam fazer parte do mercado artístico oficial; sua produção não passava por avaliações mais rigorosas e não integrava o cânone.

Nos primórdios da modernidade, as academias sistematizavam a produção artística, por meio da imposição de determinadas regras estéticas e, mais tarde, na seleção dos melhores trabalhos para uma grande exposição anual. As mudanças sociais que foram iniciadas com a Revolução Francesa, as novas demandas de particulares por obras artísticas depois da ascensão da burguesia e, principalmente, a popularização de ideias do Romantismo — que enfatizavam a liberdade individual do artista — fizeram com que o sistema acadêmico entrasse em crise.²²⁶ Ele foi substituído pela lógica do mercado, em que a consagração da obra artística também levava em conta seu sucesso comercial.

²²⁵ CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Trad. Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp/ Hucitec, 1996, p. 315.

²²⁶ FURIÓ, Vicenç. **Sociología del arte**. Barcelona: Ediciones Cátedra, 2000, p. 237.

No século XX, a noção de cânone modificou-se e expandiu-se, quando os conceitos de crítica e de julgamento de valor tornam-se cada vez mais abertos. Nos séculos XVIII e XIX, a escolha das obras mais importantes de uma literatura ocorria com base em critérios de construção do nacionalismo. Ao longo do processo de formação dos estados modernos, a literatura teve um lugar de destaque na construção dos elementos de identidade. A formação de um elenco de autores objetivou destacar aqueles que melhor representassem a identidade nacional.

A formação de um cânone no século XIX se coaduna, também, com o nascimento das ciências humanas. O imperativo da objetividade dos instrumentos de análise, sob influência do cientificismo, impulsionou um conjunto mais estável de produtos culturais. As histórias literárias do século XIX se formaram a partir da ideia de evolução presente no discurso positivista, preservando uma concepção linear de tempo.

Já no século XX, as mudanças na forma de se encarar o cânone ocorreram por diversos fatores, dentre os quais as transformações das ciências humanas, o surgimento de novas estéticas e os descentramentos culturais. As ciências humanas tiveram o impacto da psicanálise e da linguística; a estética contribuiu com os diversos movimentos de vanguarda; os países que antes ocupavam a centralidade do mundo cultural aos poucos foram perdendo seu poder de dominação; os avanços técnicos provocaram mudanças na recepção da obra artística. Assim, seria impossível a permanência de um ideal artístico que não fosse baseado em valores como a velocidade, a criação do novo, a fragmentação, a multiplicidade, a concisão, a consciência do uso da linguagem como instrumento da arte.

Apesar de caminhar para uma abertura no momento em que os movimentos sociais tiveram maior participação, o cânone foi sempre um mecanismo de seleção e de exclusão. Assim, “[...] não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade de fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura etc.).”²²⁷ Defende-se que, para que uma obra integre um cânone, deve conter qualidades intrínsecas, imutáveis. “Em

²²⁷ REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 70.

outras palavras, é possível detectar este valor inato e inerente à obra, sem levar em conta nenhum elemento ‘externo’. Não é à toa [...] que a canonização abstrai esta eleita plêiade de obras de suas circunstâncias históricas.”²²⁸

O problema é que, apesar de haver constante ampliação do cânone, as escolhas sempre são parciais — e têm por objetivo satisfazer a algum tipo de demanda que está situada além da estética. Percebendo essa relação de poder, a crítica se encarregou de modificar o cânone. No Brasil, a consagração dos autores ligados ao Modernismo fez parte de um longo esforço de alguns críticos. A inclusão de autores como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes em livros didáticos — o que atesta a sua canonização — só foi possível da década de 1960 em diante, quando se avançava na criação de uma imagem crítica favorável a esses autores.

Podemos afirmar também que o triunfo da Semana de 22 se deveu a um intenso trabalho da crítica, que fez um amplo levantamento das obras e de seus autores. Cabe mencionar, por exemplo, o caso de Oswald de Andrade, cuja obra tornou-se mais valorizada depois da publicação, pela Editora Civilização Brasileira, de sua obra completa, sob a coordenação de Antonio Candido. Além de fixar os textos, Candido e os intelectuais convidados para fazer o trabalho elaboraram estudos críticos sobre a obra do autor, notas e bibliografia.

É claro que a tentativa de inserir determinados escritores no cânone tem seus percalços e exageros. Embora apresente características e tenha na sua origem preocupações diversas, o movimento do romance de 1930 — que originou autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego — é visto geralmente como desdobramento da Semana de 22. Na década de 1970, João Luiz Lafetá afirmava que a fase heroica do Modernismo foi “estética”, quando houve a renovação da linguagem da poesia e do romance, enquanto que a segunda fase, na década de 1930, teria sido “ideológica”²²⁹, em que os autores se voltaram, com suas criações artísticas, para a realidade social do país.

²²⁸ Ibidem, p. 71.

²²⁹ LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o Modernismo em 30. **Argumento**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, ano I, n. 2, 1973, p. 19-31.

Mais do que a qualquer outro crítico, coube a João Luiz Lafetá o modelo que vê o romance de 30 como parte integrante do movimento modernista. Ele conseguiu criar uma nova forma de pensar que, de certa maneira, harmoniza as diferenças entre os dois momentos. [...]

A leitura de Lafetá se apoia naquela visão que atribui ao modernismo de 22 posição definidora, não distante da que criou o conceito de “pré-modernismo”²³⁰ [...].

A tentativa de destacar o Modernismo usando outro movimento como contraste aconteceu, também, no conceito de “pré-modernismo”, que apareceu pela primeira vez nos escritos de Tristão de Ataíde, no final da década de 1930, mas que se firmou com as obras *História concisa da literatura brasileira* e *Pré-modernismo*, de Alfredo Bosi. O termo, como notou José Paulo Paes, é impreciso, já que põe na vala-comum diversos tipos de manifestações literárias, cujo principal trunfo teria sido anteceder o Modernismo.²³¹

Por diversos motivos, o cânone da literatura brasileira foi-se ampliando. Na década de 1950, a publicação de sua obra completa, contendo em cada livro um estudo crítico, deu maior evidência a Lima Barreto; na década de 1960, com o projeto da Poesia Concreta, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari fizeram a revisão crítica — em longos ensaios — de alguns autores que estavam em segundo plano na história da literatura brasileira, como Joaquim de Sousa Andrade e Pedro Kilkerry. Um trabalho de redescoberta semelhante aconteceu com Gregório de Matos, a partir do Modernismo.

Com a emergência dos estudos culturais e de novas tendências na crítica cultural dos anos 1980 em diante, novas forças pressionam a aparente estabilidade do cânone, fato comum a um momento em que há maior politização dos estudos literários por conta de mudanças sociais. A manifestação mais forte ocorreu em algumas universidades dos Estados Unidos, país em que as lutas das minorias passaram a ter reflexos nas políticas culturais e de governo.

Na década de 1980, a Universidade de Stanford começou a promover debates sobre o cânone e o que deveria ser ensinado aos alunos de

²³⁰ BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/ Campinas: Edusp/ Editora Unicamp, 2006, p. 46.

²³¹ PAES, José Paulo. O art nouveau na literatura brasileira. In: Paes, José Paulo. **Gregos e baianos: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

literatura. A tendência foi a inclusão de critérios políticos no estabelecimento do cânone, o que gerou — e ainda gera — uma série de polêmicas. A posição de Stanford, criticada por intelectuais conservadores, se espalhou por outras universidades norte-americanas. Essa tendência repercutiu de maneira negativa no início dos anos 1990 no *Mais!*, na primeira fase do suplemento. Para combater a ascensão dos estudos culturais trazidos no bojo dessas mudanças, o *Mais!* sustentou o discurso de que havia uma crise na produção literária e crítica. Como antídoto à abertura do cânone, usou valores modernistas. Vejamos alguns deles a seguir.

4.3 Valores modernistas

A literatura modernista internacional evidenciou valores que passaram a balizar a atividade dos novos autores. Ao analisar e defender o juízo de escritores-críticos do século XX sobre a tradição ocidental, Leyla Perrone-Moisés²³² fez uma síntese dos principais valores modernistas.²³³ Os valores são a maestria técnica, a concisão, a exatidão, visualidade e sonoridade, intensidade, completude e fragmentação, intransitividade, utilidade, impessoalidade, universalidade e novidade. Alguns deles, embora existam em avaliações desde a Antiguidade, ganham outro sentido com o modernismo. A eles pode-se acrescentar, ainda, o discurso nacionalista.

Como o modernismo internacional é marcado por um amplo questionamento sobre a representação e a autonomia da arte em relação a seu referente, a maior parte dos valores apresentados por Perrone-Moisés referem-se à forma literária, e apenas um deles à recepção da obra literária: a utilidade. Isso mostra que a forma literária é encarada como reflexo do

²³² PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²³³ Quando utiliza os termos modernismo, modernista e moderno, a autora refere-se, em seu livro, ao movimento de renovação estética que ocorreu em nível internacional a partir do final do século XIX e que foi influenciado pelas mudanças técnicas e pela radicalização dos pressupostos românticos. O Modernismo paulista foi influenciado de maneira decisiva por essas mudanças. Por isso mesmo, consideramos fundamentais para o *nosso* Modernismo os valores definidos por Perrone-Moisés em nível internacional. Para que não haja confusão entre os termos, optamos por grafar em minúscula o movimento modernista internacional e em maiúscula o brasileiro.

desenvolvimento técnico, mas também como representação do próprio elemento político.

Por maestria técnica entende-se a consciência da obra literária como construção, afastando o preceito romântico do artista como gênio e da criação artística como momento de inspiração. A crítica modernista valoriza o domínio do artífice sobre a criação. O grande peso conferido à técnica encontra respaldo crítico na linguística no início do século XX, com o formalismo russo e, mais tarde, com a crítica estruturalista.

A concisão, embora também esteja presente em obras clássicas, ganha novo sentido na literatura modernista. “Na modernidade, esse valor está ligado à rapidez, à objetividade e à eficácia requeridas pela vida do nosso século [XX]; mas é também uma resistência oposta à tagarelice generalizada dos discursos sociais.”²³⁴ A expressão quer dizer condensação e saturação de sentidos, principalmente na poesia. Mas que também atinge o romance. No século XX, a separação entre os gêneros deixa de ser rígida. Na estética moderna, ocorre uma interdependência entre a prosa e a poesia. Entre as figuras retóricas maiores, destacam-se a alegoria e a metáfora, por serem “condensações do sentido”.²³⁵ Em sua famosa fórmula, Ezra Pound define a poesia como a linguagem das “essências” e “medulas”.²³⁶

Como decorrência da maestria técnica e da concisão, há valorização da materialidade da criação, ou seja, a um tipo de produção literária voltada para o que Roman Jakobson chamou de função poética da linguagem e que encontra na obra de Stéphane Mallarmé, sobretudo em *Un coup de dés* (1897), seu precursor. Esse valor envolve a materialidade da linguagem, a sua visualidade e sonoridade. No início do século XX, Ferdinand de Saussure mostrou que o signo linguístico mantinha uma relação arbitrária com o mundo que representa. Ao longo da história da linguagem humana, perdeu-se o elo entre os movimentos que produzem a comunicação e a experiência vivida. Uma das funções da literatura seria “remotivar” o signo linguístico. Assim, na poesia, o som e a visualidade reforçam o sentido.

²³⁴ PERRONE-MOISÉS, *Altas literaturas*, op. cit., p. 156.

²³⁵ *Ibidem*, p. 157.

²³⁶ POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

A arte deveria, no limite de suas forças, apagar a diferença, saltar o intervalo que separa o corpo da natureza. É precisamente o que faz a mão: adere à superfície da matéria ou penetra-a para modificá-la, para suprir a distância entre o que a natureza é e o que o homem quer que ela seja.²³⁷

Esse destaque seria percebido com muito mais intensidade no século XX, por conta das mudanças tecnológicas. A supervalorização dos elementos sonoros e visuais nas sociedades modernas conferiu maior atenção do leitor à forma como esses elementos são utilizados na literatura. Isso se tornou evidente na análise crítica que se faz de autores do Modernismo. Haroldo de Campos, ao apresentar a obra poética de Oswald de Andrade, chamou atenção para sua concisão, elogiando a capacidade de concentrar significados em poemas muito curtos:

A visualidade propôs o *equilíbrio geômetra* e a *síntese*, o discursivo ecoou pelo branco da página com por um vazado de arquitetura. A informação estética passou a ser produto não de uma “alta temperatura informacional do texto” (entendida em termos de opulência léxica, de “riqueza vocabular”), mas, ao contrário, da “baixa” violenta dessa “temperatura” com compressor linguístico do *poema-minuto* oswaldiano. É ainda por essa via que o laborioso e elaborado torneamento de uma poesia de índole artesanal começa a ser substituído pela simplificação deliberada de uma nova poesia, de tipo industrial.²³⁸

Outro valor em destaque diz respeito à representação da realidade. Até o século XIX, a obra de arte era vista como a representação da natureza e do mundo exterior. Com o desenvolvimento dos meios de reprodução técnica, a *mimesis* passou a ser um elemento muito mais complexo. O principal questionamento das estéticas que surgiram com o modernismo foi quanto à representação artística. Com ele, a arte deveria ser autônoma em relação ao mundo que representa. Isso, no entanto, não exclui um valor artístico modernista bastante importante, que é a exatidão. No modernismo, põe-se em xeque a articulação entre o objeto artístico e a realidade a que representa.

²³⁷ BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 71.

²³⁸ CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**. 5. ed. São Paulo: Globo, 1990, p. 41.

Para o escritor realista do século XIX, a exatidão ocorre com a descrição física de determinada realidade, capaz de garantir verossimilhança à história. No início de *Ilusões perdidas*, Balzac se preocupa em descrever minuciosamente a topografia de Angoulême, cidadezinha onde se passa a maior parte das ações da primeira parte do romance. A separação entre a cidade baixa — associada à burguesia — e a cidade alta, ocupada havia muitos anos pela aristocracia, então em decadência, e sua descrição detalhada, é essencial para a história. O herói Lucien de Rubempré, que vem da cidade baixa, anseia “subir” à aristocracia.

Na literatura moderna, o conceito de exatidão não respeita, necessariamente, convenções estabelecidas pela objetividade. Assim, um dos valores apontados no *Ulisses*, de James Joyce, é a exatidão. No entanto, esse é um valor que não deve ser entendido, por exemplo, à luz de elementos externos, mas a partir da economia interna da obra. Por exemplo, o monólogo final do livro, em que Molly Bloom aponta sua versão do conflito amoroso, só tem sentido quando observado levando em consideração a forma adotada no romance — e não mais os elementos sociais, conforme apontados na obra de Balzac.

A busca pela exatidão no discurso também está presente na literatura antiga, que se manifesta como a capacidade de retratar o referente com fidelidade. Entretanto, esse valor, para os modernos, refere-se ao ato de recriação do mundo pela linguagem, e não necessariamente à suposta fidelidade entre o texto e seu referente. Com isso, a exatidão moderna não exclui a obscuridade dos textos, de autores como Joyce e Mallarmé.

Para Italo Calvino, a exatidão na arte se opõe ao caos do universo e revela a tentativa de compreender o mundo pela linguagem; a presença da exatidão se caracteriza pela existência de um projeto, pela evocação de imagens bem definidas e pelo uso de uma linguagem “a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação.”²³⁹ Para Calvino, ela se manifesta desde a Antiguidade, mas ganha força na modernidade, em autores como Poe, Baudelaire e Mallarmé. A

²³⁹ CALVINO, *Seis propostas*, op. cit., p. 71-72.

poesia moderna, apesar de trabalhar com a complexidade, tenta retratar o mundo de maneira exata.

Outro elemento importante é a *intensidade*, ou seja, a capacidade que o texto tem de despertar as sensações do leitor, que ocorre a partir do uso consciente de técnicas do texto. “A intensidade moderna, escritural ou leitoral, é uma questão de manutenção do ritmo pelo manejo da surpresa, do estranhamento, do humor. Joyce é intenso porque mantém seu leitor em alerta permanente [...]”.²⁴⁰ Ela mimetiza as características da vida moderna, como a rapidez.

A intensidade ganhou destaque, também, devido às teorias formalistas. Para Abraham Moles, a informação estética é descrita por uma fórmula segundo a qual quanto maior são os elementos de redundância, menor é a informação estética; quanto mais intensos são os elementos de novidade, maior é a informação estética — embora a entropia também seja maior.²⁴¹ Trabalhando com pressupostos semelhantes, Jean Cohen estudou as diversas correntes estéticas na poesia a partir da análise de elementos estruturais numa base matemática. Quanto mais distante da linguagem utilizada no dia a dia em situações pragmáticas de comunicação, maior era a informação estética, de acordo com sua teoria.²⁴²

Utilizando os mesmos pressupostos, Augusto de Campos analisou a obra de Pedro Kilkerry, tendo em vista sua seleção léxica. A utilização de palavras raras da língua portuguesa, diz o crítico, tinha o poder de sugerir significados e ampliar as interpretações da obra do autor, gerando ambiguidade e maior concentração de informação estética.²⁴³ Pode-se dizer que a mensagem estética é justamente aquela que utiliza a ambiguidade de maneira positiva, despertando a atenção do leitor e pedindo interpretação numa aparente desordem, que na verdade trata de “[...] uma ordem bem mais calibrada do que a que preside as mensagens redundantes.”²⁴⁴

²⁴⁰ PERRONE-MOISÉS, *Altas literaturas*, op. cit., p. 158.

²⁴¹ MOLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

²⁴² COHEN, Jean. **Structure du langage poétique**. Paris: Flammarion, 1966.

²⁴³ CAMPOS, Augusto de. **Revisão de Kilkerry**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁴⁴ ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 53.

Consequência da intensidade são os valores opostos da completude e da fragmentação. A completude é um valor admirado desde a Antiguidade. No entanto, sua versão moderna refere-se à economia da obra, e não à sua relação com um elemento referencial. “O importante não é que a obra tenha como referente um universo completo, mas que ela seja ela mesma esse universo.”²⁴⁵ Esse rompimento com a mimesis ocorre com as formulações do romantismo alemão, que abre caminho para as estéticas modernas.

Ganham destaque, quanto a estes valores, as obras que representam um microcosmo autossuficiente, como é o caso de autores como Joyce, Dante e Borges. O conceito de livro-cosmo indica uma leitura aberta: “O conceito de ‘obra total’ é compatível, para os modernos, com o conceito de ‘obra aberta’. A totalidade da obra moderna (ou da obra antiga lida pelos modernos) é uma totalidade aberta na direção do receptor.”²⁴⁶

Paradoxalmente, a ideia de completude, na modernidade, é inseparável da fragmentação e da descontinuidade. A poesia de T.S. Eliot, que é uma leitura crítica da tradição poética ocidental, é destacada pela sua capacidade de sugestão de significados. Composta por “rastros” de outros autores, sua poesia evoca, com a fragmentação, uma obra que busca conter tudo.

Do ponto de vista estrutural, toda a poesia de Eliot, salvo alguns poucos poemas da primeira fase, caracteriza-se pela existência da fragmentação, da multiplicidade descontínua de matrizes composicionais, do desenvolvimento assimétrico das partes isoladas, as quais se reúnem numa “espécie de todo”, isto é, no mosaico do organismo poemático maior [...], ou permanecem como tais, solitárias e mesmo “inacabadas” [...]²⁴⁷.

Outro valor é a intransitividade, que consiste em a obra se voltar sobre ela mesma e não mais ao mundo exterior. Entre outros, a ideia foi defendida por Jakobson, com a função poética, e nas décadas de 1960-70, “[...] era comum a afirmação de que a linguagem poética se autoenuncia, de que a obra não diz mais nada a não ser ela mesma e que seu tema é a própria

²⁴⁵ PERRONE-MOISÉS, *Altas literaturas*, op. cit., p. 160.

²⁴⁶ Ibidem, p. 163.

²⁴⁷ JUNQUEIRA, Ivan. Eliot e a poética do fragmento. In: ELIOT, T.S. **Obra completa** – volume I: poesia. São Paulo: Arx, 2004, p. 18.

linguagem.”²⁴⁸ Os críticos modernos enfatizam a função poética, definida por Jakobson, ainda que a arte moderna não seja desprovida de contexto social. Ela volta-se para a linguagem e para o social.

Mesmo com toda a ênfase que a crítica moderna dá a valores que prezam a forma literária, a utilidade da obra de arte não é desprezada. Até o Romantismo, a arte tinha função política e moral evidente, porque se voltava para a formação do cidadão. A arte tinha função pedagógica, de formar um indivíduo ético. Na modernidade, os críticos separam a função estética de outros objetivos, mas não descartam o viés ético da obra de arte. A literatura é vista como um discurso disseminador da consciência social.

Antonio Candido, ao analisar a literatura latino-americana em relação às questões sociais, afirmava que ela teve por papel levar à conscientização política e à autonomia. Tratava-se de uma espécie de antídoto ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. “Visto que somos um ‘continente sob intervenção’, cabe à literatura latino-americana uma vigilância extrema, a fim de não ser arrastada pelos instrumentos e valores da cultura de massa, que seduzem tantos teóricos e artistas contemporâneos”²⁴⁹, afirmava Candido. Da mesma forma, ao se referir aos primórdios da literatura brasileira como sistema, com o Arcadismo, afirma que existe, já no seu princípio, uma visão empenhada da realidade. A literatura brasileira não é apenas arte, mas um instrumento político.²⁵⁰

A utilidade política da obra de arte é muito importante para a formação do cânone, principalmente para os críticos modernos que estudam a literatura a partir do viés sociológico. Esse enfoque faz com que, em alguns casos, a recepção de determinada obra seja revista levando em conta os elementos sociais ali presentes. Muitas vezes, autores que tiveram uma recepção pouco favorável na época em que escreveram suas obras são valorizados pela perspectiva social.

Outro valor buscado na literatura moderna é a impessoalidade. Os modernos acreditam na força superior da linguagem sobre os poetas. Assim,

²⁴⁸ PERRONE-MOISÉS, *Altas literaturas*, op. cit., p. 163.

²⁴⁹ CANDIDO, *Literatura e subdesenvolvimento*, op. cit., p. 146.

²⁵⁰ CANDIDO, *Formação*, op. cit.

existe uma distinção entre o autor e a obra, a separação do eu que sofre e do eu que compõe a obra.

A impessoalidade do poeta moderno não é um desaparecimento do sujeito, análogo à despersonalização dos indivíduos na sociedade massificada. É o sujeito imaginário (falso) da expressividade egocêntrica que é posto em crise na literatura moderna, em razão de uma subjetividade alargada que, ao contrário de anular, aumenta a consciência e a responsabilidade do escritor.²⁵¹

Na formação do cânone brasileiro, a impessoalidade está presente na mais alta poesia de Drummond e de João Cabral. Como assinala Davi Arrigucci, a poesia drummondiana consegue a despersonalização pela consciência da linguagem. Em muitos de seus poemas em que tematiza a própria poesia, o poeta mostra a consciência em relação ao poema como um objeto que é fruto da racionalidade, em que o eu-lírico se desprega do autor.²⁵² Da mesma forma, pode-se falar de Cabral, cujo ideal de poesia é pôr em evidências a linguagem, e não o eu-lírico.

O valor da universalidade também é prezado na modernidade. Ela se reduzia, na Antiguidade, à *polis*. Na França do Classicismo, à corte. Os teóricos românticos objetivavam ampliar o alcance da poesia para além dos domínios da nação: o universalismo romântico era democrático (republicano), mas no século XVIII se reduzia à classe burguesa. No Romantismo, Goethe criou a noção de *Weltliteratur*, a ideia de valores estéticos comuns a diversas nações, a necessidade de se conhecer línguas e ler as obras no original, a importante função da tradução.

Na literatura, até o Classicismo o valor louvado era a preservação da tradição. Isso foi quebrado com o Romantismo, que conferiu maior importância à “originalidade”. Dentre alguns lemas dos modernos estão o “make it new”, de Ezra Pound; o estranhamento dos formalistas; a ideia de “invenção”, acima de criação; a releitura das obras do passado a partir de valores de hoje. A modernidade não se baseia nos valores do passado, mas se articula como projeto.

²⁵¹ PERRONE-MOISÉS, *Altas literaturas*, op. cit., p. 167.

²⁵² ARRIGUCCI JR., Davi. **Coração partido**: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

4.4 Valor e avaliação no *Mais!*

O *Mais!* incorpora parte do cânone modernista. Nas escolhas do suplemento, a maior parte dos autores produziu suas obras nos últimos 100 anos — o que mostra uma relação com os ideais estéticos da modernidade — ou como movimento de releitura da tradição literária tendo como ponto de partida os valores modernistas. Numa operação que sempre busca os precursores, o suplemento tenta olhar a modernidade em autores do passado — entendendo suas obras como precursoras da estética modernista.

Na poesia, o nome de Carlos Drummond de Andrade aparece como o poeta mais importante do Brasil. E entre os prosadores, a posição é ocupada por Machado de Assis. Embora a obra mais importante de Euclides da Cunha seja abordada como texto literário pela crítica, no suplemento ela ganha destaque como uma das mais importantes da área das ciências sociais.

Os autores analisados a seguir foram escolhidos em listagens elaboradas pelo *Mais!* para os melhores do século XX. Entre os vários rankings feitos pelo suplemento, diversas escolhas dão pistas para o tipo de recepção que se faz da literatura brasileira. Assim, como “cabeça” de lista entre os poetas foi escolhido Carlos Drummond de Andrade, que teve seu poema “A máquina do mundo”, de *Claro Enigma*, considerado o melhor poema de todos os tempos. Machado de Assis também foi contemplado. Na edição do *Mais!* de número 503 (30/09/2001), a protagonista de *Dom Casmurro*, Capitu, foi eleita a principal personagem da literatura brasileira.

Entre os autores de não-ficção, o mais importante do século XX foi considerado o alemão Max Weber, com a obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Na mesma enquete, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, apareciam como o livro brasileiro de não-ficção mais importante incluído na lista dos títulos internacionais. Na listagem dos 10 livros brasileiros de não-ficção mais importantes de todos os tempos, apareceram empatados *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. O livro de Euclides da Cunha aparece como a terceira obra mais importante da listagem.

Ao estabelecer as listas dos maiores escritores de não-ficção, o *Mais!* aproveitou uma tendência que ocorreu na década de 1990 no Brasil, quando houve um interesse na área de ciências sociais, sobretudo no que diz respeito às interpretações do Brasil, para além dos meios especializados. A publicação de clássicos, em coleções a preços populares e a proximidade das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil ajudaram a destacar as obras de não-ficção. Assim, da década de 1990 em diante, os clássicos do pensamento social brasileiro

[...] têm saído das estantes das bibliotecas dos especialistas e entrado cada vez mais nos discursos dos políticos, nas páginas dos jornais diários e em matérias da televisão. Há um interesse crescente pelas interpretações que o Brasil recebe e recebeu, e uma nova curiosidade acerca destes “Brasis”, desenhados, projetados e imaginados por tantos pensadores locais e estrangeiros.²⁵³

É preciso destacar que a publicação das listagens apenas reforça a estratégia editorial do *Mais!*. Conforme foi mostrado no capítulo 3, o suplemento buscou, desde o início, recuperar os autores e ideias consagrados da tradição brasileira e reapresentá-los ao público. Nos casos de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Euclides da Cunha, suas presenças foram constantes nas páginas do suplemento. Essa estratégia reforça a ideia de que esses autores são importantes para a compreensão da cultura brasileira — tanto do ponto de vista do suplemento, como dos intelectuais (cuja voz e voto foram ouvidos nas pesquisas que compuseram as listagens dos melhores).

Para estudar a definição do cânone do *Mais!*, optou-se pela organização hierárquica da edição jornalística — como o fato de o autor aparecer na capa do suplemento, como tema de um dossiê —, além do destaque recebido ao longo das edições. Em alguns casos, a assiduidade de um autor nas páginas do suplemento é uma indicação falsamente relevante; isso não lhe garante juízo positivo. O contrário pode ser verdadeiro: às vezes, autores que raramente aparecem no suplemento podem ser considerados muito importantes nos textos em que são mencionados. A seguir, estudaremos a constituição dos rankings e depois os três autores escolhidos para serem analisados nesta tese.

²⁵³ BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (org.). Apresentação. In: **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 11.

4.5 Os eleitos

Uma das características fortes do jornalismo da década de 1990 em diante é a sua preocupação em fornecer matérias de serviço para o leitor. Embora a utilidade seja um valor intrínseco aos gêneros jornalísticos, a partir desse período essa característica tornou-se mais intensa, sobretudo no jornalismo cultural. Por serviço entende-se um texto jornalístico que tem por objetivo informar o leitor-consumidor se vale ou não a pena comprar determinado produto cultural ou serviço. Assim, constitui-se matéria de serviço tanto a resenha de um livro que acabou de chegar às livrarias, quanto a avaliação de um novo restaurante.

Conforme orientação do manual de redação da *Folha de S. Paulo*, cabe ao jornalista fornecer informações pragmáticas para que o leitor-consumidor tome a melhor decisão possível na hora da compra de um determinado produto ou serviço. Algumas editorias e cadernos, é claro, são de serviços, por definição, como a de automóveis. Nesse caso, quando há lançamento de um novo carro no mercado, o jornalista especializado na área faz um *test-drive* e, a partir dele, elabora um relato sobre as vantagens e desvantagens do carro, informação que poderá ajudar o leitor-consumidor a tomar uma decisão na hora da compra.

Tratar livros, filmes, peças de teatro, apresentações musicais como *produtos à venda*, destituídos de sua aura artística, é uma tendência que vem se firmando, no jornalismo brasileiro, desde a década de 1980, e que se aprofundou nos anos 1990. Nesse caso, os jornais brasileiros — e a *Folha* assumindo a dianteira dessas mudanças —, passaram a criar mais espaços e aproveitar determinados gêneros jornalísticos para fornecer serviços ao leitor. Dentre tantas seções e gêneros, podemos citar os roteiros de fim de semana, com avaliações de espetáculos; a publicação de listas dos livros mais vendidos, reportagens sobre livrarias e sebos, matérias temáticas com roteiros de livros, além de listas dos livros que, na opinião do jornal, são indispensáveis para a formação do leitor.

Exemplo desse tipo de abordagem pode ser visto no dossiê “O que ler (e não ler) nas férias”, de 15/12/2002. Trata-se de um roteiro de seis páginas com listas de livros indicados para serem lidos e os que devem ser descartados. Para dar maior credibilidade à matéria, foram convidados sete especialistas, cada um de uma área das ciências humanas.

O tom da matéria é leve. Apesar de falarem do alto de suas cátedras, os especialistas incorporaram bem o tom da publicação, sugerido na capa, em que aparece a ilustração de um homem de bermuda e camisa florida, sandálias de couro, carregando uma grande mala, em cuja superfície pode-se ver a imagem de uma estante abarrotada de livros²⁵⁴. No subtítulo da chamada está a frase: “Sete especialistas de áreas como filosofia, literatura, crítica e história indicam cinco livros imprescindíveis para pôr na bagagem neste verão e outros cinco para deixar na estante.”²⁵⁵

Como o tempo de leitura de férias está mais ligado ao entretenimento do que ao trabalho, as indicações se apresentam, também, num estilo descompromissado. Neste caso, algumas vezes, os livros que ficaram de fora são muito mais interessantes do que os escolhidos para caber na mala. Os motivos da exclusão são os mais diversos, como a saturação de um determinado autor — abordado com insistência no próprio suplemento —, o gosto do especialista, a dificuldade de leitura da obra sugerida, a superação de determinadas teorias que já tiveram o seu lugar ao sol. Na maioria dos casos, os livros são excluídos mais por suas qualidades positivas do que negativas.

Beatriz Resende, por exemplo, excluiu da mala do turista o primeiro livro do “superpoeta” Carlos Drummond de Andrade, *Alguma poesia* (1930), pelo mesmo motivo pelo qual o teria incluído. Diz ela:

Finalmente, ao terminarem as comemorações dos cem anos de Drummond, sugiro que deixemos em paz, por um tempo, seus

²⁵⁴ Eles lembram as crônicas escritas por Umberto Eco na década de 1960 para jornais italianos, reunidas no *Diario minimo*. O texto mais sintomático é “Dolenti declinare (rapporti di lettura all’editore)”, em que o narrador incorpora a voz de um consultor literário que envia seu relatório ao editor sobre livros que deverão ou não ser publicados. Os livros comentados pelo agente literário foram a *Bíblia*, *Odisseia*, *O Processo*, entre outros. As respostas são engraçadas e revelam, com muita ironia, o filtro adotado pelos editores que buscam se adequar a um suposto gosto popular em relação à literatura. A lista de férias do *Mais!* pode ser entendida de maneira semelhante. Ver **Diario minimo**. Milão: Bompiani, 1992.

²⁵⁵ **Folha de S. Paulo**, 15 dez. 2002. *Mais!*, p. 1.

principais poemas, especialmente os de “Alguma Poesia”, que já foram lidos em público até por seu Creysson. Não se podem saborear ostras ou salmão defumado todos os dias. Há jejuns que apuram o paladar²⁵⁶.

Outro caso jocoso é o da exclusão da *Divina Comédia* da mala do leitor em férias, cujas razões são apresentadas por Marcelo Coelho:

Claro que é para ler. Mas não perca as férias experimentando a tradução em prosa que está à venda nas bancas por apenas R\$ 9,90. Procure as traduções em verso, completas (Ed. 34, Ed. Itatiaia), ou parciais (Henriqueta Lisboa, “Purgatório”, Haroldo de Campos, “Cantos do Paraíso”), se possível ao lado de alguma edição bem anotada do original italiano, disponível em sebos a baixo preço.²⁵⁷

O caso das listagens com os melhores escritores de cada área é diferente do que ocorre com as matérias sobre a leitura nas férias. Ele tem por objetivo servir como um guia para o leitor que quer conhecer o que de melhor se produziu em determinada área, independentemente da dificuldade de leitura. As listas dos dez melhores vêm sendo publicadas pela *Folha* desde a década de 1980, sob a influência do jornalismo norte-americano. Elas começaram com o cinema; elegeu-se *Cidadão Kane* como o melhor filme de todos os tempos. Em 1995, quando a estreia do cinema como nova tecnologia fez 100 anos, a *Folha* publicou um suplemento especial dedicado ao filme de Orson Welles. Com base na votação de especialistas, o editor compunha um ranking, além de comentários dos jurados.

No *Mais!*, foram elaboradas quatro edições com rankings. Elas saíram entre 1999 e 2001. A publicação dessas listas foi motivada por dois fatos importantes: um deles foi a virada do século XX para o XXI, o segundo foram as comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Sobre esse último tema, o *Mais!* publicou uma série de edições especiais, divulgadas numa organização temporal-teleológica: desde a fundação mítica do Brasil aos dilemas atuais, sem deixar de lado a pré-história brasileira.

As quatro edições com os rankings abordaram os cem melhores romances do século (03/01/1999), os cem melhores livros de não-ficção

²⁵⁶ RESENDE, Beatriz. O que ler [e não ler] nas férias. **Folha de S. Paulo**, 12 dez. 2002. *Mais!*, p. 9.

²⁵⁷ COELHO, Marcelo. O que ler [e não ler] nas férias. **Folha de S. Paulo**, 12 dez. 2002. *Mais!*, p. 7.

(11/04/1999) e os cem melhores poemas do século (02/01/2000) e os personagens mais importantes da literatura brasileira (30/09/2001). A última edição foi resultado de uma pesquisa realizada com o público, sem a participação de especialistas. À exceção do número sobre os personagens, as edições contaram com duas listas: uma referente a obras internacionais e outra, com obras brasileiras. No primeiro caso, restringiu-se ao século XX. No caso brasileiro, puderam ser escolhidos escritores e obras de todos os tempos. A edição destacou os 10 melhores de cada categoria. Houve pesos diferentes nas listas de obras internacionais e brasileiras: a primeira contou com 100 obras; a segunda com apenas 30.

Todas as edições contaram com reportagem com a mesma estrutura. Seu objetivo foi noticiar os autores situados entre os 10 mais importantes, justificar sua “canonização”, entrevistar os jurados sobre a validade da enquete e sobre os resultados finais. Nos três primeiros casos, a *Folha* procurou justificar a importância das listas com depoimentos dos entrevistados:

[O jurado para a categoria romance Marcelo] Coelho [...] destaca a importância da publicação da lista, que serve como *referência* para quem deseja saber o que vale a pena ler. Esse aspecto também é citado pelo ensaísta João Alexandre Barbosa: “Além de tudo, a lista tem uma *função didática* interessantíssima para o jovem leitor, para aquele que está começando a ler.”²⁵⁸

Comentando o resultado final [do ranking dos 100 melhores poemas do século XX], o poeta Décio Pignatari ressalta a criação de “uma espécie de estatística cultural”. “As listas são a escolha de um país emergente, indicam como examinamos a cultura dos outros países e a nossa. *As pessoas em 20, 30 anos, vão poder saber o que se pensava neste momento*; acho isso positivo, mesmo sendo discutíveis os critérios, mesmo estando presentes as vaidades pessoais etc.”²⁵⁹

Fica evidente o valor positivo empregado às listas pelos jurados. Em nota explicativa na edição sobre os melhores poemas, o *Mais!* informa: “O objetivo foi mapear *o que de mais significativo foi produzido na literatura e no*

²⁵⁸ SCHWARTZ, Adriano. O dia que resume o século. **Folha de S. Paulo**, 3 jan. 1999. *Mais!*, p. 4. Sem grifos no original.

²⁵⁹ DIAS, Maurício Santana. O século de terra desolada. **Folha de S. Paulo**, 2 jan. 2000. *Mais!*, p. 6. Sem grifos no original.

pensamento deste século, não só no Brasil como em todo o mundo.”²⁶⁰ A meta de escolher os melhores e formar uma lista consistente é reforçada pelos jurados. Marcelo Coelho afirma que ela pode servir de “referência” para “o que vale a pena ler”. Isso indica a noção de que, em tempos de ampliação da oferta de literatura no mercado, o leitor deve ser bastante seletivo. João Alexandre Barbosa reitera a importância da lista, que, por sua organização sistemática, por sua “função didática”, pode chegar ao “leitor mais jovem”. Portanto, neste caso, busca-se qualificar o próprio público da *Folha*, composto em grande parte por jovens.

Outro ponto ainda destacado é o seu valor histórico, como alerta Décio Pignatari, ao dizer que, a certa distância no tempo, as pessoas “vão poder saber o que se pensava neste momento” em termos de literatura, ou seja, que passado literário foi construído pelo mais importante jornal brasileiro e por quê. Embora dê importância relativa à lista, essa constatação de Pignatari sinaliza para o fato de o ranking ser um balanço de época. Mais do que traduzir os valores do passado, a lista do *Mais!* mostra como um determinado grupo de intelectuais, escolhido pelo jornal, elege valores e objetos culturais para serem preservados para o próximo milênio. Como se trata de um veículo de grande influência, essa escolha tem sentido prescritivo.

Na abertura do texto sobre os 100 melhores romances do século XX, Adriano Schwartz usa como “gancho” o fato de o século XX ter tido vários dias de grande importância, como 16 de junho de 1944 — quando os Aliados desembarcam na Normandia e se aproximava o fim da Segunda Guerra Mundial —, o dia 20 de julho de 1969 — data em que os norte-americanos pisam a Lua pela primeira vez. No entanto, “o dia que resume o século” para a literatura foi 16 de junho de 1904, conhecido como o “Blomsday”, que James Joyce escolheu para ambientar o seu *Ulisses*, em Dublin²⁶¹.

A lista com os 10 melhores romances internacionais do século XX é a seguinte: 1) *Ulisses*, de James Joyce; 2) *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust; 3) *O Processo*, de Franz Kafka; 4) *Doutor Fausto*, de Thomas Mann; 5) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; 6) *O Castelo*, de

²⁶⁰ Da redação. Os melhores do século. **Folha de S. Paulo**, 2 jan. 2000. *Mais!*, p. 6. Sem grifos no original.

²⁶¹ SCHWARTZ, *O dia que resume o século*, op. cit., p. 4. Sem grifos no original.

Kafka; 7) *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; 8) *O Som e a Fúria*, de William Faulkner; 9) *O homem sem qualidades*, de Robert Musil e 10) *Finnegans Wake*, de Joyce.

Da lista dos 10 melhores romances brasileiros constam os seguintes títulos: 1) *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; 2) *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; 3) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; 4) *Macunaíma*, de Mário de Andrade; 5) *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; 6) *Quincas Borba*, de Machado de Assis; 7) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; 8) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; 9) *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; 10) *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade.

Participaram da escolha Arthur Nestrovski, Carlos Heitor Cony, João Adolfo Hansen, João Alexandre Barbosa, Leyla Perrone-Moisés, Luiz Costa Lima, Marcelo Coelho, Moacyr Scliar, Silviano Santiago e Walnice Nogueira Galvão. Todos os integrantes do júri escreviam com regularidade na *Folha*. Nestrovski, Cony, Luiz Costa Lima e Moacyr Scliar eram colunistas do jornal à época; os outros publicavam textos com certa regularidade no *Mais!.* Dentre os jurados, apenas dois eram exclusivamente escritores; oito eram professores universitários. Destes, quatro eram professores da USP.

Quanto ao cânone dos romances internacionais, podemos dizer que se trata de uma escolha que privilegiou o romance da alta modernidade e que se centralizou na Europa. Dentre os 10 romances da lista, cinco foram escritos em alemão, três em inglês, um em francês e um em português. Apesar da supremacia dos autores de língua alemã, como Thomas Mann e Kafka citados duas vezes cada um, Adriano Schwartz chama a atenção para o fato de os romances de língua inglesa representarem a maior parte (cerca de um terço) da lista com as 100 obras escolhidas. Poucos que constam da lista foram produzidos fora da Europa.

Essa escolha mostra que o conceito de universalidade que preside a o cânone — o da *Folha* e o cânone ocidental — na verdade privilegia a produção europeia. Embora o argumento daqueles que defendem o cânone é de que ele leva em conta apenas as questões estéticas, a lista de obras deixa evidente a centralidade da cultura europeia na sua formação, mostrando uma visão de cultura eurocêntrica. A maior parte dos romances escolhidos foi

produzida no início do século XX, pouco antes da Segunda Guerra Mundial. O ano mais importante é o de 1922, exatamente quando ocorre no Brasil a Semana de Arte Moderna, movimento coetâneo aos textos escolhidos. Nessa época foram publicados *Ulisses*, *Em busca do tempo perdido* e *A Montanha Mágica*.

Ainda que o modernismo tenha surgido em manifestações artísticas em fins do século XIX, foi apenas no século XX que sua linguagem conseguiu se consolidar. Dessa forma, presidem a escolha dos textos indicados determinados valores artísticos caros ao alto modernismo. Ao mesmo tempo, é um período do começo do declínio das formas artísticas da modernidade. Como diriam alguns críticos e jornalistas: o lançamento de *Ulisses* ao mesmo tempo situa o romance no plano mais alto a que poderia chegar e também mostra o seu declínio. A escolha que preside *Ulisses* revela essa contradição. Ao romance, podem-se atribuir praticamente todos os valores estéticos da modernidade. Na escolha do romance no topo da lista, leem-se algumas características gerais do modernismo:

Retomando parodicamente a obra fundamental do gênero épico — a *Odisseia*, de Homero —, *Ulisses* pretende ser uma súpula de todas as experiências possíveis do homem moderno. Ao narrar a vida de Leopold Bloom e Stephen Dedalus ao longo de um dia em Dublin [...], o autor irlandês rompeu com todas as convenções formais do romance: criação e combinação inusitada de palavras, ruptura da sintaxe, fragmentação da narração, além de praticamente esgotar as possibilidades do monólogo interior. Para T.S. Eliot, o mito de Ulisses serve para Joyce dar sentido e forma ao panorama de "imensa futilidade e anarquia da história contemporânea".²⁶²

Este resumo mostra que o livro é importante porque, ao retomar, pela paródia, o cânone clássico representado pela *Odisseia*, consegue “romper todas as convenções formais do romance”, promovendo aquilo que é típico do modernismo, ou seja, criar algo novo. O texto ainda alerta para os procedimentos adotados por Joyce e que tiveram grande influência na literatura ocidental, como a criação de palavras, a ruptura da sintaxe e a fragmentação, além do uso de técnicas narrativas pouco exploradas até aquele momento, como o fluxo de consciência.

²⁶² BURGESS, Anthony. Caminhos para o labirinto. **Folha de S. Paulo**, 3 jan. 1999. **Mais!**, p. 12.

Para reforçar a justificativa da escolha do livro de Joyce, o *Mais!* publicou um excerto do livro *Homem comum enfim*, de Anthony Burgess²⁶³, em que o crítico destaca qualidades do escritor. Tanto os argumentos utilizados no resumo quanto aqueles enumerados por Burgess fazem parte de um olhar tradicional sobre a literatura. No texto, conta fatos curiosos, como a dificuldade de Joyce publicar o livro, sua proibição por ter sido considerado obsceno e sobre como ele, o ainda colegial Burgess, em 1933, conseguiu contrabandear para a Inglaterra uma edição do livro, três anos antes de ser liberado no país. Em seu texto, é possível pontuar alguns valores que atribuiu a Joyce.

A completude:

Os grandes romances do passado — "Dom Quixote", "Tom Jones", "Guerra e Paz", por exemplo — são todos bastante extensos, e é apenas numa grande extensão que os romancistas podem realizar o blasfemo desejo de rivalizar com Deus. Criar uns poucos seres humanos num contexto segmentário de vida é mais que suficiente para o artista menor, mas o artista maior quer um universo inteiro e uma humanidade inteira.²⁶⁴

A intensidade:

E assim Joyce se atém a Dublin no dia 16 de junho de 1904, mas também usa o delírio e a imaginação para conter grande parte da história humana e mesmo o Fim do Mundo. O épico e o drama gregos estão encerrados na estrutura de um romance burguês moderno.²⁶⁵

A maestria técnica:

Mas as técnicas tradicionais para exprimir pensamentos não ditos estão destinadas a ser insuficientes. Daí o "fluxo de consciência" ou o "monólogo interior" — um interminável comentário das personagens principais sobre as informações que a vida lhes atira, mas não dito, com frequência caótico, às vezes chegando ao limiar da mente inconsciente. Esse recurso foi usado antes — por Dickens e Samuel Butler, até mesmo por aquela grande primitiva Jane Austen —, mas jamais na escala ou nos limites empregados por Joyce.²⁶⁶

²⁶³ BURGESS, Anthony. **Homem comum enfim**: uma introdução a James Joyce para o leitor comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²⁶⁴ BURGESS, **Caminhos para o labirinto**, op. cit, p 12.

²⁶⁵ Idem.

²⁶⁶ Idem.

Diante do resultado geral da enquete, os próprios jurados tiraram conclusões reveladoras sobre a formação desse “cânone”, como pode ser visto em alguns depoimentos.

Sobre o resultado final, como afirma o crítico Arthur Nestrovski, “fica evidente que não há nomes [na produção literária atual] que possam competir em pé de igualdade com os principais autores do modernismo clássico; além disso, a lista mostra aquilo que todo mundo sabe, que Joyce, Proust e Kafka definem o momento literário”. A possibilidade de prever os principais ganhadores — obras, em sua ampla maioria, escritas antes de 1950 — é, aliás, comentada pelo escritor e jornalista Marcelo Coelho: “Uma matéria tão subjetiva quanto o gosto literário tem, apesar disso, um resultado tão previsível, o que acaba pondo em dúvida a própria ideia de subjetividade.”²⁶⁷

Quanto à escolha dos melhores 10 romances brasileiros de todos os tempos, os valores literários são semelhantes. Inclusive, a eleição de Guimarães Rosa encontra paralelo com a de James Joyce; ambos são autores que alcançaram, em suas obras, um alto nível de experimentação e de maestria técnica. Apesar de *Grande Sertão: Veredas* ter conquistado a posição de melhor romance da literatura brasileira, os jurados atribuíram maior importância a Machado de Assis do que a Guimarães Rosa, já que o primeiro foi citado três vezes.

Na lista brasileira de autores, cabe destacar o fato de que os 10 classificados estão relacionados com a alta literatura e a modernidade. No caso de Guimarães Rosa, as qualidades de *Grande Sertão: Veredas* são abordadas em texto extraído do livro *Tese e antítese*, de Antonio Candido, publicado originalmente em 1964. Candido considera que Guimarães Rosa é exceção na literatura brasileira, devido a sua inovação e liberdade para criar o novo. “Numa literatura de imaginação vasqueira, onde a maioria costeia o documento bruto, é deslumbrante essa navegação no mar alto, esse jorro de imaginação criadora na linguagem, na composição, no enredo, na psicologia.”²⁶⁸ Candido destaca, ainda, a capacidade de Guimarães Rosa colher dados da cultura do sertanejo e conseguir reelaborá-los na criação literária.

²⁶⁷ SCHWARTZ, O dia que resume o século, op. cit., p 4. Sem grifos no original.

²⁶⁸ CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. *Folha de S. Paulo*, 3 de jan. 1999. Mais!, p 13.

[...] o autor quis e conseguiu elaborar um universo autônomo, composto de realidades expressionais e humanas que se articulam em relações originais e harmoniosas, superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma. [...] lembrei a posição de Béla Bartók, forjando um estilo erudito, refinadíssimo, a partir do material folclórico, recolhido em abundância e, depois, elaborado de maneira a dar impressão que o compositor se havia posto no nascedouro da inspiração do povo, para abrir um caminho que permite chegar à expressão universal.²⁶⁹

Confirmando a tendência do suplemento, a edição dos 100 melhores poemas do século XX também privilegiou autores do alto modernismo. A lista dos escolhidos da literatura internacional, com 11 indicações, é a seguinte: 1) “A terra desolada” (T.S. Eliot); 2) “Tabacaria” (Fernando Pessoa); 3) “O cemitério marinho” (Paul Valéry); 4) “Velejando para Bizâncio” (W.B. Yeats); 5) “Hugh Selwyn Mauberley” (Ezra Pound); 6) “Pranto para Ignacio Sánchez Mejías” (Federico García Lorca); 7) “Elegia de Duíno” (Rainer Maria Rilke); 8) “À espera dos bárbaros” (Konstantinos Kaváfis); 9) “Zona” (Guillaume Apollinaire); 10) “Mensagem” (Fernando Pessoa); 11) “A canção de amor de J. Alfred Prufrock”, (T.S. Eliot).

Da lista dos 10 melhores poemas brasileiros de todos os tempos contam as seguintes obras: 1) “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade; 2) “O inferno de Wall Street”, de Sousândrade; 3) “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga; 4) “Cântico dos Cânticos para flauta e violão”, de Oswald de Andrade; 5) “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade; 6) “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto; 7) “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira; 8) “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto; 9) “Cobra Norato”, de Raul Bopp; 10) “O cacto”, de Manuel Bandeira.

Os críticos que compuseram o júri foram os seguintes: Alcir Pécora, Aleksandar Jovanovic, Augusto Massi, Décio Pignatari, Irlemar Chiampi, Ivo Barroso, José Lino Grunewald, Leonardo Froés, Nelson Ascher, Sebastião Uchoa Leite. Desses 10 jurados, a maioria era de poetas (6). Há também 3 professores da USP e 1 professor da Unicamp. O perfil dos jurados é um pouco diferente em relação à escolha dos romances. Lá havia mais

²⁶⁹ Idem.

professores; aqui há mais poetas. A participação da USP ainda é representativa no júri.

Ao comentar a eleição de T.S. Eliot como o autor mais importante, Maurício Santana Dias confirma uma tendência notada por Adriano Schwartz na lista anterior: acabou-se privilegiando a alta modernidade. Ele destaca ainda o fato de que tanto *Ulisses* quanto “A terra desolada”, ambos escritos em inglês, terem sido publicados em 1922, “fase áurea do modernismo”²⁷⁰, e ano em que ocorreu a Semana de Arte Moderna, “que revirou as tradições culturais do país.”²⁷¹ “Talvez não por acaso, grande parte dos melhores poemas do século se concentra naquela década.”²⁷² Dentre os poemas desse período estão, além da obra de Eliot, “Tabacaria” (1928), “O cemitério marinho” (1920), “Hugh Selwyn Mauberley” (1920). “Não há surpresas no resultado final”, comenta Ivo Barroso. ‘A seleção patenteia a excelência da poesia modernista’.²⁷³

Assim como na seleção dos romances, a maior parte dos poemas foi produzida por poetas europeus, além de serem escritos na língua inglesa. Outro ponto importante é que as mulheres são minoria na lista dos 100 melhores. A crítica Irlemar Chiampi apresenta uma justificativa: “Em poesia, as mulheres ainda mantêm uma posição subalterna. Sua oportunidade histórica não foi a mesma, mas isto está mudando’.”²⁷⁴

Entre os poetas brasileiros, com poucas exceções, a maior parte dos poemas pertence ao Modernismo. Carlos Drummond de Andrade tem o maior número de poemas na lista: são 5 textos. O segundo poeta mais citado é João Cabral de Melo Neto, com 4 textos. A escolha dos maiores poetas do Modernismo reitera a seleção que privilegiou o modernismo internacional.

É possível estabelecer um paralelo entre as obras brasileiras e internacionais escolhidas. É praticamente um lugar-comum da crítica apontar semelhanças entre James Joyce e Guimarães Rosa, reforçadas por valores como maestria técnica, visualidade e sonoridade, intensidade, completude,

²⁷⁰ DIAS, Maurício Santana. O século da terra desolada. **Folha de S. Paulo**, 2 jan. 2000. Mais!, p. 6.

²⁷¹ Idem.

²⁷² Idem.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ Idem.

universalidade e novidade. Ambos são exemplo do auge do modernismo. No caso de Guimarães Rosa, sua experimentação no nível da linguagem é tida como a mais importante da literatura brasileira.

Algo semelhante pode ser dito entre T.S. Eliot e Carlos Drummond de Andrade. Tanto o poema “A terra desolada” quanto “A máquina do mundo” apresentam uma visão pessimista da realidade social e sobre a própria criação literária. Os textos mostram o grande esforço dos poetas em mimetizar as complexidades do mundo em procedimentos semelhantes: a tentativa de captar a totalidade das coisas a partir de fragmentos de diversas épocas. Transita pelos poemas de Eliot e Drummond uma série de intertextos.

Em todos eles, é destacado o seu lugar privilegiado no cânone ocidental e sua capacidade de influenciar os outros autores. Como diria Marcelo Coelho, não houve surpresas em nenhuma das listas, pois elas acabaram por reafirmar o cânone ocidental. Se nos textos de abertura das duas edições seus autores ressaltam a capacidade que esses textos têm de influenciar os novos autores — reforçando a sua permanência na história literária —, isso mostra a noção de cânone pouco aberto a questionamentos.

Além de mencioná-los nas listas, o *Mais!* publicou reportagens, críticas, traduções e glosas de obras dos autores canônicos. O autor que mereceu maior destaque no jornal foi Franz Kafka, cujo lançamento da obra completa foi concluído no Brasil na década de 1990, num projeto que começou com a editora Brasiliense e passou para a Companhia das Letras, recebendo cobertura privilegiada da *Folha*.

O procedimento da reescrita, entendido como forma de leitura, já foi destacado por Barthes, que chamou a atenção para a abertura que os textos modernos conferem à interpretação. Assim, num jogo aparentemente antropofágico, o *Mais!* promoveu, em muitas edições, a releitura de textos literários e objetos artísticos, propondo a retomada de um caminho já trilhado pelo artista canônico. Para além de destacar a glosa, o procedimento reforça mais uma vez a importância do autor deglutido no processo de releitura, reafirmando seu lugar no cânone. Nesse aspecto, Kafka é o exemplo mais importante. Trechos de suas obras foram reescritas nas edições do *Mais!* de 30/05/1999 — em que a proposta era reescrever o início de *A Metamorfose* —

e de 16/02/2003, quando se propôs a reescrita de textos kafkianos que têm por tema o sonho.

Além de referendar o cânone por meio de consultas a especialistas, o *Mais!* ouviu o que o público pensava dos escritores, dando destaque para pesquisas quantitativas. A primeira delas foi publicada na primeira fase do suplemento. Em 1995, o suplemento publicou uma lista com um ranking dos principais escritores brasileiros na opinião do público. A pesquisa apontou Jorge Amado como o melhor autor brasileiro de todos os tempos. Ele foi escolhido por 20% dos entrevistados. Em segundo veio Machado de Assis (15%), em terceiro Paulo Coelho (8%), em quarto Carlos Drummond de Andrade (4%), em quinto Erico Veríssimo e Guimarães Rosa (3%). Apareceram ainda na lista Graciliano Ramos empatado com Zíbia Gasparetto (2%) e José de Alencar, Rubem Fonseca, Luis Fernando Veríssimo e Lair Ribeiro (1%). Poucas edições depois, Paulo Coelho foi criticado pela articulista Marilene Felinto. Mesmo assim, o escritor assinou por cinco anos a coluna Maktub, no *Mais!*.

Em 2001, o *Mais!* divulgou uma pesquisa que revelou peculiaridades do leitor brasileiro. Desta vez a pergunta foi sobre o livro que marcou a vida do leitor. O vencedor foi *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. A pesquisa foi realizada com o público de 18 livrarias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em segundo lugar apareceu *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Em terceiro lugar, surgem, empatados, *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder; *Crime e Castigo*, de Dostoiévski; a *Bíblia*, e o romance “psicografado” *Violetas na janela*, de Vera Lúcia Marinzeck Carvalho. Dos autores nacionais, as votações mais expressivas foram de Machado de Assis, Paulo Coelho, Vera Marinzeck Carvalho e Erico Verissimo²⁷⁵. Segundo a reportagem, vários foram os motivos apontados para a escolha do livro, como “aspectos relacionados à existência humana” (34%) e motivos “de cunho literário” (32%), entre eles “por gostar do enredo ou mensagem do livro”, “identificação com o personagem” e “qualidade do autor”.

Essas duas últimas pesquisas rivalizam com as apresentadas mais acima, e mostram o tipo de leitor que o jornal estava buscando nas duas fases.

²⁷⁵ Da Redação. O livro de cabeceira. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 2001. *Mais!*, p. 21.

Na primeira fase, mostrou um retrato parcial da leitura no Brasil, ao evidenciar que, do ponto de vista quantitativo, o leitor brasileiro não sabe o que é literatura, misturando autores canônicos com os de *beste-sellers*. Na segunda fase, assumindo a posição de formador do gosto de público, a *Folha* divulgou uma lista do cânone literário, como uma medida prescritiva para aumentar a formação de seus leitores.

Na segunda fase do suplemento, com a divulgação das listas dos melhores autores do século, o jornal assumiu um posicionamento pedagógico em relação a seu leitor. De posse de informações que mostram um quadro contraditório em relação ao consumo de literatura — em que um autor como Machado de Assis divide a preferência do leitor com Paulo Coelho ou com um autor “psicografado” — o *Mais!* assumiu a missão de “civilizar os cavalheiros” com a cultura literária canônica, procurando corrigir um desvio do leitor filisteu, para quem *O mundo de Sofia* tem o mesmo valor que *Crime e Castigo*.

Um caso curioso foi a publicação de outra pesquisa, desta vez na segunda fase do suplemento, realizada exclusivamente com frequentadores de livrarias do Rio de Janeiro e São Paulo, e não com a população em geral, como foi feito na sondagem que elegeu Paulo Coelho como o melhor escritor local. Dessa vez, a pergunta foi sobre o personagem mais importante da literatura brasileira. Com algumas exceções, as respostas reforçam o cânone nacional. Os personagens mais lembrados foram os seguintes: 1) Capitão (14%); 2) Bentinho (10%); 3) Brás Cubas (6%); 4) Quincas Borba, Emília, Gabriela (4%); 5) Diadorim, Macunaíma, Capitão Rodrigo, Alquimista (3%); 6) Policarpo Quaresma, Riobaldo, Quincas Berro D'Água, Visconde de Sabugosa (2%). Os escritores cujos personagens receberam o maior número de menções foram os seguintes: 1) Machado de Assis (33%); 2) Jorge Amado (13%); 3) Guimarães Rosa, Monteiro Lobato (7%); Erico Verissimo (5%); Paulo Coelho (4%); Mário de Andrade (3%); Luis Fernando Verissimo, Graciliano Ramos, Lima Barreto (2%).²⁷⁶

Ainda que tenha sido feita com o público não-especializado, a pesquisa mostra o quanto o cânone está presente num grupo de leitores. Assim como ocorre com a lista elaborada a partir de entrevistas com

²⁷⁶ *Folha de S. Paulo*, 30 set. 2001. *Mais!*

intelectuais, o suplemento destaca, por meio da reportagem, a importância de determinados autores para a tradição literária brasileira. A seguir, passaremos a estudar o caso de autores que ganharam destaque tanto nas listas quanto nos dossiês.

4.5.1 Machado de Assis: o mistério por trás da linguagem

Machado de Assis é um caso raro de unanimidade no mundo das letras no Brasil. Se hoje é considerado o maior prosador brasileiro, na sua época de vida já havia conquistado respeito dos críticos e do público. Isso não quer dizer, no entanto, que os motivos para a glorificação tenham sido os mesmos. À medida que foi sendo relida pela crítica, sua obra se abriu a novas interpretações, que o aproximam cada vez mais dos modernistas do século XX e o distanciaram de seus contemporâneos.

Durante o seu período de vida, Machado foi lido principalmente no Brasil. Os críticos de outras nacionalidades só passaram a se interessar de maneira mais sistemática pela sua obra a partir dos anos 1960. Esse fato o afastou de ser comparado a autores contemporâneos que, embora hoje pareçam menos importantes, na época gozavam de maior prestígio que Machado, como Anatole France e Émile Zola, para citar os mais famosos. Pela pouca difusão da língua portuguesa, Machado ficou à margem da grande literatura.²⁷⁷

Na sua primeira recepção, feita pelos críticos brasileiros e basicamente pelos leitores do Rio de Janeiro, Machado conseguiu agradar o público mediano, porque mantinha, no nível da linguagem, o tom elevado. Essa leitura, feita a partir de um viés conservador, garantiu a celebridade ao autor em vida, mas não condiz com a revolução que sua linguagem representa para a literatura brasileira. Trata-se de um Machado “filosofante e castiço”²⁷⁸, que agradava o público burguês e que lhe garantiu a notoriedade e a

²⁷⁷ CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre Azul, 2004, p. 17.

²⁷⁸ Ibidem, p. 19.

confortável posição de fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Já na década de 1930, com uma leitura influenciada pelas novas teorias das ciências humanas, sua obra passou a ser analisada do ponto de vista da psicologia. Despontam nesse período os estudos de Lúcia Miguel Pereira, que analisa as relações entre os dados biográficos do escritor e a utilização desse tipo de experiência na ficção, e as críticas de Augusto Meyer, que estabeleceu um paralelo entre Machado e os grandes ficcionistas da literatura ocidental moderna.

Nessa nova maneira de ler avulta sem dúvida Augusto Meyer, que, inspirado na obra de Dostoiévski e na de Pirandello, foi além da visão humorística e *filosofante*, mostrando que na sua obra havia muito do *homem subterrâneo*, do primeiro, e do ser múltiplo, impalpável, do segundo. Ele e Lúcia Miguel Pereira chamaram a atenção para os fenômenos da ambiguidade que pululavam na ficção, obrigando a uma leitura mais exigente, graças à qual a normalidade e o senso das conveniências constituem apenas o disfarce de um universo mais complicado e por vezes turvo.²⁷⁹

Já na década de 1940, houve uma tendência para a leitura filosófica e a sociológica. No caso desta última, Roger Bastide mostrava como estavam presentes na literatura de Machado as grandes discussões sobre os problemas do Brasil. As leituras dos anos 1950 culminaram na apreciação de Machado como um mestre da linguagem. Aveso às tendências de sua época, ele construiu seus principais romances numa forma, à primeira vista, tradicional, com o registro do português literário até mesmo conservador, mas tendo como fundo a fina ironia e o diálogo com experiências estéticas anteriores — como o romance inglês do século XVIII e os contos morais dos escritores iluministas. Tudo isso leva o leitor a questionar a própria linguagem, oferecendo grandes possibilidades de abertura de interpretação.

A sua técnica consiste em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato

²⁷⁹ Ibidem, p. 20.

corriqueiro. Aí está o motivo de sua modernidade, apesar de seu arcaísmo de superfície.²⁸⁰

Observando também que em seu tempo o escritor fora objeto de uma leitura conservadora, que louvou o tom alto e culto de seu discurso e o olhar moralista em relação à sociedade da época, João Alexandre Barbosa considera Machado de Assis o primeiro prosador moderno no Brasil. Para o crítico, a ideia de moderno está ligada à crise da representação do mundo exterior pela linguagem, e a representação é posta em xeque na literatura de Machado. O que se questiona não é a realidade em si, mas a eficácia da forma de representá-la.

“A modernidade de Machado de Assis está precisamente em que aqueles aspectos da realidade — sociais, psicológicos, históricos — são sempre percebidos e tratados sob a ótica textual: linguagem ficcionalizada pela operação incessante da própria linguagem literária.”²⁸¹ Sob este aspecto, Machado seria precursor dos escritores brasileiros que radicalizaram o uso da linguagem, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Barbosa vê uma linha contínua no romance moderno brasileiro, que se inicia em Machado, torna-se mais vigoroso com o Modernismo e chega à maturidade nos anos 1950, com uma prosa experimental e ousada.

Nesse texto, afirma que a experiência da mimesis machadiana é essencial para a formação do Modernismo, cujos desdobramentos Barbosa considera muito importantes para a literatura brasileira. Na sucessão de autores analisados por Barbosa, “expande-se”²⁸² a proposta modernista, que encontra em Machado um tipo de precursor. E, para o crítico, é mister que os autores contemporâneos deem continuidade às conquistas para a expansão do Modernismo: “Estava instaurado [tendo como primeiro autor moderno Machado de Assis] o processo pelo qual há de passar qualquer autor de

²⁸⁰ Ibidem, p. 23.

²⁸¹ BARBOSA, João Alexandre. A modernidade do romance. In: **A leitura do intervalo: ensaios de crítica**. São Paulo: Iluminuras, 1990, p. 121.

²⁸² Ibidem, p. 128.

*romance no Brasil para quem, para dizer com Oswald de Andrade, o relógio, assim como a história, ande sempre para a frente.*²⁸³

A partir dos anos 1960, a interpretação de Machado de Assis tornou-se mais centrada nas relações entre a forma literária e o universo social representado em seus livros. A grande questão que os críticos se colocaram foi: em que medida a literatura machadiana, composta de uma linguagem sutil, consegue representar a complexidade da vida brasileira, fornecendo chaves para compreendê-la. Essa resposta foi buscada, entre outros, nos estudos da norte-americana Helen Caldwell, do inglês John Gledson e de Roberto Schwarz.

Em seu livro *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, Caldwell faz uma leitura a partir de *Othello*, de Shakespeare, que aparece numa das cenas de *Dom Casmurro*²⁸⁴. Nela, Bento Santiago vai assistir a uma adaptação da peça. Ao voltar para casa, chega à conclusão de que realmente fora traído por Capitu. A leitura de Bentinho para a peça de Shakespeare dá indícios do olhar machista do narrador de Machado, revelando uma nova linha de interpretação para *Dom Casmurro*. Segundo o ponto de vista de Caldwell, Machado estaria questionando o patriarcado brasileiro em seu romance. Já a interpretação de John Gledson mostra que Machado, ao imprimir em Capitu e Bentinho traços marcantes de suas classes sociais, estava na verdade discutindo as relações de poder na organização do país.

A importância social e política da obra de Machado de Assis, apontada, entre outros, por Caldwell e Gledson, torna-se o centro da análise de Roberto Schwarz. Para interpretar as narrativas de Machado, Schwarz parte do pensamento de Antonio Candido sobre a articulação do elemento social na forma literária. Fazendo uma crítica à sociologia da literatura — pelo fato de esta abordar o texto literário em função e como reflexo dos acontecimentos sociais, “a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais”²⁸⁵ —, Candido propôs que entender a obra literária do ponto de

²⁸³ Ibidem, p. 131.

²⁸⁴ CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

²⁸⁵ CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: **Literatura e sociedade**. 7 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 7.

vista sociológico é verificar como o elemento social está entranhado na materialidade da linguagem.

Na sua leitura dos romances machadianos, Schwarz mostra que o grande mérito do escritor foi ter incorporado a crítica à formação cultural brasileira à forma de sua prosa. Os exemplos de análise mais contundentes são as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899). Nesses dois casos, Schwarz focaliza sua atenção para a posição ambígua adotada do narrador. Por um lado, os narradores desses romances são os representantes da classe dominante no país — pessoas bem postas na escala social, que mantêm uma série de privilégios —, por outro, a forma de se construir os dois romances fornece pistas para se desconfiar dos narradores e se fazer uma leitura crítica em relação à sociedade brasileira a partir da ficção machadiana.

A posição ambígua, volúvel do narrador, mostra a necessidade de adesão de sua classe social ao discurso das ideias liberais importadas da Europa, mas revela a desfaçatez com as pessoas que compunham os extratos mais pobres — como os empregados, escravos e mulheres — nas atitudes do dia a dia, em que impera o autoritarismo. Essa contradição, percebida no contexto extra-literário, faz-se interna, ao compor a linguagem que forma o romance.²⁸⁶

4.5.1.1 Machado no *Mais!*

Machado é escritor mais citado no *Mais!* e em todos os cadernos da *Folha*. Isso demonstra que é ponto pacífico entre aqueles que escrevem no jornal o fato de ser considerado o principal prosador brasileiro. Seu nome aparece de diversas maneiras, muitas delas indiretas. A forma mais comum de citação ocorre quando um colunista utiliza trechos da obra ou pinça alguma frase de Machado para ilustrar seu texto. Estes são os casos, por exemplo, de Carlos Heitor Cony e José Geraldo Couto.

²⁸⁶ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 20.

Neste tipo de citação, há duas formas de abordagem. Uma delas reforça a posição de Machado como o maior prosador brasileiro; a outra utiliza frases ou pequenos trechos de suas obras para fazer críticas à estrutura social do país. Vamos a alguns exemplos. Na crônica “As palavras e as coisas”, José Geraldo Couto começou seu texto da seguinte forma:

Guimarães Rosa, possivelmente o maior escritor brasileiro depois de Machado de Assis, dizia que seu sonho era escrever um dicionário. Ignoro se Rosa gostava de futebol [...], mas certamente ele se encantaria com a riqueza vocabular associada ao esporte mais popular do mundo.²⁸⁷

Embora a referência seja a Guimarães Rosa, a menção a Machado de Assis reforça a posição do escritor carioca na literatura brasileira. O tema é futebol, um assunto, a princípio, nada relacionado à literatura, mas a citação se faz presente. Passemos a outro exemplo. Ao comentar a morte do sambista Moreira da Silva, Carlos Heitor Cony compara-o a Machado de Assis, destacando a qualidade artística do cantor e do escritor: “Moreira da Silva deu dimensão própria ao breque, mas isso em 1936. Fazia o que Machado de Assis faz muitas vezes: interrompe a ação e mete aquele comentário saboroso. Às vezes, melhor do que a própria ação.”²⁸⁸

Outro modo de Machado se fazer presente no *Mais!* ocorre por meio de entrevistas. Quase sempre que celebridades e autores estrangeiros são entrevistados no *Mais!* ou em alguns cadernos da *Folha*, pergunta-se quais autores brasileiros conhecem. As respostas contemplam, invariavelmente, o cânone nacional. A lista dos escritores que declararam ter lido Machado de Assis é grande, e envolve tanto nomes consagrados da literatura, quanto artistas do universo pop e políticos.

Exemplo disso é o cineasta Woody Allen, para quem Machado de Assis “[...] é um autor do século passado [XIX], mas seus livros poderiam ter sido escritos neste ano. É perspicaz e espirituoso. É um escritor brilhante e moderno.”²⁸⁹ Algo semelhante foi dito por Salman Rushdie, que declarou ter

²⁸⁷ COUTO, José Geraldo. As palavras e as coisas. **Folha de S. Paulo**, 30 dez. 2002. Cotidiano, p. 2.

²⁸⁸ CONY, Carlos Heitor. Moreira da Silva. **Folha de S. Paulo**, 8 de jun. 2000. Brasil, p. 2.

²⁸⁹ DIAS, Otavio. Woody Allen descobre Machado de Assis. **Folha de S. Paulo**, 25 dez. 1995. Ilustrada, p. 3.

lido Machado de Assis aos 20 anos e ter-se admirado com a qualidade literária do brasileiro. Ele sugere a influência deste sobre a literatura no continente: “Qualquer coisa que falemos de autores como Julio Cortázar, García Márquez ou Carlos Fuentes tem origem em Machado de Assis.”²⁹⁰

O candidato derrotado em 2002 José Serra também falou de Machado de Assis. Em longa entrevista publicada na *Folha*, as preferências do tucano mereceram destaque na edição da página:

Folha - Livro preferido?

Serra - São três do Machado de Assis: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Dom Casmurro" e "Quincas Borba". A cada dois, três anos, eu releio os três e é como se eu estivesse lendo pela primeira vez. Descubro coisas novas. *Eu tenho uma dívida enorme com o Machado, porque eu aprendi a escrever lendo seus livros e contos, pois sempre fui fraco em gramática.*²⁹¹

No caso de Serra, a percepção da obra de Machado de Assis é fruto do senso comum da crítica: como autor moderno, Machado é dono de uma “obra aberta”, em que o leitor pode descobrir novos elementos a cada leitura; como autor que domina a linguagem elevada, Machado foi tido como modelar nas aulas de gramática por muitos anos; daí a ideia de que quem o lê tem grande possibilidade de aprender a “escrever bem”, a conhecer a gramática — lugar-comum do ensino tradicional do português reforçado no jornal. Em alguns casos, citar um autor consagrado é uma maneira de se autopromover. Afinal, ao declarar suas preferências culturais e optar por uma obviedade no mundo literário, o candidato ao cargo político mais importante do Brasil não corre o risco de perder a simpatia do eleitor letrado. É também uma forma de se identificar com o perfil dos leitores do próprio jornal, para quem Machado é unanimidade.

Outra forma comum de se citar Machado de Assis está relacionada à força com que sua literatura é associada à interpretação do Brasil. Seu nome é citado quando o autor de um artigo ou crônica pretende fazer crítica à brasilidade — que se manifesta, por exemplo, nos vícios da vida pública, no abismo entre as classes sociais, na “desfaçatez” das elites, não corrupção das

²⁹⁰ DIAS, Octavio. Admirações por Machado de Assis. *Folha de S. Paulo*, 17 mar. 1996, p. 12.

²⁹¹ COSTA, Raymundo. Colado a FHC, Serra se torna hoje candidato do governo. **Folha de S. Paulo**, 15 jun. 2002. Brasil, p. 7. Sem grifos no original.

classes médias. Assim, Machado é o escritor mais citado entre os colunistas políticos e da área da economia. Suas frases estão estampadas em editoriais, entrevistas, artigos e crônicas. Em entrevista sobre a reforma tributária, o economista Eduardo Giannetti da Fonseca afirmou, fazendo referência ao conto “O alienista”:

[...] já estamos no limite da carga [de impostos] no Brasil. Em vez de a sociedade se organizar para pressionar e mostrar o seu descontentamento diante desse avanço, nossa reação é selvagem, anárquica. É o salve-se quem puder da informalidade. Essa é uma tradição antiga no Brasil. Como é que o Machado de Assis descreve o financiamento do hospício em “O Alienista”? Inventou-se um imposto sobre os enfeites em cortejos fúnebres. Ninguém sabia quanto poderia arrecadar, e arrecadou-se mais do que estava previsto. Sobrou dinheiro em Itaguaí.²⁹²

Machado de Assis ganha destaque também em matérias jornalísticas suscitadas pelo comportamento de seus personagens, como em texto sobre a “síndrome de Capitu”²⁹³. Na mesma edição em que saiu texto sobre o livro *Duas meninas*, de Roberto Schwarz (o livro faz um paralelo entre Capitu e Helena Morley, narradora do livro *Minha vida de menina*), a *Folha* publicou a história de mulheres que foram abandonadas pelos maridos e saíram de casa por suspeita de terem filhos fora do casamento, fruto de uma hipotética relação de adultério.

O repórter chamou a este fato “síndrome de Capitu”, em referência ao principal personagem de *Dom Casmurro*. Nesse caso, aborda-se a permanência do universo de Machado no contexto social do país. Nos depoimentos, a reportagem mostra a permanência do machismo dos parceiros que se veem “desonrados” pelas esposas: em face da dúvida, preferem terminar o casamento. A publicação dessa matéria “atualizou” a leitura de Schwarz sobre a personagem Capitu, olhada com simpatia por ele.

Ainda que pareçam difusas e perdidas em centenas de páginas e editoriais de jornal, essas citações a Machado têm um ponto em comum que espelha bem a abordagem recebida pelo autor carioca no *Mais!*. De uma

²⁹² SILVA, Fernando de Barros e; CARIELLO, Rafael. Economista vê risco de guinada em cenário de crise. **Folha de S. Paulo**, 6 out. 2003. Dinheiro, p. 2.

²⁹³ SAMPAIO, Paulo. Síndrome de Capitu destrói casamentos. **Folha de S. Paulo**, 22 jun. 1997. Cotidiano, p. 4.

maneira geral, a *Folha* trata Machado de Assis como uma referência incontestada. Não existe outro prosador na literatura brasileira que lhe consiga fazer sombra. Essa verdade é confirmada tanto pelos autores brasileiros quanto pelos estrangeiros, que aprovam o produto nacional de exportação, outrora injustiçado e circunscrito à restrita capacidade de difusão da língua portuguesa.

Embora seja considerado pela crítica como o grande mestre do romance — o fundador da prosa moderna no Brasil, como quer João Alexandre Barbosa — é a sua forma de entender o Brasil de maneira enviesada que ganha destaque nas páginas do jornal, tanto em cadernos voltados para a área cultural, como o *Mais!* e a *Ilustrada*, como nas editoriais mais noticiosas, envolvendo temas como economia, política e problemas urbanos.

Na verdade, essa visão se coaduna com o esforço interpretativo de Roberto Schwarz, que é hegemônica no *Mais!*. Como foi dito acima, Schwarz, ligado à linha crítica de Antonio Candido, reforça a ideia de que Machado é uma importante chave para o entendimento das contradições sociais do Brasil. Na abertura da entrevista referente ao lançamento de *Dois meninas*, o jornalista Fernando de Barros e Silva reforça a ideia de que Schwarz busca entender a realidade brasileira a partir de Machado de Assis, mesmo em se tratando dos acontecimentos da política contemporânea, que coincidem com a publicação de determinados livros do ensaísta.

No trecho da apresentação da entrevista, o jornalista traça um paralelo entre a crítica ao personagem Brás Cubas, feita por Schwarz em *Um mestre na periferia do capitalismo*, publicado em primeira edição em 1990, e a ascensão de Fernando Collor de Mello. Brás Cubas seria “[...] a imagem espectral da delinquência do jovem Collor barbarizando pelas ruas de Brasília.”²⁹⁴ O jornalista também associa a análise de *Dois meninas*, publicado em 1997, ao término do primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso.

Na entrevista, Schwarz afirma que o mais desconcertante nos romances de Machado são seus narradores, que devem ser entendidos como personagens. O crítico parte da tese de que Machado disfarça, na figura do

²⁹⁴ SILVA, Fernando de Barros e. Dialética envenenada: duas meninas na periferia do capitalismo. **Folha de S. Paulo**, 1 jun. 2007. *Mais!*, p. 6.

narrador bem posto na sociedade e com um texto irrepreensível do ponto de vista estilístico, o lado arcaico e terrível de seus personagens masculinos. A visão de Schwarz é endossada pelas opiniões de críticos estrangeiros que dão depoimentos ao *Mais!* ou que assinam ensaios publicados no suplemento, como o de Michael Wood, editado originalmente no *The New York Times Book Review*. No texto, Wood afirma que a obra de Machado de Assis está entre o humor e a melancolia. O autor consagra a visão de Roberto Schwarz e John Gledson.

O lance de Machado é ao mesmo tempo estético e político, um modo de espreitar as classes dominantes sem parecer divergir delas, um modo de fazer — como diz Schwarz a certa altura — com que se condenem por si sós, sem que saibam o que estão fazendo. De resto, para isso foram feitos os narradores inconfiáveis: há sempre uma condenação, ainda que nem sempre a condenação de uma classe inteira.²⁹⁵

Outro autor que enaltece a obra de Machado é Carlos Fuentes. Segundo ele, o escritor carioca não aderiu ao realismo do final do século XIX e se inspirou em Cervantes, renunciando a imaginação e a mestiçagem da literatura latino-americana.²⁹⁶

Machado teria recuperado, para a América Latina, a “tradição de La Mancha”, que havia sido esquecida também na Europa, que aderiu ao que Fuentes chama de “tradição de Waterloo”, ou seja, o romance realista. O escritor mexicano defende que a literatura de Machado de Assis, assim como a de Cervantes, estabelece a noção de incerteza, que leva a desconfiar de uma visão dogmática do mundo.

Diferente da “tradição de Waterloo”, que se afirma pela realidade e por uma visão séria do mundo, contra a comicidade da “tradição de La Mancha”. E nesse ponto reside a modernidade de Machado: a capacidade de recuperar uma tradição literária e de atualizá-la em seu próprio contexto cultural.

²⁹⁵ WOOD, Michael. Um mestre entre ruínas. **Folha de S. Paulo**, 21 jul. 2002. *Mais!*, p. 15.

²⁹⁶ FUENTES, Carlos. O milagre de Machado de Assis. **Folha de S. Paulo**, 1 out. 2000. *Mais!*, p. 12.

4.5.2 Entre a forma e o conteúdo: Euclides da Cunha

Euclides da Cunha teve uma trajetória rápida mas intensa no mundo das letras. Sua formação foi toda ela feita na escola militar, instituição que, a partir da década de 1870, assumiu um papel importante nas mudanças do regime político no país. Assim como a maior parte de seus colegas de escola de engenharia, era abolicionista e republicano. Várias foram as correntes teóricas que o influenciaram, como o Positivismo e as teorias etnocêntricas, que viam a mestiçagem como negativa para a formação de um povo.

Em seu objetivo de construir uma interpretação do Brasil, ele mantém diálogo com a literatura do século XIX, com os seus grandes painéis. Sua produção buscou, além disso, aproximar-se ao máximo da realidade, diferente do que ocorria com grande parte dos escritores da *Belle Époque*, em que a literatura era vista como “sorriso da sociedade”. Por mais literários que seus textos pareçam, sua tendência foi observar a realidade e generalizá-la.²⁹⁷

Quanto ao estilo adotado em suas obras, a crítica chama a atenção para o hibridismo da linguagem literária — representada pelo registro sempre alto, com imagens rebuscadas — e a objetividade científica. Na sua obra despontam dois mundos: o século XIX romântico e idealista e o século XX, naturalista e materialista. E a sua linguagem elevada acaba destacando ainda mais o espírito científico de sua escrita. Trata-se de

[...] uma linguagem altamente coerente com o conteúdo transmitido, na medida em que procurava evidenciar uma dignidade superior da cultura científica e filosófica e revelar a sua capacidade de perceber erros e injustiças, ao mesmo tempo que expunha a verdade última presente no movimento profundo das forças naturais.²⁹⁸

A atuação pública de Euclides da Cunha ocorre num período de grandes transformações no Brasil. Sob influência política do liberalismo e dos ideais da Revolução Francesa, o país buscava entrar numa ordem moderna, presidida pela racionalidade política. Buscando utilizar sua obra como instrumento de transformação social, Euclides fora intelectual no sentido

²⁹⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

²⁹⁸ Idem, p. 135.

político do termo: aquele que, por meio de seu conhecimento, pode iluminar e transformar a sociedade.

Na história de recepção de seu principal livro, *Os Sertões*, Euclides é visto com bons olhos pelos intelectuais do início do século XX, orientados pelas ideias científicas. O discurso de Euclides, influenciado pela ciência do século XIX e pelo determinismo, é familiar ao que pensava a elite cultural da época, com suas ideias racistas sobre a formação da cultura no Brasil. A escrita de Euclides da Cunha, que foi realizada num momento de influência positivista — com a análise determinista do meio e o predomínio de uma visão etnocêntrica da cultura —, consegue superar, no entanto, as limitações do próprio Positivismo, ao entender a identidade do país como um híbrido de civilização e barbárie.

Nos últimos anos, a leitura da obra de Euclides da Cunha como uma forma de denúncia da barbárie vem ganhando espaço. Luiz Costa Lima²⁹⁹ analisa a estrutura de *Os Sertões* como a manutenção do pensamento hegemônico da época. Apesar disso, o trabalho também mostra que o livro pode ser lido como de uma maneira contrária ao determinismo.

No capítulo sobre a terra, em que o narrador dirige um olhar de longe ao Brasil, debruçando-se sobre a formação geológica do país, as características físicas do meio são estendidas às características culturais dos grupos sociais, como a mistura entre o ambiente e a cultura. Na parte sobre o homem, Euclides esmiúça os detalhes das teorias raciais então em voga, sem, no entanto, apresentar uma adesão completa. Ele vê o sertanejo não como um homem inferior, mas aquele que está atrasado no processo civilizatório. E nisso as imagens ambíguas ganham força, como na descrição do sertanejo como desgracioso e indolente, mas que, num átimo, está pronto para ação, como um “titã acobreado”, um “Hércules-Quasímodo”, misto da coragem do mito grego e da monstruosidade do personagem de Victor Hugo.

Apesar das controvérsias sobre a validade de determinados fatos históricos, surgidas a partir da década de 1960, o livro se constitui obra de grande importância para a compreensão do Brasil. Mostra uma sociedade partida: de um lado, o sertão atrasado, e de outro, a cidade, imbuída,

²⁹⁹ LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota**: a construção de *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

entretanto, do preconceito e formada por intelectuais voltados para a cultura estrangeira.

O projeto de compreender essa fratura entre o sertão (interior) e a praia (a cidade) levou Euclides a voltar-se para outras expedições, como a que o levou até o Acre. Como chefe da expedição do reconhecimento do Alto Purus, escreveu textos que mais tarde foram reunidos em *Contrastes e confrontos* e em *À margem da história*, em que mostrou a exploração das pessoas da Amazônia, principalmente os seringueiros, que viviam em regime semelhante ao de escravidão.

Um ponto discutido recentemente pela crítica é a permanência da linguagem de Euclides em escritores brasileiros — principalmente sobre o regionalismo de 1930. Veem-se influências da linguagem de Euclides na literatura de Graciliano Ramos, sobretudo em *Vidas Secas*, à diferença que, neste, o meio social representado e mimetizado pela aspereza da linguagem não é determinante no subdesenvolvimento; aqui o que avulta é a permanência das relações autoritárias, atávicas no Brasil.

Essa relação de parentesco entre o romance realista de 1930 e a literatura “pré-modernista” de Euclides da Cunha é sugerida, entre outros, por Alfredo Bosi, mas um estudo mais aprofundado foi feito por Leopoldo Bernucci, que estuda Euclides em relação a dois antecessores — Victor Hugo e Sarmiento — e dois sucessores — Graciliano Ramos e Monteiro Lobato. Para Bernucci, há permanência do estilo de Euclides nos autores modernistas brasileiros.³⁰⁰

Outro ponto importante é a consolidação de *Os sertões* como texto-chave para compreensão das contradições do país³⁰¹. O livro mostra uma grande fratura de projeto de modernidade do Brasil. Por um lado, se existe a fatia civilizada do país, representada pelo litoral, que se volta para a Europa, do outro, existe o que Euclides chama de sertão, local a que as benesses do progresso não chegaram. Assim, seu livro é lido como denúncia das

³⁰⁰ BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos**: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: Edusp, 1992.

³⁰¹ VENTURA, Roberto. Texto introdutório a *Os Sertões*. In: SANTIAGO, Silviano. **Intérpretes do Brasil** – vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

desigualdades da sociedade brasileira. E por isso Euclides vê na figura do sertanejo o tipo heroico brasileiro:

[...] Euclides criou a imagem do homem do sertão como ser autêntico, enraizado no solo, com cultura própria e evolução autônoma garantidas pelo isolamento geográfico. Chamou assim o sertanejo de “rocha viva” da nacionalidade, base sobre a qual se poderia criar o brasileiro do futuro.³⁰²

Ventura fez ainda um paralelo entre a vida de Euclides e suas projeções nas personagens e nas descrições de *Os Sertões*. Ventura defende a hipótese de que ele havia projetado sobre Antonio Conselheiro suas “[...] obsessões pessoais, como o temor da irracionalidade, da sexualidade e da anarquia, para criar um personagem trágico guiado pelas forças obscuras e ancestrais e por maldições hereditárias.”³⁰³

Os críticos de Euclides chamam atenção ainda para a utilização de formas literárias na composição do grande ensaio de interpretação que é a obra *Os sertões*. O livro geralmente é associado ao gênero épico, por descrever, em alto tom, o conflito entre a civilização e a barbárie. Mais do que isso, o leitor dos clássicos e admirador da poesia romântica que foi Euclides incorpora no ritmo da frase as asperezas do meio social que pretende descrever. Ele tentou “[...] recriar [...] variações climáticas pelo ritmo binário, pelas repetições sonoras e sintáticas e pelas acelerações rítmicas, frequentes em suas descrições da natureza, que personificou como participante da luta.”³⁰⁴

4.5.2.1 Euclides no *Mais!*

³⁰² Ibidem, p. 184.

³⁰³ Ibidem, p. 185. Esta linha de pensamento foi parcialmente desenvolvida no “esboço biográfico” de Euclides escrito por Ventura até 2002, ano em que faleceu, vítima de acidente de trânsito. Nele, analisa toda a biografia de Euclides e contrasta com a abordagem das personagens e situações de sua obra. Ver VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha**: esboço biográfico. Org. Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

³⁰⁴ Ibidem, p. 183.

Euclides da Cunha aparece de maneira intensa no *Mais!*. A publicação de textos sobre ele é movida por vários fatores. O mais importante deles é a comemoração dos 100 anos de *Os Sertões*, em 2002. Além disso, pode-se enumerar uma série de outros fatos que levaram à publicação de textos sobre Euclides, como o lançamento de livros que estudam sua obra e o conflito de Canudos, a publicação de livros contendo sua correspondência, a realização de reportagens no local onde ocorreu o conflito, a atualização do debate em torno de suas ideias.

No suplemento, seu nome aparece no dossiê “Euclides: crítico do Brasil” (14/07/1996); em edição dedicada ao centenário da morte de Antônio Conselheiro, com o título “Sangue sobre Canudos” (21/09/1997); no dossiê “Os Sertões faz cem anos” (01/12/2002). Seu nome também é mencionado na publicação dos 100 melhores autores de não-ficção do século XX, além de ter sido objeto de uma série de resenhas, ensaios e algumas reportagens.

De maneira geral, a obra de Euclides é abordada sob dois aspectos: o sociológico e o literário. A leitura sociológica de Euclides da Cunha chama a atenção para o fato de, apesar de ter escrito seus textos no início século XX sob a influência do pensamento cientificista, com um esquema interpretativo limitado, o autor conseguiu superar as imposições da ciência da época e promoveu uma leitura ampla das contradições do Brasil.

A sua obra é posta lado a lado com a de outros cientistas sociais que também foram eleitos pelo *Mais!*, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Euclides é o “crítico do Brasil”, como afirma o título do primeiro dossiê dedicado a sua obra. Sob esse mesmo olhar, a visão de Euclides acabou sendo reforçada com o debate sobre outros problemas históricos que afligem o Brasil, como a violência, a desigualdade social, o racismo, diversidades regionais e suas consequências no desenvolvimento do país. Além disso, seu nome e sua visão sobre o Brasil são sempre retomados quando artistas e cientistas sociais são abordados — entre eles Glauber Rocha, Mario Vargas Llosa, Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso.

Euclides ganha relevo no *Mais!* pelo viés sociológico e histórico porque representa um marco na formação de uma visão moderna do país, assim como outros autores que buscaram uma interpretação e um projeto para

o país a partir do final do século XIX. Nesse sentido, seu ideário se coaduna com a construção da modernidade baseada na racionalidade. Em sua obra, Euclides tem a esperança de que as iniquidades da sociedade possam ser resolvidas no futuro com a formação de uma identidade nacional, numa sociedade regida pela noção de igualdade da política moderna e com a redenção pela educação. Trata-se da superação da barbárie presente nas relações nos “sertões” do Brasil.

Na maior parte dos textos veiculados no *Mais!* sobre o autor subjaz a ideia de que se trata de um modernista, e não um positivista limitado pela visão de mundo do século XIX. Ao colocar lado a lado a leitura de Euclides da Cunha e a realidade brasileira do início do terceiro milênio, o autor é atualizado; seu pensamento é referência para entender alguns problemas que persistem na sociedade brasileira. As ideias de Euclides soam como uma alternativa num momento em que as interpretações sobre o país são fragmentárias. A abordagem de suas teorias ajuda a reforçar e a estabilizar a orientação modernista do suplemento, pouco permeável às abordagens culturalistas.

Nota-se também que, mesmo quando são publicados livros “contra” o mito que se formou em torno de Euclides da Cunha, o suplemento acaba mostrando que alguns detalhes negativos não afetam em nada a visão positiva que se tem sobre seu poder de análise sobre o Brasil, como em artigo de Luís Antonio Giron sobre livros que contestam o destaque dado a Euclides nas ciências sociais e na literatura³⁰⁵. O texto cita, entre outros, o livro de Leopoldo Bernucci *A limitação dos sentidos*, que observa a força dos modelos literários sobre a escrita de *Os Sertões*, em detrimento da observação da realidade. Segundo a leitura de Giron sobre Bernucci, este estaria não só mostrando que Euclides inventou boa parte do que escreveu sobre Canudos — influenciado pela literatura romântica —, como plagiou escritores que admirava. Esse ponto de vista é contestado por Giron, para quem a ideia de “plágio” não era a mesma na época de Euclides.

Ele reforça essa ideia com declaração de Roberto Ventura, para quem a obra *Os sertões* representa a primeira interpretação sobre o Brasil, trabalho que desembocaria nos clássicos da década de 1930 *Casa Grande &*

³⁰⁵ GIRON, Luís Antonio. Contestação de um clássico. **Folha de S. Paulo**, 8 out. 1995. *Mais!*, p. 12.

Senzala e Raízes do Brasil. Ao final do artigo, Giron afirma que as questões apresentadas pelos que questionam Euclides não invalidam seu olhar crítico sobre o Brasil:

Apegados à verificabilidade, os contestantes de Euclides se esquecem da metafísica e da fantasia, vias diretas para a interpretação do “livro vingador”. De certo modo, a obra reconstrói Canudos e põe militares e jagunços a tropeçar pelo Monte Santo, num ciclo intermimo de desatinos. A vingança está na alegoria de uma partida perdida por dois contendores, no painel da derrocada simultânea de ideais contraditórios: fé e razão.³⁰⁶

A ideia de questionar a história construída por Euclides está presente em todo o dossiê “Sangue sobre Canudos”, que marcou os 100 anos da morte de Antonio Conselheiro. Os textos procuraram desmontar algumas evidências apontadas por Euclides, a começar pela história de Canudos e do Conselheiro. Conforme aponta Marco Antonio Villa, o arraial de Canudos não era uma comunidade de fanáticos religiosos; o local passou a atrair um grande número de sertanejos porque era uma alternativa à exploração dos proprietários de terra da região. Seu sistema de produção, organizado pelo Conselheiro, foi baseado no comunitarismo, longe de ser, também, uma experiência de socialismo primitivo.

Segundo ele, a religião tinha o papel de coesão na comunidade, mas não era um fim em si. “[...] Belo Monte [nome dado por Antonio Conselheiro a Canudos] acabou se constituindo na materialização do sonho sertanejo e, mesmo sem o querer, em obstáculo ao pleno domínio do coronelismo.”³⁰⁷ Por esse motivo, representava uma ameaça real aos detentores do poder econômico e político.

Da mesma forma, a visão que mostrava Antônio Conselheiro como desequilibrado, que proferia sermões de um catolicismo messiânico, conforme a visão de Euclides da Cunha, foi questionada por historiadores. José Calazans³⁰⁸ fez um retrato de Antônio Conselheiro como líder carismático que transformou Canudos numa comunidade relativamente próspera. Não havia,

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ VILLA, Marco Antonio. A aurora de Belo Monte. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1997, p. 10.

³⁰⁸ CALAZANS, José. O Bom Jesus do sertão. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1997, p. 11.

conforme o historiador, qualquer anseio de restaurar a monarquia, nem necessidade de ampliação dos domínios territoriais.

Antônio Carlos Olivieri analisa trechos dos sermões deixados em manuscrito pelo religioso. Euclides caracteriza os sermões do Conselheiro como sendo os de um fanático religioso. Olivieri mostra, no entanto, que os textos não se afastavam do cânone da igreja católica: “[...] são sermões que não fariam vergonha num confronto com os ditos grandes oradores da igreja brasileira do século passado [...]”³⁰⁹.

Nota-se que o suplemento veicula as versões de historiadores que questionam a fidelidade de Euclides aos fatos que ocorreram na Guerra de Canudos, ao seu retrato dos sertanejos e de Antonio Conselheiro. Apesar disso, a visão crítica de Euclides quanto ao sertão e a capacidade de seu texto servir como chave para a compreensão das contradições sociais no Brasil não são postas à prova.

A visão positiva ganha força na edição do *Mais!* que celebrou os 100 anos da publicação de *Os Sertões*. Na primeira parte da edição, sete personalidades de diversas áreas da produção artística contam como foi “a primeira vez em que leram a *obra-prima* de Euclides da Cunha [...]”³¹⁰. Eduardo Lourenço destaca, por exemplo, o fato de Euclides, a quem chama de “Homero bárbaro”, ter colocado no mapa a revolta de Canudos, “[...] que deveria ser mera excrescência da sua ficção ctônica e antropológica.”³¹¹ Segundo ele, o livro é a “[...] crônica de um episódio excêntrico de um mundo excêntrico” que se converte “[...] em adivinhação e compaixão profética por conta do futuro.”³¹²

A leitura de Sergio Paulo Rouanet talvez seja a mais positiva quanto à atualização da capacidade de Euclides em fornecer respostas à realidade brasileira. Rouanet parte da ideia de que Euclides faz uma interpretação da modernidade no país levando em conta, intuitivamente, a dialética negativa, inspirado no *Facundo* (1845), de Domingos Sarmiento. Trata-se de “[...] uma

³⁰⁹ OLIVIERI, Antônio Carlos. Sermões numa caixa de madeira. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1997, p. 9.

³¹⁰ Da Redação. Primeira leitura: Os sertões. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 5.

³¹¹ LOURENÇO, Eduardo. Primeira leitura: Os sertões. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 6.

³¹² Idem.

dialética sem síntese, em que os dois polos permanecem inconciliáveis.”³¹³
 Rouanet exemplifica como ela se manifesta, levando em conta as construções discursivas do autor:

As forças que representavam a modernidade, em Canudos, eram elas próprias arcaicas. O delírio de Canudos tinha uma contrapartida exata na capital. Em Canudos, os jagunços baleavam os intrusos com seus clavinotes; no Rio, os florianistas linchavam transeuntes e empastelavam jornais. Para os conselheiristas, a república era o reino do anticristo; para os citadinos, Canudos era o centro de uma conspiração monarquista. Para os cariocas, Canudos era a Vendaia; para os jagunços, o Rio era a Babilônia.³¹⁴

Para Rouanet, a dialética negativa nos textos de Euclides mostra que há, na proposta aparentemente moderna da república brasileira, o anseio de conservar as velhas estruturas de poder. Na visão do ensaísta, Euclides tinha consciência — e deixava isso claro em seu texto — de que o homem civilizado brasileiro não possuía uma visão progressista e não queria cumprir com a sua missão de realizar a reforma agrária e superar as relações autoritárias. A burguesia queria manter para sempre o latifúndio. Para Euclides, a modernização do país só poderia ser feita “[...] por uma classe ou aliança de classes capaz de levar em frente o projeto da modernidade, sem excessivos compromissos com as velhas elites de poder e também sem adotar uma política de terra arrasada com relação às raízes culturais do país.”³¹⁵

A leitura literária da obra de Euclides no *Mais!* é valorizada de duas maneiras: sob o ponto de vista que relaciona a forma literária e o conteúdo (sob influência da crítica sociológica) e a partir da linguagem (neste caso, com elementos do formalismo). No primeiro caso, o suplemento ressalta a capacidade de Euclides estar presente em obras contemporâneas, firmando-se na história literária. Isso ocorre pela atualidade do tema que o livro *Os Sertões* traz: o genocídio e a barbárie. A leitura de Euclides é apontada como importante referência para a literatura brasileira e para o cinema.

³¹³ ROUANET, Sergio Paulo. O sertão da dialética negativa. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 12.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ Ibidem, p. 13.

Sob esse aspecto, Ismail Xavier destaca o papel de Euclides na formação do Cinema Novo, influenciando a geração de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos a olhar o sertão como um microcosmo, uma alegoria do Brasil. Xavier afirma que essa visão — marcada pela oposição entre o Brasil da praia e o Brasil do sertão — teve influência marcante de Euclides. Para ele, Glauber Rocha conseguiu fixar a imagem do sertão “como realidade autobaseada”.

Na trilogia que marcou 1963-64 como o momento mais adensado de relação com o sertão — “Vidas Secas”, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e “Os Fuzis”—, não houve apenas a denúncia da exploração do trabalho e a exposição das condições materiais de vida; houve também um debate sobre a forma do olhar e da escuta. Ou seja, uma interrogação que, pelo estilo, buscava fazer justiça a um tecido de experiências que deveria ser trazido à percepção em sua complexidade.³¹⁶

Quanto à observação da linguagem utilizada no livro, a leitura literária de Euclides ganha força principalmente com a valorização do Barroco. Se num primeiro momento de sua recepção Euclides era criticado por adotar um tom elevado de linguagem, nos anos nas edições do *Mais!* esse foi um dos pontos louvados. Veja-se texto de Augusto de Campos “Transertões³¹⁷”, sobre a poética euclidiana, que mais tarde deu origem ao livro *Os Sertões dos Campos*³¹⁸. O aspecto trabalhado no ensaio é inovador: entender *Os Sertões* como poesia.

O ensaio de Augusto de Campos destaca a utilização da função poética da linguagem — com a presença de versos que são “decalques de poesia” — na construção de *Os Sertões*. O estudo, que se fixa às formas e aos diversos tipos de versos empregados, destaca que a poesia tem papel importante na prosa de Euclides, já evidenciada de forma pioneira, informa Campos, em estudo de 1946 de Guilherme de Almeida, em que caracterizou uma série de versos. Augusto começa sua análise onde Guilherme de Almeida parou a dele.

³¹⁶ XAVIER, Ismail. Microcosmo em celuloide. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. *Mais!*, p. 10.

³¹⁷ CAMPOS, Augusto. Transertões. **Folha de S. Paulo**, 3 nov. 1996. *Mais!*, p. 10.

³¹⁸ CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Os Sertões dos Campos**. São Paulo: 7 Letras, 1997.

Sem pretender ser exaustivo ou completo, até porque há casos de ambiguidade e dúvida que não favorecem uma contagem exata, e procurando privilegiar aquelas situações frásicas em que a trilha métrica soa conatural ao ritmo da fala, cheguei a mais de 500 decassílabos significativos, com predominância dos sáficos (acentuados na quarta e oitava sílabas) e heroicos (acentuados na sexta), e a pouco mais de duas centenas de dodecassílabos (dentre os quais muitos alexandrinos perfeitos).³¹⁹

Augusto afirma que a função poética da linguagem, que tem importância na economia do texto, cuja meta não é apenas o referente, mas a utilização de procedimentos caros à poesia, torna o texto de Euclides icônico. Para analisar a prosa de Euclides como poesia, Augusto utiliza-se de um referencial teórico baseado no formalismo e nas análises de poesia de Ezra Pound, importantes referências para a Poesia Concreta. Um exemplo disso é a análise do “verso”: “Estrídulo tropel de cascos sobre pedras”, em que os elementos fônicos contribuem para a “íconização sonora” do poema.

Em montagens feitas na mesma página do ensaio, são exibidos “poemas” de Euclides, “montados” por Augusto de Campos à maneira de *ready-mades* da Poesia Pau-Brasil, de Oswald de Andrade. Nesse caso, Augusto toma a liberdade de “editar” os poemas, apenas dispondo-os em versos livres. Ele explica:

Se desprezarmos a metrificação estrita e admitirmos maior liberdade rítmica, chegaremos facilmente à constituição de verdadeiros poemas autônomos, em verso mais ou menos livre [...]. Procurei identificar alguns desses “poemas” [...]. Quase todos eles foram obtidos sem alteração do texto ou da pontuação. Em geral apenas recorto as linhas para pôr em evidência os ritmos mais expressivos.³²⁰

Assim, Augusto de Campos recria, em forma de poesia, trechos famosos de *Os Sertões*, como o que chamou de “De repente soldado”:

DE REPENTE SOLDADO
|
O sol poente desatava, longa,
a sua sombra pelo chão
e
protegido por ela –
braços longamente abertos,
face volvida para os céus –

³¹⁹ CAMPOS, *Transertões*, op. cit.

³²⁰ Idem.

- um soldado descansava.

Descansava...
havia três meses.

II
- braços longamente abertos,
rosto voltado para os céus,
para os sóis ardentes,
para os luares claros,
para as estrelas fulgurantes...

Em várias passagens de *Os Sertões*, Augusto transforma a prosa de Euclides em poesia, num procedimento que é, ao mesmo tempo, transcrição e crítica. Essa leitura de *Os Sertões* evidencia uma das linhas teóricas destacadas pelo *Mais!*, a da Poesia Concreta. Assim, Euclides é destacado pela crítica concretista não pelos seus aspectos sociológicos ou como uma das possíveis chaves para se entender o Brasil contemporâneo — como é proposto muitas vezes pelos críticos da sociologia da literatura — mas por ter contribuído para o enriquecimento da literatura brasileira do ponto de vista formal.

4.5.3 Carlos Drummond de Andrade: o “superpoeta”

Integrante da geração de poetas que se lançou na década de 1930, Carlos Drummond de Andrade é considerado pela crítica como uma espécie de síntese do Modernismo. Autor prolífico, atuando em áreas como a crônica, a poesia e a tradução, a obra de Drummond abarca seis décadas de produção e reúne temas e técnicas literárias diversas.

Os valores modernos que despontam de sua poesia se inserem em várias áreas. Sua obra mostra a busca pelo “novo” presente no lema poundiano do “make it new”, com sua ligação aos princípios do Modernismo; é um poeta que tem consciência do uso da materialidade das palavras — o que é posto em evidência em seus poemas sobre a produção da poesia —; a sua literatura traz a preocupação de o sujeito “estar-no-mundo”, ou seja, a reflexão sobre o ser humano e sua relação com o meio social, em alguns de seus livros, principalmente aqueles publicados na década de 1940.

A fortuna crítica do poeta aponta que sua poesia é pessoal e ao mesmo tempo objetiva, tendo “aguda percepção de um intervalo entre as convenções e a realidade: aquele hiato entre o parecer e o ser dos homens e dos fatos que acaba virando matéria privilegiada do *humor* [...]”.³²¹ A produção literária do autor se aproxima de valores como a ironia, a concisão, a impessoalidade, a intransitividade, a maestria técnica e a utilidade — no caso desta última, a reflexão sobre a política e o “estar-no-mundo”, refletindo os grandes dilemas de sua época.

Alfredo Bosi, por exemplo, dá grande destaque ao fato de a poesia de Drummond mostrar o ser humano numa época vazia, evidenciando a impossibilidade de promover mudanças sociais, visão evidente em obras como *Claro Enigma* (1951) e *Fazendeiro do Ar* (1954).

Ao lado de João Cabral de Melo Neto, alguns poemas de Drummond são postos em evidência pelos críticos ligados à Poesia Concreta devido à grande preocupação do autor com a materialidade da palavra. Haroldo de Campos, em texto publicado originalmente no *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo* em 1962, tenta estabelecer um elo entre a poesia de Drummond e a Poesia Concreta. Para ele, existe uma linha evolutiva que liga as experiências formais modernistas à poesia de vanguarda dos anos 1950, tradição que tem como integrantes poetas como Oswald de Andrade, Carlos Drummond e João Cabral de Melo Neto.

Ao falar de *Lição de coisas* (1962), livro que marca o aniversário de 60 anos de Drummond, Haroldo de Campos afirmava que o poeta, a exemplo das experiências de *Alguma poesia* (1930), fez uma incursão pela pesquisa da concreção da palavra. “Aqui, o poema se abre a todas as pesquisas que constituem o inventário da nova poesia: ei-lo incorporando o visual, fragmentando a sintaxe, montando e desarticulando vocábulos, praticando a linguagem reduzida.”³²² Apesar disso, Haroldo de Campos reconhece que apenas uma parte da obra de Drummond pode ser considerada próxima à Poesia Concreta. Critica como sendo passadista *Claro Enigma*, livro que, nos últimos 20 anos, tem sido considerado um dos pontos altos da poesia

³²¹ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 441.

³²² CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem**. Petrópolis: Vozes: 1970, p. 42.

drummondiana. Embora não tenha revisto seu posicionamento em ensaio, Haroldo publicou uma espécie de homenagem a Drummond, o livro-poema *Máquina do mundo repensada*, em 2000³²³.

Em 1971, Décio Pignatari reforçava a visão de Haroldo de Campos com a análise do poema “Áporo”, a que denominou “um inseto semiótico”, título de seu ensaio publicado em livro. Pignatari levava em conta, na análise do texto, como o poeta se utilizou de construções visuais e sonoras para dar sentido ao poema. Para o crítico, o poema de Drummond é uma “das peças de poesia mais perfeitas e mais criativas, em âmbito internacional e dentro da tradição do verso pós-Mallarmé”³²⁴.

Pignatari afirma que Drummond adere à experimentação concreta ao reforçar o sentido do poema com a concreção do significado na materialidade do texto. Pignatari, que integrou o júri de 10 intelectuais que escolheram os cem melhores poemas do século para a edição de 2 de janeiro de 2000 do *Mais!*, indicou “Áporo” como a quarta opção em sua lista dos 10 principais poemas brasileiros.

A visão do “Drummond concreto” é reforçada — e em alguns casos iluminada — pela obra de João Cabral de Melo Neto, que reconhece a forte influência do poeta de Itabira. Em entrevista aos *Cadernos de Literatura Brasileira*, Cabral afirmava: “Acho que devo muito ao Modernismo, como já deixei claro, mas depois de um Drummond, de um Murilo, tentei fazer uma poesia construída, sem a espontaneidade [...]”³²⁵ Em diversos momentos de sua obra e em depoimentos, Cabral ressalta a influência que teve sobre ele a poesia de Drummond, com quem estabeleceu uma relação de amizade. O Drummond que lhe chamava a atenção não era o que escrevia poemas sentimentais ou mais próximos à musicalidade da lírica brasileira, mas o “lutador”, que procurava trabalhar as palavras à exaustão.

Sob o olhar da crítica, apesar de ser considerado um dos principais poetas da língua portuguesa, Drummond apresenta uma obra irregular. A fase

³²³ CAMPOS, Haroldo de. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

³²⁴ PIGNATARI, Décio. Um inseto semiótico. In: *Contracomunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 137.

³²⁵ Entrevista. *Cadernos de Literatura Brasileira: João Cabral de Melo Neto*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 1, mar. 1996, p. 26.

de ouro do poeta é localizada nos anos 1950 — período de maturidade dos autores modernistas. É nessa época também que poetas como Murilo Mendes, Manuel Bandeira — modernistas que ajudaram a criar uma poesia nova, sobretudo na década de 1930 — aproximam-se de uma linguagem mais “clássica”, ou seja, estabilizam alguns elementos de sua poética. Consolidam-se nessa época obras de autores tributários do Modernismo, como João Cabral, Guimarães Rosa, além do movimento da Poesia Concreta.

A fortuna crítica de Drummond aponta uma produção de segunda ordem a partir de meados da década de 1960, quando o autor volta-se a uma poesia mais convencional, dedicada a temas cotidianos ou versando sobre as relações amorosas. É dessa época, também, a colaboração intensa nos jornais cariocas como cronista.

No ensaio *Verso Universo em Drummond*, José Guilherme Merquior³²⁶ aponta a existência de três fases na obra poética: a fase da poesia voltada para o humor; o poeta com preocupações sociais e o poeta com concepção clássica da realidade. Essa visão, no entanto, é retomada por Davi Arrigucci, que defende a existência de um *continuum* na produção de Drummond, desde os poemas que seguiam aparentemente as convenções modernistas, até suas últimas publicações. Sua tese é a de que a complexidade da obra do poeta está em, desde as suas primeiras publicações, articular “contradições que não se resolvem no falso contraste de expressão entre o humor inicial e a ‘íngua ciência’ posterior. Há muito mais continuidade do que ruptura entre esses momentos aparentemente tão diversos.”³²⁷

Outro ponto defendido por Arrigucci é que Drummond consegue fazer uma síntese da influência do Romantismo, ao incorporar a noção de poesia sentimental, tal como ela é descrita por Schiller, para quem a poesia sentimental caracterizar-se pela busca da expressão do sentimento e da realidade interior pelo pensamento, que aproxima a poesia da filosofia, promovendo uma ligação entre o sentimento e a reflexão — e a reflexão sobre o eu-lírico. Trata-se da “incorporação à mente poética [de] volteios espiralados do pensamento sobre si mesmo, buscando o conhecimento imediato e, a uma

³²⁶ MERQUIOR, José Guilherme. **Verso Universo em Drummond**. Trad. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

³²⁷ ARRIGUCCI JR, **Coração partido**, op. cit., p. 20.

só vez, a infinitude de seu processo [...].”³²⁸ Diferentemente da poesia romântica alemã ou francesa, com que os poemas de Drummond dialogam, em sua poética o sentimento é expresso pela contradição, conforme Arrigucci:

É conflitivo em si mesmo e tem a ver com o trabalho, com o esforço reflexivo que está implicado na ideia do coração que se mede com o ‘vasto mundo’ e se considera ainda mais vasto: ele parece movido pelo desejo de ir além, pelo senso de infinitude inerente à própria reflexão, esse debruçar-se inesgotável do pensamento sobre si mesmo.³²⁹

Sua poesia reflete sobre o indivíduo que habita um mundo degradado, uma “terra devastada”, de impossibilidade de qualquer tipo de redenção espiritual, que ao mesmo tempo conjuga o esforço de superar essas “pedra no meio do caminho” e “seguir o coração”. Como afirma Arrigucci, desde suas primeiras obras, Drummond procura conhecer a si mesmo, o mundo e a linguagem, e “acabará se debruçando sobre o *claro enigma* de nosso desconcerto.”³³⁰ Assim, a relação que Drummond estabelece entre o mundo e a representação da realidade por meio da linguagem poética é complexa, porque reconhece a fragilidade da palavra e o uso social do idioma nesse esforço de mimese. Apontada por Hugo Friedrich³³¹ como uma das principais características da modernidade, a tensão entre linguagem e sua representação artística está presente nos grandes artistas da alta modernidade, dentre eles T.S. Eliot, cujo poema “A terra estéril” foi escolhido pelo caderno *Mais!* como o mais importante do século XX. Entre esse poema e a “A máquina do mundo” há muitos valores modernistas em comum.

4.5.3.1 Drummond no *Mais!*

No suplemento, Drummond é abordado de duas maneiras, ambas de total consagração. Uma delas é a biográfica e a outra tem por fito a reavaliação

³²⁸ Ibidem, p. 43.

³²⁹ Ibidem, p. 44.

³³⁰ Ibidem, p. 48.

³³¹ FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. Marise M. Curione et al. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

de determinadas obras do autor. Nos dois casos, as matérias são movidas por “ganchos” jornalísticos como a reedição de algumas obras, a publicação de biografias ou ensaios críticos, a descoberta de inéditos ou a comemoração de determinadas datas, como o dossiê “O superpoeta”, sobre o centenário de Drummond, publicado em 27 de outubro de 2002.

Além das discussões sobre duas biografias do poeta, inéditos e lançamentos de livros em homenagem ao autor, o Drummond que ganha destaque no *Mais!* é o de *Claro Enigma*, livro publicado em 1951 que despontou, no início do século XXI, como o grande legado do poeta. Os editores do jornal se preocupam, também, em publicar textos inéditos do poeta morto em 1986. O Drummond ausente das páginas do *Mais!* é o dos primeiros anos do Modernismo, o poeta popular dos últimos livros, o autor de textos eróticos e o cronista.

A abordagem biográfica se resume à vida discreta de jornalista e funcionário público que manteve, durante anos, uma rotina de trabalho que destoou muito do estereótipo romântico de poeta. Tal fato mereceu um artigo de Fernando Paixão, em que compara o poeta brasileiro a Wallace Stevens e a Neruda — a imagem romântica e aventureira deste último tendo sido reforçada pelo filme *O Carteiro e o Poeta*, conforme é citado no texto³³². Numa construção romântica, o poeta é “mago e profeta, mas também boêmio e apaixonado [...], portador de um entusiasmo sobre-humano a quem cabia captar sinais do mistério e do transcendente. Dedicado à solidão, porque incapaz de viver no plano terreno, sua genialidade tinha de ser extravagante e incompreendida.”³³³

A “vida magra de acontecimentos” de Drummond, no entanto, não se coaduna com a imagem “revolucionária da vida privada”, porque “o verdadeiro poeta, mortal e cidadão como todos nós, só alcança de fato uma dimensão nova e reveladora quando age no coração mesmo da linguagem.”³³⁴ Com esse argumento, Paixão critica os novos poetas, para quem o “happening” vale mais

³³² PAIXÃO, Fernando. As duas faces da vida poética. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 1996. *Mais!*, p. 14.

³³³ Idem.

³³⁴ Idem.

do que a poesia. Ele diz ainda que a “ênfase biográfica” não representa radicalismo.

O poeta experimenta a “vida besta” tantas vezes criticada em sua poesia. Aquele que evoca a necessidade de “dinamitar a ilha de Manhattan” integra a casta daqueles que tiveram vida dupla — entre a repartição e a república das letras.³³⁵ Como mostra Beatriz Resende, Drummond era um “funcionário exemplar”. Depois de ter-se diplomado em Farmácia na escola técnica de Belo Horizonte, ter sido professor em escolas mineiras e diretor de redação de alguns jornais, Drummond mudou-se para o Rio de Janeiro em 1934, onde trabalhou como chefe de gabinete do ministro varguista Gustavo Capanema, até 1945.

De dentro do regime autoritário de Getúlio Vargas, Drummond deu abrigo a intelectuais de esquerda. Mesmo trabalhando dentro do regime autoritário, conseguiu publicar livros de crítica social, separando suas duas atividades. Como Resende lembra no final do artigo³³⁶, depois da saída do poeta do ministério, quando foi trabalhar na *Tribuna Popular* com Luís Carlos Prestes, Drummond escreveu no poema “Noite na repartição”: “Escreve romances, relatórios, cartas de suicídio, exposição de motivos,/ Mas escreve. Não te rendas ao inimigo. Escreve memórias”.

Outro ponto da vida de Drummond abordado no suplemento são suas cartas ao amigo Mário de Andrade, publicadas no volume *Carlos & Mário*³³⁷, que abarca o período de 1924 a 1945³³⁸. Embora trate de questões

³³⁵ Sérgio Miceli mostra que o Estado mantinha com os intelectuais uma relação de interdependência. Boa parte da inteligência brasileira até a primeira metade do século XX — devido ao pequeno poder de investimento da imprensa e da carreira pouco atraente na universidade — acabou se refugiando no serviço público. Para os intelectuais, o trabalho burocrático era uma forma de ter tempo para se dedicar à atividade literária. A opção de trabalhar perto do governo, no entanto, era uma forma de os governos autoritários controlarem os intelectuais, como foi o caso do período do Estado Novo (1937-1945), em que determinados ministérios de Getúlio Vargas mantinham entre seus funcionários ex-ativistas de esquerda justamente para poder controlar suas atividades. É conhecida e controversa a atuação de Gustavo Capanema (1900-1985) à frente do Ministério da Educação e Saúde de Vargas, de quem Drummond fora chefe de gabinete. Exemplo da difícil relação estabelecida entre os intelectuais e o governo no período Vargas pode ser lida na biografia de Graciliano Ramos e na leitura ficcional que dela fez Silviano Santiago. Conferir MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**: um estudo sobre as elites intelectuais brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

³³⁶ RESENDE, Beatriz. Um funcionário exemplar. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. Mais!, p. 14.

³³⁷ ANDRADE, Mário. **Carlos & Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Org. Lélia Coelho Frota. São Paulo: Bem-te-vi Produções, 2003.

³³⁸ VILLAÇA, Alcides. Um diálogo extraordinário. **Folha de S. Paulo**, 15 de dez. 2002. Mais!, p. 10-11.

personais dos dois personagens, é, no entanto, o debate intelectual o centro das cartas. Alcides Villaça destaca que um dos pontos altos do volume é a mudança de atitude de Drummond, influenciada por Mário de Andrade, em relação ao Brasil. A atenção do poeta de Itabira à Europa, aos poucos, se volta para a visão ambivalente e complexa que teria do Brasil em sua obra. A publicação das cartas evidencia a aproximação de Drummond com o Modernismo — e a centralidade alcançada na figura de Mário de Andrade, um dos principais responsáveis pelo prestígio alcançado pelo movimento junto à crítica.

Sobre a obra de Drummond, os artigos reforçam o que existe na fortuna crítica do poeta. Novamente, Alcides Villaça, agora no texto de abertura da edição do *Mais!* sobre o centenário do poeta, “O drama essencial”, afirma que a lírica de Drummond, de *Alguma Poesia* (1930) ao póstumo *Farewell* (1996), pode ser compreendida como uma tensão entre o idealismo e os desejos cotidianos. “O critério idealizante, base da atitude contemplativa, e os desejos da vida, desde a origem mais determinados e particulares, traçam uma dialética entre o alto desejo de uma experiência plena e suas quedas no chão prosaico que, uma vez tocado, dá novas razões de impulso, com efeito de novos tombos.”³³⁹

Villaça destaca a tensão entre a linguagem e a representação do mundo em Drummond, um dos pontos fundamentais da estética moderna, como apontado no início deste capítulo. Além disso, Villaça afirma que a compreensão da poesia de Drummond prescinde do reconhecimento de seus eixos básicos de tensões, presentes num “drama essencial” de sua poesia. No artigo, Villaça esboça uma análise do “Poema de Sete Faces”, de *Alguma Poesia* (1930). Para ele, o texto expressa um dos dramas essenciais da poesia de Drummond. No verso “A tarde talvez fosse azul,/ Não houvesse tantos desejos”, revela que entre “um *talvez* e um *se*, há espaço para expressar tanto a aspiração quanto o desalento do poeta, diante do fato objetivo. Esse compromisso simultâneo com os fortíssimos apelos da vida material e com as

³³⁹ VILLAÇA, Alcides. O drama essencial. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. *Mais!*, p. 5.

expectativas intemporais dá compasso aos movimentos básicos da arte de Drummond.”³⁴⁰

No mesmo caderno, Bento Prado e Cristiano Perius, no ensaio “A vasta periferia”, reforçam alguns pontos de vista de Villaça, mas chamam a atenção para “A máquina do mundo”, poema de *Claro Enigma*. Prado Jr. e Perius afirmavam que o poeta evolui de uma fase centrada na ética do eu — em livros como *A Rosa do Povo*, ao “fechamento do horizonte visual [...], à obstrução do foco sociológico e à opacidade do mundo”, de *Claro Enigma*. O livro caracteriza bem os anos 1950, quando algumas das motivações da literatura tornam-se menos importantes, como, por um lado, o esteticismo da “arte pela arte”, e, por outro, o engajamento político.

“De saída, portanto, o *Claro Enigma* tem a virtude de levar a experiência da linguagem ao estado de máxima independência, sem desfazer por completo o sentimento do mundo.”³⁴¹ Em outras palavras, os autores identificam as três fases mais importantes na história da poesia do autor: “1... Vasto mundo, mais vasto é meu coração; 2. O mundo é maior que meu coração; 3. Meu coração desdenha ver, em transparência, a estrutura do vasto mundo, de que é apenas parte insignificante.”³⁴² Essas três fases mostram o amadurecimento da lírica e as mudanças dos centros da poesia de Drummond: num primeiro momento, o indivíduo; num segundo, o social e, no terceiro, a linguagem que reflete o estar no mundo.

Os autores conferem destaque à terceira fase da poesia de Drummond porque esta dá grande importância à construção do poema, buscando “um estado de concentração máxima para a produção de algo mínimo.”³⁴³ A concentração na linguagem sinaliza a impossibilidade de ação política e de autotransformação, manifestando essa crise na construção do poema. Afloram na poesia de Drummond valores modernos como a intransitividade (a poesia autorreferenciada), a intensidade (a concentração do significado), a maestria técnica (o domínio sobre as formas clássicas), a universalidade (o diálogo da lírica de Drummond com as grandes obras

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ PERIUS, Cristiano; PRADO, Bento. A vasta periferia. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. Mais!, p. 8.

³⁴² Ibidem, p. 9.

³⁴³ Idem.

ocidentais e a opção por um conjunto referencial cosmopolita, como é o caso de referências diretas à *Divina Comédia*, de Dante, e a *Os Lusíadas*, de Camões).

A análise aproxima “A máquina do mundo” à poesia metafísica. Valendo-se da leitura de Davi Arrigucci Jr. em *Coração Partido*, os autores afirmam que “A máquina do mundo” é um poema trágico, e se perguntam como o humor pode estar presente. Mostram então que Drummond é um poeta que trabalha, ao mesmo tempo, o sentimento e a razão. Citam o fato de Davi Arrigucci Jr. ter aplicado as categorias opostas de poesia ingênua e poesia sentimental, definidas por Schiller, sendo que a “poesia sentimental” significa “[...] o estilo dramático da moderna concepção (germânico-cristã) do sujeito infeliz (coração insultado).”³⁴⁴ E com isso, Drummond prega no poema a consciência do esclarecimento. “Certamente o céu está vazio e frio para todo o sempre, constelado apenas de problemas. O movimento das estrelas nada tem com o pulsar do meu coração. Não posso, pela contemplação, ‘eternarmi’.”³⁴⁵ É essa a conclusão a que chega o eu-lírico do poema.

Outra leitura no mesmo caderno tenta ampliar a discussão sobre as relações entre Drummond e a identidade brasileira. A análise “O (des)leitor de ‘Raízes do Brasil’”, de João Cezar de Castro Rocha, relaciona a obra de dois autores bastante festejados pelo suplemento. Rocha mostra que a primeira edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicada em 1936, trouxe uma visão muito otimista do triunfo da cultura europeia nos trópicos, o que ocorreu da mesma forma em *Casa Grande & Senzala*. A abertura de *Raízes* foi modificada na edição definitiva, de 1967, acrescida também de prefácio de Antonio Candido.

O que permaneceu nas sucessivas edições do livro foi a ideia de que o Brasil vive um ambiente cultural com forte influência estrangeira: “[...] somos ainda uns desterrados em nossa terra”³⁴⁶, escrevia Sérgio Buarque. Esse paradoxo, na opinião do autor, foi lido de maneira profunda por Drummond em sua poesia. O autor explica: “Mais interessante, entretanto, será sugerir que

³⁴⁴ Idem.

³⁴⁵ Ibidem, p. 10.

³⁴⁶ ROCHA, João Cezar de Castro. O (des)leitor de “Raízes do Brasil”. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. Mais!, p. 12.

Sérgio Buarque identificou um fenômeno importante, mas cuja formulação mais aguda devemos a uma série de poemas de Drummond; poemas que duvidam com bom humor da ideia de nacionalidade e mais ainda da ideia de 'raízes'.³⁴⁷

Ele diz ainda que a contradição apontada por Sérgio Buarque — procurar raízes e ver-se estranho ao próprio país — é um dos principais eixos da poesia de Drummond que reflete sobre o Brasil. E que esse paradoxo está presente também nos autores que estudam o Brasil e o entendem a partir de uma série de ausências. “Assim, costuma-se definir o país pelo que ‘ele’ não foi (moderno, democrático), pelo que deixou de ser (igualitário, iluminista), ou pelo que ainda não é: nação de primeiro mundo, potência mundial. Daí sermos eternamente o ‘país do futuro’.”³⁴⁸

A consagração de Drummond mostra o prestígio do Modernismo para uma ideia de tradição moderna que é defendida pelo *Mais!*. Uma das questões que surgem é: por que Drummond e não os modernistas da fase heroica do movimento, como Bandeira, Oswald e Mário? Ou ainda: por que não Vinicius de Moraes e João Cabral, importantes herdeiros do Modernismo? Embora sejam importantes, não mereceram a qualificação de “superpoeta”, nem têm um poema considerado o melhor de todos os tempos da literatura brasileira.

Em relação a outros autores, a escolha de Drummond apresenta algumas vantagens: sua produção poética é mais vasta, compreendendo 60 anos de poesia; Drummond consegue passar por todas as fases do modernismo como grande poeta; ele dá a dimensão de clássico à lírica do modernismo. Sua poesia consegue sintetizar a pesquisa estética e a irreverência de um Oswald de Andrade, e o estudo e a representação do mundo exterior do ideário de Mário de Andrade. Dessa forma, sua poesia é valorizada tanto do ponto de vista das experiências formais quanto da representação do mundo.

4.6. A permanência dos valores modernos

³⁴⁷ Ibidem, p. 12-13.

³⁴⁸ Ibidem, p. 13.

A Estética da Recepção mostra que a história literária não se define apenas pelo olhar que observa as obras literárias numa perspectiva diacrônica. Como demonstra Jauss³⁴⁹, a literatura ganha corpo e sentido à medida que seus valores são trazidos para o presente, a partir da leitura que se faz na contemporaneidade. A cada leitura, acrescentam-se elementos novos ao horizonte de expectativa da obra.

No Brasil, as principais leituras que se fizeram do Modernismo procuraram valorizá-lo como o movimento literário mais importante do século XX, capaz de redefinir os rumos da literatura no país. Esse discurso — formulado principalmente pelos críticos paulistas — deu novo sentido à história literária, evidenciando determinados valores da literatura moderna na produção nacional.

Pensando na teoria de Jauss, consideramos o suplemento *Mais!* um leitor da tradição literária, pois, com a publicação de ensaios, resenhas e matérias jornalísticas, criou um discurso sobre a produção literária. Isso ocorreu porque o jornal se consolidou como um importante instrumento de consagração dos produtos culturais e dos discursos que lhe dão sustentação.

Essa consagração teve forte influência de elementos sociais. Dentre eles, um dos mais importantes é o fato de o suplemento ter sido porta-voz de uma comunidade, ou seja, de grupos intelectuais da cidade em que era publicado. Assim, como afirma Benedict Anderson³⁵⁰, podemos dizer que o jornal constrói uma comunidade imaginária, que conta com valores comuns. Para essa comunidade, o Modernismo tem grande importância.

Criado em São Paulo e em diálogo com a produção cultural da cidade, o *Mais!* incorporou, na avaliação da literatura, os valores modernos, ao dar grande espaço à crítica paulista. Dessa maneira, o veículo foi o porta-voz de uma leitura da literatura brasileira que entende o Modernismo como o marco-zero da produção contemporânea.

Por um lado, encontramos no suplemento o discurso da crítica sociológica, que entende o valor da obra na sua relação entre a forma e o

³⁴⁹ JAUSS, op. cit.

³⁵⁰ ANDERSON, op. cit.

elemento social; por outro, temos a experiência formalista, que observa no Modernismo a manifestação de uma poética experimental. Como pudemos mostrar neste capítulo, nas duas correntes da crítica mais citadas há uma ideia de continuidade e de herança do Modernismo, que torna a literatura contemporânea resultado da evolução dos pressupostos modernos. Sob esse aspecto, os maiores autores da literatura brasileira contemporânea seriam fruto de uma linhagem modernista.

Na visão de Antonio Candido, a literatura brasileira, desde sua formação como sistema, busca a independência em relação à matriz europeia. Essa independência teria sido conquistada no século XX, sob um projeto brasileiro de modernidade mais amplo, que envolve outros setores da sociedade e que encontrou no Modernismo e nos seus desdobramentos o equivalente artístico. Enaltecer os autores do Modernismo é dar continuidade a essa moderna tradição que teve entre seus expositores os críticos paulistas.

CONCLUSÃO

A tese “Os dez mais: avaliação da literatura brasileira no suplemento *Mais!* da *Folha de S. Paulo* (1992-2004)” surgiu do interesse do autor, na década de 1990, pelos suplementos culturais. Nesse período, época em que o jornalismo impresso passava por um momento de expansão, apesar das crises econômicas do país, os suplementos desempenhavam um papel importante na formação dos leitores. Numa década que assistiu a uma série de inovações na crítica no campo acadêmico, a leitura do suplemento funcionaria, de certa forma, como um instrumento de atualização da informação estética e discussão das novas tendências.

A pergunta que este trabalho procurou responder foi: numa década marcada pelas mudanças no mundo do jornalismo e da crítica de literatura, como se configurou a abordagem de escritores brasileiros e as tendências da crítica no suplemento cultural mais importante do país? Ao longo de quatro capítulos, procuramos responder a esta questão em partes, mostrando que se trata de uma resposta por vezes enviesada, que envolve vários determinantes, ou seja, tiveram influência sobre o conteúdo editorial do *Mais!* fatos como as transformações do mundo do jornalismo, as mudanças da crítica, as novas configurações do leitor e as imposições do mercado editorial e da comunicação.

Nos primeiros dois capítulos, mostramos que os jornais, considerados formadores da esfera pública e principais instrumentos de divulgação da literatura na modernidade, ainda que tenham experimentado expansão no início dos anos 1990, não conseguiram ampliar de maneira consistente seu número de leitores. Diante do fascínio do público pelos meios audiovisuais e pelas novas tecnologias, o jornalismo deu mostras de arrefecimento, que se tornou mais forte no início da década seguinte. O principal resultado disso foi a simplificação do texto e a padronização da linguagem, visando a atingir um leitor cada vez menos preparado para o mundo das letras.

Mostramos que as raízes desse enfraquecimento data da década de 1980, quando a imprensa brasileira passou a dar mais espaço ao entretenimento e ao noticiário de serviços, preterindo a crítica e a reflexão. Daí

a diferença entre os suplementos literários das décadas de 1950 e 1960 e os suplementos culturais dos anos 1980 em diante.

Nascido no início da década em meio a um processo de mudança na imprensa, o *Mais!* representou uma tentativa de se criar um suplemento que fosse crítico e inovador, capaz de trazer ao público as novas tendências do mundo cultural e formar novos leitores. Na primeira fase, houve uma tentativa de se trazer o leitor médio para o suplemento. A noção de cultura da publicação, nesse momento, era bastante aberta e próxima à indústria cultural.

Essa estratégia, que atravessou a maior parte dos anos 1990, foi substituída na segunda fase do suplemento, em que se procurou divulgar a alta cultura, tornando o suplemento o “biscoito fino” do jornalismo brasileiro que um dia a massa poderia saborear, conforme a *boutade* de Oswald de Andrade. Essa estratégia durou até 2004, quando o suplemento se descaracterizou, tornando-se mais propriamente um caderno de reportagem do que um suplemento cultural.

No capítulo 3, em que expusemos as principais características do suplemento, mostramos que as várias estratégias adotadas para a conquista de leitores tiveram um impacto forte na abordagem do tema mais frequente em suas edições, que foi a literatura. Apesar de se mostrar aberto às abordagens culturalistas quando o tema envolvia disciplinas como história e ciências sociais, a abordagem de literatura foi fiel ao que chamamos no trabalho de tradição crítica paulista. Ao mesmo tempo, essa fidelidade teórica refletiu na escolha dos autores a serem abordados no jornal. O suplemento deu, ao longo das 664 edições estudadas nesta tese, destaque aos “medalhões” da nossa tradição literária, reforçando uma maneira de ler bastante consagrada. Com isso, apostou numa ordem de autores e valores mais estáveis para conquistar o leitor.

Essa aposta num caminho seguro, sem exigir um grande esforço do leitor, caracterizou uma época de pouca ousadia no jornalismo cultural brasileiro. A chamada geração de 1990, que formava a sua obra na época, teve de encontrar outras formas de divulgação além dos grandes jornais, já que foi uma tendência na época apostar em autores consagrados. Incorporando o mote de críticos como Leyla Perrone-Moisés, para quem a literatura esteve ameaçada pelos novos discursos críticos “importados” das universidades norte-

americanas e que pôs no centro a discussão sobre cultura — deixando para segundo plano a literatura — o *Mais!* encampou uma cruzada pela preservação da literatura moderna e seus valores críticos.

Como todo empreendimento preservacionista, sua abordagem fixou-se na notoriedade dos autores que abordou, evitando o risco de apostar em novos nomes. A tese mostrou, portanto, uma tendência conservadora da imprensa brasileira nos anos 1990 que, em nome da ampliação do número de leitores, investiu num conjunto mais estável de valores da literatura.

REFERÊNCIAS

1 OBRAS CITADAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Mário. **Carlos & Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Org. Lelia Coelho Frota. São Paulo: Bem-te-vi Produções, 2003.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ARIÈS, Phillipe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges. **História da vida privada - vol 3**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Coração partido**: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BALZAC, Honoré de. **Illusions perdues**. Paris: Pocket, 1999.

BARBOSA, João Alexandre. A modernidade do romance. In: **A leitura do intervalo**: ensaios de crítica. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos**: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: Edusp, 1992.

BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. In: **Obras completas II**. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Globo, 1999.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília (org.). Apresentação. In: **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/ Campinas: Edusp/ Editora Unicamp, 2006.

BURGESS, Anthony. **Homem comum enfim**: uma introdução a James Joyce para o leitor comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMPOS, Augusto de. **Revisão de Kilkerry**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Os Sertões dos Campos**. São Paulo: 7 Letras, 1997.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem**. Petrópolis: Vozes: 1970.

_____. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**. 5. ed. São Paulo: Globo, 1990.

_____. **A máquina do mundo repensada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: **Literatura e sociedade**. 7 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 7.

_____. **Formação da literatura brasileira**. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre Azul, 2004.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo: Difel, 1972.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, KOSSOY, Boris. **A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)**. São Paulo: Ateliê Editorial/ Imprensa Oficial/ Arquivo do Estado, 2003.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. **Rapsódia de uma década perdida: o *Folhetim* da Folha de S. Paulo (1977-1989)**. Tese de doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2001.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiz et al. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

COHEN, Jean. **Structure du langage poétique**. Paris: Flammarion, 1966.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil (1904-2004)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COTA, Débora. **Contra fato há argumento: leitura de uma revista cultural de resistência**. Florianópolis: dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da UFSC, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e poética**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Trad. Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp/ Hucitec, 1996.

DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. IN: Alvarez, Sonia E. et al (org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1968.

_____. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Diário mínimo**. Milão: Bompiani, 1992.

FAR, Alessandra El. **Páginas de sedução: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FISH, Stanley. **Is there a text in this class? The authority of interpretive community**. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Trad. Marise M. Curione et al. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

GADINI, Sérgio Luiz. **Tematização, agendamento e construção da cultura no jornalismo contemporâneo**. Tese de doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo: Summus, 1987.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **Pós-tudo**: 50 anos de cultura na *Ilustrada*. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 20.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 2. ed. Trad. Maria da Penha Villalobos et al. São Paulo: Edusp, 2005.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HERRSTEIN, Richard; MURRAY, Charles. **The bell curve**: intelligence and class structure in American life. New York: Free Press, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **The age of extremes**: a history of the world, 1914-1991. New York: Vintage Books, 1996.

_____. **O novo século**. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária – volumes I e II. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **34 poetas hoje**. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

HUYSMANS, J-K. **Às avessas**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JANUÁRIO, Marcelo. **O olhar superficial**: as transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2005.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JUNQUEIRA, Ivan. Eliot e a poética do fragmento. In: ELIOT, T.S. **Obra completa** – volume I: poesia. São Paulo: Arx, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

LEITE NETO, Alcino. Literatura: apresentação. In: NESTROVSKI, Arthur. **Em branco e preto**: artes brasileiras na Folha (1990-2003). São Paulo: Publifolha, 2004.

LIMA, Luiz Costa. **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Do artístico ao jornalístico**: vida e morte de um suplemento. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Manual da redação da Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.
 MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hackers, 2002.

MARTINI, Stella. **Periodismo, noticia y noticiabilidad.** Bogotá: Norma, 2000.

MELO, José Marques de, apud KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso Universo em Drummond.** Trad. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira:** um estudo sobre as elites intelectuais brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MOTA, Carlos Guilherme da. **A ideologia da cultura brasileira.** São Paulo: Ática, 2004.

MOTTA, Leda Tenório da. **Sobre a crítica literária brasileira no último meio século.** Rio de Janeiro: Imago, 2002.

NESTROVSKI, Arthur. **Em branco e preto:** artes brasileiras na Folha (1990-2003). São Paulo: Publifolha, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva:** Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

NUNES, Benedito. Ocaso da literatura ou falência da crítica? In: **A chave do poético.** Org. Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira:** cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Sociedade e cultura. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge (orgs.). **Brasil:** um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAES, José Paulo. O art nouveau na literatura brasileira. In: **Gregos e baianos:** ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais:** arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEDREIRA, Fernando, apud SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora:** a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas:** escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). **Do positivismo à desconstrução:** ideias francesas na América. São Paulo: Edusp, 2004.

PIGNATARI, Décio. Um inseto semiótico. In: **Contracomunicação.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

PONTES, Heloisa. **Destinos mistos**: os críticos do grupo *Clima* em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**. Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

PRIGOL, Valdir. **Memórias do presente**. Tese de doutorado em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal**: a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo/ Belo Horizonte: Companhia das Letras/ Editora UFMG, 2007.

SCHWARTZ, Adriano (org.). **Memórias do presente**: 100 entrevistas do *Mais!*. São Paulo: Publifolha, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **Mil dias: seis mil dias depois**. São Paulo: Publifolha, 2005.

SILVA, Gislene. **Valores-notícia**: atributos do conhecimento (para pensar critérios de noticiabilidade). Trabalho apresentado ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, André. Políticas de antecipação. In: COELHO, Marcelo (org.). **Um país aberto**: reflexões sobre a *Folha de S. Paulo* e o jornalismo contemporâneo. São Paulo: PubliFolha, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

TELLES, Renata. **Glória póstuma**: Almanaque objeto de estudo. Florianópolis. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

- VALÉRY, Paul. **Variedades**. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha**: esboço biográfico. Org. Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VENTURA, Roberto. Texto introdutório a *Os Sertões*. In: SANTIAGO, Silviano. **Intérpretes do Brasil** – vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- VOLTAIRE. Cartas inglesas. In: **Os Pensadores – Voltaire**. Trad. Marilena Chaui. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- WATT, Ian. **Ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WEINHARDT, Marilene. **O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo (1956-67)**: subsídios para a história da crítica literária no Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo. Departamento de Letras, 1982.
- WILHEIM, Jorge (orgs.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- WOLFE, Tom. **A palavra pintada**. Trad. Lia Alvergara-Wyler. Porto Alegre: L&PM, 1987.

2 TEXTOS DE PERIÓDICOS

- ANTENORE, Armando. Cenas de um shopping de luxo. **Folha de S. Paulo**, 9 out. 1998. Tempos Tucanos, p. 4.
- ASCHER, Nelson; LEITE NETO, Alcino. A vida concreta de Haroldo de Campos. **Folha de S. Paulo**, 5 de abr. 1992. Mais!, p. 8.
- BURGESS, Anthony. Caminhos para o labirinto. **Folha de S. Paulo**, 3 jan. 1999. **Mais!**, p. 12.
- CALAZANS, José. O Bom Jesus do sertão. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1997, p. 11.
- CAMPOS, Augusto. Transertões. **Folha de S. Paulo**, 3 nov. 1996. Mais!, p. 10.
- CANDIDO, Antonio. Joaquim: a irreverente e a heroica. **Joaquim**, Curitiba, n. 4, p. 11, jul. 1946.
- _____. O homem dos avessos. **Folha de S. Paulo**, 3 de jan. 1999. **Mais!**, p 13.

_____. A aprendizagem do crítico. **Folha de S. Paulo**, 17 de fev. 2002. Mais!, p. 13.

_____. Lembrança de Sérgio. **Folha e S. Paulo**, 14 de mar. 2004. Mais!, p. 8.

_____. A sociologia no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n.1, p. 271-301, jun. 2006.

COELHO, Marcelo. O que ler [e não ler] nas férias. **Folha de S. Paulo**, 12 dez. 2002. Mais!, p. 7.

COELHO, Paulo. Em defesa da leitora. **Folha de S. Paulo**, 5 fev. 1995. Mais!, p. 3.

CONY, Carlos Heitor. Moreira da Silva. **Folha de S. Paulo**, 8 de jun. 2000. Brasil, p. 2.

COPETTI, Rafael Zamperetti. A polêmica literária no suplemento Letras da Folha de S. Paulo (1989-1990). **Nelic – Boletim de Pesquisa**, Florianópolis, n. 6/7, jun. 2003. Disponível em http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa_6_7/a_polemica_literaria_no_suplemen6_7.htm. Acesso em 16/09/2009.

COPETTI, Rafael Zamperetti. Anotações acerca da relação entre *Letras* e o mercado editorial. **Nelic – Boletim de Pesquisa**, Florianópolis, n. 5, p. 53, mar. 2001.

COSTA, Caio Tulio. Modernidade líquida, comunicação concentrada. **Revista USP**, São Paulo, n. 66, p. 178-197, jun./ago. 2005.

COSTA, Raymundo. **Colado a FHC, Serra se torna hoje candidato do governo**. Folha de S. Paulo, 15 jun. 2002. Brasil, p. 7.

COUTO, José Geraldo. As palavras e as coisas. **Folha de S. Paulo**, 30 dez. 2002. Cotidiano, p. 2.

Da Redação. Os melhores do século. **Folha de S. Paulo**, 2 jan. 2000. Mais!, p. 6.

_____. **O livro de cabeceira**. Folha de S. Paulo, 13 maio 2001. Mais!, p. 21.

_____. Jornal se mantém há 21 anos como o de maior circulação no Brasil. **Folha de S. Paulo**, 11 nov. 2007, p. 16.

_____. Primeira leitura: Os sertões. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. Mais!, p. 5.

Da Reportagem Local. Leitor da Folha está no topo da pirâmide social brasileira. **Folha de S. Paulo**, 11 nov. 2007, p. 16.

DIAS, Maurício Santana. O século da terra desolada. **Folha de S. Paulo**, 2 jan. 2000. Mais!, p. 6.

DIAS, Octavio. Admirações por Machado de Assis. Folha de S. Paulo, 17 mar. 1996, p. 12.

DIAS, Otavio. Woody Allen descobre Machado de Assis. **Folha de S. Paulo**, 25 dez. 1995. Ilustrada, p. 3.

Entrevista. **Cadernos de Literatura Brasileira: João Cabral de Melo Neto**, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 1, mar. 1996, p. 26.

FELINTO, Marilene. Mulher barra seu próprio avanço. **Folha de S. Paulo**, 8 mar. 1992. **Mais!**, p. 6.

FELINTO, Marilene. Mulheres que leem bobagens. **Folha de S. Paulo**, 29 jan. 1995. **Mais!**, p. 3.

Folha de S. Paulo, 15 dez. 2002. **Mais!**, p. 1.

FUENTES, Carlos. O milagre de Machado de Assis. **Folha de S. Paulo**, 1 out. 2000. **Mais!**, p. 12.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Musas sob assédio. **Folha de S. Paulo**, 17 mar. 2002. **Mais!**, p. 5-11.

GIRON, Luís Antonio. Contestação de um clássico. **Folha de S. Paulo**, 8 out. 1995. **Mais!**, p. 12.

GONÇALVES, Marcos Augusto; LEITE NETO, Alcino. Andrade x Andrade. **Folha de S. Paulo**, 16 fev. 1992. **Mais!**, p. 7.

LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o Modernismo em 30. **Argumento**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, ano I, n. 2, 1973, p. 19-31.

LEITE NETO, Alcino. + **Mais!** (1992-2010). **Folha de S. Paulo**, 16 maio 2010. **Mais!**, p. 8.

LOURENÇO, Eduardo. Primeira leitura: Os sertões. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. **Mais!**, p. 6.

LUGARINHO, Mário César. Universidade GLS. **Folha de S. Paulo**, 30 mar. 2003. **Mais!**, p. 11.

MEZAN, Renato. Gosto e não gosto na Folha. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a Folha, p. 15.

NESTROVSKI, Arthur. O atleta da narrativa. **Folha de S. Paulo**, 7 de jul. 1996, **Mais!**, p. 8.

OLIVIERI, Antônio Carlos. Sermões numa caixa de madeira. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1997, p. 9.

ORTIZ, Renato. Estudos culturais. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 16., n. 1, jun. 2004.

PAIXÃO, Fernando. As duas faces da vida poética. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 1996. **Mais!**, p. 14.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. A luta permanente. **Folha de S. Paulo**, 15 de out. 2000. **Mais!**

PERIUS, Cristiano; PRADO, Bento. A vasta periferia. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. **Mais!**, p. 8.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária?. **Folha de S. Paulo**, 25 ago. 1996. **Mais!**, p. 12-13.

_____. Gosto e não gosto na Folha. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a Folha, p. 15.

_____. Para que servem as humanidades? **Folha de S. Paulo**, 30 de jun. 2002. Mais!, p. 7-8.

PRADO JR. Bento. A formação da tradição crítica. **Folha de S. Paulo**, 9 maio 1993. Mais!, p. 18. Sem grifos no original.

RESENDE, Beatriz. Um funcionário exemplar. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. Mais!, p. 14.

_____. O que ler [e não ler] nas férias. **Folha de S. Paulo**, 12 dez. 2002. Mais!, p. 9.

ROCHA, João Cezar de Castro. O (des)leitor de “Raízes do Brasil”. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. Mais!, p. 12.

ROUANET, Sergio Paulo. O sertão da dialética negativa. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. Mais!, p. 12.

SAMPAIO, Paulo. Síndrome de Capitu destrói casamentos. 22 jun. 1997. Cotidiano, p. 4.

SANTIAGO, Silviano. Depoimentos. **Folha de S. Paulo**, 17 de fev. 2002. Mais!, p. 17.

SANTIAGO, Silviano. Outubro retalhado. **Folha de S. Paulo**, 16 nov. 2003. Mais!, p. 6.

SCALZO, Fernanda. Mulheres à beira de um outro feminismo. **Folha de S. Paulo**, 8 mar. 1992. Mais!, p. 4.

SCHWARTZ, Adriano. O dia que resume o século. **Folha de S. Paulo**, 3 jan. 1999. Mais!, p. 4.

SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. **Folha de S. Paulo**, 8 de out. 1995. Mais!, p. 4.

SILVA, Fernando de Barros e. Dialética envenenada: duas meninas na periferia do capitalismo. **Folha de S. Paulo**, 1 jun. 2007. Mais!, p. 6.

SILVA, Fernando de Barros e; CARIELLO, Rafael. Economista vê risco de guinada em cenário de crise. **Folha de S. Paulo**, 6 out. 2003. Dinheiro, p. 2.

SINGER, André. Apoio a diretas amplia peso político do jornal. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2001, Tudo sobre a Folha, p. 5.

SINGER, Suzana. Ilustríssima desconhecida. **Folha de S. Paulo**, 6 jun. 2010. Poder, p. 8.

VILLA, Marco Antonio. A aurora de Belo Monte. **Folha de S. Paulo**, 21 set. 1997, p. 10.

VILLAÇA, Alcides. O drama essencial. **Folha de S. Paulo**, 27 out. 2002. Mais!, p. 5.

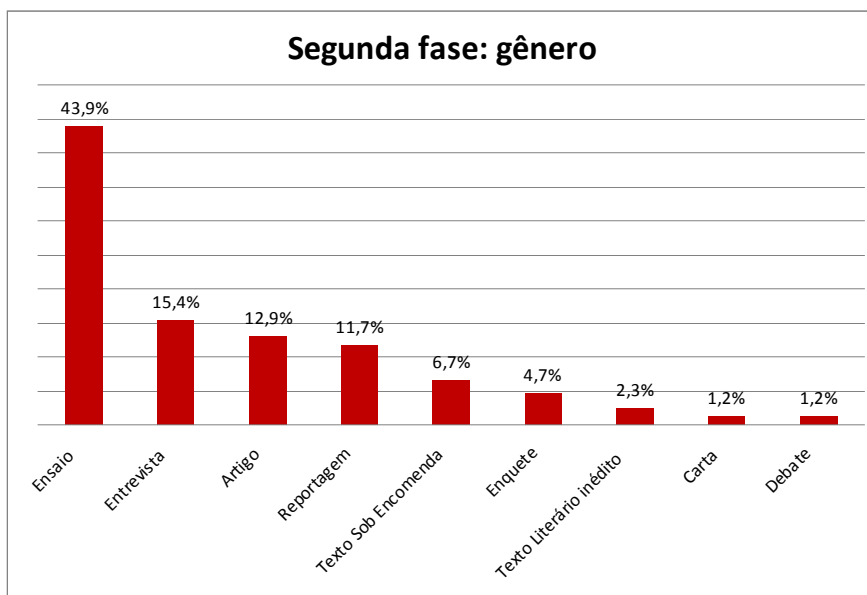
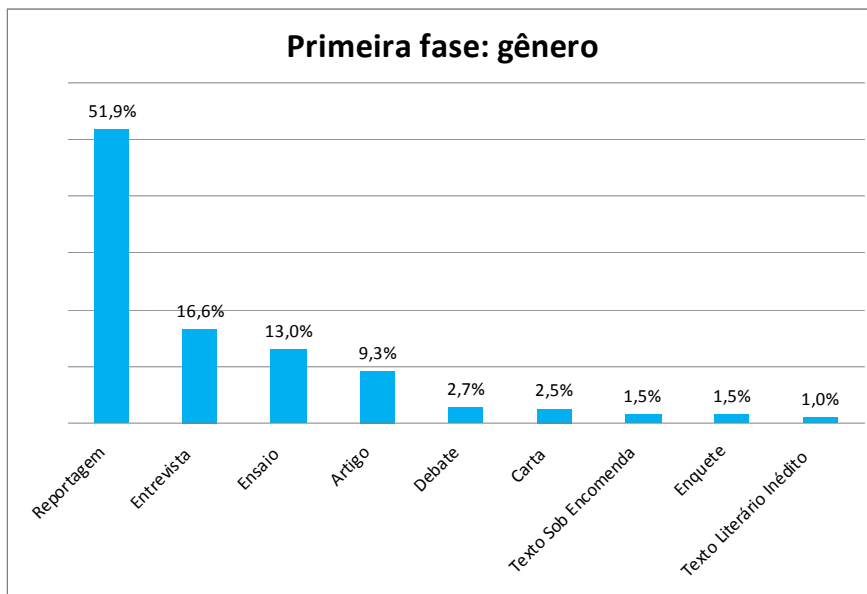
_____. Um diálogo extraordinário. **Folha de S. Paulo**, 15 de dez. 2002. Mais!, p. 10-11.

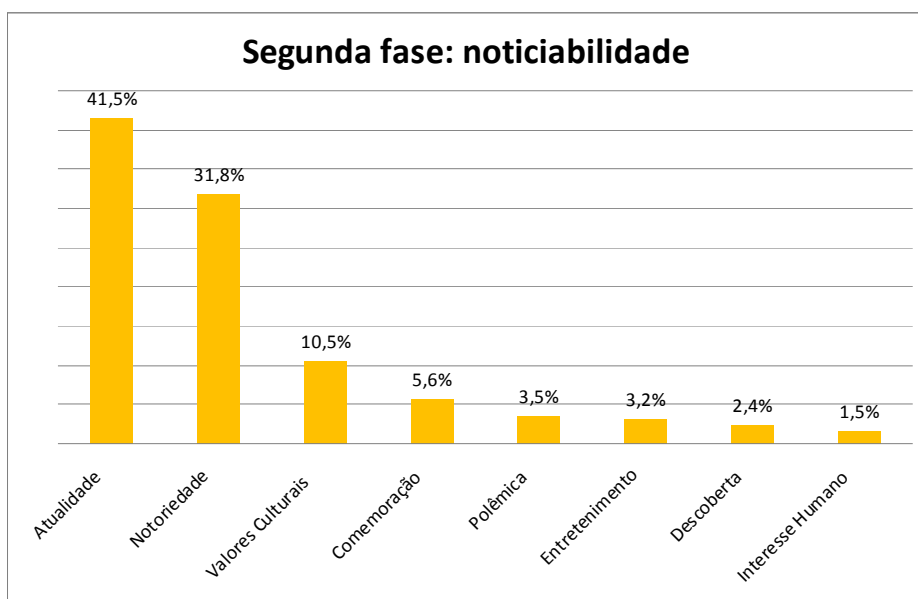
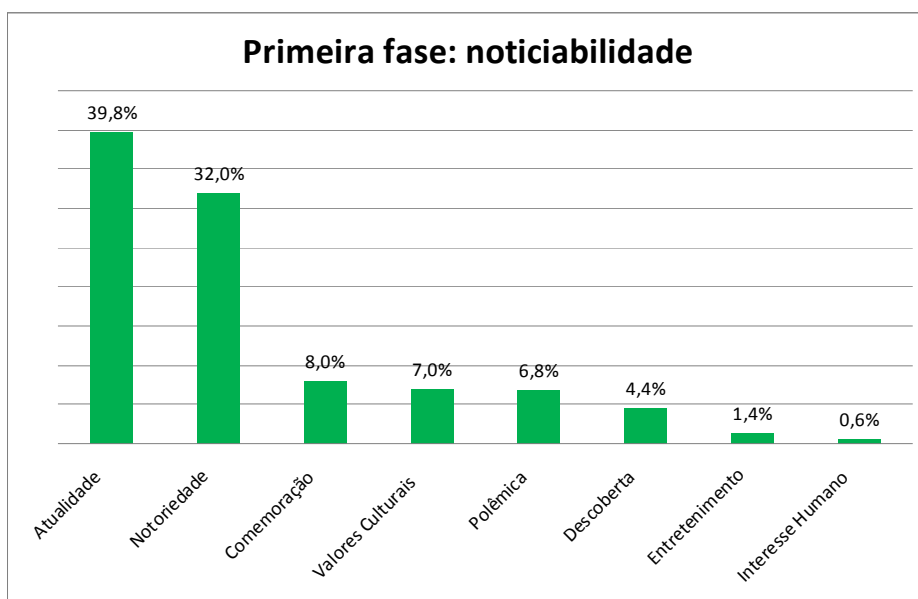
WOOD, Michael. Um mestre entre ruínas. **Folha de S. Paulo**, 21 jul. 2002. Mais!, p. 15.

XAVIER, Ismail. Microcosmo em celuloide. **Folha de S. Paulo**, 1 dez. 2002. Mais!, p. 10.

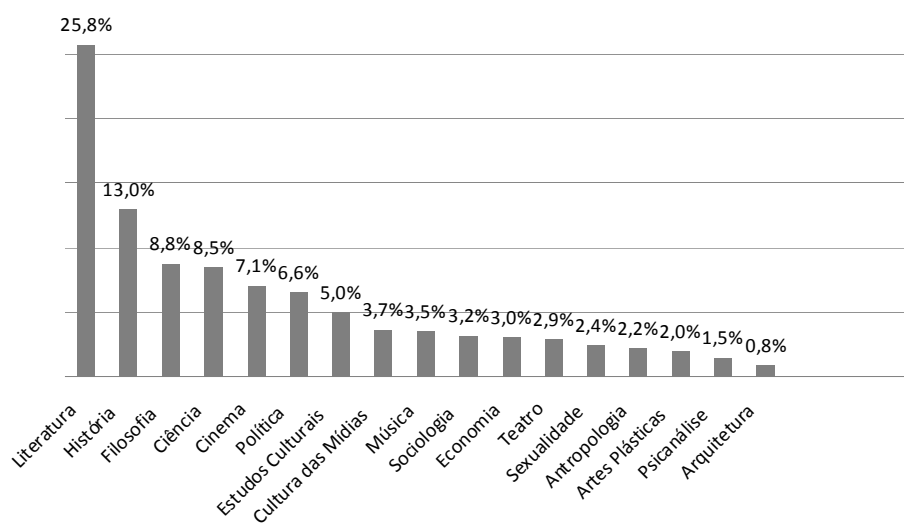
ANEXOS

1 Gráficos elaborados a partir das capas do suplemento

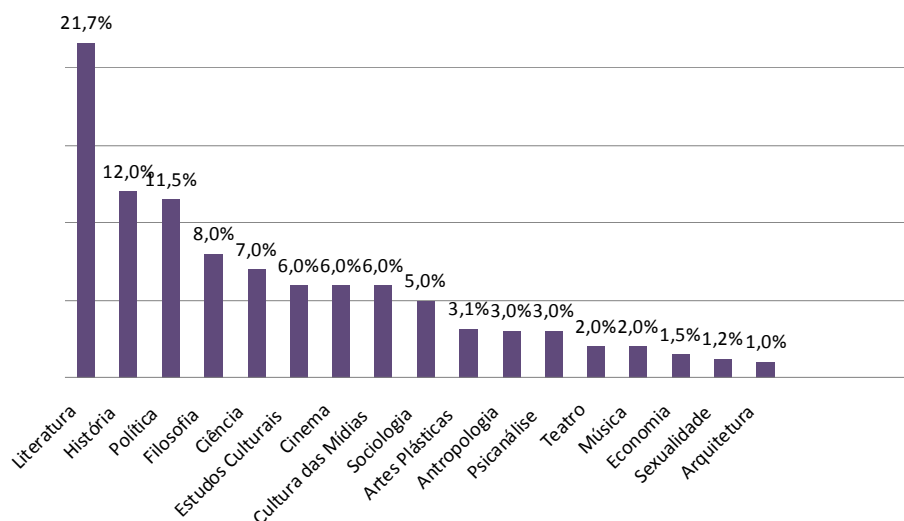




Primeira fase: área



Segunda fase: área



2. Tabela descritiva das capas da primeira fase do suplemento

Número	Data	Tema	Área	Autores citados	Título principal	Gancho	Gênero de texto mais importante
1	16/02/1992	Personalidade: Hélio Oiticica	Literatura	Hélio Oiticica, Gore Vida, Oswald de Andrade, Mário de Andrade	Asa delta do êxtase: o Renascimento de Hélio Oiticica	Notoriedade	Ensaio
2	23/02/1992	Personalidade: Nagisa Oshima	Cinema	Não há	Nagisa Oshima	Notoriedade	Entrevista
3	01/03/1992	Personalidade: Tom Jobim	Música	Roy Lichtenstein, Ernest Shackleton.	O tom da Mangueira	Notoriedade	Reportagem
4	08/03/1992	Crise do feminismo	Estudos Culturais	Não há	O feminismo abre as pernas	Polêmica	Reportagem
5	15/03/1992	Crise do neoliberalismo	Economia	Augusto de Campos, Mallarmé, Naomi Wolf, Camille Paglia	O realismo neoliberal	Atualidade	Reportagem
6	22/03/1992	Personalidade: Nelson Rodrigues	Teatro	Nelson Rodrigues, Simon Schama, Sergio Augusto, Camille Paglia	A múmia vive!	Notoriedade	Reportagem
7	29/03/1992	Personalidade: Rubem Fonseca	Literatura	Rubem Fonseca, Sylvia Plath, Renato Janine Ribeiro	Rubem Fonseca: de volta ao conto	Notoriedade	Reportagem
8	05/04/1992	Marxismo	Filosofia	Karl Marx, Haroldo de Campos	Que fim levou Marx?	Atualidade	Reportagem
9	12/04/1992	Multiculturalismo	Estudos Culturais	John Ashbery, Gilberto Dimenstein, Michael Crichton, Spielberg	Multiculturalismo	Polêmica	Reportagem
10	19/04/1992	Personalidade: Sérgio Buarque de Holanda	História	Sérgio Buarque de Holanda, Arnaldo Jabor, Raduan Nassar, Claude Lefort	Sérgio Buarque de Holanda: o pensador do Brasil	Notoriedade	Reportagem
11	26/04/1992	Filme Casablanca	Cinema	William Burroughs, Otto Lara Resende, Montagnier, Gallo	Casablanca: um beijo é só um beijo 50 anos depois	Notoriedade	Reportagem
12	03/05/1992	Pornografia	Sexualidade	John Irving	Sexo, pornografia e neopuritanismo	Valores culturais	Ensaio
13	10/05/1992	Racismo	Estudos Culturais	Luiz Melodia, Caetano Veloso	Black or white: o fantasma do Racismo assombra os EUA e a Europa	Valores culturais	Reportagem
14	17/05/1992	Mal	Estudos Culturais	Fernando Henrique Cardoso, Silviano Santiago, John Dick	A sedução do mal: do cinema à realidade a face obscura da vida entra em cena	Entretenimento	Reportagem
15	24/05/1992	Japão	Estudos Culturais	Hegel, Marlene Dietrich	Japão: o avesso do avesso	Valores culturais	Reportagem
16	31/05/1992	Corrupção	Política	Mario Losano, Paulo Eduardo Arantes, Bento Prado Jr., Antonio Candido	Aquém do público/ Além do privado	Atualidade	Reportagem
17	07/06/1992	Teatro	Teatro	Ovídio, Leminski, Bonvicino	O teatro solta o verbo	Atualidade	Reportagem
18	14/06/1992	Movimento gay	Sexualidade	Robert Rauchenberg, Manuel Vázquez Montalbán	Homofobia e os novos gays	Polêmica	Reportagem
19	21/06/1992	Cultura das mídias	Estudos Culturais	Dostoiévski, Nelson Rodrigues, Fritz Mueller, Darwin	Cultura média ou medíocre?	Valores culturais	Reportagem
20	28/06/1992	Saudade	Antropologia	Roberto DaMatta, Moacyr	A saudade chega	Valores culturais	Ensaio

				Scliar, Oswaldo Cruz, Gilles Deleuze			
21	05/07/1992	Guerra de 1932	História	Stravinski	1932: a guerra dos paulistas faz 60 anos	Comemoração	Reportagem
22	12/07/1992	Personalidade: Walter Benjamin	Filosofia	Walter Benjamin, Herbert Vianna, Harold Robbins, Ivo Pitanguy, Walter Benjamin	Walter Benjamin: o pensador do século XX	Notoriedade	Reportagem
23	19/07/1992	Personalidade: Perot	Política	Perot, Paulo Coelho, Celso Furtado,	O fim da aventura Perot	Atualidade	Reportagem
24	26/07/1992	Ciência no Brasil	Ciência	Hélio Jaguaribe, Leonardo Boff, Décio de Almeida Prado,	O bate-boca da ciência	Polêmica	Reportagem
25	02/08/1992	Seitas satânicas	Estudos Culturais	Nadine Gordimer, Harold Bloom, Walter Neves	As bruxas estão soltas	Entretenimento	Reportagem
26	09/08/1992	Personalidade: Caetano e Jorge Amado	Literatura	Caetano Veloso, Jorge Amado	Caetano 50!/ Jorge 80: o Brasil comemora o aniversário dos dois leoninos mais célebres da Bahia	Comemoração	Entrevista
27	16/08/1992	História na pós-modernidade	História	Ítalo Calvino, John Cage, Francis Fukuyama, Frederic Jameson	A história evapora?	Valores culturais	Reportagem
28	23/08/1992	Bienal do livro	Cultura das Mídias	Frederic Jameson, Paulo Arantes, Roberto Schwarz	Livros a mancheias	Atualidade	Reportagem
29	30/08/1992	Guerra dos Balcãs	História	R.L. Stevenson, Celso Lafer, Hannah Arendt, Stephen Jay Gound,	A barbárie dos Balcãs	Atualidade	Reportagem
30	06/09/1992	Juventude	Política	Roberto Schwarz, Jean-Claud Bernardet, Augusto de Campos, John Cage,	O tesouro da juventude	Valores culturais	Reportagem
31	13/09/1992	Personalidade: Nietzsche	Filosofia	Nietzsche, Curt Paul Janz, Paulo César Souza, J. Guinsburg, Scarlett Marton, Antonio Callado, Jorge Amado, José Serra	Super-Nietzsche	Notoriedade	Reportagem
32	20/09/1992	Comportamento	Sexualidade	Robert Kurz, Iberê Camargo	Roupas trocadas	Valores culturais	Reportagem
33	27/09/1992	Personalidade: Gerald Thomas e Antunes Filho	Teatro	Gerald Thomas, Antunes Filho, Shakespeare, Northrop Frye, Jacques Testart	Gerald com Antunes	Notoriedade	Entrevista
34	04/10/1992	Impeachment de Collor	Política	Augusto de Campos, Marina Tsvetaieva	E agora, Brasil?	Atualidade	Reportagem
35	11/10/1992	500 anos de América	História	Cristovão Colombo, Goethe, Pietro Maria Bardi	O Novo Mundo faz 500 anos	Comemoração	Reportagem
36	18/10/1992	Personalidade: Graciliano Ramos	Literatura	Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Ruy Castro, Alfredo Bosi	A letra seca de Graciliano	Notoriedade	Reportagem
37	25/10/1992	Reformas políticas	Política	Hawthorne, Drummond, José Maria Cançado, Francisco de Oliveira	Reformas urgentes	Atualidade	Reportagem
38	01/11/1992	Desigualdade	Sociologia	Anatol Rosenfeld, Madonna, Roberto Schwarz, J.	Campo de Batalha	Atualidade	Reportagem

				Guinsburg, Madonna			
39	08/11/1992	Personalidade: Torquato Neto	Literatura	Torquato Neto, Gore Vidal, Décio Pignatari, Torquato Neto	Torquato Neto	Comemoração	Reportagem
40	15/11/1992	Personalidade: Guimarães Rosa	Literatura	Guimarães Rosa, Leyla Perrone-Moisés, Marcelo Coelho, Jean-Pierre Vernant	As veredas de Guimarães Rosa	Comemoração	Reportagem
41	22/11/1992	Novo cinema	Cinema	Spike Lee, Coppola, Peter Bogdanovich, Orson Welles, Almodóvar, Kurosawa, O.M. Carpeaux,	As novas do cinema	Atualidade	Reportagem
42	29/11/1992	Neonazismo	História	Augusto de Campos, Rainer Maria Rilke,	O fantasma está solto	Atualidade	Reportagem
43	06/12/1992	Guerra dos sexos	Sexualidade	Camile Paglia, Thomas Mann, Amyr Klink, García Márquez	Quem é quem na guerra dos sexos	Polêmica	Reportagem
44	13/12/1992	História	História	Eric Hobsbown, Gore Vidal, Norberto Bobbio, Robert Kurz, GC Argan, Marilena Chaui, Joe Engelberger	Histórias de políticos, políticas da história	Notoriedade	Artigo
45	20/12/1992	Personalidade: São Jerônimo	Literatura	São Jerônimo, Otto Lara Resende, Carlos Lacerda, John Dulles, São Jerônimo	Ai, meu São Jerônimo	Notoriedade	Reportagem
46	27/12/1992	Morte e erotismo	Estudos Culturais	Frederic Jameson, Richard Wagner, Jorge Coli	Sexo e Sangue	Valores culturais	Reportagem
1993	1993	1993	1993	1993	1993	1993	
47	03/01/1993	Personalidade: Kafka	Literatura	Kafka, Modesto Carone, Milan Kundera	A Praga de Kafka	Notoriedade	Ensaio
48	10/01/1993	Personalidade: Bill Clinton	Política	Bill Clinton, E.M. Forster, Bruno Schulz	Presidente rock and roll	Atualidade	Reportagem
49	17/01/1993	Fato e ficção	Cultura das Mídias	Daniella Perez, Michel Laud, Pasolini,	A novela da novela	Entretenimento	Reportagem
50	24/01/1993	Língua portuguesa	Literatura	Karen Blixen, José Serra	De quem é esta língua?	Valores culturais	Reportagem
51	31/01/1993	Personalidade: Freud	Psicanálise	Freud, Peter Greenaway	Dr. Freud	Notoriedade	Reportagem
52	07/02/1993	Barroco	Literatura	Padre Vieira, Michael Crichton, Philip Kaufman, José Serra,	Barroco e neobarroco	Polêmica	Ensaio
53	14/02/1993	Privacidade	Estudos Culturais	Antonio Candido, Dizzy Gillespie, William Styron	Privacidade	Atualidade	Reportagem
54	21/02/1993	Cyberpunk	Cultura das Mídias	Melanie Klein, Coppola,	Cyberpunk	Atualidade	Reportagem
55	28/02/1993	Anos 70	Estudos Culturais	Aleksander Soljnitssin, Robert Doisneau	A Volta dos 70	Notoriedade	Reportagem
56	07/03/1993	Cinema novo	Cinema	Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Montaigne, Jean Starobinski, Brecht, Gerd Bornheim	Cinema novo & cinema de autor	Atualidade	Reportagem
57	14/03/1993	Personalidade: Murilo Mendes	Literatura	Murilo Mendes, Gordon Lish, Paul Kennedy,	Murilo Mendes	Notoriedade	Reportagem
58	21/03/1993	Cuba	História	Guillermo Cabrera Infante, Ruy Castro, Silviano Santiago, Kant,	Cuba	Atualidade	Ensaio

				Gerard Lebrun, James Joyce			
59	28/03/1993	Genética	Ciência	Iuri Gagarin, Gerard Lebrun, Kant	Ética e genética	Descoberta	Reportagem
60	04/04/1993	Literatura pós-colonial	Literatura	Derek Wacott, Antonio Callado, Carlos Heitor Cony	A colônia contra-ataca	Atualidade	Reportagem
61	11/04/1993	Personalidade: Roberto Campos	História	Roberto Campos, Dino Buzzati, Ítalo Calvino, Michel Serres, Niède Guidon	OK, Bob, você venceu	Notoriedade	Entrevista
62	18/04/1993	Personalidade: Miró	Artes Plásticas	Miro, Ferreira Gullar	Miró	Notoriedade	Ensaio
63	25/04/1993	Longevidade	Ciência	Ricardo Piglia, Antonio Candido, James Holston,	A um passo da eternidade	Descoberta	Reportagem
64	02/05/1993	Leitura	Cultura das Mídias	Sebastião Uchoa Leite, Nelson Acher, Augusto de Campos, Giacinto Scelsi	A leitura do futuro	Valores culturais	Reportagem
65	09/05/1993	Personalidade: Orestes Barbosa	Música	Orestes Barbosa, Manuel Bandeira, Jung, Bento Prado Jr., Paulo Arantes, Antonio Candido, Roberto Schwarz	Orestes Barbosa	Notoriedade	Reportagem
66	16/05/1993	Personalidade: Marcel Duchamp	Artes Plásticas	Marcel Duchamp, Ernest Bloch, Walter Benjamin	Duchamp	Notoriedade	Reportagem
67	23/05/1993	Personalidade: Kant	Filosofia	Kant, Otto Lara Resende, Oscar Hijuelos	Kant	Comemoração	Reportagem
68	30/05/1993	Personalidade: Gershwin	Música	Gershwin, Camille Paglia, Gordon Lish,	Gershwin	Notoriedade	Reportagem
69	06/06/1993	AIDS	Ciência	Marcelo Coelho, Luis Felipe Alencastro, José Geraldo Couto, Ana Miranda	Aids	Atualidade	Reportagem
70	13/06/1993	Economia	Economia	Leyla Perrone-Moisés, Balzac, Olgária Mattos, Renato Janine Ribeiro	A economia é uma ciência?	Polêmica	Artigo
71	20/06/1993	Personalidade: Susan Sontag	Literatura	Susan Sontag, Janson, Frank Kermode,	Susan Sontag	Atualidade	Reportagem
72	27/06/1993	Futebol	Literatura	Décio de Almeida Prado, Ruy Castro, Tostão, João Máximo, José Lino Grunewald, Marlyse Meyer, Lygia Fagundes Telles, Paulo Emilio Salles Gomes, Machado de Assis, Raúl Cano,	Futebol Cabeça	Valores culturais	Texto sob encomenda – Artigo
73	04/07/1993	Personalidade: Maiakovski	Literatura	Maiakovski, Augusto de Campos, Flora Sussekind, Plínio Marcos, Nelson de Sá,	Maiakovski	Comemoração	Ensaio
74	11/07/1993	Democracia	Política	Bernard Henry-Levy, Françoise Giraud, Catherine Mansfield, Virginia Woolf	Democracia	Atualidade	Reportagem
75	18/07/1993	Cinema independente	Cinema	Quentin Tarantino, Bernardo	Cinema independente	Atualidade	Reportagem

				Carvalho, João Gilberto Noll, Franz Kafka, Thomas Pynchon			
76	25/07/1993	Novas tecnologias	Culturas da mídia	Paulo Coelho, Susan Sontag, Roberto Schwarz, Marilena Chaui	"Aurélio" Eletrônico	Atualidade	Reportagem
77	01/08/1993	Personalidade: Sartre	Filosofia	Sartre, Sábato Magaldi, Ariano Suassuna, Ligia Vassallo, Alberto Moravia, Augusto de Campos, Marjorie Perloff	Existencialista com toda razão	Notoriedade	Ensaio
78	08/08/1993	Economia da América Latina	Economia	Antonio Callado, Otto Lara Resende, Cláudio Egon, Sábato Magaldi, Nelson de Sá, Nelson Rodrigues	Ajustes e desajustes	Atualidade	Reportagem
79	15/08/1993	Arquitetura	Arquitetura	Lina Bo Bardi, Tom Wolfe, Humberto Werneck, Joaquim Salles	Arquitetura	Atualidade	Reportagem
80	22/08/1993	Personalidade: Claude Lévi-Strauss	Antropologia	Sergio Augusto, Ruy Castro, Dorothy Parker, Robert Altman, Hannah Arendt	Lévi-Strauss	Notoriedade	Reportagem
81	29/08/1993	Partido dos Trabalhadores	Política	Lula, Wittgenstein	Que partido é esse?	Atualidade	Reportagem
82	05/09/1993	Filosofia	Filosofia	Marilena Chauí, Benedito Nunes, Renato Janine, Olgária Matos, Sérgio Paulo Rouanet, Tim Powers, Robert Scherberg, Otília Arantes, David Harvey, Steven Connor	Filosofia	Valores culturais	Artigo
83	12/09/1993	Cinema japonês	Cinema	Vinicius de Moraes, Júlio Castañón Guimaraes, Murilo Mendes	Nouvelle vague à japonesa	Atualidade	Reportagem
84	19/09/1993	Festival de jazz	Música	Mário de Andrade, Telê A. Lopez, José Eduardo Faria, Joaquim Falcão	All that jazz	Atualidade	Reportagem
85	26/09/1993	Personalidade: Anatol Rosenfeld	Literatura	Anatol Rosenfeld, Amós Oz, José Guilherme Merquior, Alexandre Eulálio	Anatol Rosenfeld	Notoriedade	Reportagem
	03/10/1993	Massacre indígena	Antropologia	Claude Lévi-Strauss, Bruce Albert, W.H. Auden, Norbert Elias, Renato Janine	A história secreta do massacre	Interesse humano	Entrevista
87	10/10/1993	Espionagem	Literatura	Frederick Forsyth, Martin Cruz Smith, Robert Ludlum, Tom Clancy, John Le Carré, Istvan Orkény, Norbert Elias, Renato Janine	O que farão os espões mundiais?	Notoriedade	Enquete
88	17/10/1993	Música e poesia	Música	Caetano Veloso, Gilberto Gil, Arnaldo Antunes, Ana Cristina César	A palavra cantada	Atualidade	Reportagem

89	24/10/1993	Personalidade: John Ashberry, Joan Brossa, João Cabral	Literatura	John Ashberry, Joan Brossa, João Cabral, Denis Diderot, Luís Felipe de Alencastro, Georges Duby	A poesia de três joões	Notoriedade	Entrevista
90	31/10/1993	Corrupção	Política	Carlos Castañeda, Florinda Doner, Leyla Perrone-Moysés,	Terra em transe!	Atualidade	Reportagem
91	07/11/1993	Personalidade: Jorge de Lima	Literatura	Manuel Bandeira, João Cabral, Carlos Drummond, Luiz Costa Lima, Montaigne, Kant, Schlegel, Kafka	Jorge de Lima	Comemoração	Reportagem
92	14/11/1993	Comportamento	Sexualidade	Manoel de Barros, Arthur Nestrovski,	Sexualmente correto	Valores culturais	Reportagem
93	21/11/1993	Biologia	Sexualidade	Marcelo Coelho, Bernardo Carvalho, Gabriel García Márquez	O corpo na cabeça	Descoberta	Reportagem
94	28/11/1993	História	História	Evaldo Cabral de Melo, Roger Chartier, Laura de Mello e Souza, Marc Bloch, Arthur Nestrovski, Murilo Mendes, Scott Smith,	A história continua	Polêmica	Artigo
95	05/12/1993	Personalidade: Norberto Bobbio	Política	Norberto Bobbio, Bresser Pereira, José Guilherme Merquior, Alexandre Eulálio, Gerald Thomas, Zé Celso	Bresser Pereira entrevista Norberto Bobbio	Notoriedade	Entrevista
96	12/12/1993	Prosa brasileira contemporânea	Literatura	Francisco Dantas, Miltom Hatoum, Carlos Sussekind, Marilene Felinto, Leyla Perrone-Móis-es, Zulmira Ribeiro Tavares, José Paulo Paes, Decio de Almeida Prado, João Roberto Faria	Ficção brasileira	Atualidade	Reportagem
97	19/12/1993	Comportamento	Sexualidade	Guy de Maupassant, Roberto Campos, Aloizio Mercadante, Eduardo Giannetti	Mulheres & mulheres	Polêmica	Reportagem
98	26/12/1993	Personalidade: Nelson Rodrigues	Teatro	Sábato Magaldi, Ruy Castro, Antunes Filho, Gerald Thomas, Décio de Almeida Prado	Vestido para mudar	Notoriedade	Artigo
1994	1994	1994	1994	1994	1994	1994	
99	02/01/1994	Leitura em São Paulo	Literatura	Proust, Gallimard, Flaubert, Silson Schwartz	Metade dos paulistanos não leu nenhum livro no último ano	Atualidade	Reportagem
100	09/01/1994	Personalidade: Chico Buarque	Música	Vinicius de Moraes, Rubens Rodrigues Torres Filho, Júlio Verne,	Chico de volta ao samba	Notoriedade	Entrevista
101	16/01/1994	Literatura de viajantes	Literatura	Alexandrian, Elaine Showalter	Livros para viajar	Notoriedade	Reportagem
102	23/01/1994	Reprodução humana	Ciência	Marcelo Coelho, Sergio Paulo Ruanet,	Bebês sob encomenda	Descoberta	Reportagem

				Benjamin, Baudelaire, Alvin Toffler, Heidi Toffler, Guilherme Cabrera Infante, Fidel Castro			
103	30/01/1994	Modernismo	História	Rosalind Krauss, Tunga, Antonio Dias, Lichtenstein, Karen Blixen,	Fantasmas modernos	Atualidade	Entrevista
104	06/02/1994	Personalidade: Paulo Arantes	Filosofia	Paulo Arantes, Joseph Brodsky, Carlos Drummond de Andrade, José Maria Cançado	A aventura da filosofia paulista	Notoriedade	Entrevista
105	13/02/1994	Personalidade: Oscar Niemeyer	Arquitetura	Oscar Niemeyer, Shakespeare	Oscar Niemeyer	Notoriedade	Entrevista
106	20/02/1994	Personalidade: Thomas Mann	Literatura	Thomas Mann, Frido Mann,	A família Mann	Notoriedade	Reportagem
107	27/02/1994	Prozac	Ciência	Não há	Prozac: a droga da felicidade	Atualidade	Artigo
108	06/03/1994	Personalidade: Iberê Camargo	Artes Plásticas	Iberê Camargo	Iberê Camargo: o último dos pintores	Notoriedade	Reportagem
109	13/03/1994	Strip-tease	Cultura das Mídias	Milton Hatoum	Cem anos sem roupa	Entretenimento	Reportagem
110	20/03/1994	AIDS	Sexualidade	Hervé Gilbert, Bill Jones, Claude Lefort, Marcelin Playnet, Michaux, Matisse, Raymond Carver, Robert Altman	A aids contamina a arte	Atualidade	Reportagem
111	27/03/1994	Programa espacial	Ciência	Oliver Stone, Manuel Niriaga, Boris Fausto, Steven Spielberg	O Brasil vai para o espaço	Descoberta	Reportagem
112	03/04/1994	Personalidade: Giulietta Masina	Cinema	Giulietta Masina, Federico Fellini, Caetano Veloso	A luz estranha e Masina	Notoriedade	Ensaio
113	10/04/1994	Releitura literária de Short cuts	Literatura	João Gilberto Noll, Sérgio Santa'anna, Marilena Felinto, Madesto Carone, Milton Hatoum, Luiz Vilela. Haroldo de Campos, José Arthur Giannotti	Short cuts à brasileira	Atualidade	Texto sob encomenda – conto
114	17/04/1994	Personalidade: Dorival Caymmi	Música	Dorival Caymmi, Jorge amado, Caribe, Paul Singer, José Arthur Giannotti, Osman Lins	O príncipe das marés	Notoriedade	Reportagem
115	24/04/1994	Diretas já	Política	Marilena Chauí, Zlata Filipovic	E assim se passaram dez anos	Comemoração	Reportagem
116	01/05/1994	Ensino de filosofia	Filosofia	Pierre Ansart, Michelle Perrot, Jurandir Freire Costa, K. J. Dover	A filosofia volta às aulas	Atualidade	Reportagem
117	08/05/1994	Cigarro	Política	Adma Fadul Muhana, Padre Vieira, Lavoisier, Lothar Baumgarten, Mauricio de Nassau	A guerra da nicotina	Atualidade	Reportagem
118	15/05/1994	Bienal de arte	Artes Plásticas	Cícero Dias, Ernest Gellner, Henry James	Sete Voltas na Bienal	Atualidade	Ensaio
119	22/05/1994	Personalidade: João Cabral de Melo Neto	Literatura	João Cabral, Régis Bonvicino, Oliverio Gironde, Jorge Luis Borges, Bruna Lombardi, Bernardo Bertolucci	O poeta total	Notoriedade	Entrevista

120	29/05/1994	Reconstituição dos rostos dos inconfidentes mineiros	História	Mengele, Paulo Freire, Edward Said, Albert Hourani	A face oculta da inconfidência	Atualidade	Reportagem
121	05/06/1994	Cartas de Freud	Psicanálise	Freud, Durval Marcondes	Freud inédito	Atualidade	Reportagem
122	12/06/1994	Poemas em homenagem ao futebol	Literatura	Cacilda Becker, Walmor Chagas	11 poetas e uma bola	Valores culturais	Texto sob encomenda - poema
123	19/06/1994	Novos mapas	Ciência	Louis Begley, Octavio Paz	O mapa do futuro	Descoberta	Reportagem
124	26/06/1994	Intelectuais	Política	José Arthur Giannotti, Roberto Schwarcz, Jacques Derrida	Para onde vão os intelectuais?	Polêmica	Ensaio
125	03/07/1994	Consenso de Washington	Política	Não há	Consenso de Washington x Apartheid Social	Polêmica	Reportagem
126	10/07/1994	Planeta Júpiter	Ciência	Aníbal Machado, Mike Newell, H.D. Auden, FHC	O apocalipse de Júpiter	Descoberta	Reportagem
127	17/07/1994	Internet	Ciência	Carlos Bresser Pereira, Celso Lafer, Alan Shepard, Deck Slayton	A superinfóvia do futuro	Descoberta	Reportagem
128	24/07/1994	Mudanças na infância	Estudos Culturais	Cecília Meireles, Henryck Górecki	Adeus, meninos	Atualidade	Enquete
129	31/07/1994	Personalidade: Almodóvar	Cinema	Pedro Almodóvar, Marilena Felinto, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Geraldo de Barros	O xeque mate de Almodóvar	Notoriedade	Entrevista
130	07/08/1994	13ª Bienal do Livro	Literatura	García Márquez, Nabokov, Naipul, Vargas Llosa, Paul Auster, Goethe, Adélia Prado, Umberto Eco, Kundera, Starobinski, Derrida, Octavio Paz, Merleau-Ponty, Assis Chateaubriand, Gogol, Freud, Duras, Gardel, Augusto de Campos, Hart Crane, James Tomb	Leitura em tempos reais	Atualidade	Reportagem
131	14/08/1994	Personalidade: Sartre e Merleau-Ponty	Filosofia	Sartre, Merleau-Ponty, Marilena Chauí, Renato Janine Ribeiro, Nabokov	Sartre e Merleau-Ponty: as cartas de ruptura	Notoriedade	Cartas
132	21/08/1994	Narcisismo	Estudos Culturais	Gerald Thomas, Haroldo de Campos, William Gass	Narciso fim-de-século	Valores culturais	Ensaio
133	28/08/1994	Personalidade: Ferreira Gullar	Literatura	Ferreira Gullar, Harold Bloom, Freud, Davi Arrigucci, Mário de Andrade, Stephan Jay Gould, Edward Wilson	A poesia sem trégua	Comemoração	Entrevista
134	04/09/1994	Dança contemporânea	História	Cunningham, Balanchine, Bill T. Jones, Modesto Carone, Georg Trakl	Todos os tempos da dança americana	Atualidade	Reportagem
135	11/09/1994	História e ficção	História	Carlos Heitor Cony	Era uma vez a história	Notoriedade	Entrevista
136	18/09/1994	Teatro The Globe	Teatro	Shakespeare	Shakespeare em obras	Atualidade	Reportagem
137	25/09/1994	Feira de livros de Frankfurt	Literatura	Não há	Alemanha/ Brasil	Atualidade	Reportagem
138	02/10/1994	Dramaturgos	Literatura	Plínio Marcos,	Eu perdi	Atualidade	Texto sob

	4	imaginam reação de candidatos em perda de eleição		Enéas, Gianfrancesco Guarnieri, Bricola, FHC, Mauro Rasi, Lula, Marcos Caruso, Jandira Martini			encomenda – teatro
139	09/10/1994	Personalidade: Galbraith, Chomsky	Política	Chomsky, Galbraith, FHC, Scarlett Marton, Nietzsche, Cummings, Augusto de Campos	Galbraith, Chomsky	Notoriedade	Entrevista
140	16/10/1994	Personalidade: Glauber Rocha	Cinema	Glauber Rocha, Jorge Amado	Nas terras de Deus e o diabo	Notoriedade	Reportagem
141	23/10/1994	Personalidade: Lacan	Psicanálise	Lacan, Elisabeth Roudinesco	Na cama com Lacan	Atualidade	Entrevista
142	30/10/1994	Racismo	Política	Charles Murray, Richard Herrnstein, Mario Henrique Simonsen, Roberto Campos	O lado negro	Polêmica	Artigo
143	06/11/1994	Publicidade	Cultura das Mídias	Contardo Calligaris, Oliviero Toscani, José Paulo Paes	Pax publicitária	Atualidade	Reportagem
144	13/11/1994	AIDS	Literatura	Harold Brodkey	Trajétória de uma agonia	Polêmica	Ensaio
145	20/11/1994	Personalidade: Voltaire	História	Voltaire, Sergio Paulo Rouanet, Roberto Romano, Franklin Matos, Gonçalves Dias, Décio de Almeida Prado	Três séculos de insolência	Comemoração	Artigo
146	27/11/1994	Personalidade: Vargas Llosa	Literatura	Mario Vargas Llosa, Cláudio Magris, Stevenson	O iluminista tropical	Notoriedade	Entrevista
147	04/12/1994	História do Brasil	História	Boris Fausto, Luiz Felipe de Alencastro, FHC, Roberto Schwarz	A história redescobre o Brasil	Atualidade	Reportagem
148	11/12/1994	Sexualidade	Psicanálise	Augusto dos Anjos	A evolução tem sexo	Descoberta	Reportagem
149	18/12/1994	Diplomacia	Política	Não há	A nova geração do Itamaraty é neoliberal	Atualidade	Reportagem
150	25/12/1994	Personalidade: Jorge Amado	Literatura	Jorge Amado	Nas terras sem fim de Jorge Amado	Notoriedade	Entrevista
1995	1995	1995	1995	1995	1995	1995	
151	01/01/1995	Personalidade: Érico Veríssimo e Herbert Caro	Literatura	Herbert Caro, Érico Veríssimo, Elias Cannetti, John dos Passos, Guimarães Rosa, Lúcio Cardoso, Jorge de Lima, Monteiro Lobato	Caro Érico/ Herbert Caro	Notoriedade	Cartas
152	08/01/1995	Cultura narcisista	Estudos Culturais	Christofer Lash	A rebelião das Elites	Valores culturais	Reportagem
153	15/01/1995	Poesia homossexual	Literatura	Jean Cocteau, ; Xavier Villaurutia, Lezama Lima, Tom Gunn, Frank O'hara, Adrienne Rich, W.H. Auden, Severo Sarduy, Sandro Penna, Elisabeth Bishop, García Lorca.	O amor que diz seu nome	Valores culturais	Texto literário inédito
154	22/01/1995	Personalidade: Fernando Botero	Artes Plásticas	Fernando Botero, Louise Bourgeois, Leyla Perrone-Moisés, Mark Tansey	Um renascentista das Américas	Notoriedade	Entrevista

155	29/01/1995	Personalidade: John Ford	Cinema	John Ford	John Ford: o Homero do cinema	Notoriedade	Reportagem
156	05/02/1995	Personalidade: Darcy Ribeiro	Antropologia	Darcy Ribeiro, Augusto de Campos, Boris Pasternak, Mandelstam, Blok	O pajé da brasilidade	Notoriedade	Entrevista
157	12/02/1995	Personalidade: Emil Cioran	Literatura	Emil Cioran	O pensador da amargura	Notoriedade	Entrevista
158	19/02/1995	Novos vírus	Ciência	Mário de Andrade	laboratórios virtuais enfrentam os vírus assassinos	Descoberta	Entrevista
159	26/02/1995	Sexualidade: sadomasoquismo	Estudos Culturais	Robert Castel	Tudo por amor	Valores culturais	Ensaio
160	05/03/1995	Sexualidade: papéis masculinos	Estudos Culturais	Não há	Afinal o que querem os homens?	Polêmica	Ensaio
161	12/03/1995	Personalidade: Pierre Boulez	Música	Pierre Boulez, Arthur Nestrovski, Michel Foucault, Décio Pignatari, Júlio Verne	Boulez em concerto	Notoriedade	Entrevista
162	19/03/1995	Movimento negro	História	Zumbi, Joaquim Nabuco, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues	Herdeiros do quilombo	Comemoração	Artigo
163	26/03/1995	História do cinema	Cinema	Guilherme Cabrera Infante	No céu do cinema	Notoriedade	Artigo
164	02/04/1995	Personalidade: José Arthur Gianotti	Filosofia	José Arthur Gianotti, Wittgenstein, Ray Monk	Enfim um filósofo brasileiro	Notoriedade	Artigo
165	09/04/1995	Ensaio de interpretação do Brasil Personalidade: La Fontaine	Literatura	La Fontaine, Adélia Prado, José Paulo Paes, Armando Freitas Filho	Retratos do Brasil La Fontaine: 300 anos	Comemoração	Reportagem
166	16/04/1995	Cinema brasileiro	Cinema	Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Hector Babenco	Cinema em prosa	Notoriedade	Entrevista
167	23/04/1995	Personalidade: Hans Margnus Enzensberger	Filosofia	Hans Margnus Enzensberger, John Sculley	O profeta discreto	Notoriedade	Reportagem
168	30/04/1995	Personalidade: Habermas	Filosofia	Barbara Freitag, Sergio Paulo Rouanet	Habermas: entrevista exclusiva	Notoriedade	Entrevista
169	07/05/1995	Tradução de texto da Bíblia	Literatura	Haroldo de Campos, Ferreira Gullar, Davi Arrigucci, John Ford	A leste do Éden	Atualidade	Ensaio
170	14/05/1995	Personalidade: Umberto Eco	Literatura	Umberto Eco, Contardo Calligaris, José Paulo Paes, Seféris, Regis Bonvicini	Sob o signo de Eco	Notoriedade	Entrevista
171	21/05/1995	Produção científica brasileira	Ciência	Oscar Wilde	Quem é a elite científica brasileira	Atualidade	Reportagem
172	28/05/1995	Teoria da dependência	História	Enzo Faletto, FHC	Que fim levou a dependência?	Polêmica	Reportagem
173	04/06/1995	Personalidade: Álvaro Lins	Literatura	Álvaro Lins, Guimarães Rosa, Otto Maria Carpeaux	Um mestre esquecido	Notoriedade	Reportagem
174	11/06/1995	Personalidade: Charles Darwin	Ciência	Adrian Desmond, James Moore, Charles Darwin	Os tormentos de Darwin	Notoriedade	Reportagem
175	18/06/1995	Personalidade: Hannah Arendt e Mary McCarthy	Filosofia	Hannah Arendt, Mary McCarthy,	Hannah e sua amiga	Notoriedade	Cartas
176	25/06/1995	Sudão	Cultura das Mídias	Sebastião Salgado	Sudão – Sebastião Salgado	Interesse humano	Reportagem
177	02/07/1995	Personalidade: Brecht	Teatro	Brecht, Cioran	Brecht total	Notoriedade	Reportagem
178	09/07/1995	Sexualidade	História	Robert Darnton	Sexo dá o que	Polêmica	Ensaio

	5				pensar		
179	16/07/1995	Neoconservadorismo nos EUA	Estudos Culturais	Paul Valéry	O sonho explode	Valores culturais	Reportagem
180	23/07/1995	Personalidade: Lúcio Costa	Arquitetura	Lúcio Costa	O arquiteto que deixou o Brasil mais moderno	Notoriedade	Entrevista
181	30/07/1995	Personalidade: Eric Hobsbawm e Adolfo Bioy Casares	História	Hobsbawm, Bioy Casares	Bioy Casares/Hobsbawm	Notoriedade	Entrevista
182	06/08/1995	Personalidade: Harold Bloom	Literatura	Harold Bloom, Robert Kurz	A odisséia de Bloom	Atualidade	Reportagem
183	13/8/1995	Personalidade: Oliver Sacks	Antropologia	Oliver Sacks, Jarbas Passarinho	Paradoxos do Dr. Sacks	Notoriedade	Entrevista
184	20/08/1995	Personalidade: Florestan Fernandes	Sociologia	Florestan Fernandes, Robert Darnton	Florestan Fernandes	Atualidade	Entrevista
185	27/08/1995	Cinema experimental brasileiro	Cinema	Júlio Bressane, Rogério Sganzerla	Sganzerla e Bressane: o enfant terrible encontra o enfant gâté	Notoriedade	Entrevista
186	03/09/1995	Personalidade: Deus	Filosofia	Jack Miles, Sergio Paulo Rouanet, Haroldo de Campos, Gabriel García Márquez, Robert Kutz	Uma entrevista com Deus	Polêmica	Entrevista
187	10/09/1995	Curso "A Crise da Razão"	Filosofia	Jacques Rancière, Gerard Lebrun, Bento Prado Jr., Ferreira Gullar, Goeldi, Alain Touraine	A razão põe um triz	Atualidade	Entrevista
188	17/09/1995	Texto inédito de Mark Twain	Literatura	Mark Twain, E.L. Doctorow, William Styron, Augusto de Campos, George Antheil, Robert Darnton	O episódio desconhecido de "Aventuras de Huckleberry Finn"	Atualidade	Texto literário inédito
189	24/09/1995	Personalidade: Elizabeth Bishop	Literatura	Elizabeth Bishop, Lota de Macedo Soares, Pasteur	Feijão preto, amor e diamantes	Notoriedade	Reportagem
190	01/10/1995	Filme Kids	Cinema	Paul Veyne, René Char	Kids: a outra face da juventude dos anos 90	Polêmica	Ensaio
191	08/10/1995	Grupo de intelectuais ligados a FHC	Sociologia	Roberto Schwarz, Marx, FHC, Alain Touraine	Uma geração que reinventou o Brasil	Notoriedade	Ensaio
192	15/10/1995	Personalidade: Pedro Almodóvar	Cinema	Pedro Almodóvar	O cinema sem segredo de Pedro Almodóvar	Notoriedade	Entrevista
193	22/10/1995	Racismo nos EUA	Política	Norman Mailer, O.J. Simpson, Décio de Almeida Prado, Ruy Castro, Kafka, Modesto Carone	Norman Mailer & O.J. Simpson	Atualidade	Entrevista
194	29/10/1995	Exposição sobre modernidade paulista	História	Leyla Perrone-Moysés, Raul de Leoni	Viagem às ruínas do século	Atualidade	Reportagem
195	05/11/1995	Personalidade: Edwin Hubble	Ciência	Luiz Paulo Baravelli, Robert Kurz	O homem que expandiu o cosmo	Notoriedade	Reportagem
196	12/11/1995	Personalidade: Zumbi	História	Domingos Jorge Velho, José Paulo Paes	Eu aniquilei o quilombo de Zumbi	Notoriedade	Reportagem
197	19/11/1995	Cultura de massa	Cultura das Mídias	FHC, Frederic Jameson, José Arthur Giannotti, Olgária Matos, Gabriel Cohen, Gilberto Freyre, Carlos Heitor Cony, Marcelo Coelho	Adeus às massas	Valores culturais	Reportagem
198	26/11/1995	Personalidade: Frank Sinatra	Música	Frank Sinatra, Harold Bloom, Shakespeare	The voice	Notoriedade	Reportagem
199	03/12/1995	Personalidade:	Filosofia	Derrida, Gilles	O arquiteto da	Notoriedade	Entrevista

	5	Derrida		Deleuze, Jurandir Freire Costa	destruição		
200	10/12/1995	Personalidade: Gore Vidal	Literatura	Gore Vidal, José Paulo Paes, Bill Gates, Martin Amis	As memórias indiscretas de Gore Vidal	Notoriedade	Ensaio
201	17/12/1995	Literatura Beatnik	Literatura	Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti, Giannotti, Mausaud Moisés, Eça de Queirós	Beatmania	Notoriedade	Reportagem
202	24/12/1995	Roteiro inédito de Glauber Rocha	Cinema	Glauber Rocha, Louis Lumière, Sadoul	América nuestra	Atualidade	Texto literário inédito
203	31/12/1995	Autores escrevem história policial no suplemento	Literatura	Umberto Eco, Giuseppe Pontiggia, Antonio Tabucchi	A maldição do Faraó	Atualidade	Texto literário inédito
1996	1996	1996	1996	1996	1996	1996	
204	07/01/1996	Dicas de leitura para 1996	Literatura	Paul Valéry, Robert Musil, Antonio Candido, Giulio Carlo Argan, Richard Rorty	Leitura	Atualidade	Reportagem
205	14/01/1996	Memórias de São Paulo	História	Claude Lévi-Strauss	Saudades de São Paulo	Notoriedade	Reportagem
206	21/01/1996	Sexualidade	Estudos Culturais	Peter Burke	Hipermulheres	Polêmica	Artigo
207	28/01/1996	Personalidade: Heine Müller	Teatro	Heine Müller, Antonio Negri	Heine Muller: o teatro da catástrofe	Notoriedade	Reportagem
208	04/02/1996	Literatura clássica feminina	Literatura	Jane Austen, Marilene Felinto, Martin Amis, Emily Brontë, Harold Bloom, Louise May Alcott, Stephen King, Harriet Beecher Stowe, E.L. Doctorow, Theresa Margarida da Silva e Orta, Ana Miranda	Clássicos de saias	Notoriedade	Artigo
209	11/02/1996	Computadores	Ciência	Herman Goldstine, Celso Lafer	O avô dos computadores	Notoriedade	Reportagem
210	18/02/1996	Personalidade: Pierre Verger	Antropologia	Pierre Verger, Mario Cravo Neto	Pierre Verger: a visão dos deuses	Notoriedade	Entrevista
211	25/02/1996	Conto de Nabokov	Literatura	Nabokov	Sons: um conto de Nabokov	Notoriedade	Texto literário inédito
212	03/03/1996	O futuro do trabalho	Economia	John Updike, Richard Ford, Carlos Heitor Cony	Trabalho sem futuro, futuro sem trabalho	Atualidade	Reportagem
213	10/03/1996	Literatura árabe	Literatura	Não há	Islã	Atualidade	Ensaio
214	17/03/1996	Personalidade: Salman Rushdie	Literatura	Salman Rushdie, Susan Sontag	O desafio de Salman Rushdie	Atualidade	Entrevista
215	24/03/1996	Inteligência artificial	Ciência	Descartes	Xeque-mate na razão	Descoberta	Reportagem
216	31/03/1996	Crítica de arte	História	Robert Darnton, Shakespeare, Simon Schama, Jan Vermeer, Warchavchik	Histórias da arte	Notoriedade	Artigo
217	07/04/1996	Busca pela saúde	Ciência	Lucien Sfez, Tom Ray, Jeremy Rifkin	A utopia do século 21	Atualidade	Reportagem
218	14/04/1996	Índios e cultura brasileira	Antropologia	Hermano Vianna, Gerald Thomas, Nelson Brissac Peixoto, Nicolau Sevcenko, Tarso Genro, Paul Singer, Celso Lafer, Rubens Ricupero,	Raízes do Brasil	Notoriedade	Artigo

				Haroldo de Campos, Moacyr Scliar			
219	21/04/1996	Personalidade: Keyner	Economia	Keynes, Galbraith, Robert Kurz, José Luis Fiori, Gilder, Renato Janine, Quentin Skinner, Modesto Carone, Javier Marias	O último profeta da economia	Notoriedade	Reportagem
220	28/04/1996	Personalidade: Lewis Carroll	Literatura	Lewis Carroll, José Paulo Paes, Lester Thurow, Moacyr Scliar, Carlos Heitor Cony, Haroldo de Campos	Os paradoxos de Lewis Carroll	Notoriedade	Reportagem
221	05/05/1996	Personalidade: Glauber Rocha	Cinema	Glauber Rocha, Marcelo Rubens Paiva, Leon Hirszman, Arnaldo Jabor, Nelson Pereira dos Santos	A carta-bomba de Glauber	Notoriedade	Cartas
222	12/05/1996	Extermínio dos judeus	História	Gabriel García Márquez, Antonio Callado, John Le Carré	Os operários do Holocausto	Interesse humano	Reportagem
223	19/05/1996	Personalidade: Jorge Luis Borges	Literatura	Jorge Luis Borges, Maria Kodama, Bioy Casares, Maria Esther Vasquez, Ricardo Piglia, Todorov, Ian Watt, Jacques Rancière	Os labirintos de Borges	Comemoração	Reportagem
224	26/05/1996	Personalidade: Russell	Filosofia	Russell, Heidegger, Adorno, Belmonte, T.S. Eliot, Ray Monk	Russell secreto	Atualidade	Reportagem
225	02/06/1996	Personalidade: Gilles Deleuze	Filosofia	Gilles Deleuze	O pensador da dobra do milênio	Atualidade	Reportagem
226	09/06/1996	Personalidade: Drummond	Literatura	Carlos Drummond, Harold Bloom, Haroldo de Campos	Drummond inédito	Atualidade	Reportagem
227	16/06/1996	Textos ficcionais sobre o fim do real	Literatura	Antonio Callado, Moacyr Scliar, Modesto Carone, Marilene Felinto, Sérgio Sant'Anna, Ivan Sant'Anna	O dia em que o real acabou	Atualidade	Texto sob encomenda – conto
228	23/06/1996	Testes nucleares	Política	Paulo Arantes	A explosão do paraíso	Notoriedade	Reportagem
229	30/06/1996	Misticismo em Guimarães Rosa	Literatura	Guimarães Rosa, Eduardo Lourenço, Antonio Tabucchi	O sertão místico de Rosa	Notoriedade	Reportagem
230	07/07/1996	Nutrição e alimentação no Brasil	Ciência	Não há	A mal que entra pela boca	Descoberta	Reportagem
231	14/07/1996	Personalidade: Euclides da Cunha	Literatura	Euclides da Cunha, Alain Touraine, Peter Burke	Euclides: crítico do Brasil	Comemoração	Reportagem
232	21/07/1996	Personalidade: Giuseppe Ungaretti	Literatura	Giuseppe Ungaretti, Bruna Bianco, Gertrude Stein, Augusto de Campos	Lições de amor	Notoriedade	Entrevista
233	28/07/1996	Personalidade: Carlos Heitor Cony	Literatura	Carlos Heitor Cony, Décio Pignatari, Paulo Coelho, Nathalie Saurerte	Quase Brasil	Notoriedade	Entrevista
234	04/08/1996	Personalidade: Cecília Meireles	Literatura	Cecília Meireles, Jean Piaget	Cecília concreta	Comemoração	Reportagem
235	11/08/1996	Personalidade: Darcy Ribeiro	Antropologia	Darcy Ribeiro	No coração da selva	Notoriedade	Entrevista

236	18/08/1996	Personalidade: Nelson Rockefeller	Política	Nelson Rockefeller	O todo-poderoso	Atualidade	Reportagem
237	25/08/1996	Ditadura militar	História	Jarbas Passarinho, Marcelo Rubens Paiva	Jarbas Passarinho encontra Marcelo Rubens Paiva	Polêmica	Reportagem
238	01/09/1996	Personalidade: Antonin Artaud	Literatura	Antonin Artaud, Augusto de Campos	A magia negra de Antonin Artaud	Comemoração	Ensaio
239	08/09/1996	Personalidade: Samuel Beckett	Literatura	Samuel Beckett	Quatro vezes Beckett	Notoriedade	Ensaio
240	15/09/1996	Cientologia	Filosofia	Tom Cruise, John Travolta	Cientologia leva estrelas ao céu	Notoriedade	Reportagem
241	22/09/1996	Estudos sobre as causas da violência	Sociologia	Não há	A moléstia do crime	Descoberta	Reportagem
242	29/09/1996	Fim dos avanços científicos	Ciência	Luc Montaigner, Roger Penrose, Antonio Damaso	A ciência chegou ao fim?	Descoberta	Reportagem
243	06/10/1996	Exposição de Picasso	Artes Plásticas	Picasso, Anthony Hopkins	Picasso megastar	Atualidade	Reportagem
244	13/10/1996	Personalidade: FHC	Política	FHC	FHC põe suas ideias no lugar	Notoriedade	Entrevista
245	20/10/1996	Personalidade: Gregório de Matos	Literatura	Gregório de Matos, Haroldo de Campos, João Adolfo Hansen, Ana Miranda, Nelson Ascher, Fernando Peres, Antonio Risério, James amado, Jorge Amado	O purgatório do Boca do Inferno	Comemoração	Ensaio
246	27/10/1996	Possível embargo de construção de hidrelétrica no Tocantins	Ciência	Não há	O dilúvio do Tocantins	Atualidade	Reportagem
247	03/11/1996	Welfare State e busca da felicidade	Sociologia	Robert Darnton, Gilberto Velho, Euclides da Cunha, Augusto de Campos	A procura da felicidade	Valores culturais	Ensaio
248	10/11/1996	Personalidade: Fernando Pessoa	Literatura	George Steiner, Fernando Pessoa, Ferreira Gullar, Eduardo Lourenço	Quarteto	Notoriedade	Ensaio
249	17/11/1996	Divulgação de sites com livros na íntegra na internet	Literatura	Sérgio Buarque de Holanda	A biblioteca infinita	Atualidade	Reportagem
250	24/11/1996	Discordância de economistas mostrada em coletânea de entrevistas	Economia	Mario Henrique Simonsen, Deklfim Netto, Eduardo Giannetti, Paulo Nogueira, Persio Arida, Celso Furtado, Maria da Conceição Tavares, Edmar Bacha, Bresser Pereira, Roberto Campos, Luiz Gonzaga Beluzzo, André Lara Resende, Gustavo Franco	A Babel da economia	Polêmica	Reportagem
251	01/12/1996	Aborto	Sociologia	Augusto Massi	Gravidez high tech e aborto no tribunal	Atualidade	Reportagem
252	08/12/1996	Personalidade: Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos	Literatura	Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari	A poesia contra o verso	Comemoração	Entrevista
253	15/12/1996	Personalidade: Paulo Emilio Salles Gomes	Literatura	Paulo Emilio Salles Gomes	Prisioneiro no Paraíso	Notoriedade	Reportagem
254	22/12/1996	Cantoras da MPB	Música	Maria Bethânia	O país das cantoras	Valores culturais	Artigo
255	29/12/1996	História do chocolate	História	Kenneth Maxwell	O alimento dos deuses	Entretenimento	Ensaio
1997	1997		1997	1997	1997	1997	
256	05/01/1997	Relação entre vida, pensamento e	Filosofia	André Malraux, Jean-François	A idade da razão	Atualidade	Reportagem

		política		Lyotard, Norberto Bobbio, Jean-Pierre Vernant			
257	12/01/1997	Polêmica entre os dois escritores franceses	Literatura	Roland Barthes, Albert Camus,	Barthes contra Camus	Polêmica	Cartas
258	19/01/1997	Inédito de Ariano Suassuna sobre Romeu e Julieta	Literatura	Ariano Suassuna	A história do amor de Romeu e Julieta	Atualidade	Texto literário inédito
259	26/01/1997	Repercussão do lançamento do filme Crash	Cinema	David Cronenberg, Martin Amis, Jacques Rancière, Toni Negri, Robert Kurz, Contardo Calligaris	O escândalo Crash	Notoriedade	Reportagem
260	02/02/1997	Especial sobre Antonio Callado	Literatura	Antonio Callado, Moacyr Scliar, Davi Arrigucci, Antônio Torres, Ferreira Gullar	O gentleman engajado	Atualidade	Reportagem
261	09/02/1997	Os ativistas políticos rebeldes da internet	Cultura das Mídias	Não há	Os novos rebeldes	Atualidade	Reportagem
262	16/02/1997	Confinamento tematizado em textos literários	Literatura	Louis Begley, Salman Rushdie, Josef Brodski	Confinamentos contemporâneos	Valores culturais	Artigo
263	23/02/1997	Avaliação do legado de 1967 para a Atualidade	História	McLuhan, Godard, Beatles, García Márquez, Zé Celso, Glauber Rocha, Caetano Veloso, Agrippino de Paula, Hélio Oiticica, Galbraith	1967: o que o ano radical tem a dizer a 1997	Comemoração	Artigo
264	02/03/1997	Desestatização dos centros de estudos brasileiros no exterior	Sociologia	Darcy Ribeiro, Antonio Candido	Cultura brasileira S.A.	Atualidade	Reportagem
265	09/03/1997	Situação da imprensa face o avanço tecnológico	Cultura das Mídias	FHC, Chomsky, Pierre Bourdieu, Alain Touraine	Mídia: verdades e mentiras	Atualidade	Reportagem
266	16/03/1997	Discussão sobre a clonagem. Textos literários escritos a partir de Monteiro Lobato sobre as mudanças na natureza	Ciência	Monteiro Lobato, Silviano Santiago, José J. Veiga, João Batista Melo, Bráulio Tavares	A reforma da natureza	Descoberta	Reportagem
267	23/03/1997	Cometa Hale-Bopp	Ciência	David Mamet, Boris Pasternak, Ferreira Gullar	Viajante do tempo	Atualidade	Reportagem
268	30/03/1997	Discussão sobre os luxos do futuro	Filosofia	Hans-Magnus Enzensberger	Luxo	Valores culturais	Ensaio
269	06/04/1997	Ascensão da música techno	Música	Não há	Tecno: a revolução	Atualidade	Reportagem
270	13/04/1997	Guia com verbetes para entender a Atualidade	Ciência	Não há	Entenda a sua época	Atualidade	Texto sob encomenda: verbete
271	20/04/1997	Aumento da incidência da Aids	Ciência	Richard Rorty, Heidegger, Modesto Carone, Dolf Oehler, Baudelaire	Aids não morreu	Atualidade	Reportagem
272	27/04/1997	Filme de Lynch que retrata a violência	Cinema	David Lynch, Humberto Mauro	Vidas sem rumo	Polêmica	Reportagem
273	04/05/1997	Educação e disciplina	Filosofia	Mangabeira Unger, Thomas Skidmore, Bárbara Freitag, Boris Fausto	Summerhill: um sonho do século 20	Polêmica	Reportagem
274	11/05/1997	Artigos de crítica literária	Literatura	Luiz Costa Lima, Davi Arrigucci, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Leyla Perrone-Moisés, Baudelaire, Marx, Leda Tenório da Mota,	Situações críticas	Notoriedade	Artigo

				João Alexandre Barbosa, Wolfgang Iser, Décio Pignatari			
275	18/05/1997	Síndrome de Munchausen	Psicologia	Bresser Pereira, Rosselli	A síndrome de Munchausen transferida	Atualidade	Reportagem
276	25/05/1997	Pesquisa sobre a felicidade	Sociologia	Xuxa	O relatório da felicidade brasileira	Atualidade	Reportagem
277	01/06/1997	Personalidade: Roberto Schwarz	Literatura	Roberto Schwarz, Machado de Assis, Helena Morley	A dialética envenenada de Roberto Schwarz	Notoriedade	Entrevista
278	08/06/1997	Plano Marshall	História	Albert Hirschman, Gilles Deleuze, Bento Prado Jr., Henry Corwell, Augusto de Campos, José Reis	50 anos depois do Plano Marshall	Comemoração	Reportagem
279	15/06/1997	Descobertas arqueológicas no Brasil	Ciência	Não há	O primeiro homem da América	Descoberta	Reportagem
280	22/06/1997	Literatura norte-americana	Literatura	Norman Mailer, Philip Roth, Saul Bellow, Thomas Pynchon, Alain de Botton	A estação dos velhos leões	Atualidade	Reportagem
281	29/06/1997	Personalidade: Mao	História	Nicolau Sevcenko, Haroldo de Campos	Mao secreto	Atualidade	Reportagem
282	06/07/1997	Personalidade: Décio de Almeida Prado	Teatro	Décio de Almeida Prado, Pierre Lévy	O mestre do teatro	Notoriedade	Entrevista
283	13/07/1997	Personalidade: Padre Antonio Vieira	Literatura	Padre Vieira, José Luís Fiori	O superpadre	Notoriedade	Reportagem
284	20/07/1997	Poemas eróticos	Literatura	Mateo Colombo, Jena-Claude Bernardet	Ela	Polêmica	Texto sob encomenda: poema
285	27/07/1997	Personalidade: Godard	Cinema	Godard	O eterno retorno de Jean-Luc Godard	Notoriedade	Reportagem
286	03/08/1997	Personalidade: Blaise Cendrars	Literatura	Blaise Cendrars, Augusto de Campos, Wallace Stevens	O poeta no paraíso	Atualidade	Reportagem
287	10/08/1997	Debate sobre a Teoria da Dependência	Sociologia	FHC, Kenneth Maxwell, Luiz Felipe de Alencastro, Contardo Caligaris, Henry Ford, Ferreira Gullar	A América que deu errado	Polêmica	Reportagem
288	17/08/1997	Teoria do espetáculo	Cultura das Mídias	Guy Debord	O complô das imagens	Valores culturais	Reportagem
289	24/08/1997	Dialética do esclarecimento	Filosofia	Adorno, Horkheimer	A razão desencantada	Notoriedade	Reportagem
290	31/08/1997	Personalidade: José Celso Martinez Corrêa	Teatro	Zé Celso	A fúria do teatro	Notoriedade	Entrevista
291	07/09/1997	Democracia	Política	Kenneth Maxwell	Democracia pirata	Atualidade	Ensaio
292	14/09/1997	Personalidade: Faulkner	Literatura	Faulkner, Modesto Carone, Haroldo de Campos	Faulkner no Brasil	Notoriedade	Reportagem
293	21/09/1997	Centenário da morte de Antonio Conselheiro	Literatura	Euclides da Cunha	Sangue sobre canudos	Comemoração	Artigo
294	28/09/1997	Guia sobre termos usados nas áreas de ciências humanas	História	Jacques Le Goff, Michel Serres, Paul Virilio, Betty Milan, Marcelo Gleiser	Ideias para o novo mundo	Atualidade	Texto sob encomenda: verbete
295	05/10/1997	Texto contra a globalização e nova ordem mundial	Política	Subcomandante Marcos	A Quarta Guerra Mundial já começou	Atualidade	Texto literário inédito
296	12/10/1997	Filosofia norte-americana	Filosofia	Richard Rorty, Stanley Cavell, John Searle	A hora e a vez da filosofia norte-americana	Atualidade	Reportagem

297	19/10/1997	Ascensão do movimento "bad girls"	Estudos Culturais	Não há	Bad Girls	Valores culturais	Reportagem
298	26/10/1997	Textos sobre músicos	Música	Carlos Calado, Caetano Veloso, Stravinski, Beethoven, John Cage, Pierre Boulez, Augusto de Campos, Mozart, Erik Rohmer, Glenn Gould	Música dos extremos	Atualidade	Reportagem
299	02/11/1997	Personalidade: Caetano Veloso	Música	Eduardo Giannetti, Contardo Calligaris, Gilberto Vasconcelos, Marcos Augusto Gonçalves, Caetano Veloso	O Tropicalismo do cárcere ao poder	Notoriedade	Reportagem
300	09/11/1997	Guerra do Paraguai	História	Não há	A outra grande guerra	Comemoração	Reportagem
301	16/11/1997	Personalidade: Almada Negreiros	Literatura	Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Visconti, Proust, Durkheim, Gabriel Cohn	O amigo maldito de Fernando Pessoa	Notoriedade	Reportagem
302	23/11/1997	Mostra em Londres	Artes Plásticas	D.H. Lawrence, James Joyce	Sensation	Atualidade	Ensaio
303	30/11/1997	Personalidade: Newton da Costa	Filosofia	Newton da Costa	O filósofo da contradição	Atualidade	Ensaio
304	07/12/1997	Análise sobre os EUA	Política	Gore Vidal, Silviano Santiago, Clarice Lispector	América: o último império	Notoriedade	Ensaio
305	14/12/1997	Personalidade: Robert Kurz	Sociologia	Robert Kurz	O profeta do crash	Notoriedade	Entrevista
306	21/12/1997	Fotos dos escritores em seus espaços de trabalho	Literatura	Ariano Suassuna	O escritor no escritório	Entretenimento	Reportagem
307	28/12/1997	Escritores falam sobre viagem ao Brasil	Literatura	Louis Begley, Peter Burke, Kenneth Maxwell, Jacques Rancière, Alberto Manguel	O Brasil dos viajantes	Valores culturais	Artigo
1998	1998	1998	1998	1998	1998	1998	
308	04/01/1998	Relatos sobre delação durante o regime comunista	História	Timothy Garton Ash, Umberto Eco	Arquivos secretos	Atualidade	Reportagem
309	11/01/1998	Reportagem acompanha Kiarostami pelas ruas de SP	Cinema	Kiarostami	O passeio de Kiarostami em São Paulo	Atualidade	Reportagem
310	18/01/1998	Sexualidade	Sexualidade	Não há	Relatório Folha da sexualidade brasileira	Atualidade	Reportagem
311	25/01/1998	Personalidade: Sérgio Buarque de Holanda	Política	Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, José Paulo Paes, Davi Arrigucci	A visão política de Sérgio Buarque	Comemoração	Ensaio
312	01/02/1998	Manifesto comunista	Filosofia	Marx, Engels	O manifesto comunista faz 150 anos	Comemoração	Enquete
313	08/02/1998	Personalidade: Brecht e Eisenstein	Teatro	Brecht, Eisenstein	O desafio de Brecht e Eisenstein	Notoriedade	Reportagem
314	15/02/1998	Filme "Amistad"	Cinema	Gore Vidal, Spielberg, Marcelo Coelho. Hélio Jaguaribe	América negra	Atualidade	Reportagem
315	22/02/1998	Crimes do comunismo	História	Marc Ferro, Lênin, Paulo Coelho	O duplo terror	Atualidade	Artigo
316	01/03/1998	Cinema experimental	Cinema	Não há	Cinema ao extremo	Atualidade	Artigo
317	08/03/1998	Autores escrevem sobre assédio sexual nos EUA	Literatura	Gore Vidal Stanley Cavell, Shakespeare	Cenas femininas	Valores culturais	Ensaio

318	15/03/1998	Ensaio sobre os pintores	Artes Plásticas	Egon Schiele, Simon Schama, Francis Bacon, Nicolau Sevcenko	Egon Schiele e a tirania da libido/ Francis Bacon e as aflições da carne	Notoriedade	Ensaio
319	22/03/1998	Entrevista sobre unificação das ciências	Ciência	E.O Wilson	A pedra filosofal da consciência	Polêmica	Entrevista
320	29/03/1998	Diretores falam sobre suas trajetórias	Cinema	Godard, Truffaut, Walter Salles	Memórias do cinema	Atualidade	Entrevista
321	05/04/1998	Arqueologia brasileira	Ciência	Não há	A primeira mulher do Brasil era afro	Descoberta	Reportagem
322	12/04/1998	Mídia brasileira	Cultura das Mídias	Não há	A cultura de massa dos emergentes	Atualidade	Reportagem
323	19/04/1998	Processo que condena colaboracionista dos nazistas	História	Jacques Rancière, Pierre Nora, Umberto Eco	Ruínas do horror	Atualidade	Reportagem
324	26/04/1998	Bienal do livro	Cultura das Mídias	Não há	Um mar de livros	Atualidade	Reportagem
325	03/05/1998	Guerrilheiras na ditadura militar	História	Não há	A vida secreta das guerrilheiras	Atualidade	Reportagem
326	10/05/1998	Maió de 68	História	Não há	A última utopia	Comemoração	Reportagem
327	17/05/1998	500 anos da viagem de Vasco da Gama	História	Vasco da Gama, Thomas Skidmore, FHC	Na rota da globalização	Comemoração	Reportagem
328	24/05/1998	Discussão sobre livro sobre os crimes do comunismo	História	Eric Hobsbawm, Norberto Bobbio	O livro negro do comunismo	Atualidade	Ensaio
329	31/05/1998	Personalidade: Garcia Lorca	Literatura	Federico Garcia Lorca, Ismail Xavier	O cavaleiro andaluz	Notoriedade	Reportagem
330	07/06/1998	Militares e a igreja	História	Decio de Almeida Prado, Ferreira Gullar, Kenneth Serbin	As relações perigosas	Atualidade	Reportagem
331	14/06/1998	Personalidade: Mário Peixoto	Cinema	Augusto de Campos, Yeats, Mário Peixoto	Os dias ingleses de Mário Peixoto	Atualidade	Reportagem
332	21/06/1998	Teatro atual	Teatro	Edward Albee, Tony Kushner, Richard Foreman, Ricardo Piglia	O teatro da contestação	Atualidade	Debate
333	28/06/1998	Personalidade: Monteiro Lobato	Literatura	Monteiro Lobato	O civilizador dos trópicos	Notoriedade	Reportagem
334	05/07/1998	Entrevista com filósofos	Filosofia	Isaiah Berlin, Contardo Calligaris, John Searle	Pensamento em construção	Atualidade	Entrevista
335	12/07/1998	Neoliberalismo	Economia	Haroldo de Campos, Will Hutton, José Serra, Pierre Bourdieu	Neoliberalismo em choque	Atualidade	Entrevista
336	19/07/1998	Personalidade: Antonio Candido	Literatura	Antonio Candido, Haroldo de Campos, Leyla Perrone-Moisés, José Miguel Wisnik, Luiz Costa Lima, Luciana Stegagno Picchio, Walnice Nogueira Galvão, José Paulo Paes, Gilberto Vasconcellos, Lygia Fagundes Telles, Alain Touraine, Celso Lafer, Benedito Nunes, Maria Sylvia C. Franco, José Mindlin, Décio de Almeida Prado	O crítico central	Comemoração	Artigo
337	26/07/1998	História	História	Peter Burke, Simon Schama, Kenneth Maxwell	Histórias de Europa, China e Brasil	Notoriedade	Artigo

338	02/08/1998	Crítica literária	Literatura	Leyla Perrone-Moisés, Walnice Nogueira Galvão, Marlyse Meyer	Utopias literárias	Atualidade	Entrevista
339	09/08/1998	Personalidade: Marcuse	Filosofia	Marcuse, Habermas, José Paulo Paes	Marcuse por Habermas	Atualidade	Ensaio
340	16/08/1998	Economia Latino-americana	Economia	Celso Furtado, Quentin Skinner	Tempo de incertezas	Polêmica	Ensaio
341	23/08/1998	Ditadura militar	História	Martha Huggins	Conexão americana	Atualidade	Reportagem
342	30/08/1998	Arte engajada	Cultura das Mídias	Ariel Dorfman, Régis Debray	Novos engajamentos	Atualidade	Entrevista
343	06/09/1998	Personalidade: Augusto Boal	Teatro	Augusto Boal, Brecht	O teatro globalizado	Notoriedade	Entrevista
344	13/09/1998	Busca de unificação da física	Ciência	Pedro Almodóvar	A unificação da física	Descoberta	Reportagem
345	20/09/1998	Adolescência	Estudos Culturais	Contardo Calligaris, Nicolau Sevcenko, Renato Mezan, Maria Rita Kehl	Adullescência	Valores culturais	Artigo
346	27/09/1998	Autores refletem sobre literatura	Literatura	Dario Fo, Richard Ford, Cláudio Magris, Paul Celan, Rancière, Mallarmé	Testemunhos literários	Notoriedade	Artigo
347	04/10/1998	Autores escrevem roteiro sobre o dia das eleições	Cinema	José Mojica Marins, Carlos Reichenbach, Ugo Giorgetti, Helvécio Rattón	Um voto que cai	Atualidade	Texto sob encomenda – roteiro
348	11/10/1998	História da Segunda Guerra	História	Steven Spielberg	A praia dos mortos	Atualidade	Ensaio
349	18/10/1998	Personalidade: José Saramago	Literatura	José Saramago, Habermas	A descoberta de Portugal	Notoriedade	Entrevista
350	25/10/1998	Texto inédito de Mary Shelley	Literatura	Mary Shelley	Maurice ou a choupana do pescador	Atualidade	Texto literário inédito
351	01/11/1998	Meio ambiente	Ciência	Não há	Ameaça do carbono	Atualidade	Reportagem
352	08/11/1998	Assédio sexual	Sexualidade	Paul Theroux, Pierre Bourdieu	Dominações sexuais	Atualidade	Artigo
353	15/11/1998	Relações amorosas	Psicanálise	Jurandir Freire Costa, Simone de Beauvoir, Nelson Algren, Dylan Thomas, Renato Mezan, Mangabeira Unger	Mentiras do amor	Atualidade	Entrevista
354	22/11/1998	Publicação de conto pouco conhecido de Machado de Assis	Literatura	Machado de Assis, John Gledson, José Serra, Aníbal Pinto	Trina e Una	Atualidade	Texto literário inédito
355	29/11/1998	Religião	Filosofia	Giannotti, Carlos Josaphat, Philippe Sollers, Santo Agostinho	Os desafios da fé	Atualidade	Artigo
356	06/12/1998	Nazismo	História	Peter Gay, Frank Kermode, Albert Speer	Variações do inferno	Atualidade	Ensaio
357	13/12/1998	Evolução	Ciência	Richard Dawkins, Stephen Jay Gould	Extremos da evolução	Atualidade	Reportagem
358	20/12/1998	Crítica à economia de mercado	Economia	Kenneth Galbraith, Gore Vidal, Augusto de Campos, Rilke	O compromisso social	Notoriedade	Palestra
359	27/12/1998	Personalidade: Câmara Cascudo	Antropologia	Câmara Cascudo, Claude Lévi-Strauss	Alegres trópicos	Comemoração	Reportagem
1999	1999	1999	1999	1999	1999	1999	1999
360	03/01/1999	Romance	Literatura	Não há	100 melhores romances do século	Atualidade	Enquete
361	10/01/1999	Conflito no Oriente Médio	História	Kenzaburo Oe, Amos Oz	Por um futuro melhor	Atualidade	Cartas
362	17/01/1999	Personalidade: Assis	História	Fernando Morais, Otto Lara	Chatô a três	Notoriedade	Entrevista

		Chateaubriand		Resende, Rubem Braga, Moacir Werneck de Castro, Evaldo Cabral			
363	24/01/1999	Plano real	Economia	José Luis Fiori, Celso Furtado, Gabriel Cohn, Contardo Calligaris, Leôncio Martins Rodrigues, Wanderley Guilherme dos Santos, Milton Santos	Caindo na real	Atualidade	Artigo
364	31/01/1999	História do Brasil	História	Kenneth Maxwell	Os dois brasis	Notoriedade	Ensaio
365	07/02/1999	Personalidade: Pierre Bourdieu	Filosofia	Pierre Bourdieu	Os campos minados	Atualidade	Entrevista
366	14/02/1999	Personalidade: Fellini e Simenon	Literatura	Simenon, Fellini, Hermano Vianna,	As cartas inéditas de Simenon e Fellini	Atualidade	Reportagem
367	21/02/1999	Esquerda	Política	GIDDENS, Anthony; PEREIRA, Bresser; GENRO, Tarso; KURZ, Robert.	Depois da paralisia da esquerda	Atualidade	Artigo
368	28/02/1999	Filosofia	Filosofia	Camos, Aron, Todorov, Heidegger, Richard Rorty, Spinoza, Antonio Negri	A razão atenta	Atualidade	Ensaio
369	07/03/1999	Economia brasileira	Economia	Bento Prado Jr.	Estados Unidos do Brasil	Atualidade	Reportagem
370	14/03/1999	Literatura americana	Literatura	Tom Wolfe, Norman Mailer, Marilena Chaui	A Guerra dos titãs	Atualidade	Artigo
371	21/03/1999	História do cinema	Cinema	Godard, Rancière, Benigni, Arthur Miller, Elia Kazan, Nelson Pereira dos Santos	A solidão de uma arte	Atualidade	Reportagem
372	28/03/1999	Personalidade: Machado de Assis	Literatura	Machado de Assis, Alfredo Bosi, Abel Barros Baptista	Machado universal	Notoriedade	Entrevista
373	04/04/1999	Utopia	Filosofia	Richard Rorty, Robert Kurz	Dois mitos do passado	Notoriedade	Ensaio
374	11/04/1999	Melhores livros de não-ficção	Sociologia	Não há	Os cem melhores livros de não-ficção do século	Atualidade	Enquete
375	18/04/1999	Personalidade: Nabokov	Literatura	Nabokov, Silviano Santiago, José Murilo de Carvalho	O gênio e o engenho de Nakokov	Comemoração	Ensaio
376	25/04/1999	Tradução da Ilíada	Literatura	Haroldo de Campos, Homero, Trajano Vieira, Hermano Vianna	Haroldo, 69, encontra homero, 2.800	Atualidade	Ensaio
377	02/05/1999	Guerra nos Bálcãs	Política	Susan Sontag, Enzensberger, Julia Kristeva, Milton Santos, Jurandir Freire Costa	Fronteiras de sangue	Atualidade	Artigo
378	09/05/1999	Cinema americano e política	Cinema	Oliver Stone, Warren Beatty, Tim Robbins, Alec Baldwin, Norman Lear, Montalbán, Subcomandante Marcos, Marilena Chaui	Hollywood enquadra Washington	Atualidade	Debate
379	16/05/1999	Personalidade: Balzac	Literatura	Balzac, Leyla Perrone-Moysés, Leda Tenório da Motta, Renato	Humano, demasiado humano	Comemoração	Artigo

				Janine, Samuel Titan Jr., Nelson Ascher, Evaldo Cabral, Rancière			
380	23/05/1999	Futuro do Brasil	Sociologia	Ulrick Beck, Anthony Giddens, Richard Rorty, Hermann Vianna, Manuel Castells	Brasil – o país do futuro (da sociedade de risco)	Notoriedade	Entrevista
381	30/05/1999	Personalidade: Franz Kafka	Literatura	Kafka	Quando certa manhã...	Notoriedade	Texto sob encomenda – prosa
382	06/06/1999	Brasilianistas	Estudos Culturais	Descartes, Bento Prado Jr.	Os novos brasilianistas	Atualidade	Reportagem
383	13/06/1999	Química	Ciência	Oliver Sacks, Carlo Ginzburg	A tabela periódica	Atualidade	Ensaio
384	20/06/1999	Astronomia	Ciência	Décio de Almeida Prado	Ciência nas estrelas	Atualidade	Reportagem
385	27/06/1999	Sociedade do controle	Filosofia	Gilles Deleuze, Foucault, Lévi-Strauss	A sociedade de controle	Atualidade	Ensaio
386	04/07/1999	Personalidade: Otto Maria Carpeaux	Literatura	Otto Maria Carpeaux, Nelson Ascher, Carlos Heitor Cony, José Lino Grünwald	Todas as letras do mundo	Atualidade	Artigo
387	11/07/1999	Estados Unidos	História	Robert Darnton	O século Americano	Notoriedade	Ensaio
388	18/07/1999	Capitalismo	Filosofia	Habermas	A muralha política	Atualidade	Ensaio
389	25/07/1999	Futebol	Sociologia	Salman Rushdie	O jogo do povo	Notoriedade	Ensaio
390	01/08/1999	Personalidade: Borges	Literatura	Borges	ABC de borges	Notoriedade	Texto sob encomenda: verbete
391	08/08/1999	Previsões para o próximo milênio	História	Jay Gould, Eco, Delumeau	Conversas à beira do milênio	Atualidade	Debate
392	15/08/1999	Plano real	Economia	Não há	Relíquias do Real	Atualidade	Reportagem
393	23/08/1999	Personalidade: Goethe	Literatura	Goethe, Franklin de Matos, Márcio Suzuki, Nelson Ascher	O impacto de Goethe	Comemoração	Ensaio
394	29/08/1999	História do Brasil	História	Pedro Álvares Cabral	Relação do piloto anônimo	Atualidade	Texto literário inédito
395	05/09/1999	Filme de Kubrick	Cinema	Laymert Garcia dos Santos, Nicolau Sevcenko, Bernardo Carvalho, Eliane Moraes, Kubrick	História da vida privada	Atualidade	Artigo
396	12/09/1999	Personalidade: Evaldo Cabral	História	Evaldo Cabral, José Murilo de Carvalho	O prazer da história	Atualidade	Entrevista
397	19/09/1999	O silêncio na arte	Filosofia	Peter Burke, Saer, Gumbrecht	[Silêncio]	Notoriedade	Artigo
398	26/09/1999	Personalidade: Borges	Literatura	Martin Amis, Ian McEwan, Borges	Quase infinito	Comemoração	Debate
399	03/10/1999	Internet e política	Cultura das Mídias	Richard Barbrook, José Murilo de Carvalho	www.cyber.comunis mo.	Atualidade	Entrevista
400	10/10/1999	Biogenética	Ciência	Peter Sloterdijk, Alexandre Zinoviev, Jânio de Freitas, Edgar Allan Poe, Walnice Galvão	O novo zoológico do homem	Atualidade	Entrevista
401	17/10/1999	Poesia brasileira	Literatura	João Cabral, Milton Santos, Rancière, Wallerstein	Depois de Cabral	Atualidade	Enquete
402	24/10/1999	Nazismo	História	Hjalmar Schacht, Günter Grass	O banqueiro de Hitler	Atualidade	Reportagem
403	31/10/1999	A formação cultural do ocidente	História	Jean-Pierre Vernant, Marilena Chauí	A invenção do homem	Notoriedade	Entrevista
404	07/11/1999	Personalidade: Koellreutter	Música	Koellreutter, Tom Zé, Caetano Veloso, Julio Medaglia, Luiz	A revolução de Koellreutter	Notoriedade	Entrevista

				Costa Lima			
405	14/11/1999	Teatro português	Literatura	Maria Velho da Costa, Abel Barros Baptista, Evaldo Cabral, Eça de Queirós	Duas madames	Atualidade	Entrevista
406	21/11/1999	Personalidade: Gramsci	Filosofia	Gramsci, Carlos Nelson Coutinho, Michael Löwy, Guido Liguori, Rouanet	Gramsci total	Atualidade	Entrevista
407	28/11/1999	História da psicanálise	Psicanálise	Freud, Renato Mezan, Maria Rita Kehl, Harold Bloom	O mundo secreto do homem	Notoriedade	Ensaio
408	05/12/1999	Personalidade: Einstein	Ciência	Einstein, Luiz Costa Lima	A revolução de Einstein	Notoriedade	Reportagem

3 Tabela descritiva das capas da segunda fase do suplemento

Número	Data	Tema	Área	Autores citados	Título principal	Gancho	Gênero de texto mais importante
409	12/12/1999	Interpretação do Brasil	Sociologia	Contardo Calligaris, Davi Arrigucci, Evaldo Cabral, Silviano Santiago, Luiz Felipe de Alencastro, Haroldo de Campos	Do homem cordial ao homem vulgar	Polêmica	Ensaio
410	19/12/1999	Terceira via	Política	Marilena Chauí	Fantasia da Terceira Via	Polêmica	Ensaio
411	26/12/1999	Valores morais	Estudos Culturais	Peter Burke, Jurandir Freire Costa, Alain de Botton, Robert Darnton, Renato Janine, Nina Horta, Mauro Robert Kurz, Bresser Pereira, Isaías Pessotti, Kenneth Maxwell, Otávio Frias Filho, Moacyr Scliar	Os novos 10 mandamentos	Valores culturais	Texto sob encomenda – mandamento
2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000	2000
412	02/01/2000	Cem melhores poemas do século	Literatura	Não há	Cem melhores poemas do século	Atualidade	Enquete
413	09/01/2000	Personalidade: Gérard Lebrun	Filosofia	Gérard Lebrun, Giannotti	Gérard Lebrun: a vida da imprudência	Notoriedade	Ensaio
414	16/01/2000	Macau e China	História	Kenneth Maxwell, Peter Burke, Manoel de Oliveira	Macau China	Valores culturais	Ensaio
415	23/01/2000	Cuba	História	Janio de Freitas	Cuba ida e volta	Atualidade	Ensaio
416	30/01/2000	Previsões para o Novo milênio	História	PRIGOGINE, Ilya; MONTAGNIER, Luc; GORGIMER, Nadine; LÉBRUN, Gérard; PRADO JR., Bento; CHAUÍ, Marilena. Bresser Pereira	Cartas para as futuras gerações	Valores culturais	Cartas
417	06/02/2000	Personalidade: Antunes Filho	Teatro	Antunes Filho	Os segredos de Antunes Filho	Notoriedade	Entrevista
418	13/02/2000	Personalidade: Décio de Almeida Prado	Teatro	Décio de Almeida Prado, Otávio Frias Filho, Bárbara Heliodora, Sábato Magaldi	Décio de Almeida Prado: Resumo do crítico	Comemoração	Ensaio
419	20/02/2000	Personalidade: Luis Buñuel	Cinema	Luis Buñuel, Jean-Claude Carrière, Cabrera Infante	As armadilhas de Buñuel	Notoriedade	Reportagem
420	27/02/2000	Consumo e tecnologia	Cultura das Mídias	Laymert Garcia Santos	Consumindo o futuro	Atualidade	Ensaio
421	05/03/2000	Internet	Cultura das Mídias	Fabiano Maisonnave, Paula Louzano	O futuro sombrio da internet	Atualidade	Reportagem
422	12/03/2000	Personalidade: Gilberto Freyre	Sociologia	Gilberto Freyre, Evandro Cabral, Peter Burke, Roberto Ventura, Elide Bastos, Hermano Vianna, Omar Ribeiro Thomaz, Enrique Larreta, José Mario Ferreira, Gilberto Vasconcellos	Céu & inferno de Gilberto Freyre	Notoriedade	Reportagem
423	19/03/2000	Arqueologia no Brasil	História	Não há	O país sem pré-história	Descoberta	Reportagem
424	26/03/2000	Fundação do Brasil	História	Marilena Chauí	O mito fundador do Brasil	Valores culturais	Ensaio

425	02/04/2000	História do Brasil	História	Não há	Guia de leitura da história brasileira	Atualidade	Enquete
426	09/04/2000	Leitura	Cultura das Mídias	Não há	O livro morreu! viva o e-livro!	Notoriedade	Reportagem
427	16/04/2000	Personalidade: Mário Pedrosa	Artes Plásticas	Otilia Arantes, Ferreira Gullar	Os dois planos de Mário Pedrosa	Comemoração	Ensaio
428	23/04/2000	Perspectivas de futuro do brasileiro	Antropologia	Não há	Relatório Folha da Utopia Brasileira	Atualidade	Reportagem
429	30/04/2000	Corpo	Estudos Culturais	Stella Senra, Lygia Clark, Suely Rolnik	Metamorfoses do corpo	Valores culturais	Ensaio
430	07/05/2000	Estados democráticos	Política	Eric HOBBSBAWM, Francis FUKUYAMA, Timothy ASH, Milton Santos	A implosão do Ocidente	Atualidade	Debate
431	14/05/2000	Personalidade: Raymundo Faoro	Sociologia	Não há	Raymundo Faoro: o decifrador do Brasil	Notoriedade	Entrevista
432	21/05/2000	Astronomia	Ciência	Não há	Caçada aos buracos negros	Atualidade	Reportagem
433	28/05/2000	História da alimentação	História	Evaldo Cabral	Raízes [da alimentação] do Brasil	Valores culturais	Ensaio
434	04/06/2000	Universidade brasileira	Política	João Alexandre Barbosa, Laymert Santos, Bresser Pereira, Luiz Costa Lima, Nicolau Sevcenko, Ricardo Musse	Universidade em choque	Atualidade	Artigo
435	11/06/2000	Sociedade norte-americana	Estudos Culturais	BROOKS, David; CALLIGARIS, Contardo; CARVALHO, José Murilo de;	A hora e a vez dos "bobos"	Valores culturais	Ensaio
436	18/06/2000	Escravidão	História	ALENCASTRO, Luiz Felipe; PERRONE-MOISÉS, Leyla; RANCIÈRE, Jacques; LEFORT, Claude.	A fronteira africana do Brasil	Atualidade	Entrevista
437	25/06/2000	Personalidade: Bento Prado Jr.	Filosofia	Bento Prado Jr., Shakespeare	Os domínios da filosofia	Notoriedade	Entrevista
438	02/07/2000	Personalidade: Ruy Coelho	Antropologia	Ruy Coelho, Antonio Candido	Dias em Trujillo	Notoriedade	Texto literário inédito
439	09/07/2000	Personalidade: Edgar Allan Poe	Literatura	Edgar Allan Poe, Newton da Costa, Euclides da Cunha, Walnice Nogueira Galvão, Luiz Costa Lima	O último mistério de Edgar Allan Poe	Notoriedade	Reportagem
440	16/07/2000	Decadência dos EUA	Política	Tom Wolfe	A decadência americana	Notoriedade	Ensaio
441	23/07/2000	Literatura dos anos 90 no Brasil	Literatura	Flora Süssekind, Millôr Fernandes	A literatura brasileira dos anos 90	Atualidade	Ensaio
442	30/07/2000	Mídia e Revolução Francesa	História	DARNTON, Robert	Rede de intrigas	Notoriedade	Ensaio
443	06/08/2000	Personalidade: Nietzsche	Filosofia	Nietzsche, Benedito Nietzsche, Roberto ROMANO, Oswaldo GACIOIA JR, Scarlett MARTON Clement ROSSET	Os lugares de Nietzsche	Notoriedade	Ensaio
444	13/08/2000	Mundo do trabalho contemporâneo	Economia	Luiz Felipe de ALENCASTRO, Ricardo ANTUNES, John GRAY	A servidão de Tom Cruise	Atualidade	Ensaio
445	20/08/2000	Perspectivas dos países africanos	Economia	CARVALHO, José Murilo de; CASTELLS, Manuel; CHAUI, Marilena	Desafios da África	Atualidade	Ensaio

446	27/08/2000	Personalidade: Pina Bausch	Cultura das Mídias	Pina Bausch, Arthur Nestrovski, Caetano Veloso	A arte total de Pina Bausch	Notoriedade	Entrevista
447	03/09/2000	Cinema brasileiro	Cinema	Walter Salles, Contardo Calligaris, Ismail Kadaré	O novo filme de Walter Salles	Atualidade	Reportagem
448	10/09/2000	Personalidade: Freud	Psicanálise	ROUANET, Sergio Paulo; COELHO, Marcelo; PHILLIPS, Adam; DERRIDA, Jacques, Silviano Santiago, Lévi-Strauss	Freud: conflito e cultura	Notoriedade	Ensaio
449	17/09/2000	Personalidade: Lindbergh	Literatura	Gore Vidal, Lindbergh	A saga de Lindbergh	Notoriedade	Ensaio
450	24/09/2000	Capitalismo norte-americano	Economia	NEGRI, Antonio; HARDT, Michael; SINGER, André; ZIZEK, Slavoj, Laymert Garcia	Império: um manifesto do século 21	Notoriedade	Entrevista
451	01/10/2001	Personalidade: Machado de Assis	Literatura	FUENTES, Carlos	Machado de la Mancha	Notoriedade	Ensaio
452	08/10/2001	História de Roma	História	Michael Lind	A segunda queda de Roma	Notoriedade	Ensaio
453	15/10/2000	Novo feminismo	Sexualidade	MITCHELL, Juliet; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia; COSTA, Jurandir Freire; ANGIE, Natalie	A nova onda do feminismo	Atualidade	Entrevista
454	22/10/2000	Personalidade: Kafka	Literatura	CARONE, Modesto; GIANNOTTI, José Arthur; PADRO JR., Bento	O senhor do castelo	Notoriedade	Ensaio
455	29/10/2000	Cinema de terror	Cinema	Jorge Coli	Corpo e espírito no cinema de terror	Notoriedade	Ensaio
456	05/11/2000	Personalidade: Marx	Filosofia	Marx, Giannotti, Tom Stoppard	Marx além de Marx	Notoriedade	Ensaio
457	12/11/2000	Personalidade: Nathalie Sarraute	Literatura	Palavras	Leyla Perrone-moisés	Atualidade	Artigo
458	19/11/2000	Nazismo	História	Não há	Ecos da barbárie: TV francesa transmite julgamento do criminoso de guerra Klaus Barbie	Atualidade	Artigo
459	26/11/2000	Homossexualidade	Literatura	Oscar Wilde	O tormento de Oscar Wilde	Entretenimento	Reportagem
460	03/12/2000	Personalidade: Lars von Trier	Cinema	Laymert Garcia, Lars Von Trier, Ismail Xavier	Estado de choque	Atualidade	Ensaio
461	10/12/2000	Personalidade: Tom Jobim	Música	MAMMI, Lorenzo; MASSI, Augusto	Tom Jobim: o artesão da música	Notoriedade	Artigo
462	17/12/2000	Física quântica	Ciência	Giannotti	O discreto charme do átomo	Notoriedade	Artigo
463	24/12/2000	Personalidade: Borges	Literatura	Borges	Borges professor	Notoriedade	Texto literário inédito
464	31/12/2000	Ética	Estudos Culturais	Não há	Milênio para iniciantes: um guia para entender o futuro	Atualidade	Textos sob encomenda – verbetes
2001	2001	2001	2001	2001	2001	2001	2001
465	07/01/2001	Volta de Rushdie à Índia	História	Salman Rushdie	Sonho de um retorno glorioso	Notoriedade	Ensaio
466	14/01/2001	Novas tecnologias	Cultura das Mídias	McLuhan	Cultura em mutação	Valores culturais	Ensaio
467	21/01/2001	Personalidade: Rainha Vitória	História	Nicolau Sevcenko, Terry Eagleton	A vitória-régia do Tamisa	Comemoração	Artigo
468	28/01/2001	Lógica que move os fatos históricos	História	Não há	O padrão invisível	Atualidade	Reportagem
469	04/02/2001	Personalidade: Walter Benjamin	História	George Steiner, Walter Benjamin, Alexandre Krüge	A viagem crepuscular de Walter	Notoriedade	Ensaio

					Benjamin		
470	11/02/2001	Personalidade: Saul Bellow	Literatura	Saul Bellow, Philip Roth, Arthur Nestrovski	Saul Bellow: as revelações	Notoriedade	Ensaio
471	18/02/2001	Personalidade: Clifford Geertz	Antropologia	Não há	A mitologia de um antropólogo	Notoriedade	Entrevista
472	25/02/2001	Ópera	Música	Jorge Coli	Túnica dos sons	Valores culturais	Ensaio
473	04/03/2001	Polêmica sobre Marx	Filosofia	José Arthur Giannotti Roberto Schwarz	O neto corrige o avô	Polêmica	Ensaio
474	11/03/2001	O significado da violência no esporte	Filosofia	Hans Ulrich Gumbrecht	As formas da violência: a experiência estética no esporte	Polêmica	Ensaio
475	18/03/2001	As formas de escrita da história	História	Tzvetan Todorov, Peter Burke, Robert Kurz	A moral da história	Atualidade	Ensaio
476	25/03/2001	Corpo e psicanálise	Psicanálise	Jurandir Freire Costa, Maria Rita Kehl, Laymert Garcia dos Santos, Stela Senra, Matt Ridley, Mãe Wanhô, Augusto de Campos, Giannotti	Corpo dilacerado, corpo reconstruído	Polêmica	Artigo
477	01/04/2001	Democracia no Chile	Política	André Singer	Chile, um país cindido	Valores culturais	Reportagem
478	08/04/2001	Personalidade: Lacan	Psicanálise	Lacan	Em nome do pai: a construção do mito Lacan	Notoriedade	Artigo
479	15/04/2001	A importância das bibliotecas	História	Robert Darnton, Peter Gay, Guillermo O'Donnell	Ruínas da memória	Notoriedade	Ensaio
480	22/04/2001	Ditadura militar	História	Não há	Médici e Nixon: as ligações secretas	Atualidade	Reportagem
481	29/04/2001	Personalidade: Paulo Vanzolini	Ciência	Dráuzio Varella, Paulo Vanzolini	Cobras e lagartos	Notoriedade	Entrevista
482	06/05/2001	Novas traduções de Dostoiévski	Literatura	Dostoiévski	Dostoiévski direto do russo	Atualidade	Reportagem
483	13/05/2001	Personalidade: Murilo Mendes	Literatura	Murilo Mendes, Nelson Ascher, Murilo Moura, Luiz Costa Lima, Luciana Stegagno Picchio, Leyla Perrone-Moisés, Maurice Nadeau	Murilo Mendes e o mistério da poesia ¹	Comemoração	Artigo
484	20/05/2001	Influência da cultura latina nos EUA	Estudos Culturais	Ilan Stavans, Mike Davis, Robert Darnton	A nova antropofagia	Notoriedade	Reportagem
485	27/05/2001	Governo FHC	Política	Paulo Eduardo Arantes, Jacques Derrida, Giannotti	O apagão da era tucana	Atualidade	Ensaio
486	03/06/2001	Mudança nos filmes de Hollywood	Cinema	Boris Goys, Maria Sylvia Carvalho Franco	Deuses escravizados: a guinada metafísica da Hollywood	Atualidade	Ensaio
487	10/06/2001	Cinema marginal	Cinema	Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet, Jean Baudrillard, Jacques Rancière	A recusa da utopia	Atualidade	Artigo
488	17/06/2001	Governo FHC	Política	Jurandir Freire Costa, Sergio Miceli, Laymert Garcia dos Santos, Moacyr Scliar	O Brasil domesticado	Atualidade	Artigo
489	24/06/2001	Limites da explicação científica	Ciência	Steven Weinberg, Luis Felipe de Alencastro, Giannotti, Gumbrecht	As margens do conhecimento	Notoriedade	Entrevista
490	01/07/2001	Direitos humanos nos EUA	Política	Contardo Calligaris, Susan Sontag, Timothy McVeigh	América fraturada	Atualidade	Ensaio
491	08/07/2001	Personalidade:	Literatura	Timothy Garton	A permanência	Comemoração	Ensaio

	1	George Orwell		Ash, George Orwell	de George Orwell		
492	15/07/2001	Personalidade: José Guilherme Merquior	Literatura	José Guilherme Merquior, André Singer, Sergio Paulo Rouanet, Celso Lafer, Luiz Costa Lima, Wally Salomão	O pensamento múltiplo de José Guilherme Merquior	Atualidade	Artigo
493	22/07/2001	Personalidade: Adorno	Filosofia	Axel Honeth	Os herdeiros de Adorno	Notoriedade	Entrevista
494	29/07/2001	Astronomia	Ciência	Marcelo Gleiser	O fim do mundo	Atualidade	Ensaio
495	05/08/2001	Personalidade: Milan Kundera	Literatura	Donald Griffin, Milan Kundera	O diário íntimo de Milan Kundera	Notoriedade	Artigo
496	12/08/2001	Lançamento do filme "Amnésia"	Cinema	Jonathan Nolan	O homem dez-minutos	Atualidade	Ensaio
497	19/08/2001	Astrologia	Ciência	Peter Burke, História	Signos em rotação: intelectuais discutem o papel da astrologia nas sociedades contemporâneas	Entretenimento	Artigo
498	26/08/2001	Personalidade: Eric Rohmer	Cinema	Jacques Rancière	O terror segundo Rohmer	Notoriedade	Entrevista
499	02/09/2001	Inteligência artificial	Cinema	Steven Spielberg	Mentes que brilham	Atualidade	Reportagem
500	09/09/2001	Número 50 dos Mais!	Cultura das Mídias	Ferreira Gullar, Leyla Perrone-Moisés, Francisco Alvin, Silviano Santiago, Marcus Mezzari, Nuno Ramos, Walnice Nogueira Galvão, Amartya Sen, Renina Katz, Dudi Maia Rosa, Žižek, Décio Pignatari, Hans Magnus Erzensberg, Thomas Mann, Jurandir Freire Costa, Giannotti, Eric Hosbawm, Antonio Tabucchi, Paulo Pasta, Sebastião Uchoa Leite	500	Comemoração	Enquete
501	16/09/2001	Personalidade: Roberto Mangabeira Unger	Política	Não há	A ambição da política	Atualidade	Entrevista
502	23/09/2001	Atentado ao WTC	Política	Slavoj ŽIŽEK, GUMBRECHT, SONTAG, Fernando SAVATER, Alain TOURAINE, Edward LUTTWAK	O trabalho de luto: realidade, espetáculo, guerra e estratégia	Atualidade	Artigo
503	30/09/2001	Principais personagens da literatura	Literatura	Machado de Assis, Guimarães Rosa	Capitu, a N.º 1	Atualidade	Enquete
504	07/10/2001	Cartas entre Clarice Lispector e Fernando Sabino	Literatura	Clarice Lispector, Fernando Sabino	A aprendizagem da literatura	Notoriedade	Cartas
505	14/10/2001	O canto à beira do precipício	Cultura das Mídias	Marshall Berman	O canto à beira do precipício	Notoriedade	Entrevista
506	21/10/2001	Atentados ao WTC	Política	Nicolau Sevcenko, Francisco Alambert, Thoureau, William James	Raízes da América	Atualidade	Artigo
507	28/10/2001	Personalidade: André Malraux	Literatura	Paulo Emílio Salles Gomes	A violência da história	Comemoração	Reportagem
508	04/11/2001	A morte vista pela ciência	Ciência	James Hughes, Cecília Meireles,	O futuro da morte	Descoberta	Ensaio

				Faulkner, Silviano Santiago			
509	11/11/2001	Contratos humanos	Política	Enzensberger, Rancière, Zizek, Jeremy Rifkin	O contato das civilizações	Atualidade	Artigo
510	18/11/2001	Riso	Filosofia	Gerard Genette, Bento Prado Jr., Isaías Pessotti, Abel Baptista, Moacyr Scliar, Nelson Asher, Nelson de Oliveira	Excesso de riso	Notoriedade	Texto sob encomenda – piada
511	25/11/2001	Multiculturalismo	Crítica	Raymond Russel, Leyla Perrone-Moisés, Alain Robe-Grillet, Juan José Saer	Jogos de línguas	Valores culturais	Ensaio
512	02/12/2001	Infância	Estudos Culturais	Não há	A expansão da infância	Valores culturais	Ensaio
513	09/12/2001	Arquitetura nos EUA	Arquitetura	Paolo Portoghesi, Frank Gehry, Segismundo Spina	A arquitetura da reconstrução	Atualidade	Entrevista
514	16/12/2001	Personalidade: Claude Lévi-Strauss	Antropologia	Claude Lévi-Strauss, Luiz de Castro Faria	A expedição inútil	Notoriedade	Entrevista
515	16/12/2001	Ateliers de artistas brasileiros	Artes Plásticas	Não há	Casa dos artistas	Entretenimento	Reportagem
516	16/12/2001	Ensaio sobre o conto	Literatura	Cabrera Infante	Uma história do conto	Atualidade	Ensaio
2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002
517	06/01/2002	Impasses entre religião e conhecimento	Filosofia	Habermas	Os impasses do presente	Valores culturais	Ensaio
518	13/01/2002	Programa brasileiro na Antártida	Ciência	Não há	Ciência a frio	Atualidade	Reportagem
519	20/01/2002	Textos sobre produtos culturais	Crítica	Giannotti, Rancière, Garton Ach, Cees Noteboom, Sollers	Pontos críticos	Atualidade	Artigo
520	27/01/2002	Verbete com palavras sobre o consumo nos dias de hoje	Estudos Culturais	Canclini, Alain Touraine, Paulo Eduardo Arantes, Manuel Castells, Maria da Glória Gohn	As entranhas da globalização	Atualidade	Texto sob encomenda – verbete
521	03/02/2002	Análise de livro sobre massacre de índios	Antropologia	Clifford Geertz, Michel Leiris, Silviano Santiago, Pierre Bourdieu	Mitologias	Interesse humano	Ensaio
522	10/02/2002	Entrevistas com maiores escultores brasileiros	Artes Plásticas	Francisco Brenand, Frans Krajacberg, Amílcar de Castro	As três dimensões da escultura brasileira	Notoriedade	Entrevista
523	17/02/2002	Número especial sobre o Mais!	Cultura das Mídias	Antonio Candido, Evaldo Cabral, Ferreira Gullar, Godard, E.O. Wilson, Augusto de Campos	Caderno completa 10 anos	Comemoração	Enquete
524	24/02/2002	Personalidade: Lúcio Costa	Arquitetura	Lúcio Costa, Otília Arantes	O revolucionário tranquilo	Comemoração	Reportagem
525	23/03/2002	Barbárie no mundo contemporâneo	Política	Giannotti, Peter Sloterdijk, Arthur Omar	Ecos do terror	Atualidade	Artigo
526	10/03/2002	Interpretação do Brasil	Literatura	Roberto Schwarz	O país do elefante	Valores culturais	Ensaio
527	17/03/2002	Cultura brasileira	Literatura	Walnice Nogueira Galvão	Cultura contra cultura	Notoriedade	Ensaio
528	24/03/2002	Comédias do cinema Americano	Cinema	Stanley Cavell, Frank Capra, George Cukor, Leo McCarey, Howard Hawks	O pastelão sem tortas de Hollywood	Notoriedade	Ensaio
529	31/03/2002	Televisão brasileira	Cultura das Mídias	Não há	A TV depois do real	Notoriedade	Ensaio
530	07/04/2002	América Latina	Política	Kenneth Maxwell, Juan José Saer, Armando Silva	A América Latina joga a toalha	Atualidade	Ensaio
531	14/04/2002	Guerras no século XX	Política	Eric Hobsbawm, Le Goff	A epidemia da guerra	Atualidade	Ensaio
532	21/04/2002	Personalidade: Sousândrade	Literatura	Sousândrade, Augusto de Campos	O poeta secreto	Comemoração	Entrevista

533	28/04/2002	Biografias	História	Simon Schama, Peter Burke, Maria Sylvia Carvalho Franco	Vidas às avessas	Atualidade	Ensaio
534	05/05/2002	Moda	Sociologia	Hans Ulrich Gumbrecht,	Dialética das passarelas	Atualidade	Ensaio
535	12/05/2002	Personalidade: Marinetti	Literatura	Marinetti, Mário de Andrade, Graça Aranha	O Brasil mítico de Marinetti	Notoriedade	Ensaio
536	19/05/2002	Religião	Religião	Antônio Flávio Pierucci, Rouanet, Toby Lester, Costa-Gravas	A encruzilhada da fé	Atualidade	Ensaio
537	26/05/2002	Futebol	Estudos Culturais	WISNIK; NEGRÍ, Antonio; OLIVETTO, Washington; RAMOS, Nuno; MONTEIRO, Fernando; NESTROVSKI, Arthur; KONDER, Leandro; GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROSSI, Clóvis; SANT'ANNA, André; TEZZA, Cristovão; GIORGETTI, Ugo	Gol de letra: a seis dias da copa, 12 craques do texto elegem o gol antológico da história do futebol	Valores culturais	Texto sob encomenda – prosa
538	02/06/2002	Estética	Artes Plásticas	Jorge Coli, Mary Shelley	O fascínio de Frankenstein	Entretenimento	Ensaio
539	09/06/2002	Filosofia de Marx	Filosofia	Marx, Ruy Fausto, Mészáros	Marx contra Marx	Atualidade	Entrevista
540	16/06/2002	Drogas	Estudos Culturais	Não há	Confissões de um comedor de ecstasy de meia-idade	Interesse humano	Depoimento
541	23/06/2002	Personalidade: Sérgio Buarque de Holanda	História	Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, Peter Burke, Gabriel Cohn, Ronaldo Vainfas, Luiz Costa Lima, Alcir Pécora, Kenneth Maxwell, Maria Odila Leite da Silva Dias, Antonio Amoní Prado	O paraíso redescoberto de Sérgio Buarque de Holanda	Notoriedade	Texto sob encomenda – prosa
542	30/06/2002	Humanidades	Literatura	Leyla Perrone-Moisés	Para que servem as humanidades	Polêmica	Ensaio
543	07/07/2002	Personalidade: Brecht e Bandeira	Literatura	BRECHT, Bertolt; BANDEIRA, Manuel; BARTHES, Roland	Brecht por Bandeira	Notoriedade	Artigo
544	14/07/2002	Recursos naturais	Sociologia	Laymert Garcia dos Santos, José Augusto Pádua, Manuela Carneiro da Cunha, Robert Kurz	Queimando o futuro	Atualidade	Ensaio
545	21/07/2002	Ascensão da direita na Europa	Política	Robert Darnton, Garton Ash, Alain Touraine	A Europa antes da revolução, depois da direita	Atualidade	Artigo
	28/07/2002	Personalidade: Ozualdo Candeias	Cinema	Ozualdo Candeias, Jean-Claude Bernardet, Carlos Augusto Calil, Ivan Cardoso, Hélio Oiticica	O cinema limítrofe	Notoriedade	Artigo
547	04/08/2002	O riso na política	Filosofia	Quentin Skinner, Espinosa, Descartes	A arma do riso	Valores culturais	Ensaio
548	11/08/2002	América Latina	Política	CARVALHO, José Murilo; MAXWELL, Kenneth; SCHWARTZ, Stuart; CASTRO,	O continente irrelevante	Atualidade	Artigo

				Eduardo Viveiros de			
549	18/08/2002	Racismo	Estudos Culturais	Não há	A geração hip-hop	Polêmica	Entrevista
550	25/08/2002	Personalidade: Paulo Autran, Paulinho da Viola	Música	Paulo Autran, Paulinho da Viola	Paulo Paulinho	Notoriedade	Entrevista
551	30/06/2002	Literatura brasileira	Literatura	Silviano Santiago, Leyla Perrone	Literatura anfíbia	Notoriedade	Ensaio
552	08/09/2002	Espionagem	História	JEFFREYS-JONES, Rhodri, Zizek, Décio Pignatari, Gore Vidal	Homens de preto	Notoriedade	Ensaio
553	15/09/2002	Sexo na antiguidade	História	VEYNE, Paul	Sexo e poder à moda antiga	Valores culturais	Ensaio
554	22/09/2002	Cinema e cultura de massa	Culturas da mídia	Marshall Berman	Os portões do paraíso	Entretenimento	Ensaio
555	27/09/2002	Estética	Filosofia	Alain Badiou, Philippe Dagen, Lorenzo Mammi	Guerrilhas estéticas	Atualidade	Entrevista
556	06/10/2002	Eleições	Literatura	SANT'ANNA, Sérgio; PESSOTTI, Isaías; AMARAL, Suzana; SANTOS, Jair Ferreira dos; SOUZA, Voltaire de; SOARES, João; ANGELI	Um dia na vida de um mesário	Atualidade	Texto sob encomenda - prosa
557	13/10/2002	Verbetes de ciências humanas	Filosofia	CALLIGARIS, Contardo; TRAGTENBERG, Lívio; NAGIB, Lúcia; NASSIF, Luís; GUMBRECHT, Hans Ulrich; CEAROTTO, Oscar; ROLNIK, Suely, FRIAS FILHO, Octavio; GIACIOIA, Oswaldo; VASCONCELLOS, Gilberto; SCLAR, Moacyr	As novas doutrinas	Atualidade	Texto sob encomenda - verbete
558	20/10/2002	Alimentação	Antropologia	FERNANDEZ-ARRESTO, Felipe; SHOWALTER, Elaine, Paulo Emilio Salle Gomes, Silvano Santiago	A civilização fast food	Valores culturais	Ensaio
559	27/10/2002	Personalidade: Carlos Drummond de Andrade	Literatura	FREIRAS FILHO, Armando; AZEVEDO, Carlito; ALVIM, Francisco; VILLAÇA, Alcides; PRADO JR., Bento; PERIUS, Cristiano; CANÇADO, José Maria; CASTRO, João Cesar de; RESENDE, Beatriz	O superpoeta	Comemoração	Ensaio
560	03/11/2002	Personalidade: Eric Hobsbawm	História	Eric Hobsbawm, Perry Anderson	A era de Hobsbawm	Notoriedade	Ensaio
561	10/11/2002	Personalidade: Thomas Mann, Adorno	Filosofia	Thomas Mann, Adorno, George Steiner	A correspondência a Thomas Mann Adorno	Notoriedade	Cartas
562	17/11/2002	Personalidade: Roland Barthes	Literatura	Roland Barthes, Leyla Perrone-Moisés	Barthes real	Notoriedade	Artigo
563	24/11/2002	Novos paradigmas da ciência	Ciência	Robert Laughlin, Carl Djerassi	Ciência nova	Atualidade	Texto literário inédito
564	01/12/2002	Os sertões	Literatura	GULLAR, Ferreira; LOURENÇO,	Os sertões fazem anos	Comemoração	Texto sob encomenda: depoimentos

				Eduardo; VILLA, Marco Antonio; MATTOSO, Kátia; SANTIAGO, Silvano; SANTOS, Nelson Pereira; COLI, Jorge; XAVIER, Ismail; ROUANET, Sergio; COSTA, Jurandir Freire; SCLIAR, Moacyr; GALVÃO, Walnice Nogueira; VENTURA, Roberto; CUNHA, Euclides; VERISSIMO, José			
565	08/12/2002	Conflitos mundiais	Política	Jean-Luc Nancy	O espectro do ocidente	Atualidade	Entrevista
566	15/12/2002	Indicações de leitura	Literatura	Não há	O que ler (e não ler) nas férias	Atualidade	Texto sob encomenda - Artigo
567	FALTA	FALTA	FALTA				
2003	2003	2003	2003	2003	2003	2003	2003
568	05/01/2003	Continuidade do governo brasileiro	Política	José Murilo de Carvalho, Alain Touraine, Laymert Garcia Santos, Nicolau Sevcenko	Utopia e contra-utopia	Atualidade	Ensaio
569	12/01/2003	Terremoto de Lisboa	História	Kenneth Maxwell	Lisboa Visitada	Notoriedade	Ensaio
570	19/01/2003	Genética	Ciência	Não há	A nova estampa da vida	Descoberta	Artigo
571	26/01/2003	Tratamento da depressão	Psicanálise	Maria Rita Kehl, Isaías Pessotti, Gerard Haddad	Conflitos Psi	Atualidade	Ensaio
572	02/02/2003	Cultura política nos EUA	Política	Richard Rorty, Edward Said, Philip Roth, Norman Mailer	Unidos pela discórdia	Atualidade	Ensaio
573	09/02/2003	Observação dos astros	Ciência	Feeman Dyson, Rouanet, Giannotti	O vício noturno	Atualidade	Ensaio
574	16/02/2003	Produção de textos a partir de sonhos de Kafka	Literatura	Kafka, Regina Silveira, Guattari	O processo onírico	Notoriedade	Texto sob encomenda – prosa
575	23/02/2003	Novas definições para os verbetes “esquerda” e “guerra”	Política	Michael Hardt, Richard Rorty, Zizek	Brevíssimo dicionário: esquerda e guerra	Atualidade	Texto sob encomenda – verbete
576	02/03/2003	Alimentação	Antropologia	GUMBRECHT, Hans Ulrich	Prazeres da mesa	Valores culturais	Ensaio
577	09/03/2003	Personalidade: Graciliano Ramos	Literatura	Silviano Santiago, Benedito Nunes, Ferreira Gullar, Luiz Costa Lima	Estado de graça	Notoriedade	Ensaio
578	16/03/2003	Direitos humanos	Sociologia	AGAMBEN, Giorgio; KURZ, Robert; GIANNOTTI, José Arthur	Pontos cegos do ocidente	Interesse humano	Artigo
579	23/03/2003	Genética	Ciência	Não há	O ser humano 2.0	Atualidade	Ensaio
580	30/03/2003	Livros investigam “causas” da homossexualidade	Sexualidade	Zizek, Bush	Amores expressos	Atualidade	Ensaio
581	06/04/2003	A(r)tivismo	Filosofia	Jacques Rancière	A explosão do a(r)tivismo	Atualidade	Reportagem
582	13/04/2003	Desejo	Psicanálise	Adam Phillips, Louis Begley, Mario Vargas Llosa	O desejo no divã	Notoriedade	Ensaio
583	20/04/2003	Documentário sobre Nelson Freire	Música	Nelson Freire, José Miguel Wisnik, João Moreira Salles	Pianoforte	Atualidade	Ensaio
584	27/04/2003	Verbetes de enciclopédia de geopolítica	História	Não há	Notas de uma enciclopédia do futuro – Terra 2003	Atualidade	Texto sob encomenda – verbete
585	04/05/2003	Novos autores norte-americanos	Literatura	Não há	Palavras cruzadas	Atualidade	Reportagem

586	11/05/2003	Sexo	Estudos Culturais	THEROUX, Paul; COSTA Jurandir Freire; LAQUEUR, Thomas; SCLiar, Moacyr.	Prazeres (às vezes) proibidos	Valores culturais	Artigo
587	18/05/2003	Estudos brasileiros no exterior	Sociologia	Kattia Mattoso, Ruy Fausto, Gláucio Soares, Yara Frateschi Vieira, Manuela Carneiro da Cunha, Lídia Santos, Lígia Chiappini, Alfredo Valladão, Marcelo Dascal, Luiz Felipe Alencastro, Leopoldo Bernucci	Revisões do paraíso	Atualidade	Enquete
588	25/05/2003	Tecnociência	Ciência	Martin Rees	Armadilha final	Descoberta	Reportagem
589	01/06/2003	Personalidade: George Orwell	Literatura	Thomas Pynchon, Louis Menand, Robert Kurz	Orwell reloaded	Notoriedade	Artigo
590	08/06/2003	Filósofos apontam autores que influenciaram em sua formação	Filosofia	Richard Rorty, Jürgen Habermas, Bento Prado Jr., Luiz Alfredo Garcia-Roza	As margens da filosofia	Notoriedade	Enquete
591	15/06/2003	Personalidade: Ricardo Piglia	Literatura	Ricardo Piglia, Jorge Luis Borges	A ficção paranóica	Notoriedade	Entrevista
592	22/06/2003	Bioética	Ciência	Zizek	Engenharia genética	Notoriedade	Ensaio
593	29/06/2003	Mais! convida tradutores para verter "Zona", de Appolinaire, para o português	Literatura	PERRONE-MOISÉS, Leyla; MEZAN, Renato; LIMA, Luiz Costa; GALVÃO, Walnice Nogueira	Zona em pedaços	Notoriedade	Texto sob encomenda – tradução
594	06/07/2003	Crise da hegemonia norte-americana no governo Bush	Política	Dominic Lieven, Robert Kurz	A maldição do império	Atualidade	Ensaio
595	13/07/2003	Pintores modificam gravuras de Goya	Artes Plásticas	Jake Chapman, Dinos Chapman, Goya, Gerard Hemsworth, Rosângela Rennó, Jean-Claude Bernardet	Arte sem tabu	Notoriedade	Reportagem
596	20/07/2003	Livro sobre o extermínio de judeus na Segunda Guerra	História	Paul Celan, Nelson Ascher	O mecanismo do terror	Atualidade	Entrevista
597	27/07/2003	Texto inédito de Calvino	Literatura	Ítalo Calvino, Kafka, Susana Lages	O diário americano de Calvino	Atualidade	Reportagem
598	03/08/2003	Enquete sobre o primeiro filme de cineastas brasileiros	Cinema	Hector Babenco, Cacá Diegues, Nelson Pereira dos Santos, Walter Salles, José Mojica Marins, Carlos Reichenbach, Beto Brant, Tata Amaral, Rogério Sganzerla, Eduardo Coutinho	Meu primeiro filme	Notoriedade	Enquete
599	10/08/2003	Sexo em Nova York pós-11 de setembro	Sexualidade	Contardo Calligaris	Sexo na cidade	Valores culturais	Ensaio
600	17/08/2003	Discussões sobre arte performática	Artes Plásticas	Laurie anderson, Marina Abramovic, Nick Horby, Humphrey Ocena, Franco Moretti	Encontros performáticos	Atualidade	Diálogo
601	24/08/2003	História dos escravos que retornaram para a África	História	João José Reis, Flávio Gomes	A saga dos retornados	Atualidade	Ensaio
602	31/08/2003	Personalidade: Adorno	Filosofia	Giannotti, Ricardo Musse, Marcos Nobre, Iray Carone	Adono popstar	Notoriedade	Entrevista

603	07/09/2003	Cânone	Literatura	Silviano Santiago, Peter Burke, George Steiner, Harold Bloom, Marx, Elgels, Juan José Saer, Pablo Neruda	Vestígios do cânone	Valores culturais	Ensaio
604	14/09/2003	Personalidade: Haroldo de Campos	Literatura	Haroldo de Campos, Trajano Vieira, Layla Perrone-Moisés, Celso Lafer, Livio Tragtenberg, Guillermo Cabrera Infante	Haroldo nas Estrelas	Atualidade	Texto literário inédito
605	21/09/2003	Dicionário de lugares-comuns dos dias atuais	Política	Não há	Novo dicionário das ideias feitas	Atualidade	Texto sob encomenda – verbete
606	27/09/2003	Ensaístas discutem intérpretes do Brasil	Sociologia	FHC, Roberto Schwarz, Gilberto Freyre, Francisco de Oliveira	Brasil frente e verso	Notoriedade	Ensaio
607	05/10/2003	Televisão e realidade	Cultura das Mídias	Gugu, Gilberto Braga	É tudo novela	Entretenimento	Ensaio
608	12/10/2003	Personalidade: Tom Zé	Música	Tom Zé, Hermano Vianna	A música que meio de Irará	Notoriedade	Entrevista
609	19/10/2003	Zigmunt Bauman	Sociologia	Zigmunt Bauman	A sociedade líquida	Atualidade	Entrevista
610		Personalidade: Virginia Woolf	Literatura	Virginia Woolf, Stephen King	Virginia Woolf secreta	Notoriedade	Texto literário inédito
611	02/11/2003	Pós-modernismo	Crítica	Terry Eagleton; Fredric Jameson; Ciro Marcondes; Teixeira Coelho, Daniel Aarão Reis, Jean Baudrillard	O pós-modernismo morreu?	Atualidade	Entrevista
612	09/11/2003	Influência da tecnologia na produção cultural	Cultura das Mídias	Hermano Vianna, Laymert Garcia dos Santos, Augusto de Campos, Timothy Leary	Ciberrevoluções	Atualidade	Ensaio
613	16/11/2003	Crise da literatura brasileira	Literatura	Silviano Santiago	A falha da literatura brasileira	Atualidade	Ensaio
614	23/11/2003	Filmes sobre o mal	Cinema	Jacques Rancière, Lars Von Trier, Clint Eastwood, Gus Van Sant, David Lodge, John Boorman	O império do mal	Entretenimento	Ensaio
615	30/11/2003	Personalidade: Slavoj Žižek	Filosofia	Žižek	O superintelectual	Notoriedade	Entrevista
616	07/12/2003	Ensaio discute enfraquecimento da psicanálise	Psicanálise	Jurandir Freire Costa, Frank Furedi	Terapia do risco	Atualidade	Ensaio
617	14/12/2003	Ensaio discute permanência do livro	Literatura	Umberto Eco	O livro contra-ataca	Atualidade	Ensaio
618	21/12/2003	Personalidade: Arthur Miller	Literatura	Arthur Miller, Allen Ginsberg, Andy Warhol, Arthur Clarke	Memórias de Arthur Miller no hotel Chelsea	Notoriedade	Ensaio
619	28/12/2003	Não circulou	Não circulou	Não circulou	Não circulou	Não circulou	Não circulou
2004	2004	2004	2004	2004	2004	2004	2004
620	04/01/2004	Vários temas	História	Sergio Paulo Rouanet, Evaldo Cabral de Melo, Alcir Pécora	Os terríveis simplificados Revisão da independência Cinco poetas brasileiros	Atualidade	Artigo
621	11/01/2004	Teorias sobre o cosmo	Ciência	João Magueijo, Peter Burke, Alain Touraine	Universo feio	Descoberta	Reportagem
622	18/01/2004	Games	Estudos Culturais	Não há	A revolução dos games	Atualidade	Ensaio
623	25/01/2004	Relato de viagem	Literatura	William Henry May, Jean Marcel Carvalho França,	Viagem a São Paulo	Atualidade	Texto literário inédito

				Moacyr Scliar, Teixeira Coelho, Nelson de Oliveira			
624	01/02/2004	Debates sobre o mundo pop	Cultura das Mídias	David Bowie, Courtney Love, Jeremy Blake, Richard Prince, Lars von Trier, Paul Thomas Anderson	Talkshow: três conversas sobre o mundo pop	Valores culturais	Debate
625	08/02/2004	Ensaio relaciona personagem Highsmith com ausência de culpa	Literatura	Slavoj Zizek, Patricia Highsmith, Giannotti, Luiz Costa Lima, Silvano Santiago	Caso de política	Atualidade	Ensaio
626	15/02/2004	Forma como ocorre a percepção no cérebro	Ciência	Oliver Sacks, Saul Bellow, Martin Amis, Timothy Garton Ash	Cinema interior	Descoberta	Ensaio
627	22/02/2004	Teatro de Eugene O'Neill	Teatro	Eugene O'Neill, Tony Kushner, Shakespeare, Frank Kermode, Ken Follett	A cena do jogo	Notoriedade	Ensaio
628	29/02/2004	Violência	Sociologia	João Cezar de Castro Rocha	Dialética da marginalidade	Interesse humano	Ensaio
629	07/03/2004	Relações ocidente-orientes	Política	Samuel Huntington, Anthony Giddens	O choque dos ocidentes	Atualidade	Debate
630	14/03/2004	Pós-modernismo	Filosofia	Gilles Lipovetsky	O nascimento do hipermoderno	Atualidade	Entrevista
631	21/03/2004	Soluções para a crise econômica	Economia	Carlos Lessa, Gustavo Franco, Maria da Conceição Tavares, Luiz Gonzaga Belluzzo, Bresser-Pereira, Luiz Carlos Mendonça de Barros	A via-crúcis do Brasil	Atualidade	Enquete
632	28/03/2004	A morte na arte	Artes Plásticas	David Lynch, Damien Hirst, Andrés Serrano, Marc Quinn, Jon Fabre, Paul McCarthy, Marina Saleme	A sangue frio: a morte na arte contemporânea	Notoriedade	Enquete
633	04/04/2004	Filmes e literatura policial	Cinema	Eric Rohmer, John Le Carré, Marçal Aquino, Joaquim Nogueira, Richard Rorty, Giannotti, José Murilo de Carvalho	Jogos de espões	Notoriedade	Entrevista
634	11/04/2004	Perfil sobre seminaristas	Religião	Bernard Lewis, Roberto Romano, Edgar Morin	Lavoura arcaica	Atualidade	Reportagem
635	18/04/2004	Ensaio sobre permanência de escritor na África	Literatura	Paul Theroux	Turistas acidentais	Atualidade	Ensaio
636	25/04/2004	Entrevistas imaginárias com escritores	Literatura	Thomas Pynchon, Dalton Trevisan, J.D. Salinger, Rubem Fonseca, Herberto Helder, J.M. Coetzee, Julien Gracq, Mário de Andrade	É tudo mentira	Entretenimento	Entrevista
637	02/05/2004	Texto teatral de Harold Bloom	Literatura	Harold Bloom, Bárbara Heliodora, Hans Ulrich Gumbrecht, Angeli	Macbush, fragmentos de uma tragicomédia	Notoriedade	Texto sob encomenda - teatro
638	09/05/2004	Registros de domínios na internet	Cultura das Mídias	James Gleick, Slavoj Zizek	Ninguém é de ninguém	Atualidade	Ensaio
639	16/05/2004	Preservação de obras de arte	Artes Plásticas	Lygia Pape, Hermano Vianna	A miopia crítica	Atualidade	Entrevista
640	23/05/2004	Literatura latino-americana atual	Literatura	Efraim Medina Reyes, Machado de Assis, Roberto Schwarz, Julio	O boom do realismo urbano	Atualidade	Entrevista

				Bressane, Ismail Xavier			
641	30/05/2004	Entrevista de Deleuze sobre vários temas	Filosofia	Gilles Deleuze, Marx, Nietzsche, Wittgenstein	O ABC da filosofia	Notoriedade	Ensaio
642	06/06/2004	Brasilianista fala do país	História	James Green, Thomas Skidmore, Tatiana Vorozheikina	Mr. Brazil	Atualidade	Entrevista
643	13/06/2004	Morte de tudo	Estudos Culturais	CARVALHO, José Murilo de; OLIVETTO, Washington, KEHL, Maria Rita; DARNTON, Robert	Variações do fim de tudo	Valores culturais	Enquete
644	20/06/2004	Bertolucci fala de seu novo filme	Cinema	Bertolucci, Jean-Pierre Gorin, Glauber Rocha, Godar	A câmera secreta	Atualidade	Entrevista
645	27/06/2004	Cotas	Sociologia	Hermano Vianna, Zygmunt Bauman, Jacques Rancière, Arnaldo Saraiva, Dylan Thomas, Augusto de Campos	Cotas da discórdia	Polêmica	Ensaio
646	04/07/2004	Personagem: Ernst Mayr	Ciência	Ernst Mayr, Vladimir Nabokov, Michael Maar, Richard Rorty	Ernst Mayr, 100: a evolução em perspectiva	Comemoração	Ensaio
647	11/07/2004	Revolução de 1924	História	José de Souza Martins, Robert Kurz	São Paulo arruinada	Comemoração	Reportagem
648	18/07/2004	Internet e relacionamento amoroso	Cultura das Mídias	Pierre Michon, Leyla Perrone-Moisés	Intimidade virtual	Atualidade	Ensaio
649	25/07/2004	Autor analisa infantilização da cultura ocidental	Estudos Culturais	Frank Furedi	A síndrome dos kidults	Valores culturais	Ensaio
650	01/08/2004	Autores travam Notoriedade em torno de livro de Negri e Hardt	Política	Francis Fukuyama, Michael Hardt, Antonio Negri, Ruy Fausto, Paulo Arantes	Multidão, um manifesto	Polêmica	Entrevista
651	08/08/2004	Autores escrevem sobre experiências com práticas esportivas	Literatura	Nicolau Sevcenki, Eduardo Suplicy, Jorge Grespan, Moacyr Scliar, Roland Barthes, Sérgio Buarque de Holanda, Cristiano Mascaro	Jogo e letras	Atualidade	Texto sob encomenda - Artigo
652	15/08/2004	Autores escrevem sobre o medo	Literatura	Milton Hatoum, Nelson de Oliveira, Mary Del Priore, Carlos Reichenbach	Você tem medo de quê?	Valores culturais	Texto sob encomenda - Artigo
653	22/08/2004	Personalidade: Antunes Filho	Teatro	Antunes Filho	Lição de mestre	Atualidade	Ensaio
654	29/08/2004	Entrevista sobre MPB	Música	José Ramos Tinhorão, Luiz Tatit, Hermano Vianna	O homem que saiu do frio	Notoriedade	Entrevista
655	05/09/2004	Texto mostra como peças de Rodrigues foram adaptadas para o cinema	Teatro	Ismail Xavier, Nelson Rodrigues, Slavoj Zizek	Perdoa-me por te traíres	Notoriedade	Ensaio
656	12/09/2004	Literatura do cone sul	Literatura	Roberto Bolaño, Ricardo Piglia, Pinochet, Roberto Russel, Juan Tokatlian	Sul maravilha	Atualidade	Ensaio
657	19/09/2004	Política cultural do governo Lula	Cultura das Mídias	Ivana Bentes, Robert Kurz, Lygia Pape, Eduardo Kac, Picasso	Nacional S.A.	Notoriedade	Ensaio
658	26/09/2004	Relação entre cultura e órgãos sexuais	Estudos Culturais	Thomas Laqueur, Toni Kushner	Histórias da sexualidade	Valores culturais	Ensaio
659	03/10/2004	Especialistas apontam livros importantes que	Literatura	Evaldo Cabral de Mello, Walnice Nogueira Galvão,	Os cinqüentões	Atualidade	Enquete

		nunca foram traduzidos no Brasil		Wanderley Guilherme dos Santos, Carlos Sandroni, Bento Prado Jr., Silviano Santiago, Teixeira Coelho, Eduardo Viveiros de Castro, Jean-Claude Bernardet, João Morgante			
660	10/10/2004	Personalidade: Oswald de Andrade	Literatura	Oswald de Andrade, João Cezar de Castro Rocha, Gilberto Vasconcelos, Cummings, Augusto de Campos	Oswald: Morte e vida	Notoriedade	Artigo
661	17/10/2004	Antidepressivos	Psicanálise	Habermas, Derrida, Rimbaud, Kiarostami	A pílula deprimida	Atualidade	Reportagem
662	24/10/2004	Decadência do mito Maradona	Sociologia	Martin Amis	A estrela solitária	Notoriedade	Ensaio
663	31/10/2004	Influência da religião na política nos EUA	Política	Slavoj Zizek	O cisma da América	Atualidade	Ensaio
664	07/11/2004	Consequências da reeleição de Bush	Política	Bush, Slavoj Zizek	A nova era global	Atualidade	Ensaio
665	14/11/2004	Documentário sobre Lula e metalúrgicos do ABC	Política	João Moreira Salles, Eduardo Coutinho, Jurandir Freire Costa, Lula	Lentes do poder	Atualidade	Reportagem